

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

*OS SUPER DRAGÕES – UM REFLEXO
DO MOVIMENTO ULTRA*

NUNO DUARTE SARAIVA MARTINS
GOUVEIA

M

2018/2019



Nuno Duarte Saraiva Martins Gouveia

***OS SUPER DRAGÕES – UM REFLEXO DO MOVIMENTO
ULTRA***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Setembro de 2019

OS SUPER DRAGÕES – UM REFLEXO DO MOVIMENTO ULTRA

Nuno Duarte Saraiva Martins Gouveia

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professor Doutora Maria Isabel Correia Dias
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutora Sandra Cristina Lima Coelho
Católica Porto Business School – Universidade Católica do Porto

Classificação obtida: 16 valores

“Perder tempo com outra coisa quando só tu é que me atraís”

Sam The Kid

NORMAS DA CURVA SUPER DRAGÕES



**AQUI É PARA APOIAR
E NÃO PARA ESTAR CALADO**



**PARA VERES O JOGO SENTADO
TENS OUTROS SETORES**



**AQUI É PARA CANTAR
NÃO É PARA FILMAR E POSTAR**



**PIPOCAS E APERITIVOS
É NO CINEMA**



**E SEMPRE COM A CAMISOLA , CACHECOL
OU BANDEIRA DO MÁGICO PORTO**

Fonte: Página oficial de *Facebook* dos Super Dragões

Índice

Declaração de Honra.....	7
Agradecimentos	8
Resumo.....	9
Abstract	10
Introdução.....	11
Capítulo I- Enquadramento teórico.....	14
i) Futebol e Sociedade	14
ii) O Movimento Ultra.....	28
a) A sua génese	28
b) Hooliganismo e a violência	33
c) Aguante: Festa e brutalidade latina.....	36
d) O papel das instituições.....	38
e) Movimento Ultra em Portugal.....	44
iii) Os Super Dragões – reflexo do Movimento Ultra	51
Capítulo II- Estrutura metodológica da investigação.....	64
i) Objeto, objetivos e questões de partida	64
ii) Modelo de análise.....	65
iii) Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação	67
Capítulo III- Tratamento, análise, descrição e interpretação dos dados empíricos	70
i) Apresentação dos dados.....	70
a) Cânticos dos Super Dragões.....	70
b) Entrevistas	76
c) Formas de apresentação da claque – redes sociais e fontes abertas	105
ii) Cruzamento dos dados.....	111

Capítulo IV- Notas Finais	126
i) Introspeção metodológica.....	126
ii) Elações investigativas.....	126
iii) Pistas Futuras: Política pública e cientificidade.....	131
Referências Bibliográficas	134
ANEXOS	137
Anexo 1- Guião de entrevista a um adepto portuense Ultra do FC Porto	138
Anexo 2- Guião de entrevista a uma adepta Ultra	140
Anexo 3- Guião para entrevista com um polícia que acompanha claques de futebol	142
Anexo 4- Guião de entrevista a um jornalista desportivo.....	144
Anexo 5 – Guião de entrevista a um investigador social de claque de futebol	145
Anexo 6 – Grelha de transcrição de entrevistas	146
Anexo 7 – Cronograma.....	205

Declaração de Honra

Declaro, honrosamente, que esta dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto numa outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias e pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Estou plenamente consciente que qualquer prática de plágio constitui um ilícito académico.

23 de setembro de 2019.

Nuno Duarte Saraiva Martins Gouveia.

Agradecimentos

Neste capítulo aproveito para, humildemente, agradecer às pessoas que me ajudaram, apoiaram e permitiram que esta Dissertação se tornasse realidade. Esta foi, sem dúvida, a tarefa que mais me deu gosto no curso de Sociologia. E, por isso mesmo, gostaria de agradecer ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto por me permitir este estudo. Um obrigado a todos que, pelo seu contributo individual, motivaram-me a trabalhar nesta Dissertação com gosto e dedicação.

A nível pessoal gostaria de começar por agradecer à minha Mãe. Sem ela, isto seria definitivamente impossível. Digo “obrigado” por todo o apoio e por me suportar a todos os níveis para poder cursar e realizar este trabalho. Obrigado especial à minha irmã Mónica e à minha Madrinha, a Cristina, por sempre nos apoiarem.

Gostaria de agradecer aos amigos que fiz neste meu tempo de estudante. Alguns que já estavam quando eu entrei, outros que entraram comigo e outros que entraram posteriormente a mim. Especialmente à Adriana, à Jéssica, ao Ricardo, ao Rui, e ao Francisco – obrigado a todos por me terem acompanhado desde 2013. Conheci-os graças à Praxe de Sociologia, e estou tremendamente grato a muita gente que lá passei a conhecer e com quem passei muitos momentos inesquecíveis. Marcou-me o percurso, sem dúvida, e fez-me crescer e fez com que eu me conhecesse. Sociologia *ad aeternum*.

Ao Rui, ao Paulo, ao Carlos, ao Juninho, ao David, ao Queijo e ao Tiago – o grupo do Pátio.

Quero agradecer ao meu orientador, que me deu a liberdade e autonomia que precisava para investir com qualidade neste projeto, sempre com as suas ideias em mente - o Professor Doutor João Teixeira Lopes. A disponibilidade que apresentou para me receber e os conselhos que me concedeu ajudaram-me bastante, e espero tê-lo deixado orgulhoso com este trabalho.

Por fim, não posso deixar de agradecer a todos os participantes desta investigação, nomeadamente todos os meus entrevistados que contribuíram bastante e enriqueceram tremendamente o conteúdo deste estudo. Um agradecimento especial ao Professor Daniel Seabra por me ter recebido, acompanhado, aconselhado e por se ter interessado no meu estudo.

Resumo

Tendo em conta o peso que o futebol tem no quotidiano dos indivíduos na sociedade atual, alguns agentes pertencentes a claques de futebol utilizam essa pertença como meio para agirem de forma diferente do que fazem no seu dia a dia. Para outros, já familiarizados com o ambiente de violência, a claque de futebol serve como palco para reproduzir práticas que lhes foram socializadas precocemente. O propósito do estudo é entender de que forma o movimento ultra é caracterizado sociologicamente e de que maneira incorpora e exprime a violência.

Assim, analisar-se-á a relação entre futebol e sociedade, a forma como movimento ultra surgiu e evoluiu, inclusive em Portugal e como os Super Dragões se apresentam enquanto um caso ultra. O trabalho de campo de cariz qualitativo e interpretativo desenvolve-se através da recolha de testemunhos de adeptos, um polícia e um jornalista, bem como da análise dos cânticos e das fontes abertas da claque.

Ir-se-á conhecer a natureza das relações e interações estabelecidas pelo grupo e os seus indivíduos, perceber-se-á o papel da construção de uma identidade social, analisar-se-á a forma como os Super Dragões representam o movimento ultra e a sua adesão à violência. Com este trabalho, os atores sociais que pertencem ao objeto de estudo terão a sua perspetiva identificada, mas, acima de tudo, compreendida e contextualizada sociologicamente.

Palavras-chave: movimento ultra; claques de futebol; Super Dragões; identidade social e grupal, violência no futebol.

Abstract

Considering the weight that football has on the daily lives of individuals today, some agents of football supporting groups use this belonging to act differently from what they do in their daily lives. For others, already familiar with the violent environment, these groups serve as a stage for reproducing early socialized practices. This study's purpose is the understanding of how the ultra movement is sociologically characterized and how it incorporates and expresses violence.

Thus, the relationship between football and society will be analysed, and how the ultra movement has emerged and evolved, including in Portugal, and how the Super Dragons present themselves as an ultra case. The qualitative and interpretative fieldwork is developed by the gather of testimonials from supporters, a police officer and a journalist, as well as analysing the chants and open sources of the group being studied.

It'll be known the nature of the relationships and interactions established by the group and its individuals, it also will be realized the role of building a social identity and it'll be analysed how the Super Dragões represent the ultra movement and their adherence to violence. With this work, the social actors that belong to this study's object will have their perspective identified, but, above all, understood and contextualized sociologically.

Keywords: ultra-movement; football supporting groups, Super Dragões; social and group identity, football violence.

Introdução

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, esta investigação tem como problemática teórica o Movimento Ultra, sendo uma das claques portistas, os Super Dragões, o estudo de caso. As dinâmicas sociais que se desenrolam nesse fenómeno social e os problemas sociais que daí advêm são visados por este trabalho.

Nesta dissertação pretendemos perceber como é que se carate riza o movimento ultra à luz da Sociologia, pelas relações sociais dos indivíduos e a forma como estes agem nos diferentes contextos, as interações entre os membros duma claque, e como é construído o quadro axiológico dos ultras. Além da génese do movimento e como este evoluiu para o que se apresenta atualmente, também será dado destaque científico social à forma como as interações e as ações dos indivíduos em grupo se diferenciam, ou não, face ao seu quotidiano. Para perceber estes aspetos de forma empírica, os Super Dragões serão estudados para perceber como é que esta claque representa o movimento ultra nas suas diferentes variantes, tanto a nível interacional como a nível institucional. Será interessante, também, perceber o que faz com que os indivíduos se juntem a estes grupos e o que os faz permanecer.

O movimento ultra é um objeto de estudo de vários sociólogos e cientistas sociais internacionais, contudo com pouca pesquisa a nível nacional. A nível internacional, com o contributo de De Biasi (1993) será entendido como o fenómeno surgiu e evoluiu inicialmente em Itália, e o contributo de Guilianotti dá-nos a conhecer uma tipologia base relativamente aos adeptos que frequentam os estádios de futebol. Gary Armstrong irá elucidar quanto à génese dos cânticos, algo basilar nas práticas de uma claque de futebol. Nacionalmente, Daniel Seabra (2007, 2009, 2012, 2019) e Salomé Marivoet (1992, 2009) analisam como o movimento se estabelece em Portugal e como é aplicado pelas claques portuguesas, sendo que os contributos do antropólogo são de cariz mais específico e direcionados para as claques portuenses, incluindo o nosso estudo de caso, permitindo, assim, um conhecimento bibliográfico quanto ao grupo que é estudado.

Tendo em conta a preponderância do desporto na sociedade contemporânea, principalmente do futebol como a modalidade mais praticada e que mais é consumida, é necessário ter em conta como é estabelecida a relação entre sociedade e futebol,

reciprocamente. Ou seja, como as insituições societais, seja a nível político, social ou económico, influenciam a modalidade e como esta influencia a sociedade em todos esses parâmetros. Uma forma de verificar como essa mútua influência é estabelecida nos indivíduos é através da análise das pessoas que acompanham os clubes de forma mais sistemática e demonstram a sua afinidade clubística de uma maneira mais extremada, tal como o termo *ultra* significa. . Para a disciplina sociológica direcionada para o desporto é interessante entender como as equipas de futebol se comportam tendo em conta a presença e o comportamento dos seus adeptos. À sociologia das organizações é pertinente um estudo deste cariz, pois incide sobre a forma como as instituições, principalmente aquelas ligadas à legislação e ao desporto, lidam com as claques de futebol e como estas lidam com as entidades reguladoras do futebol português. A sociologia política está cientificamente inerente à evolução inicial do movimento, devido à sua politização e será interessante verificar a preponderância deste parâmetro no caso em estudo. O papel da mulher na claque também será estudado tendo em perspetiva a Sociologia do Género, estabelecendo relação com a Sociologia das Classes, pois conforme se averiguará ao longo desta dissertação, a distribuição classista irá ter relevância nos comportamentos dos indivíduos pertencentes ao grupo e na própria evolução do movimento, inclusive a questão do sexismo.

Em termos metodológicos, para atingir os objetivos delineados e explorar os campos científicos mencionados optou-se pelo método qualitativo. Na verdade, o método quantitativo não permitiria explicitar os diferentes fatores relacionados com o fenómeno social, que é aqui objeto de investigação de curta duração. E, por exemplo, a aplicação de uma técnica que acompanha esse método, os inquéritos, só seria possível após uma longa integração e familiarização com o grupo, devido ao contexto complexo que é uma claque de futebol ao nível relacional. O método qualitativo demonstra-se o mais adequado, sendo que os aspetos analíticos e interpretativos à luz da sociologia serão tomados em conta. Com a análise de conteúdo dos cânticos pretende-se entender como a claque se expressa no estádio ou nos cortejos nos jogos fora. Por sua vez, a verificação das redes sociais e fontes abertas servirá para entender como a claque se apresenta e se adapta aos tempos modernos, e a aplicação de entrevistas semi-estruturadas a quatro elementos de claque, a um agente policial e a um jornalista desportivo ajudará a perceber as perspetivas destes

quanto ao movimento Ultra, aos Super Dragões, e à relação entre os três grupos: claques, polícia e imprensa.

A presente dissertação estrutura-se de forma simples e sequencial. Primeiramente é apresentado o enquadramento teórico da investigação que se divide em três subcapítulos, sendo que essa divisão é feita através dum processo de afunilamento de informação, nos cânones do método hipotético-dedutivo. Começando com o primeiro subcapítulo - “Futebol e Sociedade”, em que se estuda a relação do desporto e da modalidade específica que nos focamos com a sociedade e a tal mútua influência referida. De seguida explicita-se o movimento ultra, indagando a sua génese e evolução inicial, e as suas vertentes, dando especial destaque ao hooliganismo, que explora a violência no movimento, e também ao aguante - corrente argentina do movimento ultra que terá semelhanças ou influências na realidade portuguesa. E, também, começa-se a entender, bibliograficamente, a relação das claques de futebol com a polícia e a imprensa. Ainda dentro deste subcapítulo explicita-se como o movimento surgiu e evoluiu em Portugal tendo em conta vários aspetos, nomeadamente o acompanhamento institucional. O enquadramento teórico tem no seu terceiro subcapítulo o foco direcionado para o caso de estudo, expondo os dados relativos aos Super Dragões, ao nível da representatividade simbólica da cidade, ao nível demográfico, relacional e estrutural.

De seguida é apresentado o modelo de análise e a estrutura metodológica adotada para esta dissertação, em que se lista os objetivos e as técnicas utilizadas para os atingir. Prosseguimos para o capítulo em que se trata, analisa, descreve-se e interpreta-se os dados das diferentes técnicas de recolha, apresentando-os e, posteriormente, cruzando-os entre si e com as informações bibliográficas.

Após este processo é possível retirar uma lista interpretativa e explicativa quanto àquilo que era pretendido sobre o fenómeno em estudo e ainda sobre o futuro científico desta problemática.

Capítulo I- Enquadramento teórico

i) Futebol e Sociedade

Um dos objetivos do estudo é o entendimento do fenómeno, mas para isso ser possível é necessário entender, em primeiro lugar, o desporto, e em segundo, o futebol, enquanto os fenómenos sociais que são. Tendo isto em conta é importante iniciar o espetro teórico com uma abordagem que remonta à génese da questão: a relação Desporto-Sociedade. Ou seja, as contribuições teóricas relativamente àquilo que as pessoas procuram no Desporto, e como este fenómeno alcançou social, política e economicamente um destaque na sociedade contemporânea, tanto ao nível do indivíduo como ao nível grupal.

Isto para, posteriormente, passarmos a perceber teoricamente a relevância do futebol na vida dos indivíduos, e como estes se comportam e se relacionam relativamente a esta modalidade, e perceberemos, com os contributos teóricos, como se poderá categorizar e diferenciar os vários coletivos e a sua relação com o futebol ao nível das suas dinâmicas relacionais, dos seus comportamentos e das motivações para se moverem numa determinada forma à volta do futebol. É de interesse científico perceber as características sociodemográficas dos elementos numa claqué de futebol e, por conseguinte, é importante estudar a evolução classista no futebol, bem como o efeito que o futebol tem na população adepta e como esta percebe os protagonistas da modalidade e a instituição que representam, assim como a forma que esta simboliza a identidade que os indivíduos têm ou queriam ter.

Este primeiro capítulo de cariz teórico incide sobre a relação do futebol com a sociedade. Pretende-se perceber como a sociedade influencia aquilo que é o futebol e também será explorado o sentido inverso, bem como o papel das instituições que marcaram a sociedade pós-industrial, como a família e o capitalismo, nesse processo evolutivo da modalidade. Neste leque teórico debruçar-nos-emos, inclusive, sobre a evolução do futebol a nível político e nível económico. Partimos, inicialmente, de perspetivas teóricas de cariz mais geral, isto é, relativamente ao desporto como um campo social em que se compreendem dinâmicas de cariz relacional e emocional entre os indivíduos, não só os que praticam, mas também, principalmente, os que assistem e

consomem. Num processo de afunilamento vai-se fazer o caminho temático do geral para o particular. No final do capítulo, serão explanados o caso português e o estado do futebol na sociedade Portuguesa.

Começamos por analisar o desporto, que na sua génese: “há alguns séculos, o termo *sport* era usado em Inglaterra, juntamente com a versão *disport*, para designar uma variedade de passatempos e divertimentos”. (Elias & Dunning, 1985)

Elias e Dunning na sua obra *Em Busca da Excitação*, no terceiro capítulo, “A génese do desporto: um problema sociológico”, explicam o processo de crescimento do desporto na sociedade contemporânea, comparando com as práticas desportivas na sociedade Antiga. É levantada, então, a questão: se já havia desporto na Antiguidade, com os Jogos Olímpicos à cabeça, “Por que razão só emergiram as necessidades que só o desporto pode satisfazer, em primeiro lugar em Inglaterra?” (*Ibidem*, p.191). Na Grécia Antiga o desporto mais popular era a luta, que era muito mais violento do que aquilo que é atualmente, pois agora existe uma “monopolização relativamente firme, estável e o controlo dos meios de violência” enquanto traço central dos Estados-Nação, na Grécia tudo isto era rudimentar. Assim, as regras dos desportos mudam para atenuar o grau de violência moldando-se ao que é politicamente e socialmente aceitável. Cumprindo com aquilo que a sociedade espera, na Grécia Antiga numa luta quando um lutador morria era visto como o vencedor (*Ibidem*, p.203). Em Inglaterra desenvolveu-se a ligação com o prazer e com a excitação suscitada com o confronto dos jogos e das partidas, também pela crescente tendência de cavalheiros a apostarem nos vencedores (*Ibidem*, p.204).

Continuando, agora pelas palavras de John Alt no seu texto “Sport and Cultural Reification: From Ritual to Mass Consumption” (Alt, 1983), vemos como o autor aborda a reprodução dos princípios liberais da época contemporânea no desporto. Neste, o autor encontra uma forma de emancipação individual promovida com a emergência do industrialismo, em que o desporto é o centro da criação da ordem moral e virtude liberal, e da busca individual da perfeição através da competição coletiva e do *fair play*. De forma geral, o desporto incorpora as virtudes civilizadas e a capacidade em ultrapassar adversidades e falhanços por parte dos indivíduos - a capacidade de superação individual. Isto representa-se pelos vários campos societais, nomeadamente na organização dos grupos sociais. Massificou-se com as revoluções industriais, adquirindo uma maior

preponderância económica ao longo do tempo. Mas, principalmente, porque vai ao encontro dos princípios do industrialismo: valorização do indivíduo e a sua liberdade; o que nos remete para o individualismo burguês: “o indivíduo com vontade, controlo racional dos seus recursos e com estratégia consegue atingir o seu objetivo”. Os direitos individuais e normas de civismo transportam-se para a noção de “fair play”. Esta é uma forma de expandir os princípios liberais de justiça (*Ibidem*, p.95).

Alt também interpreta o desporto enquanto ritual, mas direcionado para os atletas, pois refere que, quando os indivíduos se juntam, cada um utiliza a prática desportiva enquanto desenvolvimento pessoal. Pode-se considerar que todos os componentes individuais num evento desportivo têm um significado ritualista para os participantes, mas também para os espetadores. Sendo o jogo uma representação simbólica das suas vidas, implica uma associação entre os indivíduos. Essa associação é construída através dum propósito moral, técnicas e recursos estratégicos. E os indivíduos nessa associação atribuem um significado simbólico a uma performance desportiva. Sem públicos, os rituais tornam-se anómicos ou espetáculos com uma relação diferente para o público. (*Ibidem*, p. 96)

A questão do ritual envolvido no desporto enquanto forma de expressão da sociedade é explanada por Cottingham (2012), sociólogo do departamento de Sociologia da Universidade de Akron, baseando-se naquilo que é desenvolvido por Collins (2004). A Teoria da Interação Ritual concetualiza a emoção enquanto um sentimento socialmente emergente das emoções positivas presentes nas experiências e práticas dos adeptos de desporto. Além disso, a aplicação da Teoria da Interação Ritual no desporto vai contra a perspetiva de Elias e Dunning, sendo que esta assenta na libertação de emoções negativas e tensões (1985, p. 168), conforme vai ser explorado já à frente.

A Teoria da Interação Ritual é utilizada para analisar as intenções que constituem os encontros quotidianos e a sua relevância para a existência da própria sociedade e do self. Os elementos chave da teoria são os “ingredientes do ritual”, os “resultados do ritual”, e “efervescência coletiva” (Cottingham, 2012, p. 170). Esses tais ingredientes: quando há duas ou mais pessoas num local, quando existem fronteiras para forasteiros, quando as pessoas atentam em algo comum, e quando partilham uma experiência emocional em comum (*Ibidem*, p.170, citando Collins, 2004, p.47-49). Sobre os resultados, esses são a solidariedade grupal, o sentimento de confiança, iniciativa de ação

e um sentido de moralidade que supõe a defesa do grupo e o respeito pelos seus símbolos. A efervescência coletiva é um estado momentâneo, mas que tem impacto duradouro, estando incorporados nos sentimentos do grupo, nos símbolos e nos objetos segurados.

Com o seu estudo, Cottingham verifica que a emoção individual colocada em prática demonstra uma participação ativa enquanto efeito de solidariedade de grupo. Através dos gestos e gritos em simultâneo que incidem sobre a mesma coisa, e abraços e bater de mãos entre as pessoas, que revela a inclinação e necessidade de contacto físico entre os adeptos. No final dos jogos, os comportamentos individualizam-se e pessoalizam-se, e tornam-se menos agitados, e os rituais acabam por se ir desmontando.

Ainda sobre o ritual, também Christinan Bromberger (1995) debruça-se sobre o tema, mas concentrando-se só no futebol. Enumerando vários ingredientes que, na sua teoria, vão cozinhar um ritual, Bromberger também aponta uma série de propriedades substantivas que permitem distinguir uma atividade ritual de comportamento regular. Em primeiro lugar, é necessária uma “quebra com a rotina quotidiana”, em segundo, “uma específica estrutura espaço-temporal”, em terceiro, “um calendário de cerimónias que ocorrem num ciclo regular cuidadosamente programado” sendo que essas cerimónias devem compreender gestos, palavras e objetos manejados com o objetivo de atingir fins transcendentais; em quarto lugar, “uma configuração simbólica que dá azo à prática ritual e, ao mesmo tempo, assegura a sua observação”, em quinto lugar, “a instauração duma “anti estrutura”, livre de hierarquias ordinárias que regulam a vida social e que no devido momento atribui uma classificação a cada indivíduo tendo em conta a proximidade para com o objeto do ritual”, e, por fim, a “obrigação moral” em participar, uma vez que ir a um ritual mais que uma questão de escolha é uma questão de dever (*Ibidem*, p. 305). Bromberger utiliza aquilo que V.-W. Turner refere na sua obra “The Ritual Process: Structure and Anti-Structure” (1977) para caracterizar o ritual enquanto um “momento poderoso que dá significado à existência através da necessária mistura de aspetos operativos a outras dimensões” (Bromberger, 1995, p. 306, citando Turner, 1977). Todas estas dinâmicas são elementos importantes para, em análise posterior quando no terreno, verificar a existência dos vários elementos que constituem o desporto e o futebol em específico nos comportamentos e dinâmicas relacionais dos adeptos.

Numa outra perspetiva sobre a harmonia das relações e dinâmicas produzidas e produtoras do desporto, Elias e Dunning referem que as relações são restringidas devido

a “um complexo de polaridades interdependentes, num estado de equilíbrio de tensão instável” (Elias & Dunning, 1985, p. 232). É, portanto, a tensão um elemento-chave para a continuidade e acontecimento dum jogo. Essa tensão só não existe quando um adversário é demasiado superior ao outro. Quando os adversários são equilibradamente fortes e termina em empate, a busca pela excitação não atinge o clímax. As tensões funcionam enquanto “alguma coisa que atua contra as normas”, sendo que “a análise configuracional do desporto mostra que as tensões de grupo de tipo equilibrada são um ingrediente central de todas as atividades de lazer” compreendendo o desporto como uma forma organizada de tensão de grupo, e o “equilíbrio de tensão é um termo introduzido de modo a expressar a ideia de que a configuração de base de um desporto é designada quer para produzir quer para moderar tensões” (*Ibidem*, p. 236)

Continuando a descrição do reportório teórico, importa voltar a Bromberger (1995) que, no citado artigo, estuda o significado do futebol na sociedade. Trata-se dum estudo de cariz antropológico e foca-se nos casos dos clubes representativos das cidades de Marselha, Nápoles e Turim. Concentra-se na discrepância entre a fatalidade dum jogo e a intensidade das paixões durante um jogo de futebol.

Os adeptos não se preocupam só com o resultado, porque o jogo tem um significado profundo, como se fosse um conto dramático que produzisse emoções com um propósito cognitivo. O autor refere que o futebol equivale ao “ópio do povo”, ao entretenimento das massas. Isto porque ajuda as pessoas a esquecerem-se dos seus problemas diários e do seu lugar na sociedade (*Ibidem*, p. 294). Isto entra em concordância com Alt, que também refere que o desporto dispõe novas necessidades emocionais às massas da classe média que não têm antecedentes em culturas publicas tradicionais (1983, p. 99), Bromberger refere que o futebol incorpora os ideais da democracia, mostrando, através, dos seus heróis, diga-se, os jogadores, que as pessoas podem-se superar e superar os obstáculos e “ir do nada” para o sucesso – podendo haver, portanto, mobilidade social. Para além disto, o futebol valoriza o trabalho de equipa, solidariedade, divisão de tarefas e planeamento coletivo; princípios estabelecidos com o industrialismo (Bromberger, 1995, p. 296). Esta ideia que é partilhada de forma diferente pelos dois autores é também sublinhada por Elias e Dunning: “o desenvolvimento do desporto em geral, bem como o de desportos particulares, pode ser considerado como uma ramificação do desenvolvimento das sociedades onde são jogados e como são

jogados, cada vez mais, a nível internacional, no desenvolvimento da sociedade mundial” (1992).

De forma sintetizada, “o futebol coloniza o imaginário ao ser um teatro metafórico com ressonâncias míticas de representação do universo e de identidades imaginárias” (Lopes, Louçã, & Ferro, 2017, p. 170). Para além disso, a distribuição do público no estádio também “revela muito da sociedade em que vivemos”, na medida em que “certas regiões do estádio são ocupadas preferencialmente por estratos populares, mas também com pertenças locais” (*Ibidem*, p. 171).

O público identifica-se mais com o carácter do jogador do que com o talento que transmite. Dentro duma equipa são identificados um ou mais jogadores que representem a comunidade, aqueles que melhor transportam para o campo os princípios e símbolos duma cidade. Nalguns casos dá-se mais valor, por exemplo, ao jogador esforçado do que ao jogador com talento, a “estrela” – num processo de heroificação de indivíduos, tal como se faz numa peça de teatro ou num filme de cinema com as personagens com que mais facilmente o público se identifica (Bromberger, 1995, p. 297). No entanto, de acordo com Alt (1983, p. 100) a identificação com os vencedores tem-se tornado algo tremendamente identitário da indústria desportiva. O autor refere que, tal como a dependência em drogas, aqueles que adquirem a imagem de vencedor através das vitórias da sua equipa, ficam dependentes dessas mesmas tendo em vista as suas relações interpessoais. Refere, ainda, que não havendo identificação leal com um clube ou uma ligação ritualista os indivíduos ficam-se pelo consumo de produtos de equipas que são vistas como vencedoras.

Seguimos para o contributo de Richard Guilianotti, “Supporters, Followers, Fans, and Followers”, em que são identificados quatro tipos de adeptos que caracterizam as identidades no futebol. Como o autor assume, pretende examinar o impacto da comodificação no futebol e elabora um tipo ideal de quatro identidades de espetador: “supporters, followers, fans, flaneurs”. Para o autor, a comodificação é o processo pelo qual um objeto ou uma prática social adquire um valor de troca ou um significado direcionado para o mercado (2002, p. 26). Concomitante com este desenvolvimento da cultura futebolística, importa relevar os processos de internacionalização e profissionalização, pois estes envolvem um maior número de jornadas com equipas de longe e um crescimento económico derivado da identificação cultural duma cidade com

o seu clube, bem como com “jogadores celebridades”. O futebol foi sendo alterado enquanto indústria tendo em vista os públicos mais ricos e, por essa razão, as próprias relações sociais sofreram mutações.

Para proceder à identificação dos tipos de adeptos, Guilianotti (*Ibidem*, p. 31) cria categorias dicotômicas que se interjeccionam e que compreendem as identidades de forma organizada. Existe a dicotomia categorial: Traditional vs Consumer, em que na primeira categoria há uma identificação com o clube local e culturalmente, e na segunda é estabelecida uma relação direcionada para o mercado. E Hot vs Cool, que avalia o quanto o clube é central no projeto individual de autoformação. A interceção categorial de espetador Traditional/Hot equivale ao que o autor denomina como supporter. Este é definido enquanto um adepto clássico do clube de futebol, que tem uma ligação pessoal e emocional de longo prazo investida no clube. Características desses adeptos incluem uma forte solidariedade pessoal entre eles e apoio monetário ao clube, têm tatuagens alusivas ao clube, roupas com as cores do clube que são vestidas durante todos os jogos, e o comportamento durante o jogo é comum a todos, às vezes em simultâneo e em uníssono. Este apoio, quase extremado, pode ter influência no clube e na equipa, pois “os jogadores podem vir a jogar num estilo que é favorecido pelos supporters e pela tradição do clube, talvez até refletem alguns valores locais distintivos”. Supporters são ativos participantes nas rivalidades com outros clubes, não fossem eles fortes defensores dos símbolos e princípios do seu clube. “Um traditional/hot supporter não pode adquirir capital subcultural relativo ao clube, simplesmente consumindo produtos” (*Ibidem*, p.34). A interceção categorial Traditional/Cool permite identificar os “followers”, que não seguem só o clube, mas também os treinadores e outros agentes do futebol. A preferência por um clube prende-se, principalmente, pelos jogadores ou treinadores, e por isso um clube geograficamente distante tem específicos followers individuais (*Ibidem*, p.41). O hot/consumer é identificado como fan, é um adepto moderno de futebol, pois apoia o clube consoante as suas celebridades. Sente bastante o clube e apoia-o bastante, mas a génese desse suporte é bastante menos apaixonada e mais distante que aquela que está por detrás dos supporters. O fan experiencia o clube, as suas tradições, os seus jogadores mais célebres, mas essa força de experiência e identificação baseia-se no consumo de produtos alusivos à equipa (*Ibidem*, p.36). A categorização cool/consumer permite identificar os flaneurs. Estes identificam-se enquanto os “espetadores pós-modernos”,

caracterizam-se pelas interações virais, pela televisão e pela internet. Os adornamentos utilizados relativos a um clube são usados tendo em perspectiva o aspeto estético e não o aspeto simbólico, e a sua vivência com o jogo está altamente dependente com aquilo que é retratado na televisão e internet. São incentivados pela procura de sensação, excitação e por isso mudam de clube, jogadores e nações que querem apoiar. (*Ibidem*, p. 38-40)

Esta identificação de quatro tipos de adeptos representa como o futebol cresceu enquanto desporto e o seu peso industrial na sociedade, havendo diferentes formas de abordagem do jogo e do coletivo que os adeptos apoiam. Interessa destacar, em simultâneo, a importância da identidade cultural e local e da participação económica. Das quatro identidades, a primeira será central ao longo deste trabalho, pois a priori as suas características, e também as motivações que serão desenvolvidas mais à frente, vão ao encontro das claques de futebol, que nesta categorização enquadram-se no perfil definido para os supporters.

De forma a perceber duma maneira mais direta a influência do futebol na sociedade, salientamos a contribuição do artigo de Francisco Rodrigues “Futebol e Teoria Social: Introdução a uma Sociologia do Futebol Brasileiro” (2001). O futebol surge no Brasil no final do século XIX, sendo esse surgimento marcado pela preponderância classista, uma vez que esta nova modalidade em terras brasileiras era praticada somente pelos indivíduos com mais posses, sendo então “o elitismo uma marca do nascimento do futebol no Brasil”, e “negros e mulatos eram excluídos dessa nobre prática esportiva” (*Ibidem*, p.1). A sua democratização e consagração como elemento da cultura nacional dá-se nos anos 1930, com a profissionalização do futebol. Nesta altura o futebol seria instrumento emancipatório social dos negros, seria uma espécie de espaço de ascensão social (*Ibidem*, p.2). Para fundamentar o seu estudo sobre o futebol na sociedade brasileira, Rodrigues refere Bourdieu (1983, p.147) sobre como a carreira desportiva é um meio de ascensão social para as classes populares e de que o “mercado desportivo é dominado por valores e interesses dos praticantes oriundos das classes médias e baixas que procuram se profissionalizarem” (*Ibidem*, p.2, baseado em Bourdieu, 1983). Indo ao encontro do aspeto teórico apresentado por Bromberger, de que “o futebol é o ópio do povo”, podemos complementar essa tese que refere que o futebol não serve só para permitir às pessoas esquecerem-se dos seus papéis sociais a desempenhar e dos seus problemas, referindo que serve igualmente para facilitar a ascensão social. Ou seja, para

além da perspectiva que entende o futebol como elemento da burguesia que despolitiza as massas, “o futebol é um desporto que mistifica a realidade, despolitiza e imobiliza os indivíduos, conduzindo-os a uma posição acrítica e passiva diante dos processos sociais” (*Ibidem*, pp. 4-6, citando Ramos, 1988, p. 34). Existe uma abordagem universalista que fundamenta o futebol enquanto “papel civilizador, nos ensina a obedecer a regras. O futebol horizontaliza os relacionamentos sociais, estimula a igualdade de condições e cidadania numa sociedade hierárquica com a brasileira” (*Ibidem*, p. 4)

Uma perspectiva teórica interessante é a que Rodrigues (A formação do Jogador de Futebol no Sport Club Internacional (1997-2001): um estudo de caso, 2001) apresenta de Bourdieu, sobre a sua teoria dos campos, pois “possibilita investigar o futebol enquanto campo especializado da vida moderna. Um espaço de diferenciação social, organizado segundo regras e normas próprias, com autonomia relativa frente à política, à economia e à religião”. O tal interesse surge na adaptação que o autor faz da teoria, estabelecendo paralelismos entre a autonomização do campo artístico com a autonomização do campo desportivo. Referindo que a “profissionalização do artista, do escritor, pintor, ou músico torna-se possível quando a produção dos bens simbólicos se destina a um mercado consumidor com demandas definidas pela indústria cultural”, já a autonomização do campo desportivo acontece através da “constituição de um campo de normas e regulamentos específicos, com dirigentes e atletas especializados” (*Ibidem*, p.8). A relação entre os dois campos é explanada pelo autor: “podemos comparar o jogador com um artista, produtor de bens culturais, livres de outras preocupações materiais, pois a sua profissão garante-lhes emancipação financeira” (*Ibidem*, p.8). Com a profissionalização, o futebol ganha um mercado produtor, em que os jogadores organizam o espetáculo e que passa a pertencer ao setor dos serviços de entretenimento e cresce o número de instâncias de legitimação da prática futebolística

Direcionando as atenções agora para o futebol na sociedade Portuguesa, o estudo em destaque debruça-se sobre a cultura adeptas, sendo o autor António Sedas Nunes (2007). Esta pesquisa é importante, pois possibilita o acesso a dados quantitativos sobre as tendências da população portuguesa quanto ao futebol, seja o gosto, a afinidade clubística, a influencia familiar na afinidade clubística, sendo que estes fatores depois podem ser filtrados de modo a passarem a hipóteses teóricas testadas aquando da aplicação e análise dos dados empíricos. Passando então a apontar os dados mais

relevantes e pertinentes, começa-se pelo gosto por futebol. Sendo que na amostra em estudo (Sedas Nunes, 2007, pp. 26-32), apenas um pouco mais de metade, 55.4%, representam gosto afirmativo por futebol, enquanto 27.4% representam o “assim-assim”, 9,6% afirmam ser o “indiferente”, e 6,5% indicaram que não gostam de futebol. Comparando os sexos, fica bem assente a ideia da diferença entre homens e mulheres no que diz respeito ao gosto por futebol: 77% dos homens gostam de futebol, enquanto só 34% das mulheres gostam de futebol. Relativamente aos grupos etários, as maiores percentagens de “sim” à pergunta se gosta de futebol estão nos grupos que compreendem as idades 12-17 (este com a maior percentagem, 70.8%), 18-24 e 25-34. E o grupo de “65 e + anos” apresentam a menor percentagem de “Sim” (44.7%). Relativamente à escolaridade, são os níveis intermédios (6º ano completo e 9º ano de escolaridade) que mais gostam de futebol, sendo o nível de “Analfabeto/primário incompleto” o que menos gosta. Relativamente às classes sociais são os “Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais” (63,6%), “Operários” (64,2%) “Trabalhadores Independentes” (66,4%) que têm mais gosto pela modalidade em causa. Outros dados importantes dizem respeito à intensidade de afinidade clubista das pessoas que se compreendem no grupo dos que gostam de futebol. A maior percentagem, 32,8%, responderam que essa intensidade é “mediana”, e 30,8% refere que é “visceral”, e 23,7% é correspondente à intensidade “ténue” – resultados interessantes, na medida em que incide sobre a tese de que o gosto por futebol não se restringe à afinidade por um clube, e haverá um gosto pelo desporto como causa em si e não só por tudo aquilo que o clube pode representar para a sua identidade social. Voltando a afunilar os dados através das diferentes variáveis, de referir que, por sexo, nos homens a maior percentagem encontra-se na afinidade “visceral”, seguida de perto pela afinidade “ligeira”, nas mulheres o destaque é a afinidade “intensa”, mas também destaque para a afinidade “nula” nas mulheres que é significativa e bastante maior que nos homens (Ibidem, p.38). Os grupos etários mais jovens (12-17 anos e 18-24 anos) são que têm maior intensidade de afinidade clubista, e afinidade “nula” são os idosos que estão com maior presença, tanto nos homens como nas mulheres. Tendo em conta a variável “classe social”, entre os homens adeptos incondicionais – “viscerais”, na relação com o clube – as classes sociais mais altas são as que têm maior afinidade clubista (Empresários, dirigentes e profissionais liberais; profissionais técnicos e enquadramento; Trabalhadores Independentes, (Ibidem, p.42). Esta análise de acordo com a classe social

“permite-nos desmontar uma ideia com larga aceitação acerca do futebol e do seu mundo de adeptos e simpatizantes. Nessa ideia, emblemática na expressão «a paixão do povo», o gosto do futebol (como paixão clubista) encontrar-se-ia fortemente enraizado nas classes populares”. Na verdade, é nas classes mais altas, com maiores recursos económicos, financeiros, culturais e escolares que a relação com o futebol é mais homogéneo, e existe maior grau de afinidade pelos clubes. E, ao contrário daquilo que normalmente é expectável, “a tendência para o perfil da intensidade da afinidade se apresentar ligeiramente mais deprimido nos grupos sociais «populares», mormente o operariado e o grupo dos assalariados agrícolas” (*Ibidem*, p.41). Contudo, “isto não quer dizer que se invertem as propriedades sociais do futebol, como se, afinal de contas, o futebol fosse coisa de elites económicas, sociais e culturais. A transversalidade do perfil típico de intensidade da afinidade apenas significa que a caracterização social do futebol carimbada em rótulos como “paixão do povo” não tem o mínimo fundamento” (*Ibidem*, p.42).

Outras informações importantes a retirar da Tese de Doutoramento de Sedas Nunes são as origens das afinidades clubísticas. Estes são aspetos pertinentes para abordar no estudo de caso na aplicação de entrevistas, para perceber se os indivíduos abrangidos encaixam nas conclusões que Sedas Nunes retira da amostra no seu estudo e assim fazer as devidas correlações teóricas com o caso das Claques de Futebol. Sedas Nunes utiliza vários indicadores para perceber as origens e motivações da afinidade clubística. E, assim, percebe-se a influência duma das instituições basilares da sociedade, a Família, no futebol, ou até mesmo o oposto: a influência que o futebol tem na construção do capital familiar e da subcultura que é a família.

O autor refere que, de acordo com aquilo que observa, a afinidade por um clube constitui um princípio “com significativa transversalidade de escolha de pessoas favoritas”. A construção do gosto ou “paixão” pelo clube é construído também pelas relações interpessoais “pontuadas por forte investimento afetivo”. Aquilo que seria, a priori, uma opção livre de escolha, acaba por ser um produto de dinâmicas coletivas. (*Ibidem*, p. 83-84). Ao analisar herança geracional nos sócios de clubes, Sedas Nunes conclui que, quanto mais o clube é “verdadeiramente sentido”, mais essa característica está envolvida nas redes afetivas, inclusive nos grupos de amigos, neste caso do “Maior Amigo”. Contudo, dentro do grupo em que a afinidade é “visceral” pode-se concluir que

“uma história familiar de ligação ao clube fortalece o vínculo ao clube dos “herdeiros” dessa história” (*Ibidem*, p. 90).

Outra informação de pertinência suficiente para retirar é, novamente, uma refutação a teses de senso comum. Diga -se, então, que a progressiva redução geracional de percentagens relativas ao desconhecimento e ausência de filiação clubista merece relevo. “Merece-o porque contraria frontalmente uma das ideias que, nos tempos mais recentes, tem feito alguma «carreira» em Portugal: a de que, por causa da diversificação do espaço de possíveis actividades de tempos livres, o interesse pelos clubes de futebol, e de uma maneira geral pelo futebol, teria entrado numa fase recessiva.” (*Ibidem*, pp 85-86)

Para rematar a questão da reprodutibilidade de afinidades clubísticas, receber esse património dos pais remete para uma ideia dum família com história própria que necessita ser transmitida para os vindouros, tornando-se num marco da própria continuidade do património familiar. O Futebol incorpora a imagem do mundo de hoje que é, em simultâneo, consistente e contraditório – celebra mérito individual e coletivo na forma de competição que premeia o melhor, mas que também inclui o papel de sorte e batota. Assim, o futebol é um mundo compreensível em termos humanos.

O autor aborda ainda a distribuição de simpatia clubista, que também é pertinente para este projeto na medida em que se percebe a realidade do futebol português, pois “ter ou ser de um clube é um elemento abrangente de identidade pessoal, transversal à sociedade portuguesa”. Um conceito importante que se retira desta parte da sua dissertação é a hipertrofia do futebol português, enquanto cobertura quase universal do conjunto dos simpatizantes – sem ser os três grandes, nenhum clube em Portugal tem peso demográfico suficiente para gerir em si procura relevante dos seus bens e serviços. É, portanto, dado grande destaque à relação futebol-negócio. Pois, para sustentar um clube e uma equipa existem “custos elevados e tendencialmente crescentes de exploração”, que são intensificados consoante a competição desportiva. O equilíbrio económico “é sempre muito pressionado pelo rendimento desportivo” (*Ibidem*, p.56). Tendo em conta esta situação, não é expectável que, e tendo em conta o peso do consumo em massa de bilhetes e *merchandising* para a própria relevância económica do clube e consequente competitividade desportiva, outros clubes para além dos três grandes (FC Porto, SL Benfica Sporting CP), tenham dimensão significativa. Outro contributo deste capítulo, é

a repartição da afinidade pelos três grandes, em que o Benfica se destaca relativamente aos outros dois com grande margem (*Ibidem*, p.57). Isto pode ser um grande motivo para um apoio reivindicativo do Futebol Clube do Porto e manifestação contra o grande rival, o Benfica. Tal raciocínio será colocado em causa na fase de recolha de dados.

Em jeito de remate desta primeira parte teórica, serão agora levantados os principais aspetos teóricos apontados nas últimas páginas, até porque serão os mais pertinentes para posteriormente serem verificados empiricamente. Como referido no início deste capítulo, partiu-se inicialmente por uma pesquisa sobre aquilo que o Desporto significa sociologicamente, apoiando-nos na contribuição de Norbert Elias e Eric Dunning (1985), com a questão que se colocam e expõem: porque só emergiram necessidades que só o Desporto as pode satisfazer em Inglaterra no industrialismo? Os autores respondem a essa questão com a teoria de que se desenvolveu a ligação com a paixão e excitação individual, e também através da lógica de que a violência bem presente na prática desportiva por parte dos atletas, vinda dos tempos Antigos, foi atenuada para ir ao encontro daquilo que é política e socialmente aceitável na época contemporânea, e por consequência a prática desportiva adaptou-se àquilo que era expectável e direccionou-se para os princípios liberais da época contemporânea, que aproximou os indivíduos ao Desporto e incentivou o tal crescendo da emoção e paixão.

Evidencia-se, também, a participação de John Alt (1983): o Desporto representa a emancipação individual e os valores da sociedade industrial e toma a prática desportiva, ou o “jogo”, como uma representação simbólica das vidas dos indivíduos, e, assim, surge o conceito de “ritual” ao pensar no Desporto enquanto fenómeno social. Cottingham, como referido, aprofunda esta questão com a exposição da Teoria da Interação Ritual, indicando que as emoções positivas são fulcrais no ritual, neste caso no Desporto, e que surte vários efeitos que são verificáveis na prática e consumo desportivos: participação ativa e solidariedade de grupo (2012).

Bromberger (1995) transporta a noção de “ritual” para a modalidade desportiva em causa e explora-o tendo em conta as dinâmicas subjacentes ao futebol, conclui que num ritual existe uma quebra com a rotina quotidiana e uma configuração simbólica durante uma partida de futebol, pois esta é um momento poderoso que dá significado à existência do indivíduo. Para o autor (*Ibidem*), o futebol é o “ópio do povo” e o público identifica-se num jogador e heroifica-o, enquanto embaixador do clube e da cidade e dos

princípios de ambos. Richard Guilianotti (2002) desempenha um papel importante para este trabalho, com a sua categorização e identificação dos adeptos de futebol, como foi explanado atrás. Desse seu estudo, o que será mais importante de retirar e destacar é a categoria “Traditional/Hot” que serve para identificar o *supporter*, o adepto que suporta a sua turma futebolística de forma mais extremada e tem uma ligação pessoal e emocional mais forte de longo prazo. Vale a pena referir que o futebol surgiu enquanto desporto de elites, que transitou para uma fase de democratização nas décadas de 20 e 30 do século passado (Rodrigues, 2001) para, mais tarde, de acordo com Sedas Nunes e o seu estudo (2007): a ideia emblematizada da “paixão do povo” (que o gosto por futebol se concentra na classes populares) é desmontada e é possível afirmar que a prática e consumo do futebol se encontre em todos os níveis sociais. Ainda de acordo com o sociólogo português, a reprodutibilidade geracional é um dos fatores mais importantes para a afinidade clubística, que serve também como um ponto de partida para entender os motivos de um adepto “Ultra” assim o ser.

Em suma, estes são os componentes teóricos que sucinta a primeira abordagem teórica nesta investigação e que serão mais importantes para a fase etnográfica. Ademais, é importante perceber os aspetos mais importantes do panorama geral para, por conseguinte, estudar a organização dos adeptos em grupos de incentivo e acompanhamento das instituições clubísticas e as propriedades do movimento ultra.

ii) O Movimento Ultra

Nesta segunda fase teórica será abordada a questão das claques de futebol e o movimento ultra. Sendo este o objeto geral de estudo é importante dedicar umas páginas para explorar esta questão em vários níveis e ter em conta tudo aquilo que envolva o comportamento dos indivíduos neste apoio organizado pela sua turma de futebol.

Em primeiro lugar abordaremos a origem do movimento ultra, de forma a percebermos os seus princípios. Após a exposição da origem do movimento e a explicação daquilo que é ser “Ultra”, a forma como se expressa no seu país originário, Itália, é possível especificar formas de apoio organizado que se concentram em diferentes pontos geográficos futebolísticos: o hooliganismo, que surgiu no Reino Unido e que tem uma conotação bastante negativa devido aos comportamentos e atitudes violentas e bélicas; e também uma breve elucidação sobre a forma de apoio de claques sul americanas, nomeadamente as argentinas, pelos *hinchas*. O objetivo é perceber similitudes e influências do movimento ultra no estrangeiro, e as diretrizes que ali seguiram, com o movimento em Portugal, tomando como referências os três casos com grande representatividade para o movimento. Posteriormente é pertinente analisar a relação da sociedade para com o fenómeno social em investigação. Essa análise teórica será feita através de contribuições literárias relativamente ao comportamento policial, as medidas políticas que procuram almejar estes grupos, e a representação que os media fazem das claques de futebol. E importar estas contribuições teóricas é oportuno, pois o comportamento dos adeptos é também bastante caracterizado como uma reação à forma como as entidades sociais os abordam.

a) A sua génese

Como referido, inicia-se a exposição teórica com um pouco de contextualização histórica e social sobre e emergência do movimento ultra. Contudo, anteriormente a isso é necessário perceber o termo em si: “Ultra”; e para isso, salienta-se a contribuição de Alberto Testa no seu estudo sobre o movimento (2009). O autor refere que a etimologia da palavra em causa remonta para o período da Restauração Francesa (1815-1830), em que existia a palavra *ultra-royaliste*, que indicava lealdade partidária à Monarquia

Absolutista. Estes eram apoiantes do autoritarismo e da tradição real e opunham-se aos princípios filosóficos advindos do Iluminismo (Testa, 2009, p. 54). Passando a cassete à frente cerca de 120 anos, para a década de 50 do século XX, o futebol italiano era caracterizado por uma cultura de adeptos relaxada e informal, estes juntavam-se em bares e sedes de coletivos de suporte ao clube para ouvir o relato dos jogos fora. O jogo de futebol era quase como um evento paroquial, provocava um ajuntamento social e eventos de violência ocorriam pontualmente, mas sem proporções trágicas. Acontecia, ocasionalmente, confrontos entre adeptos de equipas rivais e mesmo entre indivíduos do mesmo coletivo por discórdia de pontos de vista sobre incidentes que aconteciam dentro do relvado, no interior do estádio os incidentes violentos incluíam também o arremesso de guarda-chuvas aos árbitros, sendo momentos que acabavam por ser tomados como cómicos e de convivência (Testa, 2009, p. 55). De referir que o termo *claque* designa “um grupo simpatizante de uma determinada equipa, com nome próprio, que se concentra na mesma zona do estádio incentivando os jogadores através de cânticos próprios, bandeiras e cartazes, palmas sincronizadas, ondas, *claxons*, tochas, potes de fumo, etc” (Seabra, 2012, p. 5, citando Pereira, 2002, p. 41)

A cronologia da aparição dos grupos *ultras* é debatida fortemente, sendo que a data que o autor encontra como o momento em que houve o primeiro acontecimento com indícios do “comportamento *ultra*” é 1959 num encontro entre o Nápoles e o Bolonha, que resultou em 65 feridos após uma invasão campal. Porém, apesar deste primeiro embate sério entre adeptos, o autor, baseando-se em Roversi (1992), reitera as palavras deste sociólogo italiano de que os confrontos violentos sucessivos entre grupos de adeptos rivais começaram na década de 70 (*Ibidem*, p.55). Na primeira metade da década, largos setores da juventude italiana de vários setores classistas, demonstravam insubordinação sociopolítica e, para além da postura defensiva e agressiva dos mais jovens, estes também demonstravam peculiaridades subculturais. Estes dois ingredientes foram fundamentais para a receita que permite que o movimento *ultra* seja cozinhado. Testa suporta-se num outro sociólogo italiano, De Biasi (1993), para afirmar que este novo método de apoio, mais extremista e radical era intencionalmente “inovador, rebelde e carnavalesco”. A evolução inicial do movimento foi muito marcada pela questão política, principalmente a questão geopolítica, em que cidades com uma orientação política iriam ter os adeptos dos seus clubes mais orientados para a ideologia em questão, e os adeptos e clubes rivais iriam

ser aqueles que têm uma orientação política opostas. Isto via-se nalguns casos específicos, como por exemplo os adeptos do AC Milan que se vinculavam pela ideologia esquerdista, e os adeptos da AS Roma pela ideologia de direita, contudo, apesar de importante, a questão política não era a principal razão pela qual os seguidores futebolísticos apoiavam a sua equipa, até porque nessa altura havia uma insatisfação e desacreditação total na situação política italiana nos anos 70. Era, sim, uma procura, por parte da juventude, pela excitação identificação cultural e conflito, e encontrou-se tudo isso nas cores, símbolos e na relação cidade-clubes. (*Ibidem*, p.55)

Continuando a evolução inicial do movimento, importa salientar a adesão crescente verificada na década de 80, que também significou o aumento do número de episódios de violência. Isso levou, naturalmente, ao aumento do controlo político e policial, que atenuou os incidentes dentro do estádio, mas surtiu um efeito contrário ao pretendido, pois aumentou os incidentes fora do estádio, havendo vários acontecimentos graves entre ultras rivais. Nesta década é conveniente evidenciar que houve um desvio daquilo que estava na génese do movimento: identidade cultural, territorial e mesmo política; com adesão de vários jovens desamparados politicamente nos grupos, que valorizavam mais a capacidade violenta de cariz mais psicológica, o consumo de álcool e drogas, e a própria nomenclatura de várias claques que surgiram nesses anos representa esse *ethos*, esta novidade foi contrariada pelos mais antigos das claques que não concordam com os princípios dessa nova vaga. Numa perspetiva geral, os grupos Ultra continuaram o culto de dureza masculina organização *quási*-militar e pertença territorial, e com alguma direção neofascista nas manifestações de apoio e nos seus símbolos. Na década de 1990, a Itália atravessou um período de crise económica e política muito devido à corrupção estatal, que deu força aos partidos extremistas, tanto de direita como de esquerda, e essa força foi visível nas claques de futebol.

A politização aumentou nas últimas décadas no seio dos adeptos, não só em termos ideológicos, em que cada claque tinha uma orientação política e mantinha-se fiel a isso e ia contra as claques e clubes que tinham uma diferente, mas, principalmente, pela existência de dois inimigos em comum: o Estado e a polícia. Esta primeira instituição é acusada enquanto perseguidora do modo de vida dos ultras e uma atriz repressora, enquanto a polícia é a instituição que aplica essa repressão. A ação do Estado e da polícia dá aos ultras, independentemente do clube e da rivalidade, um sentimento de “nós”

baseado nos princípios de solidariedade e coesão (*Ibidem*, p.57). É dado um exemplo que remonta a 2007, quando a morte dum ultra da Lazio pelas mãos de um polícia provocou uma série de reações em cadeias sem precedentes e até então impensável, com ataques por parte da claques de vários clubes à polícia e às propriedades policiais, não só como resposta à morte do adepto da Lazio, mas como reação à militarização das forças policiais e a repressão que estas aplicavam nos adeptos de futebol. Para finalizar esta abordagem introdutória da relação entre as claques de futebol e as entidades controladoras do seu comportamento, compensa relevar a Teoria da Privação Relativa (TPR): “quando os grupos encontram uma referência que implica que poderão estar melhor do que aquilo estão, uma condição de privação relativa, ou uma tensão psicológica surge e acionam a participação no comportamento coletivo” (*Ibidem*, p.57). Privação, ou a sensação de privação, é uma condição que tem ressonância tanto na construção individual como na construção sociocultural. De acordo com a TPR, quando os grupos desenvolvem expectativas legítimas podem igualmente desenvolver uma dissonância cognitiva que se foca nos sentimentos de preconceito e discriminação (*Ibidem*, p.57). Os ultras sempre consideram a sua causa legítima, e a *curva* é o local podem expor à vontade as suas opiniões e ideologias. Ademais, as recentes e repentinas medidas repressoras fizeram com que a retórica dos grupos de vitimização de estigma e discriminação aumentem.

O autor contribui, identicamente, com a analogia que faz sobre a presença e as dinâmicas dos indivíduos no estádio de futebol nos tempos de hoje, remetendo-nos para a Antiguidade, através da *Agorá*, um termo grego antigo que significa basicamente um local de encontro publico. Na Antiga Grécia era um local de assembleia pública, onde aquilo que era privado era discutido e tratado publicamente, ou seja, problemas individuais eram solucionados coletivamente. É, talqualmente, um local onde se partilhava valores e onde ideias partilhadas pela comunidade nasciam. Ora, o estádio de futebol é tido como um *Agorá*, é um local onde opiniões ideológicas são expressas em busca dum consenso e resistência abrangentes (*Ibidem*, p. 58).

Como foi referido no que diz respeito à identidade por variados autores (Alt, 1983; Bromberger, 1995; Collins, 2004; Giulianotti, 1999; Cottingham, 2012), relativamente às claques em si, estas são compostas muito por jovens, que veem nas claques uma oportunidade de pertencerem a algo, e “encontraram a grande experiência de militância da sua vida no apoio aos clubes da sua predilecção através da integração nas claques. Tais

grupos constituem, por isso, um quadro de experiências no qual os indivíduos se poderão integrar” (Seabra, 2019, p. 414). E essa pertença implica uma assunção do doxa pelo qual se guia a claque, pela assiduidade, atividade naquilo que for preciso fazer (seja coreografias, burocracias ou venda de bilhetes), cantar durante o jogo todo, entrar nas rixas entre claque e não fugir. As claque configuram-se como o local onde os seus membros compensam a falta de identificação social (Revilla, 1996, p. 63), em que passam por um “processo de identificação imitativa que orienta para a aprendizagem e assimilação do modelo comportamental de cada claque” (Seabra, 2019, p. 442). Quando na claque, ainda como jovens, o processo de socialização dos jovens é tremendamente influenciado por esse contexto, é a partir das relações e interações que estabelecem que “constroem as suas especificidades” e ganham “a sensação de um alargamento de si mesmos” (Ibidem, p. 442), que é perceptível através da forma como manifestam apoio e depreciação, ambas de forma extrema e exagerada, buscando uma “visibilidade social e um reconhecimento que se encontra em défice numa sociedade que o nega” (Revilla, 1996, p. 63). A exposição mediática é um fator motivador para as ações mais exacerbadas dos membros das claque de futebol, pois as imagens de ultras destacados fazem transparecer existência de estatuto e importância (Seabra, 2019, p. 443). De acordo com Bromberger (1995, pp. 258-259), que é também referido por Seabra (2019, p. 443), é através das claque que os jovens “procuram uma solução simbólica de afirmação pessoal, tentando assim sair de uma posição de anonimato”.

Um outro elemento importante das claque de futebol são os cânticos entoados, que serão à frente analisados os que são utilizados pelo grupo em estudos. Para abordar teoricamente este aspeto dos ultras recorreremos a Gary Armstrong e Malcom Young do Reino Unido (2009), que nos fornecem perspetivas teóricas que facilitam o entendimento dos cânticos e mesmo análise de conteúdo que poderá servir de suporte para posteriormente neste trabalho investigativo fazer o mesmo. Os autores apresentam algumas características de cânticos de futebol: estão recheados de paixão e amor; existe conjuntos coexistentes e paralelos de ódios; demonstração feroz de identidade cultural; compromisso emocional para com eventos que em outras circunstâncias seriam risíveis ou ridículos (Ibidem, p. 173). Segundo os autores existem cânticos para a própria equipa, cânticos para os adversários e figuras de autoridade. Começando com os que são direcionados para a sua equipa, os autores referem que os jogadores são vistos como

empregados dos adeptos, e consequentemente os adeptos sempre entenderam ser o seu dever instruí-los. Por exemplo, a qualidade desejada nos recém-chegados pode ser sintetizada por uma exigência vaga: “compromisso”. Os cânticos podem ser positivos e encorajadores, ou podem ser voz de desaprovação dos jogadores; aquilo que os adeptos dizem em conjunto varia consoante o momento da equipa (*Ibidem*, p.181). Relativamente ao comportamento vocal face aos adversários, os autores começam por referir que existe uma linguagem metafórica sobre conseguir derrotar agressivamente o inimigo, não só no campo, mas também por aquilo que cantam, sendo mais ofensivos e abusivos que os adversários. (*Ibidem*, p.184). Também as figuras de autoridades são alvos, e os adeptos, sabendo que estão num local e num contexto que podem abusar verbalmente sem consequências, insultam polícias e membros da equipa de arbitragem (*Ibidem*, p.186).

b) Hooliganismo e a violência

Passemos, agora, a analisar uma vertente do apoio organizado de adeptos de futebol, com um vinco mais violento e bélico, o *hooliganismo*. Porém, antes de nos focarmos só no hooliganismo, é importante entender as diferenças, de forma sucinta, entre aquilo que é ser hooligan e o que é ser ultra. Como referido, mas agora pelas palavras de Salomé Marivoet (2009, p. 4)): “Os ultras apostam fortemente na identificação exterior, envergando vestuário, que comercializam, com as designações das suas organizações (em especial, os cachecóis). No ambiente de excitação e de paródia com que assistem aos jogos, investem numa imagem ‘dura’, por vezes ritualizada nos efeitos de “movimentação” ou de “*mosh*”, ou mesmo nos efeitos sonoros e visuais da detonação de engenhos pirotécnicos.” Por outro lado, “a subcultura hooligan surgiu nos anos sessenta em Inglaterra, entre gangs de skinheads das zonas urbanas mais desfavorecidas onde predominava a *street culture* associada à rixa e à confrontação entre bairros rivais. No final dos anos setenta, os hooligans ingleses adotaram o estilo casual. Tendem a observar com distanciamento, apostando na premeditação estratégica e recorrendo às novas tecnologias para marcação das suas ações de confrontação, com especial pendor para a luta corpo a corpo (*Ibidem*, p. 4).

Os adeptos que praticam atos violentos são vistos como hooligans, e para entender o fenómeno da violência no futebol socorremos à contribuição de Spaaij (2007), que

interpreta as palavras de Elias (1971), referindo que a violência do espectador pode ser entendida como uma característica inata do jogo, uma vez que o futebol moderno tem sido associado com violência desde os inícios do século dezanove. E por isso é necessário analisar de forma mais assertiva os diferentes tipos de violência de espectadores de jogos de futebol, até porque para a realização correta desta investigação, o conceito de “hooliganismo futebolístico” tem de ser delineado e definido de forma mais explícita (*Ibidem*, p. 10) apesar da inexistência de uma definição precisa de “hooliganismo futebolístico”, pois não há uma definição legal específica que demarque os comportamentos tido como tais. Existem, sim, várias conceções de hooliganismo, uma delas é encontrada no “*Report on Football Hooliganism in the Member States of the European Union*”, publicado pelo Conselho da União Europeia (2002). São engrupadas várias ofensas categorizadas enquanto “hooliganismo futebolístico”, incluindo a violência direcionada às pessoas, danos de propriedade, quebra de paz, roubo (*Ibidem*, p.11). Numa procura mais específica da definição em causa, traça-se uma distinção tipo entre incidentes espontâneos e comportamento socialmente organizado de grupos de adeptos que procuram a competitividade violenta, e é exatamente esta última noção que permite quase definir hooliganismo: “violência competitiva de grupos de adeptos socialmente organizados no futebol, principalmente direcionada contra grupos de adeptos adversários” (Spaaij, 2007, p. 11, citando Dunning, 1994, p. 136). Uma outra explanação apresentada por Spaaij é a de que o hooliganismo no futebol no sentido contemporâneo remete para a génese social de subculturas diferentes dos adeptos e o seu compromisso com a violência coletiva, principalmente direcionada para os rivais (Spaaij, 2007, p.12, citando Giulianotti, 1999, p.49).

Remontamos novamente para a obra de referência de Norbert Elias e Eric Dunning, “Em Busca da Excitação” (1985), nomeadamente para o nono capítulo onde Patrick Murphy e John Williams juntam-se a Dunning para abordar “A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica”, que permite uma abordagem mais aprofundada do fenómeno do hooliganismo. Deste capítulo são alguns os pontos que têm de ser realçados, começando, pela explicitação de diferentes tipos de confronto entre os hooligans, “por exemplo, podem tornar a forma de uma luta corpo a corpo apenas entre dois adeptos rivais ou entre dois pequenos grupos. Com alternativa, podem envolver muitas centenas de fãs de cada lado. Por vezes, usam-se armas –

navalhas, de ponta e mola. Os confrontos de hooligans do futebol podem também assumir a forma de lançamentos pelo ar, usando-se como munições, projecteis que se classificam desde artigos inofensivos, como amendoins, (...), até outros potencialmente mortais, como dardos, discos de metal, fogos de artifício e, como aconteceu em uma ou duas ocasiões, garrafas com petróleo” (Elias & Dunning, 1985, p. 358). Dentro dum grupo de hooligans, os autores encontraram e definiram um subgrupo de hooligans *hardcore*, aqueles cujo principal objetivo é entrar em confrontação e combate com os rivais e em iludir a polícia e utilizam estratégias próprias e, aliás, desistem de usar cachecóis ou adereços alusivos à sua afinidade clubística para não serem tão facilmente identificados (*Ibidem*, p. 359).

Outros aspetos que são oportunos de levantar do estudo dos sociólogos de momento em causa, são a explicitação das possíveis motivações e as explicações do hooliganismo no futebol. Uma razão desde logo apontada é o alcoolismo, não querendo dizer, claro está, que todos os hooligans bebem em demasia e que agem todos devido ao consumo excessivo de álcool, mas isto não nega a afirmação que a bebida e violência são duas variáveis conectadas (*Ibidem*, p. 362). Uma outra razão, ou pelo menos uma “acha para a fogueira” é a violência que ocorre dentro do relvado que facilmente contagia quem está na bancada a repercutir de forma até exacerbada aquilo que depreendem de dentro das quatro linhas. Uma outra motivação é atribuída ao papel da imprensa na representação dos adeptos tidos como hooligans, por exagerarem e generalizarem os atos dos adeptos (*Ibidem*, p.363). Relativamente às explicações de cariz académico, os autores realçam as contribuições de Ian Taylor, que refere que o hooliganismo é um fenómeno que advém de outros dois: o aburguesamento e a internacionalização do jogo de futebol; e, perante esses processos sociais, a resposta das classes trabalhadoras ao controlo dos grupos foi através do hooliganismo. Stuart Hall é, igualmente, um suporte teórico para os sociólogos, voltando o texto para a questão da imprensa e o seu papel, nomeadamente na criação do “pânico moral” que aumentou o hooliganismo enquanto motivo de preocupações (*Ibidem*, p. 364-365)

Uma questão que era procurada ser respondida era “porque estes grupos são principalmente compostos por jovens, das classes mais desfavorecidas?”. Os jovens crescidos em condições económicas mais restritas “crescem com uma atitude mais positiva em relação à opressão que os seus equivalentes de escala superior” e a violência

é mais mostrada em público (*Ibidem*, p.374), enquanto nas classes tidas pelos autores como “respeitáveis” a violência é mais oculta. Os membros destas classes comportam-se de forma agressiva em momentos considerados legítimos, enquanto os indivíduos de classes mais desfavorecidas consideram o desporto demasiado regulamentado e inofensivo e, devido a isso, entram em confronto com adversários e figuras de autoridade (*Ibidem*, p. 375).

Em suma, o comportamento conotado como hooligan teve como seus aspetos catalisadores as mudanças estruturais que ocorreram nos setores “rudes” e “respeitáveis” e a relação entre os indivíduos. O aparecimento de um mercado de lazer, as mutações nos media, não só com o crescimento da televisão mas também com o conceito de “valor das notícias” se direccionar mais para o valor comercial da notícia, que levou a um incremento do protagonismo dos tabloides, também as mudanças na estrutura do próprio jogo, as medidas políticas para controlar este tipo de comportamento, tudo isto só acabaria por encadeá-lo ainda mais. Para os autores, estas características todas permitiram ao comportamento hooligan crescer e tornar-se uma característica das claques de futebol.

c) *Aguante: Festa e brutalidade latina*

À procura de perspetivas deste tema adaptadas a um contexto social e geográfico, tomou-se como referência para a abordagem da situação argentina, um país com história rica no futebol mundial, bem como na originalidade dos cânticos e na festa no futebol, a contribuição de Pablo Albarces, José Garriga Zucal, María Verónica Moreira: *El “Aguante” y las hinchadas argentinas: una relacion violenta*. (2008). Neste texto é levantado um termo importante para a análise que se vai fazer neste trabalho investigativo: *aguante*. Etimologicamente, *aguantar*, em castelhano, significa suportar ou apoiar, ajudar a levar algo para a frente. E na cultura do futebol, a *Aguante* entende-se como uma categoria polissémica que conjuga diferentes significados nos adeptos. Tudo que está envolvido neste conceito que é atribuído pelo senso comum nos adeptos argentinos, poderá ser perfeitamente adaptado para a realidade portuguesa e, mais especificamente, para a realidade portista. Em particular, para as *hinchadas* (grupos de adeptos organizados argentinos), o *aguante* funciona como um sistema de honra e prestígio vinculado ao confronto físico. Os elementos que enfrentam o desafio corporal

são vistos como indivíduos com bravura, valentia e coragem e são reconhecidos e respeitados pelos seus pares enquanto *hinchas aguantes* (*Ibidem*, p.114-115).

De referir que existe uma outra denominação que é dada a um grupo específico de indivíduos, aqueles *hinchas* mais fanáticos e que têm maior preponderância ao nível do apoio organizado garantido todos os jogos, mas têm uma contrapartida de aspeto financeiro, pois os clubes dão a esses adeptos bilhetes grátis para os jogos. O grupo que agrega esses adeptos é denominado por “*barra*” (*Ibidem*, p.116). A *barra* é central para a festa popular nos jogos de futebol, os seus integrantes levam bandeiras e bombos (para dar um outro ambiente sonoro), e trabalham em conjunto com os restantes *hinchas* fanáticos no apoio ao clube. Remontando ao termo *aguante*, os adeptos identificam-se bastante com esse termo e o seu significado e colocam em práticas os princípios de *aguantar*, através de várias coisas que fazem: apoio incansável, assiduidade em jogos casa ou fora, apoio apesar do desconforto no estádio das viagens, com sol e chuva. E, orgulhosamente, os *hinchas* fanáticos reclamam para si o comportamento *aguante*, e, para todos, o *aguante* é mais importante que qualquer dificuldade com que se deparam. A vontade, obrigação e necessidade de apoiar, de suportar e de ajudar a levar para a frente o seu clube é maior que qualquer problema que o indivíduo esteja a ultrapassar (*Ibidem*, p.118). Como é referido pelos autores: “a exposição do *aguante* permite aos *hinchas* confirmar a sua presença dentro da *barra* e consolidarem-se como verdadeiros homens” (*Ibidem*, p.122). Um ponto importante de referir, até pelo paralelismo para o objeto de estudo desta investigação é a existência de um líder, e esse é aquele que encarna exaustivamente os ideais da *barra* e que possui uma forte recompensa moral que se traduz em prestígio e respeito, e quem melhor e mais demonstra aquilo que é ser *aguante* e, por conseguinte, transporta os seus princípios e é reconhecido pelos seus pares.

Porém, a principal característica dos *hinchas*, oposta à versão mais negativa já anotada, é a importância que conferem à festividade popular que querem dar ao ambiente do jogo de futebol. Faz parte do quotidiano destes adeptos argentinos em utilizar tempo para pensar e realizar aquilo que pretendem para o jogo, ao nível coreográfico, e de “dar cor” ao estádio, que implica: bandeiras e faixas com frases alusivas ao apoio incondicional à equipa e ao bairro de onde são. Outras características dos elementos das claques de futebol na Argentina são: empenho na organização do festejo; o interesse demonstrado na realização de trabalhos de manutenção do estádio e da sede social, e na

planificação e programação de celebrações comemorativas. Se a isto se adicionar a assiduidade dos jogos da equipa, tanto em casa como em fora, e o apoio incondicional ao longo do jogo, os autores denominam estes adeptos como “*hinchas militantes*” (*Ibidem*, p.116).

Em jeito de conclusão, os autores apontam que existem forças antagónicas que coexistem, por um lado as *barras* de clubes rivais que levam a confrontos físicos cuja participação também é tida como um elemento do *aguante* para demonstrar a bravura e compromisso com a causa, sendo estas caracterizadas por uma relação de inimizade e rivalidade. E, por outro lado, as forças unidas (*barras* e *hinchas* fanáticos) por um sentimento em comum focam-se na perspetiva mais festiva do *aguante*. Em suma, este enquadramento teórico da questão argentina é pertinente, pois permite-nos retirar duas ideias importantes para adaptar à realidade em questão: o sentimento e comportamento *aguante* e também a questão da existência dum “chefe” ou “líder” (*Ibidem*, p.122).

d) *O papel das instituições*

O Estado

Conforme foi sido verificado ao longo deste texto, o comportamento dos adeptos mobilizados e organizados numa claque de futebol é bastante influenciado por aquilo que é feito para controlar as suas ações, principalmente pelo Estado, pois, de acordo com Fernandes (2010, p. 105): “O Estado existe porque a sociedade acredita que sem ele não é possível manter a paz interna e assegurar a defesa externa. Assim, a segurança das pessoas e dos valores é uma das primeiras finalidades do Estado”. Será, então, apontada a evolução de medidas políticas que foram tomadas em alguns pontos geográficos para se controlar ou moldar o comportamento dos ultras ou dos adeptos tidos como hooligans. Para isso, o trabalho construído por Clifford Stott e Gear Pearson, “Football Banning Orders, Proportionality, and Public Order Policing” (2006) é relevante, na medida em que nos elucida da importância das políticas e proibições estatais e a evolução destas, neste caso no Reino Unido que enfrentava o problema de violência entre adeptos que atingiram níveis catastróficos.

Segundo os autores um elemento institucional fulcral para a aplicação de medidas políticas sobre os indivíduos que estavam no centro dos desacatos são as denominadas *Football Banning Orders* (FBO): que representam a permissão dada pelo futebol internacional para que num país os tribunais possam controlar o indivíduo que tenha sido condenado por um crime relacionado com futebol (*Ibidem*, p. 241). As FBO's surgiram devido aos constantes desacatos e conturbações causadas por alguns adeptos, e a própria direção bélica que esses tomavam enquanto objetivo aquando das deslocações para o estrangeiro, principalmente em competições internacionais de federações de futebol nacionais (*Ibidem*, p.242). Uma questão que é levantada relativamente às FBO's é: como se considera legítimo um indivíduo ser dispensado de comparecer em recintos de futebol? Para isso, os tribunais assumiram uma maior responsabilidade de decisão, sendo que essa só seria tomada quando se tivesse certeza da ação criminal por parte do indivíduo. Em conclusão, as FBO's permitiram uma diminuição da ação hooligan, e um maior controlo do comportamento policial, pois assim os polícias ficariam restritos ao necessário para levar os indivíduos a tribunal para serem julgados, e desta forma foi-se retirando a margem de manobra para a ação policial ter algum nível de brutalidade ou abuso de autoridade, uma vez que o processo culmina com uma sessão de tribunal. De realçar que para os autores as FBO's são medidas que resultam, mas somente no curto prazo, devendo existir uma reforma na forma de controlar as claques de futebol, principalmente os seus hooligans, direcionada para iniciativas que primem pela transmissão duma perspetiva positiva no apoio às equipas.

A polícia

De acordo com Clemente (2010) é possível desdobrar o conceito de polícia em vários sentidos. No sentido funcional, em que a “polícia é tanto um modo de agir da administração pública”, no sentido formal é “um conjunto de normas reguladoras da ordem pública” e no sentido orgânico é “a instituição pública encarregada de manter a ordem pública (e não a privada) e de velar pelo cumprimento das leis” (Clemente, 2010, p. 146). É através da polícia que se atinge o nível de segurança no meio público, neste caso: tanto dos praticantes; dos adeptos; dos atores envolvidos em tudo aquilo que rodeia o jogo de futebol, ou seja, os funcionários, dirigentes, árbitros, e jornalistas; também é

pretendida a segurança de meios físicos, dos equipamentos dos diferentes intervenientes referidos, das instalações dos clubes, dos locais de propriedade privada perto dos sítios de concentração dos adeptos (como cafés, por exemplo).

Voltando novamente ao caso italiano, Rocco De Biasi aborda o policiamento do hooliganismo dentro das claques de futebol em Itália (1998). O autor destaca que a polícia considera o fenómeno da violência no futebol é tremendamente importante, e isso é visível através do número de elementos policiais mobilizados para os jogos de futebol só para acompanhar os adeptos na ida e vinda dos estádios (*Ibidem*, p. 214). Para o autor, um aspeto importante que permite perceber o comportamento da polícia relativamente aos ultras comparativamente com os hooligans *casuals*, é o facto que os primeiros se distinguem dos segundos pela visibilidade. Numa deslocação os *casuals* prezam pelo anonimato, já os ultras querem ser vistos para marcar a posição da presença do seu clube, ou da cidade de onde vêm, e a visibilidade influencia o comportamento da força policial, tendo isto em conta a forma de ação policial perante estes dois tipos de adeptos é diferente (*Ibidem*, p.216).

Os acontecimentos sociais, nomeadamente manifestações e revoltas populares dão experiência à polícia. Contudo, de acordo com De Biasi, essa experiência leva a conclusões direcionadas para o uso da força de forma mais repressiva sob as multidões. Transportando estas ideias para o caso de futebol, intensificou-se o controlo dentro e fora do estádio, que resultou numa militarização e num comportamento pró-bélico das claques de futebol como resposta à ação policial e o autor declara, até, que o hooliganismo é um legado deixado pela ação política da polícia (*Ibidem*, p. 217).

Aproveitando agora uma outra contribuição de Clifford Stott, neste estudo com a participação de Stephen Reicher, “Crowd Action as intergroup process: introducing the police perspective” (1998), iremos introduzir a perspetiva policial no controlo do comportamento grupal de grandes dimensões. Os autores reiteram a importância de entender as dinâmicas do grupo (*Ibidem*, p. 513) e que um erro que a polícia comete, no aspeto pedagógico e de formação, é perspetivar a multidão de forma homogénea (*Ibidem*, p. 514). No entanto, ainda no mesmo texto, é explicado o porquê desse dito erro no momento de aprendizagem ser cometido. Os agentes, apesar de terem a noção da heterogeneidade, quando é lançado algo na sua direção, é muito complicado identificar o arremessou ou quem fez algo específico, por isso nesses momentos mais delicados as

forças policiais têm forçosamente de olhar para a multidão de forma homogénea e agir de forma igual para todos os indivíduos, abrindo azo para ações violentas desadequadas a alguns indivíduos pertencentes à multidão. O perigo homogéneo requer uma estratégia homogénea (*Ibidem*, p. 520). O comportamento por vezes violento é contextualizado no estudo destes cientistas sociais da seguinte forma: o objetivo das forças policiais é dispersar a multidão e são delineadas estratégias para isso acontecer, e no momento em que são aplicadas é complicado, quase impossível, tratar as pessoas de forma diferente, não há tempo para perceber a situação dos membros da multidão, e por isso é tudo tratado de forma igual para agilizar o processo de desmobilização da multidão, e assim o objetivo ser atingido (*Ibidem*, p. 521).

Desta forma, é possível entender um pouco as razões de o comportamento policial por vezes ter tendência para ser agressivo, que por sua vez desencadeia reações cada vez mais violentas, e será interessante perceber como a ação da polícia no caso português tem influência nos comportamentos dos ultras portugueses, e, principalmente, nos ultras portistas.

A imprensa

Neste ponto pretende-se retirar contribuições teóricas que nos permitam entender a forma como os media retratam e acabam por influenciar o comportamento dos ultras.

Como tem sido utilizado neste trabalho, o caso inglês servirá de exemplo devido à abundância teórica e por ser um contexto que nas últimas décadas do século passado e na primeira década deste século apresentou vários acontecimentos de violência derivada com o futebol, e devido à proximidade geográfica, económica e cultural, facilmente terá influência no contexto português. Esta abordagem ao contexto inglês é feita através de um texto de Emma Poulton, “English Media Representation of football-related disorder: “Brutal, short-hand and simplifying?” (2005), em que a autora se baseia na obra de Stuart Hall, já mencionada mais atrás. A autora reitera as seis características que Hall atribui à relação imprensa-adeptos de futebol: o tratamento sobre os hooligans incita o fenómeno; o vocabulário bélico é utilizado para descrever algum incidente (“guerra”, por exemplo); a forma como são denominados, por exemplo como “animais”; devido a esta categorização, todos os adeptos tornam-se estigmatizados e com imagem degradada; em

quinto lugar refere que existe pouco espaço para discussão sobre o tema; e, por último, que os media são responsáveis pela instalação de um “pânico moral” (*Ibidem*, p. 29). Poulton admite que a imprensa amplifica um incidente e essa amplificação tem as suas consequências, e isto acontece principalmente quando os infratores são de clubes com maior dimensão, pois terá um maior impacto de consumo, e quando são de clubes já com antecedentes violentos (*Ibidem*, p. 30). Adianta-se que os pormenores são deixados de lado, principalmente os que são relacionados com os motivos que levaram ao conflito, as provocações de outros adeptos ou conduta violenta por parte da polícia e, por isso, o papel da imprensa acaba por ser enviesado, pouco formado e com natureza pouco fidedigna, pronto para causar sensacionalismo e generalização (*Ibidem*, p. 32). Um comentário pertinente que se pode retirar deste texto é que o hooliganismo é representado pelos media como “um recipiente para todos os problemas políticos, tal como noutras alturas e noutros países o eram os dragões, bruxas e os Comunistas.” (*Ibidem*, p. 35, citando Armstrong, 1988, p.301). Ou seja, o “ópio do povo” que Bromberger (1995) refere que o futebol é, Poulton, através da contribuição de Armstrong, afirma que o próprio comportamento dos adeptos também o é para o resto da sociedade, quase como “bodes expiatórios”, para se desviar atenções.

De referir, também, que o futebol “consegue permanentemente congrega as atenções públicas, muito por ação dos media, que, obviamente, pretendem explorar o poder comercial daquele” (Seabra, 2009, p. 397, citando Coelho & Tuesler, 2006, p. 520). A comunicação social procurará despertar as reações menos intolerantes por parte duma sociedade que reprova os atos violentos, especialmente dentro dos recintos desportivos. Para além disso, os *media* desempenham um papel importante para a comercialização do futebol enquanto espetáculo destinados a publicos de classes mais favorecidas, o que é incompatível com as imagens de violência que são retratadas nas notícias destacadas pela imprensa, procedendo-se, assim, a uma estigmatização e marginalização das claques de futebol.

Um último aspeto que é relevante é a relação dos *mass media* com o futebol em Portugal. Até porque, mais para a frente, haverá uma análise de conteúdo nos jornais desportivos, mas também informativos no geral, sobre aquilo que é noticiado relativamente às claques de futebol, bem como a evolução dos media na sua relação com o desporto e o futebol.

Sedas Nunes, na sua tese de Doutoramento, refere que, de acordo com um diretor dum jornal desportivo “que nas boas épocas desportivas do clube português mais popular, tende a traduzir-se numa procura mais forte, enquanto uma época desportiva insatisfatória, pelo contrário, a faz declinar. Um resultado positivo contra um rival directo tende a fazer a crescer a procura” (Sedas Nunes, 2007, p. 47). Ou seja, de acordo com estas palavras, o negócio da imprensa desportiva circunda o sucesso desportivo do Benfica, dando-se maior destaque a este clube, o grande rival do FC Porto, o que alimentará o sentimento que os portistas sentem relativamente ao Benfica. A paixão e emoção pelo clube e pela modalidade em si também é influenciada pela forma como as notícias são destacadas, apelando ao sensacionalismo e facilidade e rapidez de leitura e de conclusão, “o que a generalidade dos leitores de imprensa desportiva procura será a notícia, a “trica” emergente, a novidade ligada ao acontecimento pretérito ou vindouro – a opinião comunicada em longo artigo de fundo, de fôlego reflexivo, a reportagem analítica, a investigação analítica, a investigação jornalística – pouco interesse desencadearão” (*Ibidem*, p. 47). Refere, ainda, que o jornalismo desportivo “se pretende cativar leitores deve seduzi-lo pelo recurso sistemático a repertório de excitações codificadas que encontram a gramática da afinidade clubista”, ou seja, existe uma clara intenção do jornalismo desportivo, mais especificamente no caso do futebol, em incentivar a paixão, diminuir a racionalização, porque é aquilo que é mais facilmente consumido.

As claques e as suas ações são objeto preferencial de notícia quando alguns dos seus membros perpetram atos indesejáveis, socialmente reprováveis e mesmo criminosos. Todavia, o mesmo destaque noticioso parece não ser conferido a um vasto conjunto de aspetos que fundamentam a existência das claques. Este posicionamento da comunicação social face às claques tem gerado alguns efeitos perversos, um deles foi o surgimento de uma certa estigmatização generalizada dos membros das claques. Esta induziu alguns dos que a sentiram a abandonarem os grupos, pois, apesar de pautarem o seu comportamento no seio dos mesmos por grande correção, não queriam ser conotados com os comportamentos delinquentes levados a cabo apenas por alguns dos seus membros. Por outro lado, algumas notícias sensacionalistas atraíram, para as claques, alguns jovens já com carreiras de delinquência no seu quotidiano e que perspetivaram a pertença a estes grupos como uma oportunidade para continuarem tais atividades, sendo estas facilitadas

pela percepção de um certo anonimato e desresponsabilização decorrente da inserção num grupo numeroso. (Seabra, 2009, p. 2)

e) Movimento Ultra em Portugal

Antes de passar a apontar a evolução do movimento ultra em Portugal, convém reiterar que a mentalidade ultra transporta em si valores de identidade exacerbados, de entrega total ao coletivo clubístico, de defesa das cores do clube até às últimas consequências, ao mesmo tempo que desenvolve uma cultura de demarcação provocatória dos demais, tal como o comportamento *aguante* que acontece na Argentina. A violência que se foi manifestando no desporto português, em especial nos jogos de futebol, sugere o aumento da tensão dos jogos decorrente da intensificação da competição desportiva, mas também o agravamento das desconfianças em torno da justiça e legitimidade asseguradas nos campeonatos. Um aspeto importante para as atividades violentas existentes é a questão do género que é socialmente constituído por características que moldam o seu comportamento. Se tivermos presente que os adeptos de futebol são constituídos por públicos masculinos “fortemente identificados com o estereótipo tradicional de masculinidade que os impele à vingança quando afrontados (ao resgate da honra ameaçada), e que a dimensão mimética dos jogos comporta elevados níveis de provocação reforçada pela excitação vivenciada em vastos coletivos masculinos, e em particular nos meios da subcultura ultra onde tudo tende a ser hiperbolizado” (Mariovet, 2009, p. 9). Tendo isto em conta, quanto maior o clima de oposição-confrontação para com os outros, maiores são os níveis de coesão dentro do grupo, ou, como refere a autora: “a exaltação dos ânimos (ou o afrouxamento dos estados de autocontrolo regulares) tem, não raras vezes, dado lugar a manifestações de violência” (*Ibidem*, p.8).

Num ponto de vista meramente sociológico, estas dinâmicas servem como mote para entender a evolução do movimento ultra em Portugal. Passemos para a anotação da história e evolução do movimento ultra em Portugal, e as dinâmicas institucionais, comportamentais e relacionais, ou seja, o aspeto macro, meso e micro deste fenómeno social no nosso país.

Na segunda metade dos anos setenta assistiu-se ao surgimento de claques organizadas de adeptos de futebol em Portugal, sendo o primeiro grupo a ser fundado a

Juventude Leonina, em 1976, no Sporting, por um grupo de jovens regressados do Brasil depois de estarem lá emigrados, fugidos do Estado Novo. Como a primeira claque de futebol em Portugal foi fundada por gente regressada do Brasil, é assim perceptível a influência das Torcidas brasileiras, até pelo recurso a tambores e a movimentação dos adeptos. Os Dragões Azuis são criados em 1982, como forma de apoio organizado ao FC Porto. Surge, em 1984, a Fúria Azul, do C.F os Belenenses. Estas duas claques de clubes que envergam o azul têm algo em comum: foram criadas por colegas de escola – “esta espontaneidade na formação das claques a partir de grupos de amigos que ocupavam regularmente o mesmo local na bancada marcou a primeira fase do desenvolvimento das mesmas em Portugal” (Seabra, 2019, p. 63). Com a rutura com o regime ditatorial a juventude viu-se livre para os ajuntamentos entre amigos, como acabariam por ser as claques de futebol. De acordo com Seabra (*Ibidem*, p.64), ao nível de organização as claques procuravam reproduzir a própria forma de organizar que os clubes apresentavam, com uma direção constituída por elementos mais velhos e até já com alguma experiência associativa. A partir dos anos 80 inicia-se o processo de reconhecimento institucional das claques já criadas e isso propiciou a que surjam várias outras claques, havendo um crescimento do movimento por todo o país e em clubes de menor dimensão inclusive. Houve, também, cisões no interior das já existentes, como, por exemplo, a que originou a Torcida Verde, fundada no Sporting, em 1984, por um grupo de dissidentes da Juventude Leonina. Neste contexto, um grupo de desacordantes dos Dragões Azuis fundou, em 1986, os Super Dragões, que, a partir de 1992, passou a ser a claque oficial do FC Porto com a extinção da primeira, ano em que surgiram, por dissidência dos Diabos Vermelhos, os *No Name Boys* no Benfica. Em 1989 chegaria a ser criada a Federação Nacional das Claques, uma tentativa de institucionalizar desportivamente as claques (Marivoet, 1992, p. 148), contudo devido à fugaz existência de algumas claques e dissidências dentro dos mesmos clubes, esta federação acabaria por ficar sem efeito (Seabra, 2019, p. 65). Sendo as questões financeiras foram algumas das principais razões para as divergências no seio das claques já formadas (*Ibidem*, p. 65). A desarmonia benfiquista referida mostrou-se importante para o desenvolvimento do Movimento Ultra português, devido à afluência bastante numerosa e os limites que estavam estabelecidos nas rivalidades entre claques que foram ultrapassados por esta nova claque, e fez com que os grupos de clubes rivais se superassem (*Ibidem*, p. 72). Isto propiciou a que a década

de 90 fosse a época em que o movimento mais evoluiu, com o surgimento de novas claques, com que estas fossem cada vez mais numerosas, as coreografias foram mais aperfeiçoadas e detalhadas, houve melhoria do apoio vocal e um acompanhamento mais fiel (*Ibidem*, p. 70). As claques portuguesas foram afirmando uma nova forma de estar e ver futebol e, por isso, demarcando-se dos tradicionais adeptos. Nos anos oitenta foi-se assistindo a pequenas rixas nas bancadas entre os membros das claques e os adeptos tradicionais que, incomodados com a sua forma de ver e estar no futebol, foram mostrando a sua repulsa, respondida em igual medida pelos membros das claques. Na década que se assistiu à tal evolução do movimento, isso também significou o agudizar das relações entre as claques de diferentes clubes, havendo uma tendência mais bélica para os confrontos, antes mais esporádicos, agora mais contínuos e com outras agravantes, nomeadamente o uso de armas, estratégias para encurralar os adversários e ataques a camionetas que transportavam as claques adversárias (*Ibidem*, pp. 69-70).

Como referido, portanto, os principais confrontos tiveram o seu início da década de 80, sendo que só inflacionaram a sua magnitude a partir da década de 90. Aconteciam, de forma recorrente, apedrejamentos das viaturas que transportavam os membros das claques, adeptos ou associados, ou mesmo as comitivas das equipas adversárias, e as vandalizações do património dos clubes rivais. Com o protagonismo assumido por membros de claques foi crescendo um repúdio geral da opinião pública, especialmente a partir do fatídico acontecimento na final da Taça de Portugal de 1995/1996, em que um adepto sportinguista perdeu a vida devido a um engenho explosivo (*very light*) lançado por um elemento dos No Name Boys (claque afeta ao Benfica)

Com o virar do século, foram introduzidas algumas medidas de segurança no novo quadro legal, como o incremento da vigilância nos estádios através de CCTV, a introdução de policiais à civil (os denominados *spotters*) no seio dos adeptos e maior controlo na identificação dos membros das claques. A construção dos novos estádios para o Campeonato da Europa de 2004, e as novas condições que estes ofereciam, e as valências entretanto aprendidas a nível daquilo a que se designa de *spotters*, alteraram um pouco os maiores focos de conflito e as próprias abordagens preventivas. No entanto, de acordo com o artigo jornalístico do Observador, a época de 2007/08 teve acontecimentos preocupantes no que diz respeito à violência no futebol por parte das claques: “Aliás, nos primeiros meses de 2008, raras foram as semanas em que não houve feridos de rixas entre

elementos das claques do Benfica e do Sporting. E muitas, por razões de segurança, foram “abafadas” do domínio público para evitar que houvesse uma onda de retaliações com efeito de bola de neve. Em 2008 é anunciada a primeira grande operação contra uma claque, neste caso, os No Name Boys. E curiosamente num domingo: 37 elementos da claque foram detidos no âmbito de uma operação denominada “Fair Play”, suspeitos de agressões, roubos, tráfico de armas de fogo e de estupefacientes e incêndios. Foram ainda apreendidas armas, droga (haxixe, cocaína, ecstasy e liamba), soqueiras, tacos de baseball, carros e material pirotécnico. Mas mais do que todos esses crimes, havia algo que continuava a inquietar as forças policiais: “as informações detalhadas sobre os líderes da Juventude Leonina, claque rival de Lisboa, com moradas, fotos e familiares” (Roseiro, 2017). O ano de 2008 foi, portanto, um ano muito importante para a evolução da questão da violência dos adeptos no futebol, não só pela frequência que aconteciam desacatos, que é significativa da necessidade de mudança desta questão, pois começou a tornar-se algo tão recorrente que poderia começar-se a considerar normal e as proporções aumentariam facilmente. Mas também porque expôs-se outras dimensões deste mundo, especificamente como a organização de adeptos serve como ferramenta de crime organizado, de cariz violento e de narcotráfico. Apesar de suspeitas sem fundamento judicial já existirem, o que está descrito na notícia possibilitou aumentar ainda mais essas suspeitas para outras claques que ainda não tinham sido expostas, mas também, e mais importante, confirmou a utilização da organização no suporte a uma equipa enquanto forma de, paralelamente, agir criminalmente. Isto aumentou a pressão institucional de quem rege o futebol português sobre os clubes, e, por conseguinte, sobre as claques de futebol.

Outro aspeto pertinente de retirar é a relação com os dirigentes desportivos, ou a forma como estes influenciam o movimento ultra em Portugal, e, nessa análise, depreendem-se dois aspetos que se influenciam mutuamente: por um lado, as declarações e atitudes dos dirigentes são corporizadas e enfatizadas pelos adeptos de forma, por vezes, exageradas, e as ações dos adeptos, que são quase que em nome dos seus líderes, são interpretadas publicamente pelos dirigentes dos clubes como reprováveis e demarcam-se dessas práticas de violência das claques. Desvalorizando-as e relativizando-as, e, contrariamente a esta posição tomada, quando as práticas violentas são da autoria de claques de clubes rivais, estas são sobrevalorizadas e servem como instrumento de

acusação, e esta postura incita a um ciclo de violência (Mariovet, 2009, p. 13); por outro lado, existe também um apoio financeiro e institucional de “todas as direções de clubes, sem exceção”, que ajudam de duas formas as claques: primeiro, com a cedência ou venda mais barata de bilhetes nos jogos fora. “Exemplo: era habitual haver cedência de 100 bilhetes entre clubes numa perspectiva de reciprocidade e os mesmos eram cedidos às claques. Além disso, e apenas em algumas, havia também as ajudas a nível de alugueres de autocarros, além do apoio logístico que fosse possível. Somando-se a isso as quotas dos associados e outras possíveis ajudas externas, estava desenhada a parte das receitas. Nos gastos, colocavam-se todos os materiais de apoio e comprados para fazer a festa no estádio.” (Roseiro, 2017). Assim percebe-se como existe o apoio do clube às claques para que estas possam desempenhar o seu papel, e, igualmente, como se sustentam financeiramente.

Para entender como esse apoio é legalmente possível, é necessário abordar um marco importante no futebol português: processo de legalização das claques, que conseguiu juntar quase todas as principais organizações do país, processo esse que fora conduzido pelo Conselho Nacional Contra a Violência do Desporto. Foi de interesse público, já que surgiu um processo político que permitia que os prevaricadores que estivessem envolvidos nos incidentes fossem julgados por leis específicas. A instituição responsável pela coordenação dos denominados Grupos Organizados de Adeptos (GOA) legalizados é o Instituto Português de Desporto e Juventude (IPDJ). Para o processo de legalização duma claque acontecer, o clube deve apresentar o grupo ao IPDJ enquanto uma associação, os membros devem ser identificados com os seus dados: “nome, número do BI ou CC, data de nascimento, foto, filiação (no caso de menores), morada, telefone e correio eletrónico” (Paulo, 2017) e, após o registo, o clube deve atualizar, trimestralmente, o IPDJ dos elementos dos GOA. O controlo, para além de ser pela identificação dos membros, também acontece através das sanções que são aplicadas a nível individual e também aos clubes cujos GOA cometem violações das regras impostas, ou seja, no que diz respeito a: violência, incitamento à violência através de cânticos, exibição de tarjas ou palavras de ordem. O poder sancionatório cabe ao IPDJ e as denúncias cabem às forças de segurança, públicas ou particulares. Os clubes que têm claques que não são registadas no IPDJ não sofrem consequências financeiras pela mal conduta destas, porém são sancionados se for quebrada a norma que os impede de apoiar

de qualquer forma as suas claques. Contudo, evidentemente, se não houvesse benefícios para as claques, estas não adeririam ao movimento de legalização e manter-se-iam fora do controlo institucional. O processo de legalização facilita as relações com os clubes, pois assim é legal conceder qualquer apoio do clube tanto a nível institucional como a nível financeiro às claques, bem como é garantindo que numa deslocação têm as viagens e acessos facilitados e são acompanhados por cordões policiais, e têm número de bilhetes reservados para si e um local no estádio visitado (Paulo, 2017).

O processo de legalização das claques pode perfeitamente ser entendido como uma quebra com a génese do movimento ultra, que seria contra o poder regente e das instituições que controlam a população e, claro, os adeptos de futebol e o próprio futebol. A imagem “anti futebol moderno” percecionada pelos ultras para si mesmos fica pintada com mais tons de cinzento, pois com a sua legalização as claques poderão perder alguma capacidade reivindicativa face àquilo que não vai ao encontro da perspetiva do adepto de futebol. Ou seja, hipoteticamente, poderão não ser só controlados naquilo que é o incitamento à violência e ao ódio, mas também nas críticas que fazem às instituições que controlam o futebol português, uma vez que passam a ser controlados institucionalmente.

Apesar deste controlo mais apertado conclui-se que, no entanto, muitos dos elementos mais “perigosos”, mesmo fazendo parte das claques, não colocaram o seu nome como sócios, evitando fornecer os seus dados. Desses adeptos, destacam-se os subgrupos nas claques de futebol portuguesas, particularmente os casuais (*casuals*), que estão identificados nos três grandes. Para controlar os seus comportamentos violentos, existe indicações para que quando um grupo de 50 ou mais indivíduos caminhe em conjunto em direção ao estádio, sem adereços alusivos a nenhum clube, sem entoar cânticos e que as entidades policiais não tenham informações sobre a sua existência, este é identificado como um grupo de casuais e é imediatamente intercetado pelas autoridades. Esta relação com os casuais, em que a polícia tem de estar a par do seu comportamento, também existe para todas as claques, legalizadas ou não. Para facilitar a comunicação entre as instituições a troca de informações surgiram os Oficiais de Ligação dos Adeptos, figuras indicadas pelos clubes, e aceites pelas autoridades, que servem de elo de ligação para salvaguardar a ordem pública e a segurança dos adeptos (Roseiro, 2017).

Em suma, salienta-se que algumas das claques terão chamado a si a missiva de defesa das cores dos seus clubes até às “últimas consequências, incorporando, assim, as

rivalidades hostis decorrentes das fortes desconfianças entre uns e outros, à medida que iam sendo produzidas pelos respetivos dirigentes e veiculadas pelos media” (Mário Viegas, 2009, p. 13). Quando as relações institucionais entre os clubes se marcaram pelo que Salomé Marivoet (*Ibidem*, p. 13) designa de solidariedades contingentes, também se assistiu a um idêntico procedimento por parte das respetivas claques. Porém, o desenvolvimento dos acontecimentos sugere que se assistiu à autonomia das hostilidades violentas entre algumas claques face aos desenvolvimentos dos campeonatos. Isto aconteceu por variados fatores, mas principalmente pela forma como a imprensa incitava as sensações negativas entre os diferentes clubes, agentes desportivos e grupos de adeptos, tendo em vista o sucesso comercial, mas também pela postura da oratória dos dirigentes desportivos que, implicitamente, incentiva à ação das claques de futebol, pois estas sentem-se no dever de defender as cores que representam e seguem aquilo que os seus líderes transmitem. A ação violenta não terá contribuído para o agravamento da quebra de cooperação entre os clubes, ainda que tais ações tenham vindo a ser aproveitadas pelos dirigentes nos sucessivos argumentos ora de ataque, ora de defesa na praça pública, com especial incidência na segunda metade da década de noventa (*Ibidem*, p. 13). Destacam-se três fatores para a diminuição de incidentes registados nos últimos anos e da dimensão da gravidade: sensibilização dos clubes junto dos grupos organizados de adeptos, mais e melhor formação dos *spotters* que acompanham o fenómeno, e a legalização de claques (Roseiro, 2017).

A faceta violenta dos ultras ainda persiste, como se fosse algo natural ao movimento em si, quando tem, na realidade variadas explicações de cariz sociológico, conforme se foi explorando ao longo deste desenvolvimento teórico sobre o movimento ultra em Portugal. Este permitiu depreender a realidade dos apoiantes de clubes de futebol que se juntam organizadamente para praticar o tal suporte às suas turmas. Será cientificamente interessante verificar na fase empírica de que forma é que, por exemplo, o processo da legalização das claques é percecionado pelos adeptos constituintes destes grupos. Salientamos, também, o papel desempenhado pelos media, e também a relação que os dirigentes desportivos estabelecem com as suas claques e como se posicionam no ponto de vista institucional publicamente.

iii) Os Super Dragões – reflexo do Movimento Ultra

Neste capítulo teórico será focada a forma como os Super Dragões representam o Movimento Ultra. Será feita primeiramente uma contextualização do clube que a claqué defende, tendo em conta a sua cidade, e, posteriormente, uma análise dessa relação. Perceber-se-á, então, a evolução do Futebol Clube do Porto desde o seu surgimento, em 1893, e como nessa evolução está integrada a relação com a segunda maior cidade portuguesa, particularmente como o apoio popular no Porto cresceu em relação ao clube, e nesse crescimento demográfico haverá uma concentração no surgimento do movimento ultra na cidade, especialmente relacionada com o Futebol Clube do Porto. Estando entendida a relação do futebol com a sociedade contemporânea, e compreendidas a origem e evolução do movimento ultra e das claques de futebol, é pertinente para este estudo perceber o estudo de caso em si. Para isso, contextualiza-se geograficamente, historicamente e socialmente o caso de estudo: os Super Dragões.

O Futebol Clube do Porto surge, originalmente, em 1893, com a ideia de um comerciante de Vinho do Porto, Nicolau de Almeida, que congeminou um *Foot-ball Club do Porto* no dia 28 de setembro desse ano. Contudo, haveria um período de calmaria por parte do clube, regressando à atividade em 1906 (Dias, p. 11) (Futebol Clube do Porto, s.d.). José Monteiro da Costa, depois de uma viagem a Londres em que conheceria mais a fundo o mundo do futebol, impulsionou uma popularização da modalidade no Porto que, até então já se praticava em Portugal, mas muito “em privado” (*Ibidem*, p. 10), reservado para as elites ou por colónias britânicas, por exemplo aquela pertencente à Fábrica Graham, da Boavista, e à porta fechada. A expansão do futebol na cidade portuense fez-se também pela mão de Monteiro da Costa, que com um grupo de amigos expôs a ideia da criação de um clube de futebol da cidade e adotaram a ideia que já tinha começado a ser construída. Com Monteiro da Costa começou a atividade desportiva de forma efetiva, não só no futebol, mas também atletismo, patinagem e natação. A capacidade financeira para o impulso primário veio de uma tertúlia a que o fundador pertencera, o Clube Recreativo “O Grupo Destino” (*Ibidem*, p. 12). Os “azuis e brancos” surgiam como uma instituição que representava a cidade do Porto, e essas eram as suas cores, adaptando as cores nacionais da altura, da monarquia.

O futebol em Portugal foi crescendo, principalmente em Lisboa, com cada vez mais adesão popular. Já no Porto existia a “Taça Monteiro da Costa” disputada pelas equipas da cidade, e com a ajuda do Leixões Sport Club surgiu a Associação de Futebol do Porto. As vitórias do Futebol Clube do Porto nos primórdios do futebol nacional e das primeiras competições do país iriam enfrentar a maior força financeira dos clubes de Lisboa que dominavam a cena futebolística nacional, o que cativou as gentes portuenses, como forma de confrontação à maior força que era a de Lisboa. Houve um “jejum” de títulos nacionais de 19 anos, desde 1959 até 1978. Ano que José Maria Pedroto assumiu a função de Treinador Principal da equipa de futebol e com Jorge Nuno Pinto da Costa como diretor do departamento de futebol, em que o FC Porto foi campeão nacional de futebol, que resultou numa explosão de alegria coletiva por parte da cidade, que, em forma de ritual, festejaram em conjunto, representando uma pertença territorial em grande dimensão.

Tudo isto foi aproveitado por Pedroto e Pinto da Costa, principalmente quando este foi eleito Presidente do clube. De forma a juntar os portuenses ao clube denominaram um inimigo comum: os clubes da capital e o centralismo. Algo significativo do incremento do apoio popular foi a evolução no que diz respeito aos recintos onde o FCP jogaria, enquanto visitado. Desde a década de 30 o Porto tem jogado no Campo da Constituição, agora património do clube, e em casas emprestadas (Futebol Clube do Porto, s.d.), estádios com poucos milhares de lugares. Em 1952, vinte anos depois de ter sido aceite a construção na Assembleia Nacional, foi inaugurado o Estádio das Antas, que chegou a albergar 70 000 pessoas, demonstrando bem o crescimento do clube, que despontou principalmente a partir da década de 80 do século XX.

Sobre a relação entre instituição e o local onde está sediada, na verdade, são vários os signos de identificação entre o clube e a cidade. O mais evidente é o próprio nome, Futebol Clube do Porto que é uma referência explícita à cidade onde está sedado. Outro signo bem demonstrativo da identificação com a cidade é o próprio emblema do clube. Até outubro de 1922, o emblema do Futebol Clube do Porto “tratava-se, apenas, de uma bola de futebol, de cor azul e com a posição das iniciais ‘F.C.P.’”. Nesta data, Augusto Baptista Ferreira, artista gráfico profissional e jogador do clube conhecido pelo nome de Simplício, sobrepôs ao emblema “as armas da cidade, rematadas por um Dragão e uma faixa onde se lê a palavra ‘Invicta’”. O atual emblema do clube “define, por si só, a íntima

conexão e o profundo entrosamento da coletividade do burgo a que foi buscar o nome.” (Magalhães e Dias, 1995 p. 37). Por sua vez, o próprio texto do hino do clube reporta-se também à relação do Futebol Clube do Porto com a cidade referindo: “Ó meu Porto onde a eterna mocidade diz à gente o que é ser nobre e leal. Teu pendão leva o escudo da cidade que na História deu o nome a Portugal”.

Remontemos aos dados quantitativos levantados por Sedas Nunes (2007), relativos a uma análise distributiva geograficamente dos adeptos dos três clubes tidos grandes em Portugal, através da oposição “nacional vs regional-local”. A presença de adeptos do FC Porto no Grande Porto é significativamente maior do que dos adeptos do Benfica e Sporting na Grande Lisboa. No entanto, também uma grande percentagem dos adeptos portistas é do Norte (*Ibidem*, p.65). Por isso, pode-se assumir que o FC Porto tem um forte significado para os adeptos de futebol no Norte do país, podendo dar força à tese de que a identidade regional e local tem peso no apoio ao clube, e a confrontação territorial de cariz cultural, histórico e, quiçá, político, com clubes por serem de outras regiões e cidades.

Como referido, o movimento Ultra em Portugal surgiu na segunda metade da década de 70, mas ganhou mais força na década seguinte, em simultâneo com o verdadeiro *boom* do Futebol Clube do Porto, enquanto uma das maiores instituições do Norte do país e das instituições portuguesas com maior nome no estrangeiro, que significaria um maior apoio demográfico e que, intersetando com o surgimento e evolução inicial do movimento ultra em Portugal, assomou-se um contexto favorável para se erguer uma claque organizada dentro do seio de adeptos do Futebol Clube do Porto.

Durante esta década muitos clubes da primeira divisão eram incentivados pelas suas respetivas claque, sendo que as equipas do Futebol Clube do Porto, do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal recebiam apoio de mais do que uma claque. Sublinhe-se, porém, que o surgimento de uma segunda claque se deveu, em alguns casos, a algumas divergências entretanto surgidas no seio dos grupos já estabelecidos, nomeadamente quanto à sua gestão financeira, estratégica e ações desenvolvidas. O mesmo se verificou com as claque que apoiavam o Futebol Clube do Porto.

A claque Super Dragões foi fundada por membros dissidentes da claque Dragões Azuis. Esta, fundada em 1982, sofreu um declínio que acabou por se tornar irreversível e foi conducente à sua extinção. De acordo com um testemunho presente no texto de Daniel

Seabra, de um dos fundadores dos Super Dragões: “A claque Dragões Azuis era forte e tinha muita gente. Mas começou a descontentar as pessoas derivado ao facto de ter passado de uma claque espontânea a uma claque organizada, cujo patrocínio de uma sapataria obrigava os seus membros a ter que usar pelo menos uma camisola e estar constantemente a fazer isto e aquilo e a liberdade claro... Já havia um Presidente que assegurava a direcção e não era muito transparente. Havia muito dinheiro envolvido e as deslocações eram oferecidas. Deixou de haver um ambiente daqueles que trabalhavam para a claque para ser tudo mais fácil. Se queriam bandeiras mandavam fazer, porque havia dinheiro para se mandar fazer. Não havia muito espírito de luta e de interesse pela claque.” (Seabra, 2009, p. 3). Ademais, o ambiente mais familiar e de ócio não era concordante dentro dos Dragões Azuis, com os membros mais jovens a quererem algo que fosse mais ao encontro daquilo que era o Movimento Ultra na sua perspetiva, principalmente após uma final da Taça das Taças frente à Juventus em 1984, em que se assistiria em primeira mão à maneira de estar Ultra italiana, pelas faixas, pelas tochas e postura dos ultras, e os membros mais velhos da claque não permitiam os jovens adotar essa forma de estar no estádio (Seabra, 2019, p. 94). A insatisfação de alguns membros com a menor dedicação de muitos no apoio ao clube foi conducente à formação de uma nova claque, surgindo, em 30 de Novembro de 1986, a claque Super Dragões. A génese da claque baseava-se em “apoiar o Futebol Clube do Porto, o nosso clube do coração. Fazer do futebol uma festa e nela participar dando todo o nosso apoio e todo o nosso amor.” (Seabra, 2009, p. 4).

Fazendo jus ao que era pretendido pelos dissidentes dos Dragões Azuis, a nova claque caracterizava-se pela “espontaneidade e voluntarismo dos membros do grupo nas actividades da claque e no apoio ao clube”, até porque, até então, os Super Dragões não eram apoiados financeiramente pelo clube, sendo que os recursos monetários nos primeiros anos provinham das inscrições enquanto sócios e da venda de adereços de guarda roupa alusivos à claque, e da venda de rifas (Seabra, 2019, pp. 95-97). Após este início mais complicado, a claque congregou em si membros mais fixos na atividade da claque, que permitiu crescer rapidamente a parte da década de 90 (*Ibidem*, p. 98), que levaria a erros semelhantes aos que eram apontados aos Dragões Azuis: patrocínios e ajuda financeira por parte do clube, que levou a que adeptos do clube se aproveitassem das benesses que esses apoios forneciam e inseriam-se nos locais da claque e não

demonstravam fisicamente o mesmo apoio que “50 ou 60 pessoas com 18 ou 19 anos em que o ambiente e o espírito estava lá” (*Ibidem*, p. 99). Para combater este problema perspectivado pelos puritanos foram impostas algumas medidas. Os adeptos que eram vistos como aqueles que se aproveitavam das condições que o Super Dragões usufruíam eram conhecidos como “cotas”, ou seja, esse tipo de adeptos era caracterizado pela sua idade, e, por isso, impôs-se limites de idades. Somado a essa medida imposta pela direção da claque, também o clube cortou nos descontos de acesso às Antas para o local onde estava a claque, e os financiamentos provindos dos patrocinadores também sofreram cortes, sendo, também, potenciados pela própria direção dos Super. Tudo isto acabaria por conduzir as pessoas que estariam “a mais” na curva a deixar de acompanhar o clube com a claque, ficando os mais motivados. Esse crescimento englobaria maior envolvimento violenta e com tendência para o hooliganismo, e isso está diretamente relacionado com a “chegada de novos membros que por vezes estavam organizados em núcleos adstritos a algumas zonas residenciais conotadas com alguma violência” – inclusive conflitos (furtos e confrontos físicos) dentro da claque (*Ibidem*, p. 101).

Esses conflitos dentro da própria claque, derivados, principalmente, de roubos por parte de grupos de 40 miúdos de 14/15 anos da Ribeira a outros membros da claque atingiram níveis descontrolados, somando-se a desacatos com outras claques de outras cidades, que denegriu a imagem do clube, conduzindo a uma maior desconexão do clube para com a claque. Conduziu, também, a uma tomada de posição pública por parte da direção da claque – a mudança da claque para a arquibancada, numa lógica de se afastarem dos membros que entravam na claque e provocavam conflito e desacatos dentro da claque e fora dela. Os Super Dragões passariam a estar na arquibancada, e na superior sul os que ficaram, passaram-se a denominar como “Ultras Porto”, sendo a sua génese os tal grupo da Ribeira, dos “membros menos desejados nos Super Dragões”, bastante numeroso e continuou a congregar aqueles cujo comportamento se enquadrava mais no Hooliganismo. O crescimento deste grupo passaria a ser apelativo a que cada vez mais pessoas aderissem, inclusive membros dos Super Dragões. Aliás, a ida para a arquibancada demonstrou-se pouco furtuita para a prática ultra, sendo pelo apoio vocal com mais obstáculos devido à distância dessa bancada, e também por não ter havido diminuição na violência nos furtos (*Ibidem*, p. 103). Os Super Dragões acabariam por se fundir com os Ultras Porto, entrando a claque numa outra fase de evolução, a partir da

segunda metade da década de 90 em que “a claque exhibe-se a bom nível no apoio à equipa, apresentando mesmo boas coreografias” (*Ibidem*, p. 106). Outra característica do progresso da claque é a questão comercial, em que se viu um *boom* nesse aspeto, com a venda de um variado tipo de *merchandising* e disponível não só a membros da claque, mas a qualquer pessoa, o que influenciou diretamente a questão financeira da claque, bem como a adesão à claque. Antes dessa progressão dos Super Dragões, um pequeno grupo de dissidentes mudaria-se para a Superior Norte, denominando-se enquanto “Colectivo Curva Norte”. Esta claque nascera provinda do momento mais complicado que se vivia na curva sul, pelos valores que, entendiam os dissidentes, estariam deturpados daquilo que o movimento ultra dita, bem como as cenas de violência entre membros da claque, de bairros sociais diferentes. Na última época que se jogaria no estádio das Antas, 2003/2004 este grupo juntou-se aos Super na superior sul, perspetivando essa necessidade imposta pelo clube para o Estádio do Dragão, o que também levou a que nomenclatura mudasse para “Colectivo Ultras 95”. Já no novo estádio, esta claque perdeu influência no nível organizacional, nos cânticos e nível de coreografia, correndo o risco de o grupo acabar e se juntar aos Super Dragões. Por isso mesmo, o Colectivo mudar-se-ia para o lado oposto, novamente o norte, desta vez do Dragão (*Ibidem*, pp. 107-112).

A nível de estrutura e organização, de acordo com Seabra (2019, p. 257-262) existe uma grande influência estrangeira, nomeadamente italiana, que conduz para a hierarquização rígida e profissional da claque. Originalmente a estrutura da claque estendia-se através de cinco departamentos: secretaria, onde eram registados os sócios; das viagens; de núcleos e convidados, em que se coordenava a ligação entre os núcleos e a aprovação de novos núcleos; financeiro, que geria todo o capital económico da claque; de material e espetáculos, responsável por preparar e coordenar o que vai ser empregue para coreografias. Transformações foram ocorrendo com as diferentes presidências, em que agora três dirigentes que se socorrem em mais elementos da claque que são capazes para determinadas tarefas. Aquilo que é abrangido pelos dirigentes e quem os ajuda engloba as coreografias, que não são criativamente restritas à direção da claque, mas sim a qualquer membro; gestão de página da internet e base de dados com os sócios da claque; as viagens, tanto nacionais, que são feitas normalmente de camionetas reservadas pela

claque¹, como internacionais que passam pela contratação de voos *charter* por parte da direção da claque, o que requer um nível organizacional alto. E também a venda de materiais e artigos para os elementos vestirem, bem como para venda exterior à claque. Existe um vasto leque de vestuário disponível para os seus membros onde o brasão da claque e o azul e branco são elementos predominantes, desde cachecóis, t-shirts, casacos, bonés, gorros, calções, calças de fato de treino. A venda destes produtos atingiu um nível bem lucrativo e que “configurou um estilo muito típico e uma moda” (*Ibidem*, p.263), passando a ver até um uso quotidiano por parte dos elementos da claque. Foi esta estratégia de venda de roupa que dinamizou financeiramente a claque e permitiu o crescimento desta mesma, apesar de haver alguma contestação dentro da claque pela vertente empresarial que esta tomara e que colocaria em causa o “amor à claque”, bem como pela banalização do uso do brasão da claque por quem a ela não pertence. Outra crítica advém do lucro derivado da venda de bilhetes, pois a cedência destes por parte do clube são mais baratos do que os disponibilizados para o resto dos adeptos, o que dá margem de lucro a quem os vende na claque, e daí surgem as dúvidas se o lucro provindo da venda de bilhetes vai para a claque ou é retirado individualmente, e esse ato é mais condenado quando o destino dos bilhetes é para espetadores normais. Porém, existe sempre o verso da moeda, e neste caso no verso da moeda está a imagem construída através de duas ideias: os membros trabalham bastante pela claque, por isso têm o direito de ficar com algum lucro para eles; e o dinheiro que fica para a claque é utilizado para tudo que foi supramencionado, até devido à dimensão que o grupo atingiu é preciso gente a tempo inteiro a trabalhar para que a claque funcione de forma organizada, e merecem uma contrapartida, mas também para ajudar outros membros com dificuldades. A claque tem a sua sede, onde guarda material, onde são feitas reuniões entre os dirigentes e líderes de núcleos, e onde se vende peças de vestuário e bilhetes, e também é local de convívio e sociabilidade entre os membros. Essa sede situa-se numa urbanização junto ao estádio do Dragão (*Ibidem*, p. 319)

Um dos lemas da claque é o “Orgulho Em Ser Tripeiro”. Com base neste lema, os Super Dragões transportam esse mote e sentimento nas deslocações em jogos fora, com

¹ A claque costumava, até, fazer viagens para Lisboa. Contudo, devido aos danos que os seus elementos causavam, a direção da claque viu-se a pagar cauções elevadas à empresa de comboios. Haveria, também, uma empresa específica que os Super Dragões utilizavam para realizar as viagens de camioneta, mas devido a abusos aos motoristas e aos danos nas viaturas passou-se a alternar nas empresas.

peças de vestuário e bandeiras com frases e desenhos alusivos à cidade, e também através de coreografias (painéis representativos da linha do horizonte da zona ribeirinha da cidade e ainda representações do Rio Douro com os seus barcos rabelos são disso o melhor exemplo). Os cânticos entoados são também demonstrativos quanto à ligação da claque à cidade (Seabra, 2009, p. 9). Camilo Toro, sociólogo argentino, realça a importância do clube enquanto representante da cidade: *“El hincha se siente orgulloso de pertenecer a una tribu local o nacional que tiene en el equipo a su emblema activo y viajero, en misión diplomática y de conquista. En ese sentido se trata de un ente político que delega en el equipo se representatividad y su honor. El equipo encarna a la comunidad de individuos – un barrio ; un pueblo, una ciudad, un país – a la que proporciona o resta prestigio con sus victorias o sus derrotas. Esa afiliación lo conduce a manifestarse en plural, sintiéndose participe indivisible de las consecuencias de lo ocurrido en el terreno”* (Seabra, 2009, p. 10, citando Toro, 1996, p. 108). É referido por Seabra que a “territorialidade encontra-se também implicada na defesa da honra da claque, do clube e da cidade” (2019, p. 433). Este sentimento de pertença local faz com que as viagens a locais fora do Porto sejam tidas como invasões, podendo-se entender os atos de vandalismo como ações propositadas para deixar marcas visíveis no território adversário, que faz com que as claques adversárias se sintam ofendidas, ripostando, e assim a violência é continuamente gerada. É pertinente reiterar a importância da rivalidade Futebol Clube do Porto vs Benfica e relacioná-la com a questão da territorialidade nas claques de futebol. A rivalidade entre clubes, e consequentemente entre claques, é fundamental para a identidade dos membros dos grupos, e uma rivalidade como esta, que envolve parâmetros sociais, económicos e políticos, ainda mais preponderância tem. Havendo muitos portuenses que se queixam da discriminação negativa de que a cidade do Porto e o Norte são alvos relativamente a Lisboa, esse sentimento é transportado para a claque e para o apoio ao Futebol Clube do Porto e depreciação dos clubes de Lisboa (*Ibidem*, p. 419)

Esta simbiose entre o clube e a cidade está, de facto, muito presente nos diversos discursos dos elementos da claque e tal é muito importante para a claque como coletivo e para os seus membros em particular, pois estes inserem-se de forma muito particular no contexto urbano e social da cidade do Porto. A proveniência residencial dos elementos que compõem os Super Dragões permite constatar a pertinência dos chamados núcleos.

Estes são subgrupos da claque que não deixam de refletir a presença de grupos de vizinhança adstritos a determinadas áreas residenciais da cidade do Porto. Surgem, por isso, faixas que marcam a presença de núcleos. Estes são projeções de diversos territórios urbanos, o que denota que a claque se insere no tecido socio-urbano, constituindo-se, por isso, e na perspectiva de Bromberger, como um esquema simbólico da cidade (Seabra, 2009, p. 10, citando, Bromberger, 1995, p. 12).

A vida dum membro dos Super Dragões prende-se a uma doxa e a um guião comportamental que une os membros da claque, que quando não respeitados os ultras são vistos como desviantes daquilo que deve ser seguido e são perspetivados de forma negativa pelos restantes membros. Ser Super Dragão implica a assunção de atitudes e comportamentos, bem como o respeito por um conjunto de normas e valores que, apesar de não se encontrarem formalizados num regulamento ou em estatutos, têm em vista um apoio colectivo e organizado ao Futebol Clube do Porto. Do texto de Seabra retiramos algumas passagens que realçam à vista são alguns testemunhos por membros da claque que demonstram o estado espírito Ultra quanto ao clube e à claque. Exemplo duma passagem: “É uma manifestação do meu espírito. É lá que consigo alimentar a minha vida e o meu ego. É o Futebol Clube do Porto”. E outro em que o sentimento para o clube equipara-se ao dum membro familiar, e até serve como substituição da família: “Não tenho pais. E então a única coisa que me podia substituir o amor do Porto eram os meus pais. Os meus pais são o Futebol Clube do Porto.” Outro refere: “Acabando o Porto acho que caio numa favela. Há muita gente que pode criticar e como eu há muita gente a pensar assim. Nós nascemos para isto. Nós morremos por isto. Nós perdemos empregos por causa do clube. Roubamos por causa do clube pra ter dinheiro para o futebol.” (Seabra, 2009, pp. 5-6)

Outro lema da claque é “Sempre Presentes”, que é verificado pela assiduidade dos membros. É através duma postura de militância regular, coadunada com a condição Ultra que os membros de uma claque deverão assumir, que permite que a claque Super Dragões também se enquadre no movimento Ultra, pois um ultra deverá dedicar a sua vida ao clube e ao grupo onde se integra, vivendo assim para o futebol (*Ibidem*, p. 6), praticando vários sacrifícios profissionais, familiares e financeiros são feitos.

Outros princípios a serem respeitados por todos são a solidariedade e união entre todos os Ultras pertencentes aos Super Dragões. Todos os elementos sabem que os outros

esperam dele fidelidade e uma participação dinâmica no apoio à equipa, sob pena de perda de prestígio pessoal. A participação muito ativa é solicitada a todos os membros, não apenas no desempenho apresentado no estádio aquando da partida, mas também em todas as fases da preparação da mesma, nomeadamente a preparação das coreografias e dos materiais da claque ou mesmo na organização das viagens. Tal implica, muitas vezes, “passar noites e tardes a fazer uma coreografia que demora uma semana a fazer e anda-se todo roto durante uma semana.” (*Ibidem*, p. 7). Dever de solidariedade como valor fundamental da claque implica também o silêncio sobre aspetos eventualmente comprometedores do grupo ou de algum dos seus membros, podendo estes desmentir a impressão que a claque procura causar através do seu desempenho. Mas é perante eventuais ameaças perpetradas por adeptos adversários que a solidariedade assume uma importância fulcral no grupo. Uma ameaça ou ataque a um membro da claque deve ser interpretado como um ataque a todo o grupo e requer, portanto, uma resposta por parte de todos. Compreende-se que a fuga de qualquer membro da claque perante situações de confronto com adversários seja fortemente criticada pelos outros membros envolvidos nas mesmas. Trata-se de um comportamento que não respeita a solidariedade, espírito de grupo e de grande família exigido a todos. Aqueles que não defenderem os seus companheiros serão sempre acusados de cobardia e falta de solidariedade para com o grupo (*Ibidem*, p. 8).

Sobre as características sociodemográficas da claque, para além da prevalência de membros do sexo masculino, cerca de 75% dos elementos da claque têm idades situadas entre os 15 e os 29 anos e fica, assim, patente que os Super Dragões são sobretudo compostos por jovens do sexo masculino. No que ao lugar social e profissional diz respeito, cerca de 34% dos membros do grupo são estudantes, ainda que se constatare que todas as classes sociais estejam representadas, os dados denotam uma prevalência de jovens oriundos da classe trabalhadora. (Seabra, 2009, pp. 4-5)

Numa perspetiva mais abrangente ao nível do objeto de estudo, mas tendo em conta uma correlação de variáveis mais específica, iremos perceber como a violência provinda das claques de futebol portuenses, onde se incluem os Super Dragões, está relacionada com as classes sociais. Seabra refere “Das múltiplas pesquisas efetuadas até hoje no contexto europeu sobre o hooliganismo e sobre violência levada a cabo pelas claques, a classe social emerge como uma das principais variáveis explicativas

analisadas” (2012, p. 5). Começamos pelo estudo de Sedas Nunes (2007), mais especificamente quando o investigador mostra dados quantitativos face à pertença classista dos adeptos dos três clubes com maior dimensão no panorama futebolístico português. Os adeptos do Futebol Clube do Porto são maioritariamente representados na classe dos Empregados Executantes, seguidos depois pelos operários (*Ibidem*, p.65).

Os clubes sofreram um processo de aburguesamento resultante da progressiva capitalização, profissionalização e burocratização do futebol. Na sequência desta transformação, a direção dos clubes passou a estar a cargo das elites e da burguesia. (Seabra, 2012, p.5, citando Taylor, 1971). Este processo transformou o futebol numa indústria de lazer, e os clubes foram perdendo a sua ligação às comunidades trabalhadoras locais, as quais emblemavam e representavam (*Ibidem*, p. 6). Uma classe social pode, pois, ser definida como um “conjunto não institucionalizado de indivíduos que manifestam características económicas e culturais comuns, bem como comportamentos comparáveis, por oposição a castas, estados e ordens definidas por transmissão hereditária” (*Ibidem*, p.6, citando Ansart, 1999, p. 78) e, para além disso, “o futebol mobiliza como nenhuma outra atividade três componentes axiais das culturas populares: localismo, familismo e sociabilidade direta” (Lopes, Louçã, & Ferro, 2017, p. 171). Os dados estatísticos retirados do estudo que de Daniel Seabra indicam-nos que, dos membros que compõem as claques portuenses, 42,5% dos elementos das claques portuenses pertencem à classe trabalhadora e que 28% da população das claques portuenses são estudantes. Sendo certo que os dados denotam uma maior participação regular em situações de violência por parte dos membros das claques portuenses pertencentes à classe trabalhadora, eles não deixam também de evidenciar que o envolvimento em tais situações está longe de se confinar a esta classe. O futebol, sendo um jogo, implica a disputa pela vitória, sendo, por isso, gerador de tensão. Para além disso, é disputado numa unidade de espaço/tempo/ação específica e diferente do quotidiano, que institui também outra ordem. Constitui, por isso, um contexto favorável à libertação de tensões, não apenas as que emergem do próprio jogo, mas também aquelas que decorrem do quotidiano. Esta pode, por isso, resultar de um conjunto de variáveis que estão muito para além de uma mera relação causal decorrente da classe social dos membros que compõem as claques de futebol (2012, p.12).

A cidade do Porto tem mais de 50 bairros sociais, que “foram construídos como resposta política à falta de habitação condigna e à incapacidade da população menos favorecida para a conseguir pelos meios financeiros de que dispunha e aos preços de mercado” (Seabra, 2019, p. 162). O aspeto arquitetónico, pela forma como os prédios estão distribuídos, em blocos, especificam os bairros de conotação mais pobre; as vias rodoviárias que servem como delimitações, e a infeliz degradação das infraestruturas, derivada dos atos de vandalismo, e decorrentes de divergências de natureza económica subterrânea (*Ibidem*, pp. 163-164), que acabam por afastar o dinamismo económico e o investimento camarário e estatal, permitindo que a pobreza e necessidade sociológica de decorrer à violência cresçam. Nestes residem um número considerável dos membros da claque, sendo estes bairros representados por núcleos da claque, tal como foi referido. Famílias disfuncionais, convivência com violência doméstica decorrente de uma masculinidade hegemónica e que se impõe pelo recurso à violência, socialização entre o grupo de pares onde está também presente ou ainda o envolvimento quotidiano em atividades de delinquência e/ou vandalismo, concorrem para a interiorização de um alto padrão de tolerância à violência e ainda para a formação do já aludido *habitus* incorporado onde a violência está também presente. De forma mais objetiva, conforme foi referido, os desacatos dentro da claque eram atribuídos aos elementos de bairros sociais onde predomina as classes mais baixas, com destaque dado à Ribeira, com base nos problemas que o grupo sofreu em meados da década de 90 (Seabra, 2019, p. 103). “A experiência quotidiana de residir há bastantes anos num grande bairro” (*Ibidem*, p. 162) faz com que os seus comportamentos se reproduzam no futebol, em que as condições são mais favoráveis devido à imensidão de pessoas. Algumas rivalidades entre núcleos da claque estará relacionada com alguns problemas entre bairros sociais, que “não se confinam a pequenos conflitos e atingem mesmo o nível da delinquência”, em que habitantes dum bairro roubam habitantes doutro, e “este antagonismo entre os jovens habitantes de bairros sociais/zonas do Porto acaba por se repercutir no seio das clagues” (*Ibidem*, p. 174). À pertença a um bairro social estão inerentes as condições de vida e as relações sociais que conduzem a uma socialização direcionada para a violência e ao roubo e outros comportamentos desviantes. De referir que “alguns dos jovens relegados para estes espaços periféricos e sujeitos aos constrangimentos de uma configuração social predisponente para a marginalidade e delinquência, bem como à estigmatização e

classificação pejorativa daí decorrente, assumem por vezes a identidade negativa que lhes é atribuída, enfatizando a sua pertença a um lugar conotado com violência”, procurando intimidar os outros, e tudo isto é reproduzido nas rivalidades entre os núcleos correspondentes a zonas acima descritas. Ou seja, pode-se concluir que não é o fator grupo que conduz os indivíduos a agirem de forma socialmente negativa, mas sim o seu contexto socializador. Com efeito, são muitos os membros da claque em estudo que reconhecem ser esta a principal razão para a participação regular na violência e até para os roubos que são levados a cabo. Nas conclusões do seu estudo, Daniel Seabra refere que os membros provindos de bairros sociais, em que os seus habitantes são tidos como fatores de atos delinquentes, têm nos seus discursos, quando na claque, uma confirmação do envolvimento nesse tipo de atividades. Para além disso, também a “alta tolerância à violência, bem como um processo de socialização débil (...) e ainda o recurso a “economias marginais” derivadas de poucos recursos monetários e fraco capital escolar. O autor conclui: “as claques são, então, um campo social facilitador da reprodução e exacerbação de tais condutas, sendo tal ainda mais favorecido pelo anonimato – ou ilusão do mesmo - resultante da inserção num grupo numeroso.” (2019, p. 428).

Em suma, o grande crescimento do clube coincide com o surgimento do movimento ultra em Portugal, ou seja, o incremento da aderência à causa portista por parte das pessoas surgiu aquando do nascimento de várias claques no futebol português, sendo assim um contexto favorável para o surgimento das claques do Futebol Clube do Porto, primeiro os Dragões Azuis, em 1982, e, quatro anos mais tarde os Super Dragões. Estes baseiam-se na lealdade, assiduidade, solidariedade entre membros e orgulho na cidade. A nível sociodemográfico, o estudo que nos baseamos (Seabra, *Elementos constitutivos da identidade da claque*, 2009) indica-nos que a claque é constituída, na sua maioria, por jovens do sexo masculino e estudantes, e a classe social mais presente é a classe trabalhadora. Os vários bairros sociais da cidade que apresentam vários problemas, como a delinquência, crime, tráfico de droga, estão representados na claque através da distribuição por núcleos, e o facto de a maior parte da claque habitar nesses bairros é das principais explicações para os atos violentos por parte dos membros, pois estes estão familiarizados com atos violentos e criminosos

Capítulo II- Estrutura metodológica da investigação

i) Objeto, objetivos e questões de partida

O objeto de estudo é a claque Super Dragões enquanto um caso do movimento Ultra, em que se pretende estudar a maior claque do Futebol Clube do Porto e, a partir dessa investigação de caso, entender o movimento ultra. O estudo centra-se na forma como os indivíduos se comportam em grupos sociais e se relacionam entre si num contexto de competição desportiva, que envolve o sentimento de pertença grupal e de identidade territorial. O movimento ultra compreende várias particularidades da vida em sociedade e das dinâmicas de indivíduos e é cientificamente interessante perceber como a claque dos Super Dragões incorpora os princípios e formas de comportamento e de relações do fenómeno social em estudo. A pertinência sociológica e científica surge com a relevância que o futebol tem a nível social, e como está presente no quotidiano dos indivíduos, estando presente de forma extrema no público-alvo deste estudo: os adeptos ultras. E, assim, é interessante perceber como uma modalidade desportiva ganhou tanta preponderância social, económica e política através do entendimento do Movimento Ultra, através dos Super Dragões.

Nesta investigação pretendemos responder às seguintes questões centrais e de partida: *Como é que os Super Dragões reproduzem o Movimento Ultra? O que conduz os indivíduos a pertencerem a comportarem-se como membros duma claque “Ultra”?*

Por sua vez, os objetivos vão de acordo com aquilo que é pretendido no estudo do objeto, e as respostas que pretendemos dar às nossas questões de partida:

1- Entender o Movimento Ultra

- a) Conhecer a história e a evolução do movimento;
- b) Construir um quadro de conduta e de princípios dos adeptos ultras;
- c) Apreciar a relação das claque de futebol com a sociedade;

2- Compreender os comportamentos dos Ultras

- a) Interpretar as interações;
- b) Perceber as diferenças comportamentais e relacionais dos indivíduos nos diferentes contextos (dentro e fora da claque);

- c) Medir a influência do Estado, a Polícia e os Media nos comportamentos dos indivíduos afiliados a claques de futebol.

3- Conhecer os Super Dragões

- a) Relacionar o comportamento da claque com os acontecimentos do jogo;
- b) Perceber a estrutura e organização da claque;
- c) Entender as motivações para apoiar o clube de através da claque;
- d) Constatar a existência de identidade territorial.

ii) Modelo de análise

Iremos, nesta fase, operacionalizar os conceitos chave englobadores dos contributos teóricos, ou seja, aquilo que foi retirado bibliograficamente será esquematizado, de forma a ser uma ponte entre a margem teórica e a margem empírica desta dissertação, construída com base nos objetivos que foram estabelecidos para a dissertação. O modelo de análise entende-se enquanto “um conjunto estruturado e coerente, composto por conceitos e hipóteses articulados entre si” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 121), em que se permite construir indicadores, “manifestações objetivamente observáveis e mensuráveis das dimensões do conceito” (*Ibidem*, p. 122).

O modelo de análise parte do Movimento Ultra enquanto conceito-chave, e é desmontado nas dimensões: através dos princípios e regras, motivações, comportamentos e relações e a estrutura dos Super Dragões. E estas são exploradas, pelos indicadores que permite que sejam observadas e estudadas.

Através do esquema em baixo, apresentam-se, então, as dimensões e os indicadores do modelo de análise:

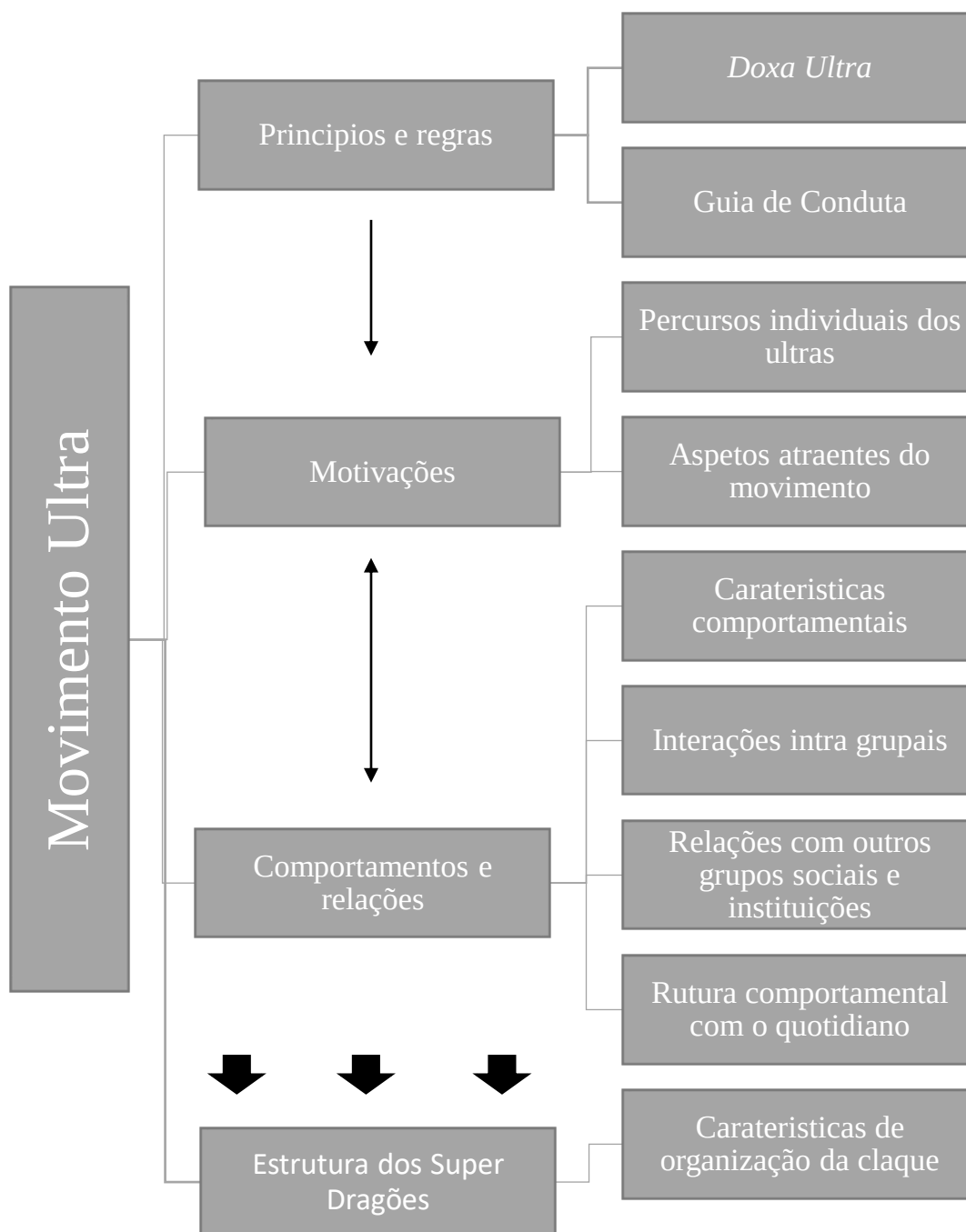


Figura 1- Esquema de modelo de análise

iii) Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação

Tendo em conta o trabalho investigativo em causa, a metodologia escolhida é a de cariz qualitativo. Sendo um dos principais objetivos desta investigação a compreensão do movimento através das motivações dos atores sociais, a abordagem mais apropriada é aquela que permite apreciar interpretativamente de forma mais abrangente e não tão centrada naquilo que as estatísticas significam. Dentro do método qualitativo, as técnicas escolhidas foram a entrevista e a observação direta.

Segundo a socióloga brasileira Teresa Haguette (1987), “a entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através dum roteiro da entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos” (Haguette, 1987, p. 86)

A entrevista, enquanto técnica, compreende um conjunto de métodos que se caracterizam “por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores.” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 193). O entrevistador procura, através dos depoimentos do interlocutor, retirar as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas expressões”, e, “através das suas perguntas, o investigador facilita essa expressão” e evita que haja um afastamento dos objetivos da investigação. Posteriormente à recolha dos depoimentos dos entrevistados, “o conteúdo da entrevista será objeto de uma análise de conteúdo sistemática, destinada a testar as hipóteses de trabalho” (*Ibidem*, p. 193). Retira-se, talqualmente, o que os autores acima referenciados aludem quanto à entrevista semidiretiva: “não é nem inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas”, porém, existem algumas questões basilares que servem de estrutura para a entrevista e, por isso, devem ser respondidas - as denominadas pelo autor como “perguntas-guias”. Sendo que o entrevistador tem uma série de tópicos sobre o tema em estudo, que serão abordados ao longo da entrevista, mas sem uma ordem pré-estabelecida, as perguntas são feitas de acordo com o desenrolar da entrevista (*Ibidem*, p. 193). Esta técnica permite entender o sentido que os atores dão às suas práticas, através dos sistemas de valores e das suas interpretações de situações conflituosas. Permite, também, entender um problema, seja

pelos pontos de vista, ou pelos sistemas de relação ou o funcionamento de uma organização. (*Ibidem*, p. 194)

É necessário atentar ao contexto da situação da entrevista e para a situação que o entrevistado atravessa, uma vez que “as entrevistas representam situações psicológicas novas para o entrevistado”, e, por isso, não sabe as intenções do entrevistador e nem sabe como se comportar, nomeadamente quando a entrevista é realizada com o intuito do investigador entender as dinâmicas e a forma como uma organização funciona (Haguet, 1987, pp. 90-91). Aliás, como complementa Peretz, ao referir que “as respostas constituem geralmente: ou sínteses generalizadas, ou generalizações dos comportamentos e atitudes”. O entrevistado faz, assim, uma espécie de divulgação pessoal suscitada pela pergunta, generalizando a sua experiência e apresenta como que um resumo do seu comportamento. Face a esta situação o investigador pode suscitar uma resposta mais precisa. (Peretz, 1998, p. 23).

As entrevistas neste trabalho serão realizadas tendo em conta o *background* individual dos entrevistados, com intuito de entender como a sua evolução pessoal influencia a afinidade clubística, a afiliação ao movimento Ultra, e no caso dos interlocutores que são representantes da imprensa e da polícia intenta-se perceber a forma como pensam os membros de claques de futebol nos seus desempenhos profissionais. No caso das entrevistas para os adeptos parte-se para o entendimento da forma como a claque funciona, e como os membros se identificam com a claque e com o movimento em que esta se insere, pedindo a uma reflexão crítica sobre o tema.

Uma vez que atualmente o mundo tecnológico e virtual desempenha uma grande função para o estabelecimento das dinâmicas relacionais e interações, sejam elas de cariz social ou económico-comercial, numa investigação sociológica emerge a capacidade de analisar e verificar como as redes sociais e fontes abertas expõem a instituição ou empresa. Neste caso as várias páginas oficiais de diferentes redes sociais e outros sítios online serão analisadas, pretendendo-se compreender como se organiza, de que forma apresenta o grupo, a dimensão demográfica e qual a função e utilidade que são dadas a essas fontes abertas por parte da claque.

A análise de conteúdo é uma técnica utilizada nesta investigação, sendo adaptada a esta mesma através da análise inicialmente temática e posteriormente interpretativa ao nível sociológico dos cânticos da claque. De acordo com A. A. Moles, o seu objetivo

específico será captar na “torrente das mensagens saídas de uma sociedade humana — ou dos indivíduos —, transmitidas ou conservadas pelos media, uma certa quantidade de elementos suficientemente constantes, evidentes e homogêneos para se estabelecer um inventário. Cada um dos elementos encontrar-se-á, pois, ligado a um índice de frequência ou de importância e colocado numa ordenação, segundo uma lei, tornando-se acessível, pelo menos em princípio, ao observador” (1967, p. 33).

Ainda relativamente à análise dos cânticos, convém atentar à “escolha de termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do discurso e o seu desenvolvimento” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 224). Entre as variantes que os autores Quivy e Campenhoudt explicitam, aquela que incide nesta análise é a análise avaliativa, pois esta “incide sobre os juízos formados pelo locutor”, bem como a sua frequência, a direção dos juízos e a sua intensidade (*Ibidem*, p. 226).

Capítulo III- Tratamento, análise, descrição e interpretação dos dados empíricos

i) Apresentação dos dados

a) *Cânticos dos Super Dragões*

Nesta fase metodológica proceder-se-á a uma análise de conteúdo de alguns cânticos dos Super Dragões, com o objetivo de entender os seus significados à luz da interpretação sociológica, e as coerências entre aquilo que é entoado em coletivo com o que é retirado das entrevistas. Esta análise é feita tendo o suporte teórico de Gary Armstrong e Malcom Young (2009) com o seu estudo sobre os cânticos dos adeptos de futebol. Para facilitar este processo, os cânticos estão distribuídos numa grelha de análise em anexo que compreende as letras em temas que caracterizam o cancionero da claque: o amor ao clube, a territorialidade, o enaltecimento da claque e o enegrecimento do outro.

De referir que se toma aquilo que os cânticos nos transmitem como o verdadeiro discurso institucional da claque de futebol. Os indivíduos estando juntos e procurando, cada um, afirmar a sua identidade e procurando fugir daquilo que é socialmente exigido deles, encontram na claque de futebol, neste caso nos Super Dragões, uma versão deles próprios que noutro contexto não seria possível ser. Vemos as pessoas agirem não de forma muito racional, transmitindo, através dos gestos e linguagem, mensagens que, em simultâneo, são puras, pois, como referido, estão despidas de constrangimentos sociais, e também são enviesadas pelo contexto em que estão inseridos. Contexto esse que acaba por ser resultado de vários contextos sociais diferentes, pois nem todos os indivíduos advêm de bairros sociais que induzem uma socialização que acaba por conduzir a uma aceitação fácil da violência. Ou seja, o contexto - claque de futebol - permite que indivíduos de variadas origens sociais se dispam de algumas pressões sociais e encontram nesse grupo social uma forma, não só de fugir dos problemas e questões quotidianas, mas também uma forma de se desoprimirem, direcionando aquilo que lhes mais afeta para o futebol, como se fosse o seu ópio, como se fosse uma substância que lhes confere a satisfação e alívio, tornando-se dependentes dessa substância, que neste caso é o apoio ao seu clube. Analogia esta que é interessante tendo em conta a relação do consumo de substâncias que fazem o indivíduo tornar-se dependente delas nos momentos antes e

durante o jogo, como o álcool, o haxixe e marijuana e o tabaco, o futebol, que é uma forma dos indivíduos se alienarem das questões quotidianas, propicia o consumo a substâncias, cuja explicação sociológica remonta também para essa função. Os cânticos representam a amálgama constituidora duma claqué de futebol: uma pureza comportamental ambígua, condicionada pelo contexto dum grupo caracterizado pela desconexão societal.

Como referido, os autores apresentam-nos algumas características de cânticos de futebol: estão recheados de paixão e amor; existem conjuntos coexistentes e paralelos de ódios; demonstração feroz de identidade cultural; compromisso emocional para com eventos que, em outras circunstâncias, seriam risíveis ou ridículos (*Ibidem*, p. 173). Segundo os autores existem cânticos para a própria equipa, cânticos para os adversários e para as figuras de autoridade.

Todos estes aspetos serão tomados em conta na análise de alguns cânticos que os Super Dragões entoam, em que se pretende encontrar nos versos paralelismos com aquilo que os autores referem, bem como destacar outros dados teóricos provindos deste caso específico.

Sobre a forma como o amor ao clube é demonstrado nos cânticos é recorrente o uso de palavras que representam algum apoio parabolicamente extremado, através de versos como “*E quando entras em campo, eu dou a vida por ti*”, ou, “*Segunda a Sexta, não saio de casa, nem vontade tenho de comer, mas quando chega o fim de semana, o meu coração volta a bater, o Porto é a razão do meu viver*”, e também “*Tu estás no meu coração, sigote ate a morte, tu és a minha paixão* – Está presente a ideia de extremo apoio ao clube, e também o compromisso de solidariedade e assiduidade independentemente do momento, seja ele de vitória ou derrota. Estes versos de diferentes cânticos demonstram a forma como os indivíduos, não só se sentem em relação ao clube, mas também como essa postura tem influência na sua vida. Claro que a palavra de dedicação fatal ao clube não implica um sentido literal e que realmente os indivíduos pretendem morrer pelo clube, assumimos as letras dos cânticos pelo sentido eufemístico. Mas é sempre passível de interpretação conclusiva de que, efetivamente, os cânticos representam o modo de estar dos indivíduos no seu quotidiano tendo em conta aquilo que cantam. Ora, estando um grupo alargado de pessoas a afirmar que o Porto é a sua razão de viver, mesmo sendo uma

hipérbole, é bem possível que desse grupo que vive a instituição vivamente e o grupo social em questão, adaptando as suas práticas e relações sociais, tendo em conta a mensagem que esses versos transmite, conclui-se que existe, de facto, uma coerência entre o discurso da claque e a conduta dos indivíduos, não só nos momentos em que estão reunidos a propósito dos jogos, mas mesmo no quotidiano de cada um, em que o próximo jogo do FC Porto é esperado ansiosamente. Ou seja, os cânticos da claque que demonstram a sua devoção e um sentimento parabólico de morrer pelo clube, leva-nos a concluir que o pensamento incidido no F.C Porto e no jogo que aí vem tem grande presença no quotidiano dos indivíduos, não necessariamente que deixam de fazer o que costumam fazer, mas simplesmente que o fazem tendo o pensamento no próximo jogo do seu clube, como forma de aliviar o *stress* indesejado e como recompensa para o seu esforço durante a semana. “*Mais e mais amor, que amor tão louco, cada dia eu te quero mais, meu grande Porto*” e “*Força Grande Porto, estou apaixonado, contigo eu vou a todo lado*” são dois exemplos da lógica de que os cânticos são uma forma dos adeptos fazerem dedicações públicas de amor ao clube, como se fosse uma serenata a uma donzela que os estudantes de Coimbra faziam (e fazem). Esta analogia é feita tendo em conta alguns aspetos sociais: é socialmente aceitável, já há vários séculos, os homens demonstrarem o seu amor às mulheres através de poesia ou cantigas, e essa prática, de alguma forma machista, é reproduzida no contexto de claque, em que os indivíduos aplicam essas dinâmicas sendo o destinatário o clube que apoiam, só que em vez do objetivo ser, passe a expressão, roubar um beijo à donzela, seria a vitória do seu clube. “*Visto de azul e branco, desde o dia que eu nasci*”, este verso demonstra o quão enraizado está o sentimento perante o clube, como se fosse predestinado, ou outra interpretação que se cinge à questão de passagem de testemunho geracional duma família portuense. Ao entoar que são adeptos do Futebol Clube do Porto desde a infância, a mensagem que é passada é a de que os indivíduos do grupo têm todos a mesma origem, apesar de serem de famílias diferentes, locais diferentes e mesmo de contextos diferentes, mas num grupo em que se pretende partilhar alguns dos mesmos valores e princípios, ter em comum a mesma origem que leva ao mesmo objetivo e em seguirem o mesmo quadro axiológico permite construir identidade grupal e relacional.

Outra questão que é tomada em conta aquando da análise dos cânticos da claque é a da territorialidade, isto é, como é que a pertença territorial é demonstrada através do discurso da claque?

“*Somos nós! (Clap! Clap!)*, o orgulho da Invicta somos nós”, “*Tripeiro eu Sou, e tenho o Porto no meu coração*”, “*Orgulho tripeiro, raça de dragão*” – são excertos de três cânticos diferentes que apontam, todos, para a questão referida da territorialidade. Isso é perceptível através da utilização da apelação apreciativa da cidade, valorizando desde logo o facto de serem portuenses, “Invicta” e “tripeiro” – adjetivos, o primeiro sobre a cidade e a sua magnitude simbólica relacionada para a sua força, e o outro sobre a população da cidade que a caracteriza como forte, autónoma e solidária – a claque estabelece, desde logo, relação entre o clube, a cidade e as suas gentes. A utilização do termo “raça” é nitidamente representativa da forma como os adeptos portistas que são portuenses relacionam o clube com a cidade, estando historicamente conotado com as conceções do que é ser “tripeiro” (“fazer tripas o coração”) e viver numa cidade “invicta”. Para além disto, também se retira algo recorrente no cancionário dos Super Dragões: a exigência em ser o melhor; quando afirmam que são o orgulho da invicta, ou seja, a primazia em qualquer tipo de competição é algo que é exigido pelos ultras portistas, conforme se vai verificar ao longo desta análise.

Outro tema que é explorado é o próprio enaltecimento da claque em si, quando a claque adota o conceito de *ego tripping*². “*Nós Somos os Ultras, os Super Dragões. Fodemos lagartos, também lampiões. Nós vamos ao sul, no name humilhar*” – Estes versos pertencem ao hino da claque, em que se apresentam como ultras para começar, e logo de seguida mostram o carácter informal característico duma claque de futebol através da utilização de calão. Para além disso, como foi supramencionado, a claque exige do seu clube e equipa que superem os adversários, principalmente os seus rivais, que vai ao encontro da ideia apresentada nestes versos, de superioridade relativamente a esses mesmos, sempre com relação geográfica e territorial, que por sua vez, indica a sua questão identitária. Ou seja, estes elementos apresentam a claque, conforme é suposto um hino de uma instituição ou entidade fazer. “*Sou, Super Dragão eu sou. A todo o lado eu vou, só*”)

² Termo relativo a uma categoria temática da música rap que se baseia na auto vanglória. De acordo com o Dicionário Collins da língua inglesa: “*something undertaken to boost or draw attention to a person's own image or appraisal of himself or herself*” (Significado de "ego trip"/ Collins Dictionary , 2019)

também um alvo, através da sua principal claque, a Juventude Leonina, demonstrando que apesar de haver rivalidade entre os clubes, não se assemelha à rivalidade com o outro “grande” de Lisboa *pra te ver ganhar*” – outro cântico que apresenta a claque, desta feita remontando para dois aspetos: o compromisso e solidariedade para com o clube, pois o “ser Super Dragão” é caracterizado pelo acompanhamento constante, bem como, novamente, pela exigência e as altas expectativas depositadas na equipa. Este último aspeto estará relacionado pelo que já foi explorado quanto à forma como o percurso do clube é perspectivado como uma forma dos indivíduos desviarem as questões quotidianas, sendo que as vitórias do clube dar-lhes-iam satisfação que não encontrarão no seu dia a dia. Apesar do conteúdo do primeiro cântico neste âmbito explorado, o *ego trip* não é algo muito presente no cancionário da maior claque do FC Porto, sendo que as atenções são efetivamente direcionadas para o clube.

A presença do discurso denegridor do “outro”, principalmente dos clubes e claques rivais, acaba por ser algo inerente àquilo que os Super Dragões entoam. O uso do calão é algo naturalmente presente (“*SLB, FILHOS DA PUTA, SLB*”) para o insulto direto aos clubes rivais e a utilização de apelidos pejorativos, nomeadamente para o Benfica (“*e quem não salta é lampião*”). “*Lampião, diz-me o que sentes, na europa não ganhar. Eu juro que as tuas derrotas eu vou sempre festejar. Gosto de ver chorar. E uma coisa tu vais ver. Na Europa só o Porto vai vencer. Nunca mais vai acabar, a maldição que o Guttman fez. A europa com o caralho outra vez*” - neste cântico estão presentes os elementos referidos, com o uso do calão e apelação pejorativa do adversário, mas também algo reincidente: a comparação simbólica com os rivais. Inferiorizando o adversário, e simultaneamente a superiorização do Futebol Clube do Porto, como igualmente se verificou no hino da claque. Desta forma a claque engrandece o seu clube, não deixando de demonstrar um sentimento negativo sobre aqueles que vão contra a primazia do Futebol Clube do Porto. Neste caso o elo de comparação é a *performance* do F.C. Porto e do S.L. Benfica nas competições europeias, e a claque aproveita as campanhas europeias menos proveitosas do rival para se elevar em relação ao mesmo, vincando o gosto pelo fracasso do outro. Não é só ao Benfica que a claque dedica cânticos, sendo o Sporting, (“*Juve Leo, filhos da puta, Juve Leo*”). Os clubes de maior dimensão do Norte também são alvos da claque, começando pelo outro clube da cidade portuense que compete na primeira liga, o Boavista, através do cântico jocoso “*uma rotunda, vocês são*

uma rotunda”, fazendo alusão à Rotunda da Boavista, e indicando que o clube é pequeno comparado com o “orgulho da invicta”. No Minho, o S.C. Braga é visado normalmente pelo cântico “não és primeiro, não és segundo, não és terceiro, és do Braga és paneleiro” – sendo inferiorizado pelos resultados obtidos na classificação, e é utilizado um termo conotado com homofobia, não querendo necessariamente dizer que os membros da claqué são homofóbicos, mas o termo direciona-nos para a ideia de masculinidade e força que estará inerente aos ultras e de como o contexto futebolístico é principalmente masculino, sem espaço para alegadas fragilidades. Outro clube regularmente visado é o Vitória Futebol Clube, “*Oh Guimarães, filhos da puta*”. Em que o clube é diretamente apelidado pela sua cidade uma vez que o clube vimezanense é conhecido como “Vitória de Guimarães”, que não é verdadeiramente o seu nome, e não é do agrado dos adeptos vitorianos, e por isso também é mais uma razão para o cântico ter “Guimarães” e não “Vitória”. E, novamente, o uso do calão está presente enquanto insulto direto.

Reverendo todos os tópicos aqui esmiuçados, e reatentando a todos os cânticos que foram analisados é perceptível a pertinácia e coincidência de temáticas nos diferentes cânticos. Ou seja, é recorrente haver cânticos que englobam todos os temas mencionados, em que se enaltece a claqué e a cidade, se declara o amor pelo clube, e se denigra os outros. Novamente, “*Quem os viu na madeira a festejar, pensavam que tudo iam ganhar. Reservaram o marquês, mas depois perderam tudo aos 92. Força Grande Porto, estou apaixonado. Contigo eu vou a todo lado. Orgulho Tripeiro, raça de Dragão. Força Grande Porto, vais ser campeão*”, e, também, “*Esta ânsia de vencer, não a consigo controlar. Largo tudo p'ra te ver onde fores jogar. Andam loucos por aí que nos querem enfrentar. Guardo ódio a todos eles, o dia vai chegar. Vou continuar a lutar, pelo Porto eu vou cantar, porque Portista eu sou*”.

Todos estes elementos são constituintes do conteúdo dos cânticos dos Super Dragões, e pode-se assumir que estes aspetos permitem a construção dum quadro axiológico que todos os membros se identificam permitindo a criação de identidade, um quadro axiológico que serve de matriz para os indivíduos se focarem em junção duma causa, neste caso o clube e a claqué, e a oposição ao outro – os rivais e figuras de autoridade. Ao entoar que são adeptos do Futebol Clube do Porto desde a infância, a mensagem que é passada é a de que os indivíduos do grupo têm todos a mesma origem, apesar de serem de famílias diferentes, locais diferentes e mesmo de contextos diferentes,

mas num grupo em que se pretende partilhar alguns dos mesmos valores e princípios, ter em comum a mesma origem que leva ao mesmo objetivo e em seguirem o mesmo quadro axiológico permite construir identidade grupal e relacional. Em todos os cânticos aqui analisados estão presentes os aspetos mencionados pelos autores de referência (Armstrong & Young, *Fanatical Football Chants: Creating and Controlling the Carnival*, 2009). A paixão e amor estão presentes em quase todos, bem como o ódio aos adversários, ambos sentimentos, embora de forma antagónica, levados ao extremo. A identidade cultural está presente através da pertença territorial como elo de ligação entre os membros da claque, bem como com a cultura de vitória e exigência comum aos adeptos e clube.

b) Entrevistas

Neste ponto analítico serão exploradas as entrevistas realizadas a membros da claque, 3 de sexo masculino e uma de sexo feminino, a um *spotter*, um jornalista e um investigador social do Movimento Ultra. Serão relevados aspetos das entrevistas pertinentes para o estudo e que permitirão ter em conta nos capítulos seguintes, aquando da triangulação dos dados e das elações investigativas. Inicialmente, numa perspetiva de narrativa de vida, iremos apresentar como é que os adeptos entrevistados adquiriram a afinidade clubística, e como aderiram ao movimento, sendo isto uma forma de introduzir os entrevistados pertencentes à claque. Posteriormente, iniciando a análise geral do movimento, atentaremos à forma como os adeptos interpretam o movimento ultra, que conduzirá à violência que acaba por estar inerente ao movimento, implicando a participação da polícia neste aspeto. Chegando, assim, ao estudo de caso, inicialmente pela relação da claque com a polícia, e pelos testemunhos dos adeptos, verificaremos como a claque funciona, aos níveis organizacional e relacional. O testemunho feminino servirá como base para entender como uma mulher se insere num contexto maioritariamente masculino. Por fim, será dado destaque à forma como a imprensa noticia e retrata o comportamento das claques e a relação com a polícia será tocada ao longo da análise, uma vez que, pelos discursos dos entrevistados, a ação da imprensa está sempre presente.

Antes de aderirem ao movimento em si, os membros da claque teriam de escolher um clube para apoiar, neste caso o Futebol Clube do Porto. Seria, então, importante perceber como começariam a apoiar o clube, nomeadamente como os processos de socialização tiveram influência na sua afinidade clubística.

As perspetivas diferem no seu conteúdo. Por exemplo, Jerónimo³ refere:

Opa, não é de família até porque o meu pai é boavisteiro. Não há... ele nem gosta de futebol sequer, não vai aos jogos, não vê futebol sequer, só de vez em quando, quando é os grandes ou assim. De resto, foi sempre normal, ia vendo na televisão e no restaurante quando era miúdo, em minha casa era só eu que gostava, e depois quando me mudei e vim viver para Gaia, o meu tio era membro dos Super Dragões, então começou-se a criar ainda mais uma coisa que tínhamos, depois comecei só por acabar em ir ver os jogos quando comecei a trabalhar, o meu pai como não liga nenhuma é completamente contra tudo isto de claques e violências e pirotecnia e essas merdas todas. No caso deste adepto não houve uma socialização por parte da família direta que o levasse a ser portista, não havendo sequer uma influência pelo gosto de futebol, pois nem sequer se acompanha a modalidade em casa.

Enquanto Márcio⁴ realça a importância do papel do seu tio, membro há muito tempo da claque: *Desde pequeno... o meu tio sempre fez parte da claque, e desde pequeno sempre me habituou a isto, sempre me levou aos jogos e eu fui puxando, o amor pelo clube foi crescendo e por causa dele eu comecei a vir aqui, aos jogos.* Mais um caso em que é a influência familiar que leva a que o adepto o seja do F.C Porto, mas neste caso a influência é maior e com mais preponderância.

No caso de Pregal⁵ também há uma relação direta sobre a afinidade clubística com a orientação que os seus educadores lhe deram.

Ser portista... foram os meus pais, o meu pai neste caso que me influenciou, o meu pai ia sempre ver o porto a todo o lado. O meu pai, o meu avô, sempre ia ao estádio das Antas desde pequenino.

No caso da Jean, no seu testemunho refere que não houve relação direta que fez com que fosse portista, de lhe impingir o clube, ou simplesmente de lhe dizer para ser portista ou de a levar ao estádio e ir-lhe cultivando as práticas de apoio ao clube - *Nunca*

³ Pseudónimo para o autor do “Testemunho A” na primeira grelha de transcrição de entrevistas.

⁴ Pseudónimo para o autor do “Testemunho B” na primeira grelha de transcrição de entrevistas.

⁵ Pseudónimo para o autor do “Testemunho C” na primeira grelha de transcrição de entrevistas.

ninguém me puxou assim muito pro lado do futebol, ou ser dum clube propriamente. Sempre fui muito ligada ao futebol porque os meus familiares viam, eles apoiavam sempre a seleção e o Porto também, sempre fui habituada desde pequenina. Mas nunca ninguém me puxou, acho que foi um gosto meu, já desde pequena isso. O que pode ser representativo da ideia do futebol, e especialmente as claques de futebol, serem um contexto maioritariamente masculino, mesmo pelas formas mais basilares como os processos de socialização, em que não se aprofunda muito às raparigas a questão futebolística.

Há, assim, uma questão de herança geracional na escolha do clube em que apoiam, podendo assim tirar uma relação relativa à identidade familiar, tendo a escolha clubística uma forte preponderância na constituição axiológica da instituição familiar. Também a própria inserção na claque advém dum encaminhamento familiar. Contudo, existe, igualmente, a busca individual e autónoma por uma identidade social relacionada com o futebol.

Outra questão que foi abordada é a da territorialidade e a forma como esta tem influência na afinidade clubística, em que há discursos diferentes. Por um lado, Jerónimo e Márcio referem a importância da pertença portuense para serem portistas.

Até é como eu digo, eu como sou, revejo-me por causa da personalidade e aqui do estilo de ser nortenho, acho um bocado ridículo as pessoas que são daqui olharem-se e verem-se ao espelho como um benfiquista ou um sportinguista. Como é que uma pessoa com uma ligação e com orgulho do sítio de onde são, da cidade invicta, da nossa maneira de estar, vai estar a olhar e a querer outra coisa, para mim é como se fosse uma falta de respeito, é uma afronta para mim – refere Pregal, realçando a importância de defender a cidade, as suas origens e a questão da identidade.

O meu pai era muito portista, se calhar era portista por ser daqui do Porto. Agora que cresço, tenho orgulho enorme ser portista e ser portuense. Cada um deve defender a sua cidade, não há nada mais bonito que a cidade que a gente mora. Há cânticos que alguns nem podem cantar, “tripeiro eu sou” não é, se não é tripeiro não pode cantar. – Márcio reitera as palavras de Jerónimo. A claque serve como forma de defender a cidade, apesar de haver vários membros de zonas longe do Porto, até pelos próprios cânticos. A própria questão geracional poderá advir da questão territorial.

Questionada se caso fosse doutra região se seria portista, Jean releva o aspeto territorial como fulcral para a construção da sua identidade cultural:

Não, não seria. Se fosse doutra região com certeza que não seria, acho bem que as pessoas sejam do Porto né, é o meu clube, quero que as pessoas sejam portistas, mas eu discordo completamente por exemplo daquelas pessoas que são de Lisboa e dizem que são portistas porque acho que têm sempre uma costela de lá de baixo e vai sempre influenciar um bocadinho quanto ao clube. Eu acho que qualquer pessoa que seja do Porto devia ser portista. Há casos de apoiar a equipa da terra, mais pequenas, por exemplo eu sou de Leça da Palmeira e não apoio o Leça porque eu sempre fui habituada, sempre gostei do Porto, cidade e clube, sempre fui habituada ao azul e branco, às riscas verticais sempre ouvi falar do Porto, do Pinto da Costa, a jogadores também, não me lembro de ouvir falar sequer doutros clubes. Influencia imenso ser daqui. Se fosse doutro lado não seria do Porto com certeza. De Guimarães teria de ser do Vitória, de Braga não sei seria do Braga porque vejo lá tanta gente com dois clubes e não concordo nada com isso.

Inclusive, toca num assunto pertinente. Associa-se a pertença territorial ao clube, contudo o clube não representa só a cidade do Porto, mas sim toda a região, o distrito ou a Área Metropolitana. Isto é interessante, pois no sentido mais puro, a territorialidade se calhar seria realmente respeitada se, como o exemplo que a Jean dá, quem fosse de Leça da Palmeira seria só do Leça FC. Ou seja, esta pertença territorial não é micro, mas é, sim, uma meso territorialidade. Relacionada com a grandeza do clube, não diremos no Norte do país, mas principalmente na área metropolitana do Porto, onde há muitos concelhos e dezenas de instituições desportivas, porém com pequena dimensão demográfica face ao principal clube portuense. O único clube na cidade invicta que atua na primeira liga é o Boavista, que tem alguma dimensão demográfica, contudo diminuiu exponencialmente relativamente há 15 anos atrás, e os clubes dos concelhos na semiperiferia da cidade (Matosinhos, Maia, Gondomar e Gaia) não têm clubes com dimensão minimamente comparável ao Futebol Clube do Porto, quiçá, também pelo facto de existir essa meso-identidade territorial através do clube de futebol.

Por outro lado, Márcio não relaciona o facto de ser portuense com o ser portista, colocando o clube acima de qualquer relação axiológica, num discurso *quá*si institucional e demagógico, em que destaca o sentimento pelo clube, como se fosse “amor à primeira

vista” - *Eu acho que sim (seria portista se fosse doutra região), bastava ouvir falar do nome do Porto, ver na televisão um jogo. Opa eu apaixonei-me pelo clube logo à primeira vista.*

Pode-se correlacionar a herança geracional com a territorialidade como fatores interligados para a afinidade clubística pelo Futebol Clube do Porto, e, como referido, ambas questões tiveram no caso destes adeptos uma relação para a adesão ao Movimento Ultra.

Quanto à sua adesão à claque, essa difere nos vários entrevistados. No caso de Jerónimo, este já se identificava com o movimento ultra e com a claque em si, e aderiu a esta através daquilo que denomina como uma “associação normal” – que acontece pela inicial compra dos bilhetes mais baratos a pessoas já conhecidas. A partir disso foi-se tornando rotina para além de ter conhecido mais pessoas e consequente associação a um grupo. Márcio aderiu à claque pelo seu tio, que sendo um membro um antigo da claque facilitou a entrada e integração do seu sobrinho na claque, desde os seus 10 anos. Para Pregal foi a proximidade geográfica ao estádio das Antas que, inicialmente, propiciou a ida ao estádio. Com 12 anos conheceu um grupo de amigos que ia sempre para o mesmo local ver os jogos, a curva, e juntou-se a esse grupo, onde ainda pertence até aos dias de hoje. Já Jean foi duma maneira diferente do resto dos entrevistados. Foi, também, jovem, com 13 anos, mas foi pelas redes sociais, na altura a rede do *hi5*. Derivado da sua demonstração de afinidade clubística intensa, foi-lhe oferecido um bilhete por uma constituinte da claque e, a partir daí, passou a querer pertencer à claque.

Ou seja, a exteriorização da claque, com a venda a elementos exteriores, integração por via familiar, encaminhamento por um grupo de amigos, e as redes sociais. Na amostra que temos estes foram os fatores que levaram a adesão inicial à claque, contudo porque se mantêm na claque? O que a claque e o movimento ultra terão para os elementos se manterem no seu meio?

Uma questão chave nas entrevistas aos adeptos afiliados aos Super Dragões era o que é ser ultra, e o que isso implica para a sua vida, de que forma é que a pertença a uma claque afetou a sua vida. E após perceber como entraram para a claque, é importante entender o que lhes fez manter na claque e aderir definitivamente ao movimento ultra.

Aspetos que foram recorrentemente levantados envoltam-se na assiduidade, ou seja, a obrigatoriedade em acompanhar o Futebol Clube do Porto, seja nos jogos fora ou

em casa, sendo que aos jogos fora até lhes são dados mais destaque, pois, como refere Jerónimo: *porque aí vai mesmo quem está dedicado, não é só pelas pessoas que o jogo é aqui ao lado, vão porque querem e gostam*. Também Jean refere que a assiduidade é algo fundamental para quem é Ultra, bem como Márcio também reforça essa ideia, *“viajar para todo o lado com o clube, mesmo sabendo que percas ou ganhas, tas la com eles”* – indicando que o tal sentimento de supremacia é suplantando pelo sentimento de compromisso, independentemente dessa supremacia ser reivindicada nos resultados desportivos, mas pelo apoio prestado nos diferentes contextos pode indicar que essa supremacia será atingida pelo apoio à equipa, e pelo maior nível de compromisso ao movimento, sendo a melhor claque o melhor conjunto de ultras. Que acabará por estar ligado à questão de pertença grupal, identidade coletiva e a imagem social construída por pertencer a um grupo que seria melhor que os outros. Outro aspeto que é importante destacar é o estabelecimento de relações e interações com outros membros da claque, que acabariam por ser aspetos fundamentais para se manterem na claque. Pregal refere: *passo momentos muitos bons, com o pessoal todo, ver jogos, momentos que a gente nunca mais se esquece, histórias pra contar*. Jerónimo reforça, valorizando imenso as relações criadas no contexto claque: *ganhas ali uma nova família, depende também dos núcleos, há nucelos com os quais não me identifico, o meu identifico-me bastante porque apesar de serem da claque, serem ultras, são pessoas como eu ou como tu. Todas as semanas vão os mesmos, e nos jogos fora, que é onde as pessoas se dão mais, combinam todos, acaba por ser um companheirismo que vai tendo toda a gente*. E também Jean refere como a pertença a claque permitiu estabelecer relações sociais bastante próximas: *ganhei muitos amigos, amigos mesmo. Que se calhar preocupam-se mais comigo do que a minha própria família. Ou seja, criei uma família, tenho pessoas muito próximas*.

As dinâmicas e práticas sociais que acabam por surgir, fruto dessas relações e interações são aquelas tidas como características do movimento que não acontecem em contextos quotidianos “normais” - Uma *pessoa quando tá em grupo tem sempre a... um bocado a mania, entre aspas. Se tiver sozinho se calhar tenho mais calma para umas coisas, não reajo tão impulsivamente como se tivesse em grupo, uns puxam os outros, acho que é isso. A adrenalina está ali mais no auge, parece que não, uma pessoa se for assim ver um jogo há um bocado mais de tensão e tudo, não é.* – diz Pregal. Jerónimo refere que a sua forma de agir quando em claque segue uma lógica antropológica, que

novamente se associa ao sentimento de pertença e a necessidade de defender aquilo que representa. Essa pertença e demonstrar a superioridade do grupo e do clube: *tem a ver com o espírito ultra que em Portugal também não é muito assente, sem completos exageros como acontece em Itália ou na Sérvia em que andam com facas e essas coisas, isto tem a ver com o estabelecer do domínio, proteger uma coisa que é nossa. Nós desde os nossos antepassados tínhamos os gladiadores, eles andavam à porrada, acaba por ser uma coisa normal. Isto é visto doutra maneira, mas isto vem desde os nossos antepassados há mil anos atrás, portanto...*

Importante referir que é estabelecida uma fronteira sobre essa maneira de agir, em que é reservada para membros dentro das claques, e não se alastra para agentes fora do movimento. *É com nós próprios, com os iguais a nós, os nossos gémeos de outros clubes e fazem quase o mesmo... não vamos, e não sempre porque há atrasados mentais até nisso não sabem estar, que roubam e fazem muita coisa, mas no sentido que estou a falar é gajos que se concentram e se pegam ali e roubam estandartes e bandeiras e não sei quê e tao ali numa guerrilha. Nós fazemos isso com nós próprios, não vamos atacar uma família com o pai e a mãe e avó e dois filhos, não, eles passam e nós tamos ali e acabamos por não incomodar ninguém nesse aspeto – refere Jerónimo.*

Pelas práticas em grupo que os próprios adeptos admitem que não as fazem quando estão sozinhos ou quando não estão com a claque, pela dedicação que dão, que até envolve sacrifícios profissionais, como é o caso de Jerónimo em que teve de despende de dias de folgas de trabalho para poder assistir aos jogos de futebol (*tenho 2 folgas, nada mais. E tava sempre a pedir ao meu diretor para ir aos jogos e não sei quê, e ele quase nunca me deixava e eu fiz uma proposta que era: ele ficava com meia folga minha, ou seja eu folgava só dia e meio e ele aproveitava meia folga minha sem me pagar nem nada e eu ia porque queria, ele tinha que me dar os jogos do Porto. Fiz isso durante 4 meses, e está aí uma prova da forma como vivia... vivo*), ou como Pregal viu um relacionamento amoroso terminar em prol do apoio ultra ao seu clube (*em casa já me chateei muitas vezes, com familiares e tudo. Mas um gajo mete sempre o Porto em primeiro lugar. Já tive de escolher entre o Porto e a minha ex-namorada. Escolhi Porto sempre*), e pelo facto de ambas famílias não demonstrarem apoio à causa. Aspeto financeiro é um outro que acaba por ter algumas repercussões, devido aos gastos consecutivos em viagens,

bilhetes e sustentação (*Problemas mesmo financeiros não, mas se calhar podia ter muito mais dinheiro se não tivesse escolhido esta vida* – Pregal).

Toda esta importância atribuída ao movimento, e a forma como os adeptos a vivem, pode ser interpretada como um complemento à sua personalidade, ou mesmo como um campo de construção dessa mesma.

Jerónimo sobre a personalidade ir ao encontro do movimento Ultra: *A minha maneira de estar já era assim, eu como sou, revejo-me por causa da personalidade e aqui do estilo de ser nortenho.*

Outro aspeto que se retira destes testemunhos incide sobre o conflito físico, a *porrada*, como tanto é dito nas entrevistas, estando quase inerente ao movimento. Ao referir o que se é capaz de fazer pelo grupo, ou, simplesmente, o que é ser ultra, a frase “*se for preciso andar à porrada ando*” é recorrente. Constituindo-se como algo presente na vida dum ultra e como uma demonstração de presença a grupo e como um sacrifício natural que tem de ser tomado. Retomando as palavras de Jerónimo, *gajos que se concentram e se pegam ali e roubam estandartes e bandeiras e não sei quê e tao ali numa guerrilha. Nós fazemos isso com nós próprios.* Márcio e Joana, afirmam o seu compromisso pelo movimento e pelo clube referindo, respetivamente: *opa, se houver porrada, se houver alguma coisa estamos lá; se tiver que andar com um cachecol ando, se tiver que defender esses... se tiver que andar à porrada para defender o pano ou assim, ando.* Pregal, como supramencionado, remonta para o contexto em que se insere como condicionador para atos mais violentos, *se tiver sozinho se calhar tenho mais calma para umas coisas, não reajo tão impulsivamente como se tivesse em grupo, uns puxam os outros, acho que é isso. A adrenalina está ali mais no auge, parece que não, uma pessoa se for assim ver um jogo há um bocado mais de tensão e tudo, não é. Não só com os adeptos, mas também com a polícia, tou sempre mais nervoso e assim.*

Os simbolismos também são destacados, seja pelos artigos que os adeptos carregam que transmitem os emblemas do clube e claques ou dos núcleos, nomeadamente nas aventuras de tentar roubar outros claques e de defender as bandeiras e os panos da sua claques. Para além do que disse Jerónimo, da rotina de tentar roubar esses objetos de outros grupos, há também, de acordo com Jean uma despreocupação e desvalorização atribuída, por sua vez, aos objetos da própria claques e da sua importância simbólica. *Olha,*

exemplos, há pessoas que pisam as bandeiras, pisam as faixas, para mim não faz sentido, isso ta fora, testemunha Jean.

Quanto ao Movimento Ultra em si, e não necessariamente as suas vivências e forma de que os adeptos o vivem, retira-se diferentes perspetivas sobre estes no que diz respeito ao fenómeno vivido em Portugal.

As claques mudaram em muita coisa, com maior relevo na sociedade. Tens o Líder dos Super Dragões que aparece nas capas de jet set que qualquer coisa que faça aparece na televisão, isso não acontece com mais nenhuma claque. O macaco, o Fernando Madureira, é conhecido, é uma figura publica, se fores à TVI, TV7 dias ou qualquer merda dessas, aparece lá que ele foi jantar, ele é uma figura, é um chefe duma claque e aparece. Mesmo nisso, tas a ver como o futebol e as claques têm uma força enorme. Jerónimo refere como o movimento ganhou um grande nível de popularidade na sociedade, e como elementos de calques se tornam figuras públicas, que representa alguma força social e económica das claques. A questão da ilegalização da claque rival, os No Name Boys é referida, contudo em sentidos diferentes. Márcio refere-a, defendendo a sua legalização – *começo pela claque dos No Name Boys que é ilegal, só começo por aí;* o que representa, mesmo num discurso para fins científicos, a rivalidade está presente num testemunho direcionado para a acusação do outro enquanto inimigo e enquanto como figura de autoridade e de impunidade.

Já Pregal, num discurso mais purista, refere a ilegalização das claques benfiquistas como algo correto no pensamento Ultra, por “irem contra o sistema”: *Vou dar o exemplo do Benfica, eles ainda não são legais, e eles é que tão a lutar ainda contra o sistema, nós é que já nos vendemos ao sistema. Agora hoje em dia, a maior parte dos Super Dragões, tens que dar o teu BI e ficas logo registado na polícia, a polícia sabe logo os teus dados todos, acho que isso é uma falta de privacidade enorme, no resto do estádio não existe isso.* Que vai, de resto ao encontro do seu discurso quanto à sua conceção de Movimento Ultra e aquilo que critica negativamente. Defende a legalização de objetos pirotécnicos, com segurança, mas de forma a beneficiar o espetáculo visual e o ambiente propiciado pelas claques: *Para começar, as tochas e isso devia ser legal. Há muitos países que isso é legal e não acontece nada de mal, aqui já temos casos de mortes, mas não é com estas tochas que a gente vê, aquilo é very lights, é coisa diferente. Acho que isso dá um espetáculo melhor, agora não podemos fazer nada, às vezes nem bandeiras podemos*

*levar pra dentro do estádio, acho que tá muito diferente. Acho que antigamente as pessoas tinham mais liberdade pra irem aos jogos, hoje em dia não, acho que as pessoas não têm assim tanta liberdade para irem a espetáculos de futebol. Outro aspeto tremendamente criticado é aquele relacionado com o *modus operandi* de claques de futebol, inclusive aquela a que pertence. Rejeita o aspeto empresarial, por ir contra o movimento: e depois aquilo é um negócio muito grande nos Super dragões, aquilo é uma empresa basicamente. Dá muito dinheiro a alguém, alguém mama muito dinheiro ali. E antigamente vivia-se com mais paixão. Tira-me um bocado (vontade de ir ao estádio), quando vejo que há muitas pessoas com interesse a ganhar muito dinheiro, uma pessoa até faz aquilo com gosto, quem dera a muita gente ganhar dinheiro pelo Porto, não é, é um trabalho de sonho, nem que fosse pra estar ali a cortar a relva quem me dera a mim trabalhar no Porto né.*

Também é relevada a reprovação por o movimento servir como suporte para construção de imagem social, através do nome do grupo, e do estatuto social que isso confere ao individuo. *Não me revejo no movimento ultra agora. Está um bocado, há muita gente que vai pra lá, só quer estar lá para a fotografia, assim dizendo. Só tão lá pro Facebook, selfies e o caralho e nem cantam. Se vais pra ali é pra estar a cantar pelo porto, pra isso vais pro meio da bancada, tas ali a ver o jogo como quem vai ao cinema e acho que hoje em dia nos Super Dragões há muito isso. Isto vai ao encontro do que Jerónimo refere quanto à popularidade do movimento e daquilo que não gosta quando está na claque, que não considera ser ultra. Considera que a perspetiva financeira e a de construção social servem para o benefício individual, quando o *mindset* ultra dever-se-ia direcionar para o coletivo. A isso pode-se relacionar algo que Jean sugere para melhorar o movimento: um maior controlo dos membros dos grupos: *pode vir um grupo a um jogo e nunca ter passado por ali, chegar lá a fazer asneiras e depois quem vai ficar mal? É o nome da claque, porque eles tao lá, tao ali no meio e pronto, devia-se ter assim um controlo mais rigoroso nas cenas de sócio, não digo aquela cena do cartão, mas acho que dentro da própria claque devia haver mais organização para evitar conflitos e assim, ate porque há conflitos dentro da própria claque.* De forma, não só para melhorar as performances das claques, mas também para evitar conflitos desencadeados por indivíduos que teriam maior possibilidade de os desencadear, inclusive dentro da própria claque.*

Como referido, um dos temas mais abordados é a violência que acaba por estar inerente à vida dos adeptos afiliados à claque. E esse problema social é controlado por uma instituição social específica, a polícia, e dentro dessa instituição existe um departamento direcionado especificamente para tratar de questões relacionadas com a violência no futebol. Os *spotters* são os agentes PSP determinados para tratar informação sobre as claque, monitorizá-las e assegurar que a lei do desporto é aplicada. Numa fase inicial da entrevista com o agente, este explica como funciona logisticamente o departamento dos *spotters*. O polícia entrevistado tem 44 anos, 22 deles são de serviço enquanto agente de autoridade. Para além de *spotter* é, igualmente, membro da Divisão de Investigação Criminal do Porto. Sendo que existe um grupo mais restrito que trata a informação toda relativa ao acompanhamento e monitorização das claque, um dos núcleos de informação, a Unidade Metropolitana de Informação. Para depois entregar aos agentes que vão efetivamente acompanhar a claque no terreno, que é o caso do entrevistado. As informações que são tratadas são relativas às claque, legais ou ilegais. Em ambas procura-se saber quando e onde é o ponto de encontro de cada uma, nomeadamente para deslocações em jogos fora para o consequente acompanhamento policial. No caso das claque legais essa informação é transmitida pelos chefes da claque à UMI, enquanto nas ilegais, não havendo uma relação institucionalizada, pois não há uma oficialização da claque enquanto um grupo organizado de adeptos oficial do clube, as informações são obtidas através de fontes abertas, ou seja, as redes sociais, e através de informadores. Estes também servem como fonte de informação nas claque legais, e, normalmente, são aqueles que têm um *background* criminal e/ou também estão insatisfeitos com alguma coisa com a claque e fornece informações que o núcleo policial não está a par. Durante a semana o jogo é planeado, sendo que quem acompanha os adeptos tem todas as informações recolhidas 3/4 dias antes do jogo, estando o planeamento feito: o que vão fazer, quando vão, números de profissionais. No núcleo de informações sabe-se previamente e comunicam quando tiver tudo atualizado. Algo que é reforçado recorrentemente é a falta de recursos humanos, físicos, tecnológicos e viaturas por parte dos *spotters*, o que condiciona bastante o trabalho policial. Tudo isto é interpretado das palavras do agente.

Temos a situação dos spotters, temos a situação dos gratificados fardados, que também envolve as claques, mas quem faz o serviço fardado não tem tanto conhecimento como nós, nós é que gerimos as claques e o policiamento é feito de forma diferente, quem está no serviço de spotter é quase sempre ao fim de semana. (...) E essa equipa acompanha-nos sempre, os “intelligent”, os que têm a informação toda. Nós podemos ter um relatório (...). Nós temos, então, um grupo que é um núcleo dos spotters, núcleos de informações que é o UMI – Unidade Metropolitana de Informações, que toda a informação que deveria ser canalizada pelas claques desportivas legais, que nós acompanhamos a legais, embora nos também fiscalizamos as não legais. (...). As ilegais não (dizem quando e onde vão), é através de informações de redes sociais, as fontes abertas, cada claque tem uma rede, uma página de internet, nós vamos seguindo e depois também temos os nossos informadores que vão dando informação por onde é que eles vão, que por práticas de crimes tao ligados a nós, e vão comunicando o que acontece nas claques. (...). Esses indivíduos que nos dão algumas informações que o líder da claque não dá. Tudo depende como tiver o ambiente entre claque e polícia, as claques gostam de pegar, fazer tudo como bem lhes apetece, porque se nós fossemos a cumprir rigorosamente a lei, e tivéssemos condições tal, porque é impensável uma equipa de 4 elementos conseguir controlar 300. Porque normalmente quando fazemos um acompanhamento, o rácio num policiamento dum jogo de futebol é 1 polícia para 100 adeptos, só que atualmente se falarmos numa claque desportiva não funciona assim porque nós somos 4 polícias, por exemplo quando partimos do dragão são 5/6 camionetas carregadas que têm de ser supervisionadas (...). Quem está no núcleo de informações vai tendo aquela atualização e já vai idealizando como vai ser, mas essa atualização só é transmitida nos últimos dias que é quando há informação total.

Sobre a forma de agir *in loco* por parte dos polícias que acompanham claques de futebol, é também feita de forma planeada e pensada e, aliás, a ação policial sobre a claque vá influenciar a quantidade e qualidade de informações que a claque fornece ao núcleo de inteligência. Durante os jogos, na bancada, quando existem confusões, os *spotters* localizam o foco de confusão e avançam quando houver ordem superior ao nível hierárquico. Esse avanço pode implicar o uso de força física, principalmente numa

situação mais complicada que implica uma reação mais musculada. Noutros casos a ação dos *spotters* baseia-se na descrição, após identificar o alvo, este é detido no intervalo ou no final do jogo que é quando há mais calma e menos gente, evitando situações de confusão e conflito - *Vemos qual é a roupa, tiramos fotografia e vamos buscá-los no intervalo, quando há condições de segurança. Nós durante um jogo, fazemos isso quanto ta a decorrer toda a gente nos abarbata, mas aí... uma ação há uma reação. Portanto, o funcionamento... se há uma infração cometida pela claque há uma detenção, automaticamente ferimos o núcleo duro da claque a partir daí vamos estar um tempo sem ter informações, porque eles não nos dão informações, temos de ir à recolha de conhecidos, indivíduos que tão na claque e nos dão informação porque também não gostam de alguma coisa que funciona mal na claque, recolha de fontes abertas só assim é que conseguimos planejar policiamento (...) São situações que são planeadas e em segurança, não é durante o jogo, é no intervalo ou no final do jogo, nos abordamos “olha, tas detido por isto”. Já não tem aquela quantidade de pessoal cá fora né, nós sabemos quando devemos de agir. Antigamente tínhamos uma ação mais de reação no momento, “vais ser detido agora”. E a nossa comandante, houve uma altura que pegou... deu-nos a formação, “vocês têm de esperar, ficar, mesmo que sejam escarrados”, e acontece, tas a ser escarrado e tas ali, porque não tens ordem para avançar.*

A forma como a polícia destacada para as claques encara os membros das claques poderá influenciar, pois eles são já encarados enquanto criminosos, pertencentes a bairros sociais e toxicodependentes, ou seja, poderá exigir um comportamento policial punitivo e não educativo. - *Podemos ter pessoas de bem, mas a maior parte são pessoas são subsídio-dependentes, são pessoas que não têm dinheiro para coçar o cu, falando português, pra irem pro estrangeiro já têm. Passam dificuldades, dão coças à família, não têm dinheiro pra comer, mas quando pedem comida, só sabem resolver problema à estalada e pontapé com a família, pegam e vão pra lá, dependentes de álcool, de drogas, isto é uma claque* O agente refere que os cabecilhas das claques têm práticas ilícitas e criminais, que reencaminha para a ideia empresarial das claques, neste caso dos Super Dragões e como a claque serve como investimento ilegal ou, pelo menos, eticamente erróneo - *se nós analisarmos uma claque como o Porto, uma claque como o Benfica que é ilegal, mas é uma claque, não me venham dizer que não é uma claque, quase todos os cabecilhas, todos têm uma atividade criminosa: tráfico, armas, roubo, tudo.*

Relativamente à relação com os Super Dragões, esta é tida como uma relação de conveniência por parte da claque. Isto é, o acompanhamento policial necessário em deslocações a jogos fora só é efetivamente aplicado por iniciativa tomada pela claque quando as deslocações são para o sul do país, nomeadamente junto a Lisboa. E quando é para deslocações no norte do país isso não acontece. Desta relação institucional na relação entre os Super Dragões e a polícia retira-se a influência territorial que uma claque, ou que um conjunto de indivíduos num contexto grupal, têm. A grandeza institucional dos clubes é também perceptível através destas dinâmicas, pois no sul do país, perto geograficamente de onde os outros clubes tidos grandes do futebol português estão sediados, a questão da segurança só é garantida à claque, ou a quem a chefia, se houver forçosamente acompanhamento policial, já quando é para locais nortenhos o acompanhamento policial é, no fim ao cabo, somente de cariz protocolar na perspetiva da claque quanto à sua segurança perante exteriores a si.

Há mais colaboração porque todos os indivíduos do Benfica querem queimar o Macaco, dar-lhe no corpo, quando o Macaco vai pra Lisboa não passa a autoestrada sem a nossa presença, quer proteção. Mas quando vem por aí em cima, já.... Quando se chega ali, vai pra área da GNR ca no norte, não sei se viu o mapa pro próximo ano é tudo norte, só temos Portimão, três em Lisboa e Tondela, o Macaco não nos diz nada, não quer proteção, está-se cagando pra polícia, agora, se for lá pra baixo, em Lisboa, como sabe que ta em minoria, porque por muitos mais Super Dragões que leve lá pra baixo... antigamente ia de carro lá pra baixo, agora não vai, é sempre acompanhado. Por exemplo, houve um jogo que queriam ir de viaturas pessoais, que foi um jogo de hóquei, nós também fazemos o hóquei, e eles chegaram todos na autoestrada mal passas a portagem, pararam, ficaram ali à espera que toda a gente chegasse e a polícia também, e só aí é que avançamos, ele sabe que depende de nós nesse sentido, fora isso é para esquecer. Tudo que ele possa não dar... e nós sentimos que tudo está na claque usa a polícia ara a sua proteção, mas quando é pra fazer o ilícito eles não querem a polícia de perto.

Quanto às dinâmicas violentas ou criminais que poderão acontecer na claque, algo interessante referido pelo agente é a utilização de jovens membros da claque por membros mais velhos e antigos já com registo criminal. Uma vez que com menos de 16 anos os indivíduos não poderão ser vistos judicialmente enquanto criminosos, os elementos da

claque já com *background* criminal aproveitam-se desse facto para se fazer coisas em nome da claque que se eles fossem os autores as repercussões seriam bastante diferentes comparado com sendo os jovens - *Mas se fosse um individuo que arrebente um petardo ou uma tocha, que normalmente quem lhes fornece isso são os membros preponderantes, mas como eles sabem quais são as consequências entregam aos totós, aos jovens e os jovens é que são detidos. Porque hoje em dia não há um individuo que arrebente uma tocha e esteja ali a mostrar, arrebenta e atira pro chão pra não serem identificados, os totós pegam e ficam ali meia hora, fácil de serem identificados (...). O crime violento é o roubo, mas o roubo deixa de ser conotado como violento se for praticado por jovens menores de idade, vai pro tribunal como menores. Posso dizer que atualmente há mais roubos praticados por jovens de 14 anos que por adultos, e a prática de roubo no mínimo são 8 anos de cadeia, e os jovens ainda por cima praticam com maior violência. Tu até és maior de idade, eles são novos, mas são pra aí 15, deixam-te inconsciente e roubam-te, é um roubo com gravidade, vais pro hospital. O que é que lhes acontece? Zero. E no relatório que aparece? Não há crime violento em Portugal. Crime violento aumentou, no desporto então.*

Outro ponto importante, mas também polémico, que se retira desta entrevista no que diz respeito à claque em estudo, é que esta tem, também, uma vertente de reforçar num sentido mais físico indicações da direção do clube face, por exemplo, à equipa. Ou seja, num momento em que a direção e presidência do clube considera que a equipa necessita de sentir diretamente pressão dos adeptos, as indicações serão diretas para a claque - *Nós já tivemos situações que era preciso o próprio Porto estimular os jogadores a jogar e a própria claque vai fazer barulho e nós tivemos uma situação em Belenenses em que o Porto perdeu, vieram todos a rasgar aqui pra baixo para apertar com os jogadores do Porto. O presidente Pinto da Costa ligou ao Macaco, que nós soubemos, não é pra fazer nada, nós a pensar que íamos estar ali a noite toda a mandar toda a gente embora, mas não, foi o Macaco “tudo pra casa” e foi tudo pra casa, resolveu-nos um problema.*

Voltamos agora para os testemunhos dos adeptos da claque em estudo, aproveitando o inevitável tema da violência e do crime que estava a ser discutido, mas na perspetiva de quem se insere no contexto ultra.

Tendo em conta a perspetiva policial sobre a sua relação com as claque, nomeadamente os Super Dragões, é interessante também perceber a perspetiva do ultra sobre a forma como a polícia acompanha e lida com os grupos em causa.

Numa perspetiva geral Jerónimo compreende a ação policial, uma vez que tendo em conta as dimensões demográficas de ambas populações, o uso da força de cariz mais impessoal é um método eficaz para manter o controlo sobre os adeptos num panorama geral - *Quanto à polícia, na maior parte das vezes acaba por ser... eles têm de manter controlo, eles tem ali 4 mil gajos e se não mantiverem controlo, eles fazem da polícia o que quiserem, é assim vão 4 mil pra 300 pessoas, o que a polícia vai fazer, eles tao a fazer o trabalho deles, as pessoas têm de saber estar.* A ultra entrevistada, por sua vez, atenta a aspetos mais específicos para falar de abuso de autoridade e de cariz violento que pode ser interpretado como desnecessário pelos adeptos, o que acaba só por incitar o ódio. Dá o exemplo de que basta ir para o passeio acidentalmente que resulta logo em “bastonada” por parte dos polícias, uma reação violenta imediata e sem ponderação - *Olha, em pra aí 90% das vezes houve abusos. Por exemplo, Alvalade, Guimarães, Luz, basta uma pessoa das nossas pisar um passeio e está logo a comer de bastão, é mesmo assim, eu já levei da polícia. Tava a andar na rua, eles achavam que estava metida com os outros que estavam lá com os outros em Guimarães e levei com o bastão na cabeça. Sim. E a minha mãe levou bastonada, por exemplo. Aí sofri muito preconceito porque o gajo virou-se e disse “que é que tas aqui a fazer? A culpa disto tudo é tua, vai, mas é lavar a louça sua puta” – o polícia disse isso e eu quis saber o nome dele para fazer queixa, mas todos aqueles polícias destacados para tarem ali, eles têm o nome ali em velcro, mas eles não tinham isso, tinham tirado. Ou seja, não conseguíamos fazer queixa daquilo, ou seja, bateram-nos e ainda nos disseram isso. Um amigo meu ainda veio em minha defesa, mas ele ainda lhe deu por cima, ate lhe chegou a abrir o joelho. Eu não acho correta a maior parte das ações da polícia (...). Quando a gente é atacada temos de nos defender e só nos incitou o ódio. Claro que há pessoas que façam coisas, não tou a dizer que mereçam que lhes aconteçam coisas, mas provocam, com insultos ou isto ou aquilo, pronto até aí tudo bem. Agora quando uma pessoa vai num cortejo, basta ser empurrado por uma pessoa, calhas de cair no passeio, eles deram logo na pessoa, nem perceberam se a pessoa fez alguma coisa de mal, partem logo para a violência, porquê, metem todas as pessoas num todo e reagem... não são formados pra pensar naquilo que estão a fazer.*

Márcio defende que nos “cortejos” a ação policial é feita de forma exageradamente e desnecessariamente violenta - *Há situações, há cortejos que eu já tive presente em que a polícia é mesmo... desnecessário, não tem assunto no que faz, porrada, virar-se a nós, é mesmo desnecessário.* Já Pregal, ciente do melhoramento do policiamento, principalmente desde o euro 2004, refere que ainda assim continua a haver repressão policial e, inclusive, a afinidade clubística tem influência na conduta dos agentes - *Acho que até têm feito um bom trabalho. Desde que o euro 2004 que mudou muita coisa aqui em Portugal, eles até conseguiram fazer um bom trabalho e isto tá muito diferente, o movimento ultra em Portugal. Mas, também acho que há muita repressão por parte da polícia em relação aos adeptos. Acho que eles não conseguem também ultrapassar isso... da clubite, há polícias que não conseguem ultrapassar isso.... Estou-me a lembrar dum caso que foi em Coimbra, Académica vs Porto, e o Porto precisava desse jogo e os polícias todos, os robocops todos né, a picarem-nos a gozar connosco porque eram benfiquistas. Também não conseguem separar isso, e estão a espera que a gente reaja, que é para baterem nas pessoas sem necessidade nenhuma.*

Voltando para a entrevista realizada ao *spotter*, nesta são tocados estes pontos agora mencionados quanto à ação policial na perspectiva dos ultras entrevistados.

Relativiza a ação policial à concentração populacional que o futebol provoca que torna a forma de agir mais complexa, e que requer mais atenção policial. Da mesma forma como as claques de futebol serão constituídas por alguns membros com contextos sociais menos favoráveis que molda personalidades legalmente complicadas, na polícia isso também acontece. A afinidade clubística não terá influência na forma de agir da polícia, mas alguns comentários proferidos poderão influenciar que os ouve. Os excessos terão a ver com o momento que o agente passa, “de raiva”, com a falta de preparação empírica sobre a reação em situações de pânico, em que cada um interpretará à sua maneira a uma situação de perigo e de tensão. Numa situação de provocação, os agentes em vez de violentamente deviam somente deter. *Do caso no futebol estamos sob alçada do comandante de policiamento, quando dá ordem pra avançar é pra bater, e não é uma carga fortuita, é bates e ele tem de fugir, só fica lá quem quer. Por exemplo nós temos o extensível, basta esticar que as pessoas já sabem que têm de sair, se saírem morre, se ficarem levam. A maneira de avançar do corpo de intervenção é em fila, é a maneira de avançar da ordem pública, que é pra ninguém ficar isolado e ser espancado pelos outros,*

e vai sempre certinho. E as pessoas se nós tamos a avançar as pessoas tão a recuar e caladas, se pararem ninguém vai bater, o problema é a ação vai ter uma reação policial. O intuito dentro duma claque é tu parares as agressões entre eles. uma situação maior, tem de ser uma reação mais musculada, e essa musculada pode acabar ou vai se ter de dar umas bastonadas. É assim, poderá acontecer, nalguma situação um polícia ou outro exceder-se. Tudo depende da raiva. A polícia deve saber agir, um jovem que acaba de ser polícia, por mais formações que tenhas, não tens formações em pânico, tu pra teres uma certificação de uma arma tas ali perante os alvos, não é uma ameaça real, numa ameaça real tudo aumenta, e cada um interpreta essa ameaça como quiser, e o que lhe vai na cabeça na hora e por vezes cometem os excessos

Quanto à mencionada afinidade clubística, o agente refere: *claro que já vi uma situação que pra mim foi humilhante. Foi num jogo no Benfica em que vejo um comandante de policiamento a dizer “tudo que for azul é bater”. Nesse caso, quem o acompanha no policiamento não influencia, mas quem ouve já... tu que és do adepto do Porto, ouves um comandante a dizer isso pros seus homens, vais levar a mal, vais-te a insurgir. A uma ação leva sempre a uma reação. Quem teve mal foi a polícia, é um comentário que não se deve dizer. Eu sou do Porto e prendo portistas, eu sou do Norte e prendo um ror de adeptos do Boavista, quando visto a farda não tenho clube. Isto era o que todos deviam fazer, não era “ai este é do Benfica é pra prender”. Às vezes o Porto perde e vou cabisbaixo, mas temos de cumprir o nosso serviço. Imagina, eu sou benfiquista e vou prender um portista e tou com mais ganas, isso não.*

Sobre a forma como as dinâmicas relacionais dos indivíduos diferem consoante o contexto, quando estão em claque e quando não estão, para começar Jerónimo refere que não é a pertença à claque que dita a conduta do individuo, mas sim a sua origem social e as suas vivências quotidianas que os habitua a esses comportamentos - *conhecendo este mundo como conheço e conhecendo as pessoas como conheço, não difere muito com a sua forma de estar fora dali. Isso vem também do sítio de onde vêm.* Ainda sobre isto, Pregal que refere que o contexto grupal propicia atos que não seriam feitos num contexto fora da claque, por variados fatores: *uma pessoa quando tá em grupo tem sempre a... um bocado a mania, entre aspas. Se tiver sozinho se calhar tenho mais calma para umas coisas, não reajo tão impulsivamente como se tivesse em grupo, uns puxam os outros, acho que é isso. A adrenalina está ali mais no auge, parece que não, uma pessoa se for*

assim ver um jogo há um bocado mais de tensão e tudo, não é. Não só com os adeptos, mas também com a polícia, tou sempre mais nervoso e assim.

Acrescenta, também, que existe violência dentro da própria claque entre indivíduos, pois é onde indivíduos de bairros sociais rivais se encontram e tentar resolver ou prolongar problemas entre si através do confronto físico - *há sempre rivalidades, há pessoas que têm aqueles problemas fora daquilo. De muitos núcleos é pessoas de bairros e assim não é. Há coisas que não têm nada a ver com futebol, e as pessoas encontram-se ali no estádio e serve de... coisas que têm cá fora levam lá pra dentro e existe muita rivalidade nisso. Não, acho que não conseguem (direção da claque) fazer nada em relação a isso. São questões que vêm de fora, não se consegue fazer nada.* Algo reforçado por Jean: *há rivalidades já passadas que às vezes, num ou outro jogo, se vier um membro que não vinha há muito tempo a aparece, pode criar conflito, às vezes tarem bêbedos despoleta assim alguma coisa. Ou são coisas esporádicas, pode ser por estar bêbedo e estar ali. Só por tarem bêbedos um deu um cachaço a outro e não gostou e pronto, pegaram-se, cenas mesmo básicas que nem sequer tem nada a ver com bola.*

No que diz respeito ao contraste comportamental dependente do contexto, a adepta admite que a sua conduta e forma de estar altera consoante o momento em que se encontra: *A linguagem difere muito, não costumo dizer palavrões, não digo por respeito aos familiares. Mas na bola, eu abuso. Assim, na forma de agir, posso ser mais agressiva, mas tem a ver com o tipo de pessoas, quer dizer não é o tipo de pessoas, sei lá, é conforme as situações, se tiver que, por exemplo naquelas confusões nos cortejos, perco a paciência e mando-me mesmo a elas. Porque ali no meio, não sei, é diferente*

Continuando o foco na claque, sendo agora o propósito entender como o grupo se organiza e estrutura. Aqui existe alguns pontos de concordância e outros que não se complementam, e fica-se na dúvida se é por desconhecimento ou sigilo, isto porque nalguns momentos das entrevistas notou-se algum ceticismo em explorar este tema mais específico sobre os Super Dragões - *essa parte da estrutura tem uma rotação muito grande. Não interessa* - Diz Jerónimo que também acrescenta apenas alguns pontos chave: existem reuniões por WhatsApp entre os chefes de núcleo, que foi, aliás, complementado ou contradito por Jean que refere que as reuniões são presenciais e não pela rede social devido às fugas de informação pelas capturas de ecrã, para membros de outras claque e para a polícia, sobre onde e quando membros da claque vão estar. Pregal

adianta que essas reuniões seriam às quintas-feiras na sede da claque, em que se discute principalmente a distribuição de bilhetes, ou, de acordo com Jean, assuntos mais específicos para certos jogos. *Todas as quintas feiras tem-se uma reunião, bilhetes, quantos querem e bilhetes e não sei quê e depois é assim, basicamente é isso.* – Pregal. *Quando é preciso passar alguma mensagem usualmente usava-se o grupo dos SD no WhatsApp, mas pronto tem havido muita fuga de informação e então tem-se feito reuniões mesmo na sede que assim é mais difícil que haja fuga. Há na mesma, mas é mais controlada. Não há questões de prints. As reuniões é para situações mais específicas, por exemplo, vai haver um jogo importante e é preciso terem em atenção certos aspetos e é pra isso que se tem reuniões, não há tipo reuniões mensais, é só mesmo em casos específicos* - Jean

Ainda sobre os núcleos, estes servem para as indicações do chefe da claque chegarem à grande maioria de todos os membros da claque, representam um território, seja dentro da cidade do Porto, seja de outra cidade do país ou também de fora do país, de acordo com Jean cada núcleo para ser reconhecido tem de ter 25 ou mais membros. Tem a função de fazer as inscrições dos seus elementos e vender os bilhetes para eles, e contabilizar um número médio de membros que vão aos jogos, em casa e fora. *Nem chega ao Macaco, o chefe de núcleo trata logo disso. O chefe de núcleo, o Macaco para os Super Dragões é o chefe de núcleo para cada núcleo. Pronto. Não sei como isso é gerido depois.* – Jerónimo, complementado por Pregal: *depois cada núcleo tem o seu chefe. Pelo menos no meu caso e assim, qualquer coisa, fala-se diretamente com o meu chefe, não é com o Macaco. É organizar o núcleo, fazer as inscrições, ver qual é o número de pessoas que tem, depois há de haver um número médio de pessoas que levam por jogo, pedem bilhetes, e arranjam bilhetes para essas pessoas (...)* Acho que o núcleo tem de ter 25 ou 35 para ser formado, para ser criado.

A nível hierárquico, algo é unânime que é a preponderância do líder da claque, que é quem manda, e ainda sobre os núcleos, os chefes deste deve resolver os problemas dentro do seu núcleo e não precisa sequer de chegar ao chefe da claque. Este aspeto é coerente nos testemunhos recolhidos todos. *“O Macaco é mesmo “O”. É o líder”* – afirma Jerónimo. Quem se segue na hierarquia já não o é, com Jerónimo a defender que não existe um grupo de indivíduos com estatuto hierárquico superior na claque, de que a seguir ao líder da claque estão os núcleos e os seus chefes, contudo o resto dos elementos

referem que existe esse tal grupo, que, aliás, Jerónimo refere que esse estatuto é adquirido por fatores exteriores à claque, relativos a negócios e proveniências sociais da cidade do Porto que lhes ditam outro background criminal (*Isso tem a ver com fama, por serem conhecidos, por serem do Aleixo, serem associados a... já não tem a ver com futebol, acho eu*). Também o *spotter* entrevistado refere a que ao lado do líder, existe cerca de 6 indivíduos, com cadastro criminal que têm poder na claque devido a esses negócios paralelos e ilegais. Uma perspetiva mais embelezada é defendida por Márcio: são os parceiros do líder, que ajudam na liderança e a reforçar as suas indicações de forma mais direta (*Tens o macaco que é quem manda mais, depois tens sempre os que tão mais chegados a ele. Ele é quem dá a ordem a eles, os seus parceiros, para depois ajudarem a liderar no que for preciso, pra ajudar*). Pregal também os toma como braços direito da claque do líder indiscutível da claque (*tem pra aí quatro ou cinco que andam sempre com ele, que é um dos braços direitos dele*.) Jean, também realça importância da esposa do chefe da claque, que lida diretamente com o aspeto financeiro provindo da venda de bilhetes - *Como todos sabem, temos o líder, que é o macaco. A nível de estrutura, não é assim, temos a Sandra, a mulher dele, que basicamente ajuda em tudo, de resto não há propriamente ali, não há uma estrutura. Quer dizer há, há o líder, a mulher e os núcleos, cada um tem um chefe de núcleo*. Outro tema interessante são os cânticos, e seria pertinente perceber como se processa a sua criação. Por um lado, Márcio expõe um processo mais protocolar, em que qualquer pessoa pode escrever ou inventar um cântico e posteriormente propor à claque, apesar que há uma pessoa com essa função específica. E Pregal defende um processo mais espontâneo, em que surgem fruto do convívio e eventualmente o resto da claque poderá aderir, defendendo que não há um processo formal. *Qualquer pessoa chega lá, tens uma ideia, comesas no estádio a cantar. Se pegar, pegou. É basicamente isso, não há aquilo de “olha hoje sei uma”, até é mais os Colectivo, os Colectivo por acaso nisso é que são os verdadeiros a criar cânticos. Aqui não há assim ninguém com papel e caneta “olha hoje é assim”, não sai, inventa-se, às vezes até numa viagem, como já aconteceu com o Porto fora e assim, tamos a cantar e a música calha de pegar e prontos. Quando chegamos ao estádio começamos a cantar todos e pega a música*.

Jerónimo refere mais dois aspetos pertinentes sobre a forma de agir da claque: a pressão feita sobre a equipa e a atenção que é dada ao comportamento dos jogadores de

forma a zelar pelos interesses da claque - *Os Super Dragões defendem o clube e a cidade e nem sequer precisam de ser mandados. Acho que é muito básico. Acho que no caso de nós, sim, podemos ter algumas atitudes que possa ter sido alguma coisa dito ou assim, mas a maior parte das vezes não é isso que acontece. Podes apanhar um jogador aqui na discoteca e apanhas lá um jogador qualquer e uma pessoa qualquer da lhe um cachão “que tas aqui a fazer? Amanha tens jogo”*. Atribuindo, assim, uma função institucional ao grupo. Realça também o aumento demográfico da claque nestes últimos anos, elogiando, por um lado, porque coincide com um momento complicado tendo em conta os resultados da equipa. - *Desde que começamos a perder os campeonatos, mesmo com o Lopetegui, aqueles 4 anos que tivemos sem ganhar nada, inexplicavelmente o apoio foi gigante*. Por outro lado, uma crítica que aponta é a existência de vários adeptos que não os identifica como ultras, que só se aproveitam do nome da claque para a construção duma imagem social - *no meu ponto de vista que ia a todos os jogos fora e isso pra mim é mais importante do que os jogos em casa porque aí vai mesmo quem está dedicado, não é só pelas pessoas que o jogo é aqui ao lado, vão porque querem e gostam, houve uma subida de publico, de Super Dragões a ir aos jogos, por isso é que em cada esquina encontras um Super Dragão. E as pessoa começam a usar isso como, ir aos jogos naquela bancada e não ter uma maneira de estar que é preciso para estar ali, vão para lá porque a bancada é mais barata ou porque conhecem uma ou duas pessoas que são dos Super Dragões e depois de tudo isto vêm ter ao encontro do que a sociedade é hoje em dia, que é a popularidade dos Super Dragões, e na verdade não são, porque vão ali porque arranjam um bilhete que alguém os arranjou, e conhece 1 ou 2 e nem sequer ta a olhar pro relvado, ta a olhar pro telemóvel, não batem uma palma, não saltam, não cantam, não fazem nada, nesse aspeto isso também pode acontecer. E isso é um bocado denegrir. eles estão ali no lugar do estádio, só. É o que nos chamamos de pipoqueiros*.

Esta ideia é partilhada por Jean quando se pronunciou quanto àquilo que não se identifica no movimento ultra, tal como está mencionado mais em cima. E está diretamente ligado ao aumento demográfico da claque, e esse fenómeno podemos relacionar com uma crítica que Pregal levanta, que é o vínculo empresarial da claque. Através das viagens, bilhetes e *merchandising* existe alguns membros da claque que utilizam a claque para aumentar bastante o seu capital financeiro, aproveitando o financiamento do clube à claque, e é inteiramente contra esta vertente capitalista da

claque, pois desvia-se bastante do sentido puritano dado a uma claque de futebol, e que é uma ideia partilhada por mais membros da claque. *Vem de tudo (dinheiro), de bilhetes, camionetas. Tipo, mesmo nas viagens fora o Porto disponibiliza os autocarros. Só há dois jogos em Portugal que os Super levam dinheiro pelos autocarros, em Alvalade e na Luz. Uma pessoa paga pra aí 10 euros, mas o Porto oferece na mesma as camionetas. Esse dinheiro, ou seja, vai pros Super Dragões, alguém vai comer esse dinheiro todo. Se o porto ofereceu as camionetas e eles levam pra aí 10 euros, são 2000 mil pessoas a 10 euros cada uma, imagina quanto dinheiro é que não é, é muita guita. Devia ser por amor acho eu, aquilo é um negócio hoje em dia, é um negócio. É uma empresa. Camisolas e tudo. E depois, é isso que não me revejo nos SD também é isso, hoje em dia se fores a ver de fora, vais ver o Porto. À frente do Macaco tão sempre aqueles grupos que, vou falar assim, mais “das aldeias”, que são esses que compram as camisolinhas, a camisola que custava 25€ dos Super Dragões, pagam todos o anual, ao ano pagam aí 15€, são eles que dão o dinheiro ao Macaco, por isso é que eles ficam ali à frente, atrás é que vês o pessoal que luta contra o sistema e é posto de lado pelo Macaco. Este sentimento de individualismo num contexto que é defendido por estes entrevistados em causa que deveria ser coletivista é complementado por Jean: os chefes de núcleo, que não transmitem organização para os membros, aproveitam os números oficiais do núcleo para pedir mais bilhetes e efetuar a tal venda para membros fora da claque, para o seu proveito financeiro e potenciando a existência de adeptos na curva que não são perspetivados como ultras ou que poderiam danificar o nome da claque - Basicamente utilizam o nome do núcleo para conseguir os bilhetes. Acho que o núcleo tem de ter 25 ou 35 para ser formado para ser criado, e então eles utilizam esse número, mas depois não arranjam aquelas pessoas certas, é tipo quem vier e lhes pagar mais se calhar é o que eles arranjam, já vi isso acontecer.*

Convém apontar que as críticas que foram mencionadas mais em cima, quanto àquilo que poderia ser mudado no movimento ultra em Portugal, é reproduzido nestas críticas que os adeptos fazem à sua claque, mas de forma mais sucinta. Os pontos chave mantêm-se: os adeptos que estão na curva e não demonstram o apoio vocal e atitude ultra, o aspeto empresarial, dois aspetos que se pode englobar numa variável de afastamento com o sentimento puritano do que é ser ultra. E a falta de organização, neste caso mais

especifico dos núcleos. Estes são os pontos que se retiram quanto àquilo que os adeptos veem de mal no movimento ultra, tendo os Super Dragões como ponto de referencia.

Algo particular à entrevista a Jean é o papel que a mulher tem nos Super Dragões. No seu testemunho refere que se sente uma presença estranha num contexto masculino, não só pelos membros da claue - *É assim, há sempre, eles olham muito de lado prás mulheres. Pra já, dão aquele coiso de são mulheres, acham muito atraente as mulheres tarem na bola, não olham como uma pessoa qualquer; mas também pela polícia. Sente discriminação verbal pelos spotters, destacando um momento especifico num cortejo da claue - Aí sofri muito preconceito porque o gajo virou-se e disse “que é que tas aqui a fazer? A culpa disto tudo é tua, vai, mas é lavar a louça sua puta” – o polícia disse isso e eu quis saber o nome dele para fazer queixa, mas todos aqueles polícias destacados para tarem ali, eles têm o nome ali em velcro, mas eles não tinham isso, tinham tirado. Ou seja, não conseguíamos fazer queixa daquilo, ou seja, bateram-nos e ainda nos disseram isso. E pela própria direção da claue: eu já sofri isso com o macaco, por exemplo. Por ser mulher, ele já me mandou calar por ser mulher e que não sabia o que estava a falar e que não podia ir la pro meio, as confusões, porque não ia conseguir fazer nada, mas sou útil noutras coisas e dou muito a claue de várias formas. E também quando está na curva e ouve ou os chamados piropos ou insultos de cariz sexual ou comentário pejorativos por ser mulher. E que as mulheres são perspetivadas como mais frágeis ou mais fracas ou inferiores aos homens, principalmente no contexto em que estão inseridos.*

Os comentários que uma pessoa ouve, sempre a ouvir esses piropos típicos de homem, sem querer ser feminista, mas ouço muito assim uns comentários e eu tou sempre a dizer “vejam-me como um homem” não é por eu ser mulher que sou mais indefesa, eu e outras mulheres que conheço lá, fazemos tanto mais que um homem. Se tivermos que defender a claue defendemos, vamos pra linha da frente, não recuamos como certos homens. Por isso, sim, veem-nos como sexo fraco ali no meio, somos poucas, damos mais nas vistas, por sermos poucas, ta cada vez mais a crescer, sim, mas ouve-se muitos comentários. E pronto, é mau, porque nós tamos ali, pelo menos eu tou ali pra ver o futebol, não tou pra me exhibir. Eu consigo controlar quando me dizem coisas desagradáveis (...). há homens que faltam ao respeito que pensam por sermos mulheres acham que somos mais fracas, tanto que já vi comentários no grupo dos Super a dizer pra irmos lavar a louça,

literalmente quando estávamos a falar de futebol, e conversas com argumentos e mesmo assim continuavam com esse discurso que não devíamos continuar ali. - Jean

Em conflitos físicos não se envolve de forma direta, servindo como apoio de retaguarda, mais como fonte informativa e estratégica, alertando onde estarão os adversários, entre outras tarefas mais específicas que consegue fazer com facilidade e que tem bastante disponibilidade para fazer. *Já houve confusões, e quando digo confusões é mesmo aqueles conflitos frente a frente e eu já estive lá e não andei à porrada com homens, porque obviamente os homens vão ter mais força que eu e tendo em conta os que são, mas já ajudei doutras maneiras. Por exemplo, vi quando iam ser atacados várias vezes por claques rivais e ajudei a dizer quando outros vinham e quando iam atacar ou seja, consegui prever as cenas e tava lá a observar. Claro que não tenho força para isso, ou seja, tenho de ir pra outros caminhos com que eu possa ajudar. Mas eu faço qualquer coisa que seja precisa. Olha, não abandono a bandeira porque acho que os homens pensam que só os homens que abanam.*

Informa que existe, efetivamente, chefes de núcleo mulheres, porém a imagem que passa é de passividade – *há (mulheres chefes de núcleos), só que tas a ver, nesse caso, essas mulheres pra mim não dão o exemplo porque ou não sabem agarrar o núcleo, às vezes são mais os membros que ajudam a levar o núcleo pra frente, não têm assim, ali numa claque não sabem bem como agir perante homens.* Refere, também, que várias mulheres utilizam a claque como ferramenta de construção de imagem social: *As mulheres fazem falta porque a maior parte é tratada como objeto e deixa-se tratar como objeto porque vão pra lá, super maquiadas, vestida como se fossem sair pra noite ou assim, não vão como se fossem ver um jogo de futebol, porque lá esta deviam ir pra apoiar o clube, bater palmas, não é pra estar lá de braços cruzados a tirar fotos e dizer que estou aqui. Não, tem de fazer por isso, têm de ostentar um cachecol ou uma bandeira, têm de se deixar daquelas fotos todas sexualizadas e assim.* Em contrapartida, a adepta destaca que há cada vez mais mulheres em ir ver os jogos

Sobre o papel da mulher noutras claques, destaca as claques White Angels, do Vitória Sport Clube, e a Juventude Leonina, do Sporting Clube de Portugal. Na claque vitoriana existe um grupo específico de mulheres e têm preponderância na claque. Indicia também que nas claques benfiquistas, em cortejos, as mulheres assumem a vanguarda, que é interpretado como uma estratégia de defesa por parte dessas claques.

O papel da imprensa na forma como o movimento ultra é retratado para o resto da sociedade e como isso influencia as práticas dos adeptos e também as da polícia é explorada neste capítulo empírico, pela entrevista feita a um jornalista desportivo e também aos adeptos e ao *spotter*.

O jornalista entrevistado tem 57 anos e é jornalista desde 1981 e é chefe de redação de um dos maiores jornais desportivos do país desde 2002, sendo que acompanha profissionalmente o futebol desde o início do seu percurso profissional, inclusive o movimento ultra. Pela experiência que adquiriu, assume-se como um testemunho válido para entender a perspetiva da imprensa, principalmente a escrita, quanto à forma como as claques de futebol são retratadas. Da entrevista o que será mais pertinente realçar é que apesar de poder haver uma coreografia bonita ou um bom apoio vocal, noticiar o hipotético confronto físico entre adeptos ou com as forças policiais prevalecem, pois seria o que é interesse público. Dá o exemplo, também, dos debates televisivos vestidos de sensacionalismo e despidos de conhecimento aprofundado sobre futebol, que acaba por aumentar as tensões na modalidade, entre os clubes e os seus adeptos. *Há pouco tempo no Estádio da Luz onde o Benfica não reconhece as claques mas tem duas e pegaram-se todos À porrada, os Diabos com os No Name, mas isso não tem a ver com futebol, isso são questões laterais, foi ali podia ser num bar ou discoteca, só confrontos entre pessoas, depois é evidente... se duas claques do mesmo clube andam à pancada nas instalações do clube se calhar é notícia e é notícia pelo pior que pode ser, ninguém vai querer saber se no dia seguinte ou 3 dias depois a coreografia depois foi fantástica, se ajudaram muito ou pouco, não, puxaram de facas, andaram à porrada, isso é que conta. É interesse publico, claro..., mas por exemplo, quando aparecem nos jogos grandes, que se tem mais atenção, coreografias bonitas no dia seguinte saem fotos nos jornais, sabe qual é a outra hipótese de aparecerem? É se tem faixas insultuosas. Há coreografias nos jogos grandes em Portugal que são coisas bonitas, há cartazes, há coisas fantásticas que cobrem as bancadas com desenhos, com cartoons, coisas criativas e bem feitas e tem arte ali. A seguir, passado um bocado estão-se a insultar e depois no dia seguinte dá-se destaque aos insultos. Mas isso aí, o jornalismo é necrófago (risos). É como o tipo da morgue, ele não quer que ninguém morra, mas se ninguém morrer ele vai à falência. O fenómeno que é a CMTV que é bastante mal escrito de maneira geral, agora tem coisas que as pessoas gostam, tem crimes e tem intrigas, heróis, tudo que é oco. Muitas coisas são ocas,*

pra que é que quero saber se a fulana que é atriz de novela vai pra praia, se deixa o filho em casa e vai de férias. Mas se as pessoas não quisessem saber, eu não quero, não estava lá. E até eu que não quero saber, sei, porque tenho obrigação de ler jornais. Tudo que é assim um bocadinho oco, mas chamativo, tem intriga. Há programas que eles são três comentadores desportivos, são 3+1. Até aí pessoas com responsabilidades perdem compostura, quer dizer pessoas até aí em programas de debate. Três advogados, um levanta-se e vai embora. Debater o futebol por pessoas que nada sabem de futebol, nada têm a ver com futebol acho que não existe em mais lado nenhum. Tao prolífico. Até esses comentadores têm influência na cristação, é o que eles fazem porque, tirando uma outra componente... há quem leve aquilo muito a sério, muito preparado, com os recados, com tudo... é mau, é muito mau.

Os adeptos sentem que existe uma tendência jornalista em superficializar o movimento que acaba por construir uma imagem perspetivada pelo resto da sociedade que caracteriza o movimento como sendo construído por elementos desviantes da sociedade. Dando prioridade e destaque aos aspetos maus das claques, de violência, verbal ou física, ou que contribua para a rivalidade entre os clubes e que construa polémica, ou até mesmo inventar acontecimentos, ignorando ou desvalorizando aspetos positivos, relacionados com espetáculos visuais e vocais ou mesmo ações de caridade que as claques possam ter, neste caso os Super Dragões.

Manipulam tudo e toda a gente, noticiam as coisas da forma como querem e da forma que lhes der mais jeito e isso depois tem a ver com os responsáveis altos do nosso país em todo o tipo de áreas e futebol é só mais uma, e como o futebol é o hobby do português, acaba por ser o sitio onde atacam mais – Jerónimo

nota-se que quando há algo de errado sobre o clube, tipo quando aparece aquelas frases pintadas na parede, remetem logo para uma claque, e logo pros super, e não pensam que pode ter sido o Colectivo ou que podem ser adeptos individuais a tomar partido fazendo essas cosias. Eles tomam logo as coisas más como feito das claques, não ligam as coisas boas. Nós também fazemos muito peditórios e assim, e as pessoas nem têm noção, tudo que é mau a imprensa passa e nem fala do bom apoio que prestamos nos jogos, nunca dão ênfase a essas cosias e deviam. É só cosias negativas – Jean.

Os meios de comunicação são, também, de acordo com Jean, como um fator para a propagação da imagem feminina como um aspeto embelezador do futebol, e não como

algo inerente ao fenómeno social que rodeia a modalidade. Isto acontece pela ostentação de mulheres socialmente perspetivadas como bonitas, transmitindo a imagem de que o sexo feminino serve unicamente para apoiar o homem no contexto futebolístico - *mesmo a comunicação social o faz. Porquê, no estádio quando vês a gravar as mulheres, vês a gravar as mulheres, aquelas que parecem mais bonitas, vêm maquilhadas, é muito um objeto.*

No caso do agente policial, este vê a imprensa como uma instituição que procura somente o erro, exemplificando que quando existe uma carga policial, só esta é noticiada e não é contextualizada. Isto faz com que a perceção social sobre a polícia seja uma de a vilificar enquanto consequência num processo de procura do conflito: *E atualmente acredito que existe muito mau repórter, vemos tanta má notícia que é uma coisa que eu lamento, com sistemas informáticos, até o simples erro que eles dão tipo “os dois mortos fugiram” - isto é querermos ser sensacionalistas sem existir. E quando há cargas policiais, não dizem o motivo para tal. E se o individuo fez, olha, aconteceu. Por exemplo, os festejos do Benfica lá em baixo, houve carga policial, mas não diziam o que estava por trás. Quem vê aquilo e nós hoje em dia vemos muito esta política, os próprios pais incentivam os meninos a não gostarem da polícia (...). Acho que hoje estiga-se muito as pessoas contra a polícia. Tão simples quanto isso.*

Das entrevistas realizadas retira-se vários aspetos que vão valer a consideração nas elações finais deste trabalho, principalmente *a posteriori* da relação com os outros dados teóricos e dados retirados de outras bases de dados empíricas que são analisados neste capítulo. Tanto daquilo que os adeptos nos disseram, bem como do que o agente policial e o jornalista nos disseram, existem dados relevantes e pertinentes que devem ser tomados em conta cientificamente, sempre com a capacidade de situar esta questão à pequena amostra que se tem.

Toma-se a territorialidade e a herança geracional como os aspetos influenciadores para a afinidade clubística escolhida, sendo essa territorialidade de nível meso e não micro, uma vez que se toma o Futebol Clube do Porto como clube que os representa geograficamente, apesar de termos entrevistados de Gaia, Leça da Palmeira e Gondomar. As suas entradas para a claque foram facilitadas por várias vias: grupo de amigos, a exteriorização da claque, pela venda de bilhetes a adeptos que não fazem parte da claque,

pelas redes sociais, e a questão geracional e influência familiar novamente incidem, neste caso na integração dum novo membro na claque. Algo também que se pode retirar das entrevistas ao nível da socialização, é que 3 dos 4 adeptos entrevistados entraram para a claque na adolescência, o que acaba por ter forte influência socializadora na identidade dos indivíduos. A preponderância deste aspeto acresce até porque as razões que os fazem permanecer na claque são as relações estabelecidas com outros indivíduos que partilham do espaço e das vivências, influenciando-se umas às outras a nível identitário e relacional.

Ao nível relacional retira-se uma fronteira entre os momentos em claque e fora da claque, sendo a linguagem, modo de agir e para quem direcionam as suas práticas condenáveis pela sociedade. O contexto grupal e o ambiente mais tenso que se vive propicia para que essa diferença se note. Entre essas práticas inclui-se o envolvimento físico para com os outros, os que defendem outra identidade coletiva e/ou territorial, e existe um discurso unânime quanto à aceitação natural desse envolvimento, apelando a uma inerência ao movimento.

Para controlar a violência provinda das claques de futebol, os agentes destacados para as monitorizar e acompanhar são os *spotters*. Através da entrevista realizada ao agente que pertence a esse corpo policial, foi possível perceber como funciona estruturalmente, logisticamente e em momentos de conflito real. A Unidade Metropolitana de Informação trata das informações fornecidas pelas claques legais e procura informações de outras formas e transmite-as para os *spotters*, que acompanham e monitorizam os adeptos. Quanto à forma de atuar, e tendo em conta que os próprios adeptos relatam de exageros físicos e verbais por parte da polícia, esses devem-se à falta de preparação empírica para situações de pânico. Desta entrevista retira-se também a possibilidade de a claque desenrolar também um papel de aplicação de força por parte do clube à equipa de futebol.

A nível estrutural, o que se conclui é que existe um líder indiscutível, um conjunto de indivíduos que o acompanham e apoiam diretamente cujo estatuto foi adquirido principalmente por motivos extra claque, derivados de negócios ilícitos e da sua origem, ou seja, a pertença a um específico bairro social. Também a esposa do líder desempenha um papel importante. E os núcleos que representam o território de onde os seus membros são. Esta estrutura acaba por estar relacionada a algo que é bastante criticado pela maioria dos entrevistados que é a componente empresarial que a claque enverga, através do

merchandasing, venda de bilhetes e transportes a jogos fora. Tendo como base o financiamento do clube, o líder, os seus “braços-direitos” e os chefes de núcleo serão os que mais beneficiam dessa componente. Isto tem como consequência outra crítica: vários adeptos frequentam o espaço da claque no estádio devido a essa exteriorização, e acabam por não contribuir para o rendimento da claque, servindo-se desta para a construção duma imagem social.

Quanto ao papel da mulher, a entrevistada revela-se discriminada pelos restantes membros da claque e, também, pela polícia, sendo que as mulheres na claque têm uma dimensão demográfica reduzida e, também por isso, têm pouca propensão para agirem e terem influência, até por serem constrangidas pelo contexto masculino que é uma claque de futebol.

Sobre a forma como a imprensa retrata as claques e os seus comportamentos, os adeptos referem como esta “inventa” e procura o sensacionalismo, e o jornalista admite que, para satisfazer o interesse público, às notícias más são-lhes dadas mais destaque.

c) Formas de apresentação da claque – redes sociais e fontes abertas

Neste ponto analítico será tomada em conta a forma como a claque se apresenta publicamente, através das suas redes sociais e páginas *online* a si associadas. O pretendido com esta técnica é perceber como o movimento Ultra se adaptou aos tempos em voga, bastante presos com as redes sociais enquanto forma de propaganda e de comunicação e informação, através da exposição *online* do nosso estudo de caso. É pertinente, portanto, perceber como uma claque, com todas as suas complexidades sociais ao nível de dinâmicas, relações, interações que já foram bastante abordadas ao longo do capítulo teórico, se demonstra institucionalmente e publicamente. Analisar-se-á a página oficial do *Instagram*, uma outra página relativa à claque, a página oficial no *Facebook*, o site da claque, e canal do *Youtube*.

Começando pela aplicação *Instagram*, nesta a claque tem a sua conta oficial “superdragões1986”. Esta conta tem a sua primeira publicação em 2014, ou seja, à data deste trabalho está nos seus 5 anos, tem mais de 100 mil seguidores, que é um número significativo para uma claque com cerca de 2 mil membros e tem como descrição “Instagram oficial dos Super Dragões”. Tal como só é possível nesta aplicação só são

publicados vídeos e fotografias, tendo a página mais de 300 publicações. Essas publicações envolvam-se em fotografias da claque no estádio em momentos específicos, como as suas coreografias, ou “momentos naturais” em que a fotografia apresenta a claque num momento aleatório do jogo. Também os de momentos de jogos de hóquei, basquetebol e andebol são fotografados. As principais coreografias da claque desde 2014 estão presentes em fotografia na página, que foram tiradas de sítios fora da curva, podendo ser de pessoas alheias à claque ou indivíduos com essa função específica, exemplo disso é o facto de muitas fotos e vídeos são provindos de uma outra página, “fotosdacurva”, que também nos focaremos de seguida. Os vídeos focam-se em situações que o apoio está mais forte por parte da claque, também em coreografias da claque, e nos cortejos, de forma a demonstrar a dimensão demográfica da claque em deslocações a jogos fora. São vários, também, os *posts* em que se publicita os próximos jogos do clube nas diferentes modalidades, reiterando o apoio ao clube, que serve como publicidade à própria claque, pois associando a outras várias publicações sobre esses mesmos jogos em que são anunciados os preços pela claque, percebe-se que a página relatada serve muito como intermediária para fazer chegar a possíveis compradores para potenciar financeiramente a claque. Tendo em conta que é uma página pública, ou seja, não é preciso seguir para ver as suas publicações, pode-se interpretar esta forma de bilheteira, como estando aberta também para pessoas fora da claque. Outro aspeto relevante, também relacionado com a questão do *marketing* é que são vários os *posts* relativos unicamente para a publicidade dos artigos que a claque vende. E reforça-se o raciocínio ainda agora exposto sobre a abertura para pessoas fora da claque.

Ainda no *Instagram*, existe, como referido, também a página “fotosdacurva” que, para além de servir como uma forma de partilha reprodutora de publicações e comunicados e tomadas de posição públicas da claque, em sua defesa e do clube e ataque a outras claques e outros clubes, serve, basicamente, como uma base de dados mais atualizada e específica das atividades dos Super Dragões. Com a postagem de coreografias, momentos em jogos e cortejos, mais atualizados e em maior quantidade que a página oficial da claque.

Analisemos a página oficial dos Super Dragões do *Facebook*, fonte de informação importante sobre a claque (Página oficial dos Super Dragões, 2010). A página foi criada em julho de 2010 e a utilidade desta assemelha-se à do *Instagram*, mas de forma mais

maneável, atendendo àquilo que ambas aplicações/sites permitem, uma vez que no *Facebook* é mais fácil partilhar informação, comunicar e abrange mais pessoas, já que aqui são mais de 290 mil pessoas que gostam e seguem a página, quase o triplo que no *Instagram*. De referir que nesta página a claque assume-se como uma organização sem fins lucrativos.

Relativamente às secções da página, começando por aquela que descreve e introduz a página, a “Sobre”, lá encontramos a data de fundação da claque (1986), a “missão” – “Apoiar o Futebol Clube do Porto”. Nos contactos estão um contacto telefónico, um endereço eletrónico e um sítio online oficial, ou seja, como se sucede nas páginas de empresas. Ainda nesta secção a claque afirma-se “claque principal do FCP”. Relativamente à informação geral, é apresentada, sumamente, a estrutura dos Super Dragões (com um Presidente, 7 grupos e 70 núcleos).

Sobre as publicações, começando pelas mais de 1500 fotografias publicadas, num modo geral as fotografias da claque nos estádios e pavilhões, nos cortejos. Fotografias de notícias relacionadas com o Porto e os seus elementos mais notórios (presidente, treinador, jogadores) com palavras de incentivo, publicações contra o Benfica e figuras de autoridade (árbitros e instituições reguladoras do futebol português) relacionando-as entre elas e com os seus maiores rivais). Há, também, algumas publicações sobre membros da claque que faleceram, em forma de homenagem. Os vídeos são sobre momentos de festa da claque, em que estão a ter boas demonstrações do aspeto relacionado com o apoio ao clube em modo de festa e com pirotecnia e com o aspeto vocal em força.

Existem, igualmente, publicações relativas à venda de bilhetes, bem como publicações de informações gerais para os adeptos aquando de deslocações a outras cidades em jogos fora, servindo, assim, como intermediário do próprio clube para se chegar aos adeptos.

A página também serve como plataforma para a publicação de comunicados oficiais relativos a tomadas de posição da claque face a algumas acusações que podem ser alvo. Ou seja, a rede social, para além de servir para fomentar o seu comércio (merchandising e bilhetes), também serve como instrumento comunicativo institucional. Algo relevante que se retira da página de Facebook oficial da claque é da secção “Notas” – em que se encontra uma publicação do em que a página foi criada sobre a estrutura da

claque. Ou seja, há, assim, uma exposição pública da questão funcional e estrutural dos Super Dragões, algo que é explorado nas entrevistas aos membros da claque. Derivado “do aumento exponencial dos associados”, à claque foi exigido uma maior organização, que se baseia em três níveis: “Direcção (Constituída pelo nosso presidente, a direcção da claque é a responsável por todas as decisões administrativas da Claque “; Grupos (São sete na totalidade e a cada grupo estão associados vários núcleos. É da responsabilidade dos chefes de grupos tratar de toda a parte logística dos núcleos a eles associados bem como transmitir todos os valores e ideais da nossa Claque. São eles os responsáveis pelos núcleos que integram o seu grupo e pela comunicação entre núcleos e direcção da claque.)”; e “Núcleos (Existem cerca de 70 núcleos e todos eles estão associados a um grupo que os orienta e coordena de forma a que possam seguir os padrões gerais estabelecidos pela nossa Claque. É dever do Chefe de Núcleo orientar os seus associados sempre em sintonia com o seu Chefe de Grupo. A função do Chefe de Núcleo é meramente organizativa.)”. Ainda de acordo com esta publicação, a cada grupo está atribuído um setor na “curva”, e deverá controlar os seus núcleos, zelando pelo bom comportamento e funcionamento no seu setor.

No Facebook também há a página do “FotosDaCurva” que, naturalmente, tem menor dimensão, naturalmente, que a da claque, com cerca de 40 mil perfis que seguem a página, foi criada em 2012 e é descrita na secção “Sobre” da seguinte forma: “Os adeptos, e a força da emoção através das imagens apresentadas! O FotosDaCurva tem função de lhes dar voz. Sem eles o futebol não seria igual”. Tal como no *Instagram*, no Facebook a função desta página é principalmente direccionada para a publicação de fotografias e vídeos relativos a momentos de festa e apoio efusivo por parte da claque ao clube, bem como de fotografias de adeptos do clube no estádio ou nos cortejos para os estádios. Aproveitando a instrumentalização da rede social em causa, também são publicadas outras coisas para além do referido, reproduzindo publicações da página dos Super Dragões.

Vários núcleos têm também página no Facebook, que servem como forma de mostrar os membros em momentos de claque, reproduzir o que é publicado na página da claque e demonstrando, de alguma forma, a identidade que se ganha aderindo a um núcleo, até por ser, normalmente, constituído por pessoas da mesma “terra”. São várias as publicações sobre o clube, demonstrando o sentimento que nutrem por ele, outras que

servem como partilhas de publicações feitas na página da claque, mas, de foco geral, o principal enfoque é dado ao próprio núcleo, aos seus membros e à assiduidade e compromisso que estes têm pelo movimento ultra e pelo apoio ao clube.

Por fim sobre esta rede social, como referido, algumas das publicações são imagens de propaganda à claque, mas neste caso, no início da época 2019/2020 os Super Dragões publicaram uma imagem com as regras para pertencer à curva: “Aqui é para apoiar, não é para estar calado. Para veres o jogo sentado tens outros setores. Aqui é para cantar, não é para filmar e postar. Pipocas e aperitivos é no cinema. E sempre com a camisola, cachecol ou bandeira do Mágico Porto”.

Na página da claque no Facebook há uma interligação para o site oficial da claque (www.superdragoes.com), o problema é que esse site no momento de escrita deste trabalho não estaria disponível. Bem como uma fácil pesquisa no Google por esse sítio permite-nos concluir que, de momento, não existe uma plataforma oficial unicamente da claque. O que seria mais próximo do site oficial da claque seria uma página subsidiária do site Loja dos adeptos (Jogada D'Ataque Artigos de Desporto Lda, 2015). Este site serve como loja online de produtos de guarda roupa e acessórios de adeptos e membros de claques, nomeadamente dos *White Angels* do Vitória S.C e dos Super Dragões. À falta de um website oficial da claque, assume-se que este é a página online oficial dum setor bastante relevante, o da venda de *merchandising* alusivo à claque (Jogada D'Ataque Artigos de Desporto Lda, 2017). Como referido, esta página é a Loja online dos Super Dragões, em que o site www.lojadosadeptos.pt serve como intermediário para este tipo de venda para os Super Dragões. Analisando o site, verifica-se no topo o brasão da claque e a alusão à “loja online”, apresentando o site. Tem uma ligação direta à página de Facebook desse site, e a hipótese de escolher entre Português, espanhol e inglês, indicando a internacionalização da claque, pois para ter essas opções é porque também há perspetiva de venda do material para o estrangeiro, o que pode estar relacionado às ligações institucionais entre a claque portista com claques estrangeiras, ou pelo crescimento da magnitude dos Super Dragões. Isto também se verifica quando, ao efetuar compra, na escolha dos portes estão as hipóteses “União Europeia” e “Resto do mundo”. Através desta página online é possível qualquer pessoa se associar aos Super Dragões, emitindo cartão, pagando anuidade (20€), o que permite ter descontos nos jogos em casa, nas deslocações (viagens e bilhetes) e acesso gratuito aos jogos em casa das outras

modalidades. Ao longo da página principal estão listados todos os produtos disponíveis na loja, sendo possível ir diretamente ao tipo de artigo desejado. Esses artigos são: bandeiras, bolsas, bombers⁶, cachecóis, calças, calções, *caps*, casacos, coletes, emblemas, gorros, kispós, ninjas, panamás, parkas, polos, saco mochila, *sweats*, t-shirts. Ou seja, toda uma panóplia de produtos de vestuário e acessórios. Realçamos a venda de produtos ligados mais especificamente aos ultras: as bandeiras, fundamentais para a identidade ultra e para distinguir dos restantes adeptos que normalmente não levam bandeiras para os estádios de futebol. E também os “ninjas”, que são gorros que tapam toda a cabeça, deixando só os olhos. Estes são atribuídos mais aos *casuals*, pois vai ao encontro da ideia constituidora deste submovimento ultra que é despende de artigos alusivos ao clube que apoiam e também permite esconder a identidade, dado azo a práticas que requeria intervenção policial e consequente identificação dos indivíduos.

Este site, não sendo o oficial e específico da claque, serve como a plataforma online para a claque vender os seus artigos para os seus membros ou qualquer outra pessoa que assim queira. Tudo isto alude para a perspetiva comercial sobre a claque.

Nos últimos dias as plataformas de *streaming* cresceram exponencialmente, em especial o Youtube e o Spotify, e os Super Dragões estão virtualmente presentes em ambas. No site de reprodução e transmissão de vídeos a claque tem uma conta, com cerca de 12 mil subscritores e um total de 1 191 305 visualizações o que é, de alguma forma, substancial, nos seus 37 vídeos. A página foi criada em 2015. Os vídeos centram-se em momentos da claque no estádio e em cortejos que façam sentido serem destacados. A atividade não é muito atualizada, havendo alguns espaçamentos temporais entre os vídeos.

Relativamente ao Spotify, os dois álbuns que a claque editou e lançou tendo por base os seus cânticos (“Porto Campeão”, 2003, e “Tripeiro eu Sou”, 2006) estão os dois disponíveis na aplicação. De acordo com os dados estáticos provindos dessa própria no perfil dos Super Dragões, são cerca de 9 mil ouvintes por mês, o que, ajustado ao contexto, de que é uma claque de futebol, é um valor significativo. Tem, também, alguns *singles* soltos.

O facto de ter uma discografia, e esta estar disponível numa das maiores plataformas de *streaming* de música, indica como a claque tem uma forte capacidade de

⁶ Um tipo de casaco

comercializar todos os seus bens, neste caso no campo artístico, uma vez que os cânticos são remisturados com instrumentais e masterizados de forma a ter a melhor qualidade possível para ser editados num álbum. Foram dois, para já, os álbuns lançados pelos Super Dragões, e desses, face à popularidade que a claque ganhou na década passada, que foi quando os álbuns foram lançados, associando ao sucesso do clube no início dos anos 2000, deverá ter provindo uma boa parcela de capital financeiro para a claque. E agora, com a forma como a claque se adaptou a algo que o próprio mundo da música teve de se adaptar, que é a existência de plataformas virtuais que permite às pessoas ouvir quase toda a música de graça ou a um custo relativamente baixo em vez de comprar os álbuns em formato físico, pelo Spotify a claque ainda agora poderá ir buscar algum lucro.

Os Super Dragões enquanto instituição adaptou-se ao contexto social e económico atual, em que as redes sociais têm uma forte preponderância. A claque portista utiliza estas ferramentas para se mostrarem para dentro, e para fora. Para dentro, isto é, para outros ultras verem aquilo que os Super Dragões dão ao movimento, e para se mostrarem aos rivais. Para fora, mostrando a instituições extra futebol uma imagem pública que é construída por eles próprios e não pela polícia ou a imprensa, e também para fora através do aspeto comercial, uma vez que muito marketing e merchandising é feito tendo em vista a venda de bilhetes e de artigos de vestuário e acessórios, inclusive para adeptos alheios à claque, facilitando a banalização do uso do brasão da claque e do nome da claque. Objetivo financeiro este, ou seja, somente para fora da claque. Mas também de fora para dentro, procurando-se cativar elementos para serem novos membros da claque.

ii) Cruzamento dos dados

Neste subcapítulo da análise dos dados iremos estabelecer a relação entre os diferentes dados, seja daquilo que foi retirado das fontes abertas da claque, da interpretação sociológica dos cânticos, e da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos atores envolvidos com o movimento ultra e ir-se-á confrontar com os dados teóricos e bibliográficos expostos na fase inicial desta investigação.

Com este processo procura-se complementar, corroborar ou refutar a relação entre os dados teóricos e empíricos. Talqualmente é pertinente perceber como as informações

retiradas das diferentes técnicas metodológicas se relacionam, seja em concordância, discordância ou complementaridade.

Como referido, o cancionero da claque direciona-se para vários, mas específicos temas: o amor ao clube, o desdém face ao outro, a identidade territorial, o sacrifício ultra, e o enaltecimento da claque. De forma sintetizada estas são as principais conclusões que retira da análise dos cânticos dos Super Dragões e servirão de base de relação para as informações relativas aos cânticos duma claque de futebol. Tal como foi explorado na fase de enquadramento teórico, tivemos como base o estudo de Gary Armstrong e Malcom Young (2009) sobre uma população diferente, é certo, que são os adeptos ingleses, mas que traça as matrizes sobre aquilo que um grupo organizado de adeptos canta. Os autores apresentam-nos algumas características de cânticos que depreenderam e analisaram no seu estudo que, de forma mais sintetizada, podemos assumir que existem cânticos para a própria equipa e cânticos para os adversários e figuras de autoridade.

Existem paralelismos entre aquilo que os autores nos apresentam no seu caso de estudo com aquilo que se analisou. Delineamos uma fronteira temática entre: os cânticos direcionados para a sua equipa, onde se encontra para além do amor ao clube, a partilha de identidade cultural e territorial também mencionada pelos autores; e os cânticos direcionados para o adversário que se focam no denegrimiento. Nestes, os autores aludem a um discurso que remonta para a metáfora de conseguir derrotar os adversários, não só desportivamente, mas também por aquilo que cantam, sendo mais ofensivos e abusivos que os adversários. De forma indireta poder-se-á relacionar isto com algo que não é diretamente abordado pelos autores que é o enaltecimento da claque, pela sua *performance* de apoio à equipa, até porque esta deve ganhar pela qualidade do apoio da claque, para além duma mentalidade vitoriosa do próprio clube. Remontamo-nos agora para outros aspetos que não estão presentes nas características de cânticos de futebol enumeradas pelos autores, que são a exigência e a ideia de supremacia e superioridade.

Ao analisar as redes sociais e as fontes abertas de informação encontramos que a grande maioria dos vídeos publicados nas plataformas são da claque a entoar os seus cânticos, sendo que isso acontece se o momento for visualmente apelativo e que transmite uma imagem de qualidade apoio e de espetáculo ultra, ou seja, não há uma divulgação direcionada para o conteúdo lírico dos cânticos. Seja como for, estes são uma forte

maneira de divulgação da claque pelas redes sociais. Quanto a tudo aquilo relativo à venda de *merchandising* não foi encontrado nada relativo ao uso das letras dos cânticos como produto de venda para guarda-roupa ou acessórios. São utilizados, isso sim, como produto para comercializar no aplicativo de *streaming* musical Spotify, em que estão disponíveis os dois álbuns de compilação, editados e lançados na década passada. E, assim, os cânticos assumem um caráter comercial que não é verificado no estudo de Armstrong e Young.

Esse aspeto empresarial não é mencionado nos cânticos da claque apesar de aparentar ser algo que tem importância por aquilo que se verifica na própria análise das redes sociais da claque, em que se faz publicidade aos produtos de roupa e acessórios, e há um site específico que serve como loja online. Tendo em conta que a maioria dos adeptos entrevistados referiram que um dos problemas da claque, numa perspetiva puritana, é a exploração financeira do nome da claque, na rede social que se pode tomar como principal, o Facebook, a claque apresenta-se como uma organização sem fins lucrativos. Tomando-se essa afirmação, poder-se-ia assumir que a venda de *merchandising* se destina para a gestão financeira da claque para a realização de coreografias e outras fontes de despesa. Confrontando aquilo que está oficialmente exposto pela claque e por aquilo que os adeptos referem encontra-se um desencontro. O que se pode afirmar é que existe uma capacidade, por parte da claque, de institucionalmente se saber apresentar, neste caso pelas redes sociais, não só por publicar vídeos que apresentam um bom apoio visual e vocal que trespassa uma imagem de uma claque forte no apoio à sua equipa, e também por se afastar daquilo que é construído sem confirmação legal quanto à sua procura do lucro e o que advém desse processo. Isto demonstra uma inteligência institucional por parte da claque. Tudo isto não é encontrado no reportório teórico integrado nesta investigação, até porque, inicialmente, o plano investigativo não incluía o aspeto comercial da claque que acabou por ser trazido à discussão na fase empírica.

A sustentação financeira é desenvolvida teoricamente nesta dissertação a partir dum artigo do jornalista Bruno Roseiro no jornal online “Observador”, em que explicita os suportes financeiros das claque de futebol em Portugal, referindo que existe a cedência ou venda mais barata de bilhetes nos jogos fora por parte das direcções do clube e que estes

davam apoio ao nível de transportes para esses jogos, para além da ajuda ao nível de logística. A isto soma-se a quotização dos membros da claque, pagando um valor de associação. A nível de despesas estas relacionam-se com os materiais de apoio comprados para fazer a festa no estádio (Roseiro, 2017). O jornalista também refere que poderiam haver outras possíveis ajudas externas, o que remonta para o que Daniel Seabra indica quanto ao caso portista, de como existiam patrocínios à claque, o que seria polémico no seio desta mesma.

De acordo com os depoimentos dos adeptos e do *spotter* o clube financia os bilhetes e os transportes. Os ultras entrevistados, nomeadamente Jean e Pregal, reprovam a forte componente financeiras sendo apelado o sentimento mais genuíno no que diz respeito ao movimento ultra. Existe, portanto, pontos de coesão e pontos de incoesão, sendo algo consensual que se retira do cruzamento de dados: institucionalmente a claque assume-se como algo que dá a entender aos seus próprios elementos que não o é. Havendo, assim, uma dessintonia identitária e axiológica entre a instituição e os indivíduos que a compõem.

Os aspetos referidos sobre o apoio financeiro provindo dos clubes e o pagamento de quotas advêm dum processo que mudou o panorama o ultra no país: a legalização das clagues. Na página respetiva à loja oficial dos Super Dragões existe a possibilidade de se associar à claque pagando uma anuidade que permite entrar mais capital na claque, que se relaciona com o facto de os membros da claque terem de se apresentarem ao Instituto Português do Desporto e da Juventude, permitindo assim uma identificação dos elementos para mais fácil monitorização por parte das autoridades. Assim, a claque utilizará uma ordem institucional para se beneficiar, identificando os adeptos, mas utilizar-se dessa identificação também como contrapartida financeira para si. Algo que, tendo em conta os resultados de outras técnicas, tem uma continuação ambígua. Por um lado, isto é tido como algo negativo por alguns membros da claque, aliás será uma das bases para a existência de casuais, como foi referido numa entrevista, não se identificando com este processo de legalização por ir contra aquilo que entende que é ser ultra e por ser invasão de privacidade. Por outro lado, como é referido por Seabra (?), a identificação dos membros da claque não abrange todos os membros, inclusive os que têm mais preponderância na claque, que também são os que têm um histórico criminal. Isto é reforçado na entrevista do agente policial que refere que muitos adeptos que estão

identificados tanto pelos *spotters* como pela Divisão de Investigação Criminal a que pertence não têm os seus nomes constados nos quadros do IPDJ quanto aos Super Dragões. Assim, a claque, em simultâneo: respeita aquilo que lhes é instituído, apresentando os seus elementos às entidades responsáveis pelo seu acompanhamento, procura uma contrapartida financeira através desse processo, mas que não deixa de expor os seus membros, e, sendo uma seleção enviesada a seu favor, permite ocultar os dados sobre alguns membros que não seria oportuno para si estarem expostos a essas entidades, permitindo desviar-se de certa forma da sua dependência institucional, que é criticada por alguns dos seus membros.

É interessante indicar que, pela análise dos cânticos, não existe nenhum direcionado para as figuras de autoridade, excetuando os insultos diretos ao árbitro. De resto, não existe um cântico formado direcionado para a polícia, ou para o IPDJ, ou para o Governo. A claque abstrai-se, assim, de qualquer vínculo político, mesmo quanto ao futebol. A única menção que pode ter uma conotação extrafutebol é sobre a dicotomia Lisboa vs Porto, representativa da rivalidade não só futebolística, mas também geográfica e política. Para além disso, quando a claque sente que a equipa está a ser prejudicada pela arbitragem durante um jogo os cânticos entoados são direcionados para o seu maior rival, dando, assim, a entender que veem o Benfica, igualmente, como uma figura de autoridade.

Outro aspeto que é criticado é a construção da imagem social: haver adeptos na curva que não demonstram o comportamento e atitude dum verdadeiro ultra, de apoiar vocalmente ou pelas palmas, como referem os adeptos entrevistados ao responderem ao que acham de negativo que encontram no movimento e na claque. E isso poderá advir da tal abertura da claque para os adeptos fora da claque. Sendo que as redes sociais servem como plataforma para divulgar a venda desses bilhetes e, sendo um espaço aberto a qualquer um, fica facilitada a mistura no espaço da claque de indivíduos que se identificam mais com o movimento que outros. É recorrente nas entrevistas ser afirmado que esta prática de construção da imagem social é feita através da popularidade da claque e do nome da claque que poderá atribuir um estatuto socialmente atribuído, principalmente entre os mais jovens. Essa popularidade da claque, e também algo que é referido quanto ao estado do movimento ultra em Portugal, de que as claques e os seus líderes são grupos e figuras públicas, tudo isto é complementado pelo número de

seguidores nas diferentes plataformas virtuais administradas pela claque. De mencionar que após verificar a abertura que as redes sociais permitem que a claque tenha, mas não só, pois a venda de bilhetes a adeptos e/ou simpatizantes fora da claque é, também, realizada através dos contactos com pessoas que se conhece lá da claque, e após o testemunho dum membro da claque, neste caso Jerónimo, pode-se retirar que essa tal capacidade de exteriorização também permite a claque crescer numerosamente, não só por adeptos que poderão não representar verdadeiramente espírito ultra, mas também por adeptos que o encarnam e adotam como forma de estar na vida.

Quanto a essa forma de estar na vida que é influenciada pelo quadro axiológico ultra, como referido na análise das entrevistas, existe uma fronteira entre os momentos de claque e os momentos fora. Ou seja, essa forma de estar engloba as dinâmicas relacionais e as interações, bem como a linguagem e o estado de espírito em que os indivíduos se encontram. Remontando para os cânticos, voltamo-nos a focar nos temas que unem os membros da claque, nomeadamente a ideia de pertença grupal que se conclui pelo sentimento generalizado de identidade territorial. Sendo algo comum ao conjunto de indivíduos, permite que haja um laço identitário entre eles. A isto junta-se os testemunhos dos adeptos quanto aos momentos de convívio e como facilitam que ajam de forma diferente de quando não estão com esse grupo. Isto que é indicado pelos entrevistados pode-se explicar com o processo de identificação grupal, pois encontrando um grupo social que exagera ou duplica a sua personalidade propicia que os indivíduos ajam de forma de diferente.

Recorrendo a João Teixeira Lopes, Francisco Louçã e Lúcia Ferro, é afirmado na sua obra, “As Classes Populares”, de que o futebol é um teatro metafórico com identidades imaginárias e a ocupação espacial do estádio espelha a sociedade, em que os diferentes sítios são ocupados por diferentes e específicos estratos populares e pertenças locais, encontrar-se-á na bancada dos Super Dragões indivíduos que cumpram esses parâmetros, e essas semelhanças facilitarão a influência mútua.

Essa influência incidirá, como referido num comportamento conotado como típico dum membro duma claque de futebol relativamente ao apoio ao clube. Remontando ao enquadramento de diferentes tipos de espetadores desenvolvido por Guilianotti, vai-se aplicar esse exercício aos membros da claque na interceção categorial mais adequada. Partindo do que foi retirado das técnicas empíricas, a interceção *Traditional/Hot* é a mais

pertinente para os adeptos da claque dos Super Dragões, pela ligação pessoal e emocional de longo prazo, para além do tempo e dinheiro investidos para prosseguir com o apoio à equipa, e o uso contínuo de adereços alusivos ao clube e o comportamento comum durante os jogos. Um aspeto importante referido neste tipo de adepto, que é o *supporter*, é a forte solidariedade pessoal entre eles, que incide naquilo que foi referido anteriormente sobre a ocupação espacial do estádio e que vai ao encontro ao que os adeptos referiram nas entrevistas, sobre como as relações pessoais fortaleceram a sua vontade de pertencer ao grupo, mas também como essa solidariedade acontece mesmo entre adeptos que não se conhecem diretamente, mas sendo a causa a mesma surge aí um processo de defesa daquilo que os une a um nível identitário, que é a claque, o clube e tudo que estes implicam. Isto conduz a que sejam ativos nas rivalidades com outros clubes, por serem fortes defensores dos símbolos e princípios do seu clube que, por sua vez, vão ao encontro daquilo que é defendido pela cidade – tal como refere De Biasi (1993), em que a juventude procura a excitação, a identificação cultural e conflito, e encontrou-se tudo isso nas cores, símbolos e na relação cidade-clube. Para reforçar a importância do sentimento de pertença social, suportamo-nos dos dados quantitativos do estudo de António Sedas Nunes (2007), em que se verifica que a presença de adeptos do FC Porto no Grande Porto é significativamente maior do que dos adeptos do Benfica e Sporting na Grande Lisboa. No entanto, também uma grande percentagem dos adeptos portistas é do Norte.

Estes elementos referidos por De Biasi e pela interceção categorial em que compreendemos os Super Dragões no quadro de Guilianotti, conduzem a atos diferenciados face ao seu quotidiano. Como refere Daniel Seabra (2019) nas deslocações a zonas fora do Porto, o sentimento de pertença local que constrói essa identidade grupal faz com que essas viagens sejam tidas como invasões, podendo-se entender os atos de vandalismo como ações propositadas para deixar marcas visíveis no território adversário.

O comportamento que se encontra nas claques portuguesas, inclusive nos Super Dragões, relaciona-se com o conceito de *aguante* entre os adeptos argentinos, isto de acordo com a descrição de alguns adeptos quanto à necessidade de defender algo que representam. As semelhanças são baseadas num sistema de honra e prestígio vinculados ao confronto físico, sendo que quem participa nestes é respeitado pelos seus pares. No caso dos Super Dragões, esse panorama de masculinidade com conotação de bravura e coragem é encontrado quando se percebe que quem foge dum conflito é tido como

inferior, podendo mesmo sofrer repercussões pelos próprios membros. Na entrevista com a adepta, esta admite que é vista por outros membros como sendo mais fraca e mais frágil, inclusive por não poder participar em confronto físicos. Jerónimo refere que o envolvimento físico com os seus pares de outros clubes é algo inerente ao ser ultra, aliás, como referido na análise de entrevistas, todos os membros da claque que foram entrevistados referiram que aquilo que os constitui enquanto ultras é a disponibilidade para o envolvimento físico, “se for preciso andar à porrada” eles andam. É uma prova de masculinidade que se dá para legitimar a sua pertença à claque. Isto também acontece por outro aspeto sobre o termo *aguante* neste contexto, que são as suas práticas e princípios que se baseiam no apoio incassável durante o jogo todo, assiduidade nos jogos, acompanhar o clube independentemente das condições de viagem, e colocar o apoio ao clube à frente do resto. Todas estas características são encontradas nos testemunhos dos adeptos, principalmente quando descrevem aquilo que é ser ultra. Outro ponto de concordância encontrado na claque estudada é o aspeto financeiro que acaba por ter grande preponderância no funcionamento da claque, pois nas *hinchadas* existem as *barras*, constituídas pelos membros com um espírito *aguante* mais extremado que, pelo seu trabalho em aumentar a produtividade da *hinchada* são recompensados financeiramente pelo clube. Portanto, nesta vertente do movimento ultra, onde o apoio ao clube e espetáculos visuais e vocais são dos mais admirados no mundo do futebol, existe esse aspeto muito criticado no caso portista que é o financeiro e empresarial. A existência dum líder de claque também está presente, bem como um sentido estrutural para o funcionamento da claque, neste caso através dos *barras*, os elementos mais respeitados no grupo que assumem, também, uma função organizativa.

Desses comportamentos que acontecem em contexto de claque, também se explorou aqueles de cariz mais violento e desviante, tanto no enquadramento teórico, tal como nas entrevistas. Entre as várias explicações para esse tipo de comportamentos, a origem geográfico-social é uma destacada pelos autores e pelos adeptos.

Com a grande quantidade de adeptos dos bairros sociais, que pelo que é perceptível pelas informações cedidas pelos adeptos nas entrevistas e aquilo que foi verificável nas redes sociais, vários dos núcleos representam esses bairros sociais ou locais da cidade do Porto onde habitam pessoas que possuem menos capital, como a Ribeira, o Cerco ou o Aleixo. E existem rivalidades também entre os núcleos, e isso suporta-se teoricamente

pelo que Seabra (2019) refere quanto aos problemas que existem entre bairros e que são resolvidos ou continuados na claque, tal como também foi indicado pelos ultras Pregal e Jean e também pelo agente policial entrevistado.

Jerónimo no seu testemunho defende que quando acontece atos de vandalismo ou de violência exarcebada, mesmo contra pessoas fora do movimento ultra, que isso está relacionado com a personalidade da pessoa e do contexto de onde vem. Isto vai ao encontro do que está colocado no nosso enquadramento teórico para explicar a violência, ou, mesmo, o *hooliganismo*, por Elias e Dunning e, também, por Seabra.

Ambas contribuições teóricas incidem sobre a habituação a um ambiente de violência, que podemos verificar esse ambiente nos cânticos, principalmente naqueles que são para denegrir os adversários. Os indivíduos que crescem em bairros sociais, crescem mais habituados à violência e opressão e, por isso, mais facilmente entram em confronto com adversários e com figuras de autoridade. A imensidão demográfica num jogo de futebol ou em deslocações permite um maior grau de anonimato que possibilita a maior prática de atos violentos, em que a conotação socialmente que lhes é atribuída não é encontrada naquela que estes adeptos atribuem, pois é algo que está relacionado com o seu contexto relacionador. E, assim, vai-se ao encontro daquilo que os entrevistados referem quanto àquilo que é feito por alguns membros, referindo que não é por serem ultras ou por serem Super Dragões, mas sim pelo sítio de onde vêm que, inclusive, faz com que haja problemas com outros membros da claque. O que foi referido enquanto razão indireta para a mudança de comportamentos com o seu quotidiano, que é a ligação entre os membros por uma só causa consegue diluir, neste caso a quebra com o quotidiano violento, pacificando as relações entre os membros, não se sucede. Que pode ser por razões que são desconhecidas para este estudo, ou, também, pelo que foi explicitado acerca do contexto favorável que é uma claque de futebol para se cometer atos violentos salvaguardando a sua identificação.

Outro aspeto que foi referido nalgumas entrevistas é o consumo de drogas, sendo que vamos focar no consumo de álcool e a ida para os jogos intoxicados e como o seu comportamento se altera por isso mesmo. É referido pelo agente policial que lida com vários membros que agem de forma mais exacerbada por estarem intoxicados e com menos capacidade de controlo, Jerónimo refere que o consumo de álcool é usual, principalmente em deslocações em jogos fora, e Jean aponta, a propósito dos confrontos

físicos entre membros da claque, que estes várias vezes são estimulados pelo consumo de álcool. Isto enquadra-se numa hipótese explicativa do *hooliganismo* de Elias e Dunning (1985), de que os adeptos bebendo em demasia vão ter ações mais excessivas.

Os autores, na mesma obra, referem que os confrontos físicos ou um clima mais tenso vivido dentro campo vai-se estender para os adeptos, algo que não foi mencionado pelos adeptos. Também o comportamento dos dirigentes, que, segundo Salomé Marivoet (2009), é uma variável bastante influenciadora no comportamento dos adeptos pelo seu discurso desculpável face àquilo de mal que as suas claques fazem, mas condenável face aos adversários, não foi mencionado como uma razão para os adeptos agirem de forma violenta por parte dos próprios. A influência dos dirigentes só foi mencionada pelo agente policial, referindo que as claques servem também como um instrumento de pressão para a própria equipa quando os resultados desportivos não correspondem ao que é esperado.

A postura da imprensa também terá um papel na propagação da violência, pelo menos de acordo com Elias e Dunning (1985), por exagerarem e generalizarem os atos dos adeptos, que também complementado por Emma Poulton com os pormenores que são explicativos para as ações mais violentas tanto pelos adeptos como pela polícia são dispensados e não são noticiados – algo que vai precisamente ao encontro daquilo que os ultras entrevistados referem quanto ao papel da imprensa na forma como noticiam as claques, focando-se nos aspetos negativos e hiperbolizarem aquilo que é feito e desvalorizam aquilo que é feito de bom. Tudo isto vai ao encontro à perspetiva de António Sedas Nunes na sua tese de Doutoramento de que uma notícia com “fôlego reflexivo” e análise jornalística profunda estimula pouco interesse, ao contrário da notícia chocante e de novidade, que é o que o jornalista entrevistado refere quanto ao processo de divulgação de notícias daquilo que as claques fazem. Face a um momento de uma boa coreografia ou um bom apoio vocal, quando existem confrontos ou insultos, isso é deixado de lado, dando primazia ao que é negativo por ser “interesse público”.

O testemunho policial serviu para entender como a polícia opera face ao acompanhamento das claques, tendo em conta os comentários principalmente críticos quanto à sua ação pelos membros da claque, e também para perceber como aquilo que foi retirado teoricamente sobre a ação policial em momentos de acompanhamento de aglomerados, nomeadamente em jogos de futebol, se enquadra no que o *spotter* nos revela.

Aquilo que a maioria dos adeptos com quem houve conversa sobre este tema refere, vai ao encontro daquilo que De Biasi indica como uma causa para uma reação violenta por parte dos adeptos: o uso da força de forma mais repressiva sob as multidões. De realçar que, para o autor, isto é potenciado devido à experiência que os agentes polícias adquirem pelos acontecimentos sociais, sobretudo manifestações e revoltas populares, que os leva a conclusões direcionadas para a violência e uso da força como método mais eficaz e merecedor para os indivíduos. Algo que, analisando o discurso do polícia entrevistado nesta dissertação se poderá verificar. Isto é, o testemunho, naquilo que é referido quanto ao comportamento dos ultras, é baseado num pensamento formado bastante pelos momentos de violência que viveu, não só com as claques mas principalmente por saber o *background* criminal dos membros, pois vários são acompanhados pelo *spotter*, por este entrevistado por este pertencer à Divisão de Investigação Criminal do Porto e está familiarizado com aquilo de incorreto que alguns membros da claque fazem. Isto está relacionado com algo que o agente refere quanto a reações de polícias em momentos de tensão, que podem derivar do estado anímico de alguns elementos do corpo policial, podendo estar “com raiva” e exagerar na reação.

Para além desse efeito perverso derivado das experiências vivenciadas, outros fatores, de cariz mais institucional, foram apontados no capítulo teórico e na entrevista ao agente procurou-se encontrar correlação discursiva. Destaque para a contribuição de Clifford Stott e de Stephen Reicher (1998), onde se realça o tratamento das multidões tendo por base a homogeneidade. Na entrevista com o agente, este refere que quando há ordem para os agentes avançarem, essa ordem deve ser cumprida independentemente dos civis que estiverem à sua frente sejam os que estão a provocar desacatos ou estão lá por uma questão de ocasião, ou como Jean refere, que quando calcam passeio sem querer que são agredidos com o bastão, pois há ordem para avançar e tem de ser cumprida, o que provoca uma reação mais violenta por parte dos ultras. Existe aí um processo de indiferenciação e impessoalização que num momento de tensão não é compreendido pelos adeptos, o que poder incitar a reações mais violentas. Algo que, de resto, é compreensível da parte de Jerónimo, por uma questão de exequibilidade no controlo duma população de civis bem maior que uma população policial. Para os autores referidos, esta homogeneidade é consequência dos processos pedagógicos e formativos defeituosos nesses aspeto. Que vai encontro ao que o agente refere quanto à diferença que muitos

polícias não conseguem acompanhar, que são os momentos de formação face aos momentos de pânico real.

Houve, maioritariamente, concordância nos discursos entre os elementos da claque que contribuíram para esta entrevista, nomeadamente quanto aos pontos caracterizadores sobre ser ultra. Discutimos aqui aqueles aspetos que são tidos como basilares para o movimento ultra, que são os simples atos de segurar panos e bandeiras alusivos ao clube e claque, confronto físico com adversários, e afastamento de processos institucionalizadores. Todos estes foram mencionados e destacados pelos entrevistados e tidos como algumas fundações do próprio movimento. Agora, é interessante correlacionar com os dados teóricos quanto à génese do movimento.

Começa-se por algo que teve bastante preponderância na emergência inicial do movimento que é a questão política, principalmente a questão geopolítica, como refere De Biasi (1993), em que a orientação política duma cidade se iria refletir na caracterização da claque. E refere que o estádio serve de *Ágora* moderna, e que existe uma politização tendo em conta a oposição ao Estado enquanto repressor. A orientação política aparenta não se aplicar como fator caracterizador dos Super Dragões ou como razão para se distinguir de outras clagues. Não houve testemunhos sobre a importância da militância política ou qualquer tipo de militância partidária na claque. Quanto ao estádio, este é representativo de várias dinâmicas sociais, como a ocupação espacial que é representativa das diferenciações sociais, mas há uma abstração política, e não funciona enquanto local de partilha e concentração de opiniões ideológicas. Já relativamente ao papel da claque face ao Estado, pelos cânticos não há essa mentalidade de reação, e mesmo pelas entrevistas, excetuando o que disse Pregal quanto à legalização e a sua perspetiva sobre como as clagues se deviam posicionar quanto a essa colaboração com o estado, não existe uma grande politização da claque face à atuação do estado, sendo as atenções viradas, principalmente, para as rivalidades futebolísticas e para os títulos conseguidos pelas equipas do clube. Já quanto à polícia existe um claro descontentamento, mas é mais perceptível nos momentos de confrontos físicos, não havendo cânticos direcionados para eles, mas havendo alguns panos com inscrições alusivas à sigla ACAB (*All Cops are Bastards*).

O *doxa* dos primórdios do movimento é o mesmo que aquele referido pelos entrevistados, tal como já foi continuamente referido: assiduidade, realizar variadas

tarefas para a produtividade da claque, cantar durante o jogo todo, envolverem-se em conflitos físicos. A nível axiológico, existe coerência com a mentalidade na génese do movimento, com a mentalidade de quem foi entrevistado para este trabalho.

A exposição mediática é outro aspeto referido como potencializador do movimento. À medida que as claque de futebol foram-se tornando cada vez mais populares, como refere Seabra (2019). Isto tem um efeito ambíguo. Assume-se que vários membros da claque entraram quando jovens, até porque o movimento em si foi sempre impulsionado pela juventude, e bastante devido à exposição mediática mais recente, pelo estatuto que a pertença a uma claque aufere. Sendo que entram na idade de adolescência, aliás como é o caso de todos os adeptos entrevistados, pode-se perspetivar a claque como uma instituição informal de socialização. Pelo que se retira da entrevista com o agente policial, os jovens são utilizados pelos membros mais velhos e antigos para executar algumas tarefas ultras criminosas para se aproveitarem da sua impunidade criminal por terem menos de 16 anos. Ou seja, o processo de crescimento dependente da socialização fica tremendamente enviesado por este contexto. A questão da exposição mediática também vai ao encontro daqueles adeptos que ocupam o mesmo espaço do estádio mas que não se comportam com base naquela *doxa* referido, procurando somente a construção de uma imagem social.

Do processo categorial referido por Guilianotti, também se pode enquadrar estes adeptos que os entrevistados criticam e que surgem no futebol moderno até pela emergência da importância da internet e das redes sociais na vida dos indivíduos, inclusive dos adeptos de futebol, que através da mesma ocupação espacial e participação ténue e pouca, de acordo com as informações filtradas das entrevistas, nos comportamentos comuns entre os *supporters* no caso dos Super Dragões, para se aproveitarem disso para construção de imagem social, poderiam ser entendidos enquanto *flaneurs*.

Outro ponto de interesse que se estabeleceu neste trabalho é o papel ou a imagem da mulher numa claque de futebol que à primeira vista seria um contexto tipicamente masculino. Ora, com o enquadramento teórico essa perceção foi corroborada, sendo que a análise dos cânticos e o conteúdo das entrevistas conduziu a um encontro entre todos os dados quanto a este tema.

Recolhendo as informações teóricas para depois serem confrontadas com os dados retirados de outras técnicas, temos em atenção o que Salomé Marivoet (2009) e Daniel Seabra (2019) contribuem. A socióloga refere que os jogos de futebol são assistidos por públicos masculinos identificados com o sentido estereotipado atribuído à masculinidade e carregam-na para os jogos de futebol enquanto membros de claque, pela excitação vivida e pela hiperbolização dos momentos que lá vivenciam. Confrontando com Seabra, permite-se complementar informações, pois o antropólogo indica que muitos dos membros da claque advêm de bairros sociais com tendências para a masculinidade hegemónica e, assim, as dinâmicas são repercutidas nas claque de futebol. Existe, assim, um machismo institucionalizado nas claque de futebol, e através das entrevistas e dos cânticos pode-se verificar se também existe nos Super Dragões.

Como referido no respetivo subcapítulo há um cântico que é normalmente entoado para o S.C. Braga, mas também já o foi para o Sporting C.P. e ao Vitória Sport Clube com um cariz denegridor, insultando os adversários de homossexuais. Ou seja, tomar a homossexualidade como insulto. O que representa bem o contexto que Marivoet e Seabra referem, de masculinidade tradicional que constitui o movimento ultra, com força, virilidade e bravura e força que são atribuídos aos homens. Assim, fica a predominância masculina implícita.

Esta predominância confirma-se com os testemunhos que foram retirados. Por exemplo, na questão do confronto físico, é unânime a naturalidade com que se fala sobre a disponibilidade em fazer parte dum se for para defender a honra e prestígio do grupo, algo que Marivoet também refere como algo tradicionalmente masculino, e como se fosse uma prova de masculinidade para legitimar a pertença à claque, contudo na entrevista com a adepta, esta é percebida pelos outros membros como sendo mais frágil, admite que não participa diretamente nesses confrontos. Ademais, refere que se sente discriminada no grupo por ser melhor, devido à sua maior fraqueza física que vai contra aquilo que é expectável de alguém que pertence a uma claque de futebol.

A questão da estrutura e organização da claque surtiu um misto de opiniões por parte dos adeptos. Tendo em conta os diferentes depoimentos, incluindo o do agente policial que, familiarizado com a claque, também se pronunciou sobre o tema, concluiu-se, então, que existe um líder de claque, um grupo de membros com estatuto que

acompanha o chefe, a esposa do chefe e os núcleos que aprofundam a informação para os restantes membros e desempenham um papel na distribuição dos bilhetes.

Ao realizar a técnica da análise das redes sociais e fontes abertas encontrou-se na página oficial da claque no Facebook que a estrutura segue uma devida lógica, sendo que essa publicação foi feita em 2010, pelo que pode estar desatualizada, apesar de não ter sido refutada. A declaração pública da organização institucional da claque difere daquilo que os entrevistados auferiram. Não havendo desde logo consenso ou uma ideia clara de como a claque se organiza é natural que não coincide com a forma como a claque se apresenta. No que os adeptos nos falam, não são mencionados os tais grupos que existem pelo diagrama que está na página de Facebook da claque, falando somente dos núcleos. Bem como nesse diagrama não se menciona, pelo menos diretamente, o tal grupo de membros que acompanham mais diretamente o líder e que acabam por ser preponderantes para o grupo.

Por último, remontamos para a imagem presente na folha de rosto desta dissertação, que também mencionamos no subcapítulo sobre a análise das fontes abertas da claque, pois incide sobre as regras não-oficiais para pertencer à claque. Os “mandamentos” que estão nessa imagem publicada nas redes sociais oficiais da claque suscitam uma análise curiosa, uma vez que vai ao encontro daquilo que a maioria dos adeptos entrevistados criticou na claque. Sendo assim, pode-se interpretar como sendo o sentido puritano da claque a ser exposto e publicado, ou uma estratégia política por parte da direção da claque, tendo em conta as críticas que são apontadas por membros e núcleos da claque mais antigos que têm peso na claque, e assim é uma resposta àquilo que foi mencionado pelos nossos entrevistados relativamente à integridade ultra da claque.

Capítulo IV- Notas Finais

Neste último capítulo são apontadas as principais relações que se retiram de toda a investigação que foi feita. Iniciando pela introspeção metodológica, relativa ao aspeto investigativo e aquilo que se retira neste campo. Aponta-se as conclusões temáticas deste trabalho, com os dados empíricos em harmonia com os dados bibliográficos. Para rematar, serão construídas conclusões teóricas face à investigação onde se apontam aspetos politico-publico, e onde são anotadas pistas futuras a nível científico.

i) Introspeção metodológica

Antes de passarmos para as relações científicas, focamos neste parágrafo o processo metodológico e aquilo que concluímos face a uma investigação sobre uma claque de futebol. Tal como o investigador Daniel Seabra referiu na nossa entrevista, um ano é pouco tempo para uma investigação cientificamente extensa sobre este fenómeno, pois envolveria uma forte componente relacional com os membros da claque que teria de ser construída a longo prazo devido às condições que esse contexto dispõe no espectro relacional e da criação de laços de confiança, para posteriormente ser possível ter acesso a maiores e melhores dados. Por isso mesmo, as relações que se retira são construídas tendo sempre em conta o contexto investigativo, não podendo tirar conclusões generalizadoras, aliás, nunca se pode, mas neste caso ainda menos é possível.

ii) Relações investigativas

Tendo em conta os princípios do movimento ultra quando este surgiu em Itália nos anos 70, alguns que mantiveram-se e outros que não continuaram e uns outros que existem nos Super Dragões ao contrário daquilo em que se basearam as claques de futebol nos primeiros anos de fenómeno.

O espectro axiológico de quem foi entrevistado vai ao encontro daquilo que seria a *doxa* do movimento ultra na sua génese, isto é: a assiduidade, sendo dado principal

destaque aos jogos fora; apoio à equipa durante o jogo inteiro, participar nas coreografias, e ter disponibilidade para o confronto físico.

O cariz empresarial que a claque assume iria contra esse sentido mais puritano do movimento. Contudo, no caso argentino isso também acontece, por isso, a claque dos Super Dragões não é um caso isolado. A politização não é algo presente na claque, seja pela orientação política ou pela própria intervenção de cariz político, sendo o destaque dado unicamente para a sua equipa, para as equipas adversárias, ou para a arbitragem. Sendo que a figura de autoridade encontrada pela claque é o Benfica. Nos primórdios do movimento, a posição anti institucional era importante, já que, atualmente, em Portugal, as claques de futebol, inclusive os Super Dragões, estão legalizadas, apresentando-se ao IPDJ, instituição estatal responsável pelas claques. Isto sustenta algum descontentamento dentro da claque devido à fratura com o sentimento ultra original, somado ao aspeto empresarial que a claque assume.

A relação com a polícia não é tão bélica como no caso italiano, porém, não é completamente estável. O descontentamento é notório, contudo, não resvala para um conflito entre os dois grupos. Quanto à imprensa, pode-se depreender que existe uma perceção desta instituição como catalisadora para o conflito que envolve as claques de futebol.

Relativamente aos comportamentos dos adeptos, retira-se que, numa claque de futebol, existem os indivíduos que efetivamente têm uma mutação de conduta. E os que reproduzem os comportamentos que já têm no seu quotidiano. Dentro do grupo as interações prendem-se principalmente ao apoio ao clube e demonstração da qualidade da claque, com apoio sincronizado e reações semelhantes. Existem, no entanto, rivalidades entre grupos dentro da claque, por razões exteriores a estas, relacionadas com problemas entre os bairros sociais da cidade. Para além disto, evidencia-se uma condenação face aos adeptos que não se comportam de acordo com o quadro de conduta referido, ocupando somente a curva para construção de imagem social. As mulheres assumem um papel secundário face ao contexto tradicionalmente masculino que é uma claque de futebol.

Ao nível estrutural, a claque tem uma lógica hierárquica. Com um líder, a sua esposa, um grupo de adeptos que apoia diretamente o líder, com *status* que lhes confere essa posição. E os núcleos que representam locais do Porto ou outros pontos do país e do

estrangeiro, com os seus chefes que organizam os seus grupos a nível de bilhetes ou indicações de logística ou de coreografias.

A herança geracional e a territorialidade ao nível meso são os principais fatores para a afinidade clubística, enquanto a entrada para a claque depende de diferentes fatores: grupo de amigos, familiares já pertencentes à claque, redes sociais e aquisição inicial de compra de bilhetes mais baratos. Para se manterem na claque os entrevistados referem a criação de laços relacionais fortes dentro da claque, bem como o sentimento de defesa de algo que é deles.

A rede social, para além de servir para fomentar o seu comércio (merchandising e bilhetes), também serve como instrumento comunicativo institucional e como publicidade à própria claque com os vídeos de momentos apelativos no sentido de apoio vocal e visual. Percebeu-se como uma claque de futebol se adapta aos tempos modernos, pelas redes sociais. Para além de que, assim, o empreendedorismo da claque ganha força pelo facto de que muito que esta faz ao nível das redes sociais remonta para o aspeto financeiro, através da publicidade e da existência de lojas online, e pelo serviço de *streaming* que tem sempre contrapartidas financeiras para o artista, neste caso “Super Dragões” – é de realçar que, na página de Facebook oficial da claque, esta declara-se uma organização sem fins lucrativos, quando as redes sociais servem como praça de comércio.

Sobre os cânticos, a paixão e amor estão presentes em quase todos, bem como o ódio aos adversários. Ambos os sentimentos, embora de forma antagónica, são levados ao extremo. A identidade cultural está presente através da pertença territorial como elo de ligação entre os membros da claque, bem como com a cultura de vitória e exigência comum aos adeptos e clube. Todos estes elementos são constituintes do conteúdo dos cânticos dos Super Dragões. Pode-se assumir que estes aspetos permitem a construção dum quadro axiológico no qual todos os membros se identifica, possibilitando a criação de identidade, um quadro axiológico que serve de matriz para os indivíduos se focarem em função duma causa, neste caso o clube e a claque, e a oposição ao outro – os rivais e figuras de autoridade.

Ainda sobre este tema, depreende-se que se toma aquilo que os cânticos nos transmitem como o verdadeiro discurso institucional da claque de futebol. Os indivíduos estando juntos e procurando, cada um, afirmar a sua identidade e procurando fugir daquilo que é socialmente exigido deles, encontram na claque de futebol, neste caso nos Super

Dragões, uma versão deles próprios que noutra contexto não seria possível ser. Vemos as pessoas a agirem não de forma muito racional, transmitindo, através dos gestos e linguagem, mensagens que, em simultâneo, são “puras”, pois, como referido, estão despidas de constrangimentos sociais, mas também são enviesadas pelo contexto em que estão inseridos. Contexto esse que acaba por ser resultado de vários contextos sociais diferentes, pois nem todos os indivíduos advêm de bairros sociais que induzem uma socialização que acaba por conduzir a uma aceitação fácil da violência. Ou seja, o contexto - claqué de futebol - permite que indivíduos de variadas origens sociais se dispam de algumas pressões sociais e encontrem nesse grupo social uma forma, não só de fugir dos problemas e questões quotidianos, mas também de se desoprimirem, direcionando aquilo que lhes mais afeta para o futebol, como se fosse o seu ópio, como se fosse uma substância que lhes confere a satisfação e alívio, tornando-se dependentes dessa substância, que neste caso é o apoio ao seu clube. Analogia esta que é interessante, tendo em conta a relação do consumo de substâncias que fazem o indivíduo tornar-se dependente nos momentos antes e durante o jogo - como o álcool, o haxixe e marijuana e o tabaco; o futebol, que é uma forma dos indivíduos se alienarem das questões quotidianas, propicia o consumo a substâncias, cuja explicação sociológica remonta também para essa função. Os cânticos representam a amálgama constituidora duma claqué de futebol: uma pureza comportamental ambígua, condicionada pelo contexto dum grupo caracterizado pela desconexão societal.

Com base em tudo aquilo que foi estudado ao longa da investigação uma relação que se faz sobre as dinâmicas sociais que ocorrem na claqué é desta enquanto palco dum machismo institucional que se vive no mundo do futebol, pois tudo que envolva esta modalidade relaciona-se com a predominância masculina, que acaba por surtir um efeito de acomodação no sexo feminino face ao futebol, neste caso no apoio organizado. A nível estrutural o futebol está direcionado para o homem, enquanto principal ator e principal espetador desse campo social.

Essas dinâmicas prendem-se, também, por atos mais violentos ou considerados desviantes daquilo que é socialmente aceitável. Estes atos acontecem, em parte pelo facto de estarem acostumados a um contexto de violência, juntando-se entre si, bem como pelo contexto futebolístico que acaba por facilitar os atos mais violentos, devido à imensidão de pessoas que atrapalha as entidades responsáveis de proibirem esses atos, para além de

uma já habituação aos acontecimentos exagerados face ao quotidiano, como simplesmente insultar alguém que é alheio às claques ou à polícia no meio da rua, o que no dia a dia não aconteceria. Por sua vez, esse contexto socialmente desculpável faz com que os indivíduos, que na sua zona de habitação não estão acostumados a violência ou vandalismo se insiram nessas práticas como forma de se associarem ao grupo com que se pretendem identificar.

Importante assinalar o aspeto da identidade social que é criada a partir da pertença à claque. É encontrado nesse grupo um local onde os indivíduos, para além de agirem de forma diferente do que fazem no seu quotidiano, lhes permite encontrar um grupo que tenha princípios que vão ao encontro dos seus, neste caso, por exemplo, a pertença territorial. E lutam por eles duma forma diferenciada do que poderiam fazer sem pertencer a uma claque. Os princípios e a necessidade de demonstrar que aquilo pelo que lutam é mais e melhor que aquilo pelo que os “outros” lutam, fazem com que, nesse momento, os indivíduos, independentemente da origem social, estabeleçam uma dinâmica de solidariedade momentânea, até ignorando as rivalidades ou atritos que poderão ter com outros membros da claque (por exemplo, por rivalidades de bairros sociais).

Vários membros da claque aderiram a esta na sua adolescência, um período importante para a construção da identidade do indivíduo. Assim, o contexto de relações e interações dentro da claque poderá formar a personalidade dos indivíduos, podendo servir como uma plataforma para os jovens que vêm dos bairros sociais ou reproduzirem aquilo que estão habituados. Ou atenuarem o seu comportamento caso a claque funcione, também, para isso. Em simultâneo, os jovens que aderem à claque poder-se-ão habituar a um contexto de violência e ao tal machismo institucionalizado que preenche a o seu quotidiano.

A claque demonstra uma inteligência institucional que deve ser realçada. Não só pelo aspeto empresarial que assume, mas também pelo que lhe é legalmente intimado e o que lhe é inerente ao movimento ultra. A divulgação pelas redes sociais e a forma como faz marketing demonstra capacidade empreendedora e de ação empresarial que funciona hierarquicamente e que tem conhecimento relativamente à forma de se manter marginal à ilegalidade – tal acontece quando são os mais jovens a cometer atos puníveis se fossem feitos por um adulto. Essa dinâmica demonstra uma organização comportamental e conhecimento da lei que permitem a sustentação legal da claque e dos seus membros. E

essa sustentação legal é fundamental para a forma como o grupo atua, seja pela sua institucionalização e oficialização enquanto grupo organizado de adeptos, seja pela forma como algumas ações que a sociedade legal proíbe continuarem a ser feitas de forma a manter a sua integridade ultra.

A claque comporta-se, portanto, como uma instituição organizativa que tem as suas políticas e regras, o seu contexto relacional e as suas dinâmicas, sendo tudo isto de cariz bastante específico. Conclui-se que os Super Dragões encaram as suas ações de forma institucional, carregando uma lógica nas suas ações de forma a manterem a sua sustentabilidade financeira e legalmente. Assim, percebe-se como uma claque de futebol encarna o movimento ultra atualmente, assumindo-se como uma estrutura organizada que tem estratégias para manter e reproduzir os seus parâmetros atuais. A imagem que destacamos como apresentação para este trabalho é perfeitamente representativa disso mesmo. Inicialmente, interpretar-se-ia como algo tremendamente genuíno a aquilo que acontece nos Super Dragões. A sua axiologia, algo não muito complexo de se retirar da imagem, contudo com os outros dados que se analisaram, é possível encarar a imagem como uma representação irónica da ambiguidade da claque. Apesar de ser um palco reprodutor de práticas individuais e coletivas de contextos sociais que propiciam essas práticas socialmente desviantes no contexto de claque, esta propicia um carácter mais corporativo e empresarial a esse conjunto de realidades individuais.

De forma a rematar todo o conhecimento adquirido com esta investigação, teso, então, que os Super Dragões enquanto reflexo do Movimento Ultra são um grupo social que se comporta enquanto uma instituição organizativa com dinâmicas relacionais bastante específicas, que compreende e exalta condutas sociais já quotidianas de alguns dos seus membros, e novas para outros, e adota estratégias de reprodução de todos os seus parâmetros funcionais, visando a sua sustentação legal e financeira, mas mantendo a sua identidade.

iii) Pistas Futuras: Política pública e cientificidade

Em jeito metafórico, tomando os problemas sociais do movimento ultra como uma árvore que está um pouco degradada e deve ser recuperada. Ora, os ramos estão

todos conectados porque advêm do mesmo tronco e este advém da raiz, que por sua vez está ligada à Terra.

As questões da violência, as ações criminais e o envolvimento ilegal de cariz capitalista de alguns membros não são problemas sociais isolados, uma vez que surgem do mesmo tronco, isto é, do mesmo aglomerado de fatores que fazem com que a claque seja constituída também por esses problemas. Cortando somente os ramos, estes voltam a crescer. Por isso, dever-se-ia ter em conta as questões que fazem com que cresçam ramos que dão fruta podre, ou seja: os problemas sociais. As questões dos bairros sociais implicam razões mais de cariz político e de fundo, que fazem com que haja zonas de habitação em que os indivíduos detêm pouco capital financeiro, escolar, profissional ou cultural. Ou seja, numa perspetiva macro, todo o panorama social em Portugal facilita que haja problemas sociais advindos da claque, e esta acaba por ser fruto da sociedade em si, mais especificamente a forma como está estruturada a nível de distribuição económica, distribuição de capital escolar e da própria divisão de classes. A claque acaba por ser um prolongamento da luta de classes, uma vez que esta sendo predominantemente imbuída das classes populares, e expressa-se a revolta.

Face às medidas que são tomadas tendo em conta o contexto atual das clagues, sugerimos que o acompanhamento e monitorização das clagues de futebol seja mais pessoal e não indiferenciado, o que leva a uma violência excessiva por parte da polícia. Ou seja, as políticas policiais de acompanhamento dos membros da claque deveriam assumir essa postura mais pessoal, para evitar aquilo que foi referido nas entrevistas com os adeptos sobre este tema, e, assim, a posição de ódio que muitos adeptos têm face à polícia poderia atenuar-se, facilitando o trabalho desta e diminuindo a violência entre adeptos e forças de autoridade. Face à imprensa, importa que a violência seja tratada enquanto notícia contextualizada e factual e não simplesmente com o objetivo comercial, evitando assim a propagação do fenómeno como algo de entretenimento e sensacionalista que leva à incitação do ódio e da repulsa. Quanto à claque, tendo em conta o cariz socializador que esta tem sobre os jovens, poderia assumir-se um papel reeducador como forma de lhes mostrar alternativas à vida que têm por viverem em meios sociais desfavoráveis. A cooperação entre as clagues e polícia deveria ser fortalecida. Para além disso, os clubes devem-se demarcar e também castigar os adeptos que reproduzem atos de violência pelo pretexto clubístico. O aspeto empresarial também merece ser

valorizado, para se entender até que ponto as vendas paralelas de bilhetes (por exemplo) e as outras formas que angariam os fundos monetários, que estão na base de várias condutas ilegais da claque, bem como na relação com os seus clubes e instituições que regem e controlam o futebol. Finalmente, o papel contagiante que os clubes desempenham, principalmente pelos dirigentes, através da constante crispação e aumento da rivalidade deve ser combatido e controlado pela instituições que regem o futebol português.

Um estudo sobre uma claque de futebol permitiu perceber que este contexto é bem mais complexo do que, ao olho do senso comum, aparenta. Todos os fatores que conduzem os ultras a comportamentos socialmente desviantes são constituintes dum objeto de estudo científico e sociológico que se demonstrou bastante interessante e surpreendente. É um fenómeno social que merece atenção pela comunidade científica pela influência que tem na sociedade portuguesa atual e, tendo isto em conta, construindo bases de conhecimento desta problemática, as entidades responsáveis pelas medidas interventivas poderiam atenuar os problemas sociais que de si advêm.

Um trabalho com âmbito científico com maior acompanhamento e mais aprofundamento teria, naturalmente, resultados com maior profundidade e descobrir-se-iam novas informações, sendo que esta dissertação poderá servir como base para projetos futuros sobre este fenómeno social que é o Movimento Ultra.

Referências Bibliográficas

- Albarces, P., Zucal, J. G., & Moreira, M. V. (dezembro de 2008). El "Aguante" y las hinchadas argentinas: una relacion violenta. *Horizontes Antropológicos*, pp. 113-136.
- Alt, J. (1983). Theory, Culture & Society. *Sport and Cultural Reification: From Ritual to Mass Consumption*, 1(3), pp. 93-107.
- Álvaro, M., & Dias, M. (1995). *F.C. Porto: 100 anos de história, 1893-1993*. Porto: Edições ASA.
- Armstrong, G. (1998). *Football Hooligans: Knowing the Score*. Bloomsbury Academic.
- Armstrong, G., & Young, M. (23 de novembro de 2009). Fanatical Football Chants: Creating and Controlling the Carnival. *Sport and Society*, 2(3), pp. 173-211.
- Bourdieu, P. (1983). Questões de Sociologia. *Como ser esportivo?*
- Bromberger, C. (1995). French Cultural Studies. *Football as world-view and as ritual*, pp. 293-311. doi:10.1177/095715589500601803
- Clemente, P. (2010). Da polícia de Ordem Pública. *Lusíada*, pp. 141-171.
- Coelho, J. N., & Tuesler, N. C. (2006). o paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e ausência de espectadores nos estádios". *Análise Social*, XLI(179), pp. 519-551.
- Collins, R. (2004). *Interaction ritual chains*. Princeton: Princeton University Press.
- Cottingham, M. D. (2012). Sociology of Sport Journal. *Interaction Ritual Theory and Sports Fans: Emotion, Symbols, and Solidarity*, 29, pp. 168-185.
- De Biasi, R. (1993). *Le Culture del Calcio. Un' analisi comparativa delle forme e dei rituali del tifo calcistico in Italia e in Inghilterra*. Trento: Università di Trento.
- de Biasi, R. (1998). The Policing of Hooliganism in Italy. Em D. Della Porta, & R. Herbert (Edits.), *Social Movements, Protest, and Contention* (Vol. 6, pp. 213-228). Minneapolis/Londres: University of Minnesota Press.
- Dias, M. (s.d.). *Futebol Clube do Porto - 75 anos de história*. Porto: SOJORNAL - Sociedade Jornalística e Editorial, SARL.

- Dunning, E. (1994). The social roots of football hooliganism: A reply to the critics. (R. Giulianotti, N. Bonney, & M. Hepworth, Edits.) *Football, violence and social identity*, pp. 128-157.
- Elias, N., & Dunning, E. (1985). *Em Busca da Excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda.
- Europeia, C. d. (2002). Report on football hooliganism in the Member States of European Football. Bruxelas: COE.
- Fernandes, A. (2010). *Introdução à Ciência Política: teorias, métodos e temáticas*. Porto: Porto Editora.
- *Futebol Clube do Porto*. (s.d.). Obtido em 04 de dezembro de 2018, de Web site do Futebol Clube do Porto: <https://www.fcporto.pt/pt>
- Giulianotti, R. (1999). *Football: A sociology of the global game*. Cambridge: Polity.
- Guilianotti, R. (Fevereiro de 2002). Journal of Sport & Social Issues. *Supporters, Followers, Fans and Flaneurs: A taxomony of Spectator Identities in Football*, 26(1), pp. 25-46.
- Haguette, T. (1987). *Metdologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes Ltda.
- Lopes, J. T., Louçã, F., & Ferro, L. (2017). *As Classes Populares*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Mariovet, S. (1 de janeiro de 2009). Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas - o caso português no contexto europeu. *Configurações*. doi:10.4000/configuracoes.502
- Marivoet, S. (1992). Violência nos espetáculos do futebol. *Sociologia- problemas e práticas*, pp. 137-153.
- Paulo, I. (julho de 2017). Como é que se regula as claques? O IPDJ explica. *Expresso*. Obtido em 29 de novembro de 2018, de tribunaexpresso.pt
- Pereira, L. (2002). *Dicionario o futebol. Manual do adepto*. Lisboa: Booktree.
- Peretz, H. (1998). *Métodos em Socoilogia*. Paris: Éditions La Découvre & Syros.
- Pinto, J. M. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Poulton, E. (março de 2005). English Media Representation of Football-related Disorder: "Brutal, Short-hand and Simplifying"? *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics*, 8(1), pp. 27-47.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: gradiv.
- Ramos, R. (1988). *Futebol: Ideologia do Poder*. Rio de Janeiro: Petrópolis.
- Revilla, T. A. (1996). *Ultras e Skinheads: La juventud visible, Imágenes, estilos y conflictos de las subculturas juveniles en España*. Oviedo: Ediciones Nobel.
- Rodrigues, F. (2001). A formação do Jogador de Futebol no Sport Club Internacional (1997-2001): um estudo de caso. *Futebol e Teoria Social: Introdução a uma sociologia do futebol brasileiro*.
- Roseiro, B. (17 de março de 2017). Claques. Como nasceram, de que forma evoluíram, no que se tornaram (com polémicas e violência pelo meio). *Observador*. Obtido em 29 de novembro de 2018, de <https://observador.pt/>
- Roversi, A. (1992). *Calcio, tifo e violenza*. Bolonha: Il Mulino.
- Seabra, D. (2009). Elementos constitutivos da identidade da claqué. *Configurações*. doi:DOI : 10.4000/configuracoes.1025
- Seabra, D. (2012). Potencialidades e Limitações Da Classe Social como Variável Explicativa da Violência perpetuada pelos Membros das Claques Portuenses. *VII Congresso de Sociologia: 40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas*. Porto.
- Seabra, D. (2019). *Claques de Futebol - o Teatro das Nossas Realidades*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sedas Nunes, J. (2007). "Culturas Adeptas do Futebol". Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Spaaij, R. (2007). *Understanding football hooliganism : a comparison of six Western European football*. Amesterdão: Vossiuspers UvA – Amsterdam University Press.
- Stott, C., & Pearson, G. (julho de 2006). Football Banning Orders, Proportionally, and Public Order Policing. *The Howard Journal*, 45(3), pp. 241-254.
- Stott, C., & Reicher, S. (1998). Crowd action as intergroup process: introducing the police perspective. *European Journal of Social Psychology*, pp. 509-529.
- Testa, A. (dezembro de 2009). The Ultras: An Emerging Social Movement? *Review of European Studies*, 1(2), pp. 54-63.
- Turner, V. (1977). *The Ritual Process: Structure and Anti-structure*. Ithaca: Cornell University Press.

ANEXOS

Anexo 1- Guião de entrevista a um adepto portuense Ultra do FC Porto

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir desta entrevista pretende-se construir percursos de vida e verificar a influência do movimento ultra nas vidas dos indivíduos, neste caso daqueles que habitam e cresceram na cidade portuense e arredores. Almeja-se, assim, entender como o fenómeno surgiu na evolução pessoal do indivíduo, bem como ao nível das dimensões comportamental e relacional, e também territorial e cultural. Por fim, tentar-se-á entender como funciona, estruturalmente, os Super Dragões.

Background pessoal

- Fale-me de si, quem é, de onde vem e o seu percurso profissional.
- Quais são as afiliações futebolísticas dos seus pais e avós?
- E como era a relação com os seus pais quando tava a crescer?
- A educação foi muito importante para sua formação de identidade?
- Qual o clube de futebol que se apoia em casa?
- Considera-se membro dum grupo ultra?
- Qual a relação entre ser ultra com a sua vida familiar e profissional?
- Porque diria que é portista?

Dimensão comportamental e relacional

- Como compara os seus comportamentos do dia-a-dia com os que tem quando está com a claque?
- Como vê o papel da polícia e da imprensa relativamente aos ultras?
- De que forma esses papeis influenciam o comportamento dos ultras?
- O que mudaria naquilo que a polícia e a imprensa fazem?
- Qual a sua opinião quanto à arbitragem?
- E relativamente às entidades reguladoras do futebol português, inclusive aquelas que são responsáveis pelos adeptos?

- O que acha que as claques poderiam mudar?

Dimensão territorial e cultural

- Que relação faz do Porto: cidade vs clube? Ser portuense teve influência em ser portista?
- Defende o clube como se tivesse a defender a cidade?
- Se fosse doutra região, acha que seria portista?
- Qual a sua opinião sobre os adeptos que apoiam clubes que não são da sua cidade?

Pertença a um grupo Ultra

- O que é ser ultra?
- De que forma é que o movimento ultra influenciou a sua vida?
- O que acha que é mais importante sobre ser ultra?
- Quais foram os valores que retira e as normas que segue por ser membro duma claque ultra?

Super Dragões

- Conte-me o seu percurso enquanto membro dos Super Dragões?
- O que é ser Super Dragão?
- De que forma os Super Dragões se estruturam e organizam?
- Como, enquanto membro dos Super Dragões, vê as outras claques? (A do FC Porto, os Colectivo 95, e as claques de outros clubes?)
- Como é a relação entre os membros da claque? E com as mulheres pertencentes à claque? E entre os núcleos que são fora do Porto?
- Quais são os cânticos da claque com que mais se identifica?
- Qual a posição da claque face às instituições que regulam o futebol português, inclusive as organizações de adeptos?

Anexo 2- Guião de entrevista a uma adepta Ultra

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir desta entrevista pretende-se construir percursos de vida e verificar a influência do movimento ultra nas vidas dos indivíduos, sendo neste caso o interesse virado para as mulheres. Almeja-se, assim, entender como o fenómeno surgiu na evolução pessoal do individuo, bem como ao nível das dimensões comportamental e relacional, e também territorial e cultural. Por fim, tentar-se-á entender como funciona, estruturalmente, os Super Dragões. A especificidade desta entrevista é entender o papel da mulher no movimento ultra.

Background pessoal

- Fale-me de si, quem é, de onde vem e o seu percurso profissional.
- Quais são as afiliações futebolísticas dos seus pais e avós?
- E como era a relação com os seus pais quando tava a crescer?
- A educação foi muito importante para sua formação de identidade?
- Qual o clube de futebol que se apoia em casa?
- Considera-se membro dum grupo ultra?
- Qual a relação entre ser ultra com a sua vida familiar e profissional?
- Porque diria que é portista?

Dimensão comportamental e relacional

- Como compara os seus comportamentos do dia-a-dia com os que tem quando está com a claque?
- Como vê o papel da polícia e da imprensa relativamente aos ultras?
- De que forma esses papeis influenciam o comportamento dos ultras?
- O que mudaria naquilo que a polícia e a imprensa fazem?
- Qual a sua opinião quanto à arbitragem?
- E relativamente às entidades reguladoras do futebol português, inclusive as organizações dos adeptos?

- O que acha que as claques poderiam mudar?

Dimensão territorial e cultural

- Que relação faz do Porto: cidade vs clube? Ser portuense teve influência em ser portista?
- Defende o clube como se tivesse a defender a cidade?
- Acha que o clube que apoia representa a sua cidade?
- Se fosse doutra região, acha que seria portista?
- Qual a sua opinião sobre os adeptos que apoiam clubes que não são da sua cidade?

Pertença a um grupo Ultra

- O que é ser ultra?
- De que forma é que o movimento Ultra influenciou a sua vida?
- O que acha que é mais importante sobre ser ultra?
- Quais são os valores que retira e as normas que segue por ser membro duma claque ultra?
- Sente que existe algum tipo de discriminação face às mulheres no movimento ultra?

Super Dragões

- Conte-me o seu percurso enquanto membro dos Super Dragões?
- O que é ser Super Dragão?
- De que forma os Super Dragões se estruturam e organizam?
- Como, enquanto membro dos Super Dragões, vê as outras claques? (A do FC Porto, os Colectivo 95, e as claques de outros clubes?)
- Como é a relação entre os membros da claque? E entre os núcleos que são fora do Porto?
- Qual o papel da mulher nos Super Dragões?
- Quais são os cânticos da claque com que mais se identifica?
- Qual a posição da claque face às instituições que regulam o futebol português, inclusive as organizações de adeptos?

Anexo 3- Guião para entrevista com um polícia que acompanha claques de futebol

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir desta entrevista pretende-se entender a perspetiva policial sobre o movimento ultra. Almeja-se, assim, entender como a instituição policial trata as questões relacionadas com as claques de futebol. E, também, de que forma as duas entidades se influenciam mutuamente.

Background individual

- Fale-me de si: de onde é? Como o seu percurso pessoal e profissional o levou a ser um polícia que acompanha claques de futebol?
- Essa função influencia, de alguma forma, a sua vida pessoal?

Dimensão comportamental e relacional

- Como vê os comportamentos dos ultras? Em deslocações e no estádio.
- Na sua opinião, quais as razões para se comportarem dessa forma?
- Como vê a relação institucional entre as claques de futebol e a força policial?
- Como acha que a imprensa retrata essa relação?
- O que acha que deve ser mudado na relação da polícia com as claques organizadas?
- E o que as claques devem mudar?

Papel da polícia

- Consegue explicar o papel da polícia num jogo de futebol? Nos momentos antes, depois, e durante a partida.
- A afinidade clubística tem, na prática, alguma influência na ação policial?
- Pode-me descrever como reage a polícia num momento de tensão? Entre claques, dentro da mesma claque e dos adeptos com a polícia.

- A polícia deixa passar impunes ações que num contexto diferente não seriam ignorados e seriam tomados como ações ilegais e/ou criminais?
- Mudaria alguma coisa na forma de agir perante estes grupos?

Super Dragões

- Qual a relação da polícia com a claqué do Futebol Clube do Porto, Super Dragões?
- Aprecie o comportamento dos ultras dos Super Dragões.

Anexo 4- Guião de entrevista a um jornalista desportivo

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir desta entrevista pretende-se entender a perspetiva e o papel da imprensa relativamente ao movimento ultra. O foco desta entrevista direciona-se para a perspetiva dum jornalista do campo desportivo quanto à forma como a imprensa retrata as ações dos grupos ultra, e, assim, percebendo a perspetiva da imprensa.

Background Individual

- Fale-me do seu percurso individual
- Tem alguma relação pessoal com ultras?

Dimensão comportamental e relacional

- Como vê o comportamento dos ultras?
- Como descreve a relação institucional entre a imprensa e as claques de futebol?
- Acha que a imprensa dá mais destaque a aspetos negativos do que aos positivos?
- Considera que a forma como a imprensa retrata as claques de futebol influencia o seu comportamento?

Dimensão funcional

- Quando é que se noticia algo relacionado com as claques de futebol?
- Mudaria alguma coisa na forma como a imprensa retrata o movimento ultra?
- Quando se noticia algo relativo às claques, existe algum objetivo definido?
- A afinidade clubística tem, na prática, alguma influência na forma como os jornalistas noticiam as claques?

Super Dragões

- Qual a relação com os Super Dragões?

Anexo 5 – Guião de entrevista a um investigador social de claque de futebol

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir desta entrevista pretende-se perceber como um investigador social se insere num contexto de estudo investigativo como o seio duma claque, e quais as conclusões que retira dos estudos empíricos relativos ao movimento Ultra.

- Como é o papel do investigador social no meio duma claque de futebol?
- É bem aceite pelos grupos sociais em causa?
- A afinidade clubística tem alguma influência?
- Que conclusões retira sobre o fenómeno?

Anexo 6 – Grelha de transcrição de entrevistas

Entrevista número 1 - adepto portuense Ultra do FC
Porto

Local: Vila Nova de Gaia; Data: 17 de abril de 2019

Sexo do entrevistado: Masculino; Idade: 25 anos

Entrevista número 2 - adepto portuense Ultra do FC
Porto

Local: Porto; Data: 17 de abril de 2019

Sexo do entrevistado: Masculino; Idade: 19 anos

Habilitações Literárias: Ensino Secundário

Entrevista número 3 - adepto portuense Ultra do FC
Porto

Local: Gondomar; Data: 27 de maio de 2019

Sexo do entrevistado: Masculino; Idade: 30 anos

Tema		Testemunho A	Testemunho B	Testemunho C
Ser Portista	Processos de Socialização	Opa, não é de família até porque o meu pai é boavisteiro. Não há... ele nem gosta de futebol sequer, não vai aos jogos, não vê futebol sequer, só de vez em quando, quando é os grandes ou assim. De resto, foi sempre normal, ia vendo na televisão e no restaurante quando era miúdo, em minha casa era só eu que gostava, e depois quando me mudei	Desde pequeno... o meu tio sempre fez parte da claqué, e desde pequeno sempre me habituou a isto, sempre me levou aos jogos e eu fui puxando, o amor pelo clube foi crescendo e por causa dele eu comecei a vir aqui, aos jogos.	Ser portista... foram os meus pais, o meu pai neste caso que me influenciou, o meu pai ia sempre ver o porto a todo o lado. O meu pai, o meu avô, sempre ia ao estádio das Antas desde pequenino. Sempre.

		e vim viver para Gaia, o meu tio era membro dos Super Dragões, então começou-se a criar ainda mais uma coisa que tínhamos, depois comecei só por acabar em ir ver os jogos quando comecei a trabalhar, o meu pai como não liga nenhuma é completamente contra tudo isto de claques e violências e pirotecnia e essas merdas todas. Só quando foi com a minha mão é que consegui começar a ir, comecei a ir ao futebol para aí há 6 anos. Mas não teve nenhum contexto familiar, foi mesmo natural, uma cena natural, pelo meu tipo de personalidade. Já via muita coisa, já sabia os cânticos, ia para o computador ver e não sei o quê e queria ver sempre os jogos e queria ir pro café ver, mas... em termos de família, quando me comecei a dar mais com o meu tio... ahm... acho		
--	--	--	--	--

		que tem a ver mais com a personalidade, com a cena nortenha e a personalidade rija que eu tenho e forte vai mais em contra a isso, do que ligado propriamente aos amigos e família		
	Territorialidade	Mas também é uma maneira de como vejo as coisas: és da cidade, tens de ser daqui. Não é como o pessoal que é de Lisboa e é do Porto e daqui que é do Benfica ou do Sporting, ou do Olhanense, ou seja, como for. Para mim isso não faz parte da minha maneira de ver as coisas, até é como eu digo, eu como sou, revejo-me por causa da personalidade e aqui do estilo de ser nortenho, acho um bocado ridículo as pessoas que são daqui olharem-se e verem-se ao espelho como um benfiquista ou um sportinguista. Como é que uma pessoa com uma ligação e com orgulho do sítio de onde são, da	Eu acho que sim (seria portista se fosse doutra região), bastava ouvir falar do nome do Porto, ver na televisão um jogo. Opa eu apaixonei-me pelo clube logo à primeira vista	O meu pai era muito portista, se calhar era portista por ser daqui do Porto. Agora que cresço, tenho orgulho enorme ser portista e ser portuense. Cada um deve defender a sua cidade, não há nada mais bonito que a cidade que a gente mora. Há cânticos que alguns nem podem cantar, “tripeiro eu sou” não é, se não é tripeiro não pode cantar

		cidade invicta, da nossa maneira de estar, vai estar a olhar e a querer outra coisa, para mim é como se fosse uma falta de respeito, é uma afronta para mim.		
Interações e relações sociais		Não é igual, porque a velha forma de ver as coisas, que agora também se vai perdendo um bocado, que tem a ver com o espírito ultra que em Portugal também não é muito assente, sem completos exageros como acontece em Itália ou na Sérvia em que andam com facas e essas coisas, isto tem a ver com o estabelecer do domínio, proteger uma coisa que é nossa. Nós desde os nossos antepassados tínhamos os gladiadores, eles andavam à porrada, acaba por ser uma coisa normal. Isto é visto doutra maneira, mas isto vem desde os nossos antepassados há mil anos atrás, portanto... as		Isso difere sempre. Uma pessoa quando tá em grupo tem sempre a... um bocado a mania, entre aspas. Se tiver sozinho se calhar tenho mais calma para umas coisas, não reajo tão impulsivamente como se tivesse em grupo, uns puxam os outros, acho que é isso. A adrenalina está ali mais no auge, parece que não, uma pessoa se for assim ver um jogo há um bocado mais de tensão e tudo, não é. Não só com os adeptos, mas também com a polícia, tou sempre mais nervoso e assim.

	pessoas têm demasiados telhados de vidro e gostam de criticar essa forma de estar, de fazer as coisas, quando no dia a dia se escondem com outras coisas que devem ser piores. Nós fazemos isso e acontece que essa coisa toda em volta do futebol... é com nós próprios, com os iguais a nós, os nossos gémeos de outros clubes e fazem quase o mesmo... não vamos, e não sempre porque há atrasados mentais até nisso não sabem estar, que roubam e fazem muita coisa, mas no sentido que estou a falar é gajos que se concentram e se pegam ali e roubam estandartes e bandeiras e não sei quê e tao ali numa guerrilha. Nós fazemos isso com nós próprios, não vamos atacar uma família com o pai e a mãe e avó e dois filhos, não, eles passam e nós tamos ali e acabamos por não		
--	--	--	--

	incomodar ninguém nesse aspeto		
Influência da polícia e imprensa	A polícia não, a imprensa sim. Não é só no futebol, é em tudo. Manipulam tudo e toda a gente, noticiam as coisas da forma como querem e da forma que lhes der mais jeito e isso depois tem a ver com os responsáveis altos do nossos país em todo o tipo de áreas e futebol é só mais uma, e como o futebol é o hobby do português, acaba por ser o sitio onde atacam mais. Quanto à polícia, na maior parte das vezes acaba por ser... eles têm de manter controlo, eles tem ali 4 mil gajos e se não mantiverem controlo, eles fazem da polícia o que quiserem, é assim vão 4 mil pra 300 pessoas, o que a polícia vai fazer, eles tao a fazer o trabalho deles, as pessoas têm de saber estar. Temos muitas situações, como é o caso, já apanhei em Famalicão,	Há situações, há cortejos que eu já tive presente em que a polícia é mesmo... desnecessário, não tem assunto no que faz, porrada, virar-se a nós, é mesmo desnecessário. É quase sempre exagero da parte deles. Às vezes... inventam muito, falam do que não sabem, opa não estão lá presentes, eles não podem falar, sabes.	Acho que até têm feito um bom trabalho. Desde que o euro 2004 que mudou muita coisa aqui em Portugal, eles até conseguiram fazer um bom trabalho e isto ta muito diferente, o movimento ultra em Portugal. Mas, também acho que há muita repressão por parte da polícia em relação aos adeptos. Acho que eles não conseguem também ultrapassar isso da clubite, há polícias que não conseguem ultrapassar isso... Polícias mesmo a provocar-nos. Tou me a lembrar dum caso que foi em Coimbra, Académica vs Porto, e o Porto precisava desse jogo e os polícias todos, os <i>robocops</i> todo né, a picarem-nos a gozar connosco

	muitas vezes no Moreirense mesmo clubes daqui do Norte, a GNR tem atitudes mesmo lamentáveis. O pessoal tem jogo na segunda, sexta ou terça, jogos da Taça da Liga são à semana, as pessoas vêm do trabalho, o jogo é às sete ou sete e meia e vêm a cima da hora, a maioria das vezes não conseguimos entrar antes da meia hora, isso é completamente ridículo. E a atitude deles é “viessem mais cedo”. Nós viemos trabalhar, nós temos o nosso dia a dia e eles fazem isso por provocação, e a polícia nesses casos aí sim, eles são provocadores. Mas num caso, dos jogos maiores.		porque eram benfiquistas. Também não conseguem separar isso, e estão a espera que a gente reaja, que é para baterem nas pessoas sem necessidade nenhuma. Só veem as coisas más, o que é bom não conseguem ver isso.
Ser Ultra	Neste momento não (me considero ultra), porque deixei de ir ao futebol há 6 meses, não por minha causa, mas por não... tava desempregado, mas sim, mas	Ultra é... é estar no jogo durante os 90 minutos, viajar para todo o lado com o clube, mesmo sabendo que percas ou ganhas, tas la com eles. opa, se	Viver o Porto de maneira diferente, é amar o Porto, ter o porto acima de tudo, ir pra dentro do Porto e cantar por elas e dar

	quando tou filiado em <i>full time</i>, sim. Tem a ver com uma forma de estar, tanto dentro do estádio como fora dele... eu tenho uma tatuagem do Porto no peito, portanto não é uma maneira de viver que se baseia só em ir ao estádio ver o futebol ou ver os 22 gajos ali a correrem atrás duma bola, não, já é uma cena que se liga muito muito a mim e à maneira como vivo mesmo com fanatismo. , na minha vida pessoal acaba por não ter muito, porque apesar de os meus pais e a minha família não terem muito gosto por algumas coisas que tenha feito ou que eles não imaginam (risos), eu quando vou em viagens ou não sei o quê, eles ficam preocupados, ainda há uns tempos fui a Estoril e a bancada ia cair. Portanto, já tive em camionetas com tempestades a cair a passar pela ponte, que quase	houver porrada, se houver alguma coisa estamos lá.	tudo que temos pelo Porto. Negativamente acho que não tenho nada a apontar. De positivo trouxe tudo, opa muito do que eu sou também o sou graças ao Porto e aos Super Dragões. Positivamente passo momentos muitos bons, com o pessoal todo, ver jogos, momentos que a gente nunca mais se esquece, histórias pra contar. Opa negativamente, em casa já me chateei muitas vezes, com familiares e tudo. Mas um gajo mete sempre o porto em primeiro lugar. Já tive de escolher entre o Porto e a minha ex-namorada. Escolhi o porto sempre. Problemas mesmo financeiros não, mas se calhar podia ter muito mais dinheiro se não tivesse escolhido esta vida.
--	--	---	---

	caíamos pela ponte a baixo, já tive as minhas camionetas apedrejadas, já vivi 31 histórias diferentes que faz com que eles se preocupem. Mas acaba por ser a nível pessoal só preocupação, não há nenhum problema. A nível profissional, já podia ser um bocado mais complicado, nunca aconteceu, mas podia já ter acontecido eu ir com cara marcada e eu trabalho num restaurante, que é o melhor restaurante do Porto, portanto como empregado de mesa atender os clientes com cara pisada ou qualquer coisa parecida, podia ser um bocado complicado a nível profissional. já fiz uma coisa... tenho 2 folgas, nada mais. E tava sempre a pedir ao meu diretor para ir aos jogos e não sei quê, e ele quase nunca me deixava e eu fiz uma proposta que era: ele ficava com meia folga minha,		
--	--	--	--

	ou seja eu folgava só dia e meio e ele aproveitava meia folga minha sem me pagar nem nada e eu ia porque queria, ele tinha que me dar os jogos do Porto. Fiz isso durante 4 meses, e está aí uma prova da forma como vivia... vivo. Positivo é porque ganhas ali uma nova família, depende também dos núcleos, há núcleos com os quais não me identifico, o meu identifico-me bastante porque apesar de serem da claqué, serem ultras, são pessoas como eu ou como tu. Vão aos jogos, têm a vida que têm nesse dia, uma pessoa pode ser diferente mas no dia seguinte levanta-se às 7 da manhã ou às 6 e vão trabalhar e não faltam às responsabilidades e família, e não andam por aí na “má vida”, não andam a roubar pessoas, por acaso nisso o meu núcleo, as pessoas com quem lido são pessoas		
--	---	--	--

		normais como eu e tu, não são pessoas como aquelas que supostamente pela televisão são uns bandidos, nesse aspeto.. Em termos pessoais, sim, porque muitas vezes perco descanso, porque muitas vezes saio do trabalho às 3 da manhã ou 4 e no dia seguinte tenho uma viagem pro sul e vou ter de ir apanhar a camioneta às 7, durmo só 1h, no dia seguinte é o dia todo de viagem, volto, chego à 1/2h da manhã. Volto, descansar pouco, tenho um dia de completa adrenalina, o corpo esgota-se, é álcool, comer pouco, a adrenalina do jogo, cantar, cansaço mesmo. Ir a um jogo cansa mais do que trabalhar na semana toda (risos)		
Super Dragões	Percurso individual	A minha maneira de estar já era assim, mas não podia. Depois foi	Começo mesmo a ir aos jogos todos, pra aí desde 2010, desde o 10 anos.	Eu era pequenito, morava mesmo ao lado do estádio das

		uma associação normal. , sempre conheci muita gente já associada, por isso foi uma integração normal, tipo, a primeira e segunda vez era “arranja me aí um bilhete” tipo passou a ser assim e passei a conhecer as pessoas e depois toda a gente que vai aos jogos passa a conhecer-se. Depois de ir 10 jogos conheces mais 150 pessoas que conhecias antes e passa a ser um ambiente familiar. Todas as semanas vão os mesmos, e nos jogos fora, que é onde as pessoas se dão mais, combinam todos, acaba por ser um companheirismo que vai tendo toda a gente.	Já vinha mais cedo, mas era raro. Com o meu tio aqui não foi difícil. Ele dá-se de abraço com o líder e eu fui-me habituando também	Antas. E chegou uma altura, tinha pra aí 12 anos e ia sozinho ver o Porto. Na altura, não me lembro bem, comecei a conhecer uns amigos, ia tantas vezes sempre pro mesmo lugar que comecei a conhecer pessoas novas e tudo e comecei a ver o Porto. Eles faziam parte dos Super Dragões, comecei a ir com eles ver o jogo. Até hoje.
	A claque	Os Super Dragões defendem o clube e a cidade e nem sequer precisam de ser mandados. Acho que é muito básico. Acho que no caso de nós, sim, podemos ter algumas atitudes que possa ter sido alguma coisa dito	Ser Super Dragão é, por exemplo, vais a um jogo e a equipa perde, como aconteceu agora em vila de conde que empatamos. Uma pessoa fica chateada, mas nunca perde o	O Macaco é o líder, ele é que é o patronato depois tem pra aí quatro ou cinco que andam sempre com ele, que é um dos braços direitos dele, depois cada núcleo tem o seu chefe. Pelo

		ou assim, mas a maior parte das vezes não é isso que acontece. Podes apanhar um jogador aqui na discoteca e apanhas lá um jogador qualquer e uma pessoa qualquer da lhe um cachaço “que tas aqui a fazer? Amanha tens jogo”. Há pessoas ligadas ao clube que estão e veem o que se está a passar, por isso é que muitas vezes que os jogadores ficam de fora e isto não vai para a comunicação social, ficam fora de convocatórias, 1, 2, 3 jogos e vão pro banco. São pequenos castigos por esses delitos que fazem que não passam cá pra fora, mas que são sabidos dentro do clube. desde que começamos a perder os campeonatos, mesmo com o Lopetegui, aqueles 4 anos que tivemos sem ganhar nada, inexplicavelmente o apoio foi gigante, e o que se viu em termos de,	amor pelo clube. É, por exemplo, como é que eu hei de te explicar assim numa maneira fácil, opa sabendo que perdes, que não ganhas campeonatos, que não vais ganhar nada e tas sempre lá presente a apoiar a equipa, o clube, o presidente, toda a direção. É nunca desistir da equipa. É isso que nos torna imponentes, é estar sempre lá a apoiar a equipa. Tens o macaco que é quem manda mais, depois tens sempre os que tão mais chegados a ele. Ele é quem dá a ordem a eles, os seus parceiros, para depois ajudarem a liderar no que for preciso, pra ajudar. A função dos nucelos é como a claqué em si, é apoiar a equipa, basicamente é apoiar a equipa. Eles tao lá pra representar o sítio onde eles	menos no meu caso e assim, qualquer coisa, fala-se diretamente com o meu chefe, não é com o Macaco. Todas as quintas feiras tem-se uma reunião, bilhetes, quantos querem e bilhetes e não sei quê e depois é assim, basicamente é isso. Qualquer pessoa chega lá, tens uma ideia, comesas no estádio a cantar. Se pegar, pegou. É basicamente isso, não há aquilo de “olha hoje sei uma”, até é mais os Colectivo, os Colectivo por acaso nisso é que são os verdadeiros a criar cânticos. Aqui não há assim ninguém com papel e caneta “olha hoje é assim”, não sai, inventa-se, às vezes até numa viagem, como já aconteceu com o Porto fora e assim, tamos a cantar e a música calha de
--	--	---	---	--

		no meu ponto de vista que ia a todos os jogos fora e isso pra mim é mais importante do que os jogos em casa porque aí vai mesmo quem está dedicado, não é só pelas pessoas que o jogo é aqui ao lado, vão porque querem e gostam, houve uma subida de publico, de Super Dragões a ir aos jogos, por isso é que em cada esquina encontras um Super Dragão. E as pessoa começam a usar isso como, ir aos jogos naquela bancada e não ter uma maneira de estar que é preciso para estar ali, vão para lá porque a bancada é mais barata ou porque conhecem uma ou duas pessoas que são dos Super Dragões e depois de tudo isto vêm ter ao encontro do que a sociedade é hoje em dia, que é a popularidade dos Super Dragões, e na verdade não são, porque vão ali porque arranjam um bilhete que alguém os	vivem e ajudar a apoiar a equipa ao máximo, e todos jogos tentam levar o máximo de membros possível. Para mim, a música mesmo, é o hino do porto. Mas assim músicas mesmo da claque... deixa pensar aqui uma... é assim, todas são boas, ainda agora neste último jogo aqui com o Aves, quando a equipa foi embora, a música que nós cantamos que é “o porto é nosso, o porto é nosso e há de ser”. Esta é a música que, tirando o hino... porque o clube, os adeptos ficam sempre, jogadores e treinadores vão e vêm sempre. Não tou a querer criticar os jogadores nem o treinador, mas ficamos nós sempre.	pegar e prontos. Quando chegamos ao estádio começamos a cantar todos e pega a música. Há rivalidades, (dentro da claque) há sempre rivalidades, há pessoas que têm aqueles problemas fora daquilo. De muitos núcleos é pessoas de bairros e assim não é. Há coisas que não têm nada a ver com futebol, e as pessoas encontram-se ali no estádio e serve de... coisas que têm cá fora levam lá pra dentro e existe muita rivalidade nisso Não, acho que não conseguem (direção da claque) fazer nada em relação a isso. São questões que vêm de fora, não se consegue fazer nada. (cântico com que mais se identifica) é o slb... posso
--	--	--	--	---

		arranjou, e conhece 1 ou 2 e nem sequer ta a olhar pro relvado, ta a olhar pro telemóvel, não batem uma palma, não saltam, não cantam, não fazem nada, nesse aspeto isso também pode acontecer. E isso é um bocado denegrir. eles estão ali no lugar do estádio, só. É o que nos chamamos de pipoqueiros. (ser SD) É uma vida dedicada a isso, não dedicado a todo o momento, não tenho de apanhar um benfiquista a meio da rua e seja do No Name ou dos que for, não tenho de me pegar à porrada com eles. Conheço muitos membros de outras claques, benfiquistas, sportinguistas, e no meu dia a dia dou-me bem com elas e sou grande amigo deles. Agora, no momento as coisas são separadas, é diferente. Super Dragão é mesmo isso, é ser um		dizer? É o slb filhos da puta Vem de tudo (dinheiro), de bilhetes, camionetas. Tipo, mesmo nas viagens fora o Porto disponibiliza os autocarros. Só há dois jogos em Portugal que os Super levam dinheiro pelos autocarros, em Alvalade e na Luz. Uma pessoa paga pra aí 10 euros, mas o Porto oferece na mesma as camionetas. Esse dinheiro, ou seja, vai pros Super Dragões, alguém vai comer esse dinheiro todo. Se o porto ofereceu as camionetas e eles levam pra aí 10 euros, são 2000 mil pessoas a 10 euros cada uma, imagina quanto dinheiro é que não é, é muita guita. Devia ser por amor acho eu, aquilo é um negócio hoje em dia, é um negócio. É uma empresa.
--	--	---	--	---

		dragão, mas super. (como se estruturam) essa parte da estrutura tem uma rodagem muito grande. Não interessa. Eles (núcleos) também têm um grupo de WhatsApp. Não sei porque eu não estou lá, e são coisa privadas, não sei. Em termos de estrutura é o Macaco que manda e o resto vai apontando até porque pode querer fazer coisas diferentes em vários jogos. Isso (hierarquia) tem a ver com fama, por serem conhecidos, por serem do Aleixo, serem associados a... já não tem a ver com futebol, acho eu. nem chega (problemas dum membro dum núcleo) ao Macaco, o chefe de núcleo trata logo disso. O chefe de núcleo, o Macaco para os Super Dragões é o chefe de núcleo para cada núcleo. Pronto. Não sei		Camisolas e tudo. E depois, é isso que não me revejo nos SD também é isso, hoje em dia se fores a ver de fora, vais ver o Porto. À frente do Macaco tão sempre aqueles grupos que, vou falar assim, mais “das aldeias”, que são esses que compram as camisolinhas, a camisola que custava 25€ dos Super Dragões, pagam todos o anual, ao ano pagam aí 15€, são eles que dão o dinheiro ao Macaco, por isso é que eles ficam ali à frente, atrás é que vês o pessoal que luta contra o sistema e é posto de lado pelo Macaco. Há mesmo muita gente (que partilha da mesma ideia). Ainda há pouco tempo havia um grupo que tava a lutar muito contra isso e foi praticamente irradiado pelos Super Dragões, que eram os casuais. Eram
--	--	---	--	--

		como isso é gerido depois. uma relação normal, cordial. o Colectivo formou-se acho eu por uma facção dos Super Dragões e depois formou-se. Mas dão-se todos bem, há muita gente que vai de viagens de carro e juntam-se todos. O Macaco é mesmo “O”. É o líder e acaba por ser sempre ele, mas sem problema nenhum o Colectivo pode puxar música seja ela qual for que o Macaco vai seguir como eles seguem o Macaco. É uma relação cordial. tens a “força Portoo, vence por nós”, é uma música incrível para manter o ambiente e em termos de voz puxa muito por uma pessoa, e a “e quem não salta é lampião”, é preciso estar a saltar e bater palmas. Tens muita coisa, aquela música que fazemos com o Colectivo. Essa musica tem um impacto incrível porque consegue	eles que lutavam mais contra isso e era um grupo que tava a crescer mesmo muito e o Macaco acabou com o grupo. Depois se não fazem o que eles querem, vêm as capangas deles. Aquilo é uma empresa, ta tudo bem montado. É um negócio mesmo, ta tudo muito, muito bem montado por eles. É verdade.
--	--	---	--

		dar aquele grito forte, depois vão eles e depois chega-se ali a um momento em que é toda a gente junta, é um som absurdo e ensurdecador, e depois muda a musica quando se morre um pouco depois de acabar e é importante passar a musica sem exagero no tempo de musicas porque depois as pessoas cantando sempre a mesma musica, há musicas que exigem mesmo muito da voz, não o corpo mas a voz e depois não se consegue dar um volume tão alto mesmo que estejas a gritar, e o mudar de musica para combater a fadiga também é importante		
Movimento Ultra	Em Portugal	As claque mudaram em muita coisa, com maior relevo na sociedade. Tens o Líder dos Super Dragões que aparece nas capas de <i>jet set</i> que qualquer coisa que faça aparece na televisão, isso não acontece com mais nenhuma	Para começar, começo pela claque dos No Name Boys que é ilegal, só começo por aí. De resto, claque do Porto, Sporting, Braga, têm tido bons comportamentos ultimamente. Acho que não mudava nada, só	Para começar, as tochas e isso devia ser legal. Há muitos países que isso é legal e não acontece nada de mal, aqui já temos casos de mortes, mas não é com estas tochas que a gente vê, aquilo é <i>very lights</i>, é

		claque. O macaco, o Fernando Madureira, é conhecido, é uma figura publica, se fores à TVI, TV7 dias ou qualquer merda dessas, aparece lá que ele foi jantar, ele é uma figura, é um chefe numa claque e aparece. Mesmo nisso, tá a ver como o futebol e as clagues têm uma força enorme, o problema é que a comunicação social só eleva aquilo que lhes apetece. Temos muitos casos tanto do Porto como se calhar outros clubes, eu é que não faço ideia, mas os Super Dragões fazem ações de solidariedade e isso não aparece em lado nenhum. Isso que é importante e podia ser falado e podia ser boa publicidade para mais pessoas fazerem desse tipo de iniciativa. Ninguém sabe disso, vais a vários sites ou grupos associados a isso e acontece imensas vezes e	mesmo o caso da legalização da claque do Benfica.	coisa diferente. Acho que isso dá um espetáculo melhor, agora não podemos fazer nada, às vezes nem bandeiras podemos levar pra dentro do estádio, acho que tá muito diferente. Acho que antigamente as pessoas tinham mais liberdade pra irem aos jogos, hoje em dia não, acho que as pessoas não têm assim tanta liberdade para irem a espetáculos de futebol. Não me revejo no movimento ultra agora. Está um bocado, há muita gente que vai pra lá, só quer estar lá para a fotografia, assim dizendo. Só tão lá pro Facebook, selfies e o caralho e nem cantam. Se vais pra ali é pra estar a cantar pelo porto, pra isso vais pro meio da bancada, tá ali a ver o jogo como quem vai ao
--	--	---	--	--

		ajuda, e isso que devia ser comunicado pela comunicação social, o que acontece no lado bom e não só destruir e vender jornais, isso eles deviam falar. é uma coisa tão leal a si mesma, aqui em Portugal não há assim muita coisa que se pudesse fazer para diminuir estragos. Se me falasses em Itália ou Sérvia, aí sim punha parâmetros porque lá andam com facas, bastões, com merdas. Aqui em Portugal tens o caso do adepto italiano do Sporting que foi atropelado por adeptos do Benfica. A melhor? Os <i>White Angels</i> e os outros do Guimarães que não me tou a lembrar agora o nome. São, claramente, sem sombra de dúvidas. Eles têm uma força magistral.		cinema e acho que hoje em dia nos Super Dragões há muito isso, e depois aquilo é um negocio muito grande nos Super dragões, aquilo é uma empresa basicamente. Dá muito dinheiro a alguém, alguém mama muito dinheiro ali. E antigamente vivia-se com mais paixão É exagero. Aquilo tem de ser por amor ao clube, não por interesses. Até dou o exemplo dos Colectivo, lá é por amor, não é por dinheiro. Vou dar o exemplo do Benfica, eles ainda não são legais, e eles é que tão a lutar ainda contra o sistema, nós é que já nos vendemos ao sistema. Agora hoje em dia, a maior parte dos Super Dragões, tens que dar o teu BI e ficas logo registado na polícia, a polícia sabe logo os teus dados
--	--	---	--	--

				todos, acho que isso é uma falta de privacidade enorme, no resto do estádio não existe isso. Tira-me um bocado (vontade de ir ao estádio), quando vejo que há muitas pessoas com interesse a ganhar muito dinheiro, uma pessoa até faz aquilo com gosto, quem dera a muita gente ganhar dinheiro pelo Porto, não é, é um trabalho de sonho, nem que fosse pra estar ali a cortar a relva quem me dera a mim trabalhar no Porto né
	Violência	Há, como em todo lado, mas isso não tem a ver só com claque. Tem a ver com a sociedade normal, portanto não é por ser Super Dragão ou No Name ou Juve Leo, ou Legião Vermelha seja do que for, nada tem a ver com isso. e conhecendo este mundo como conheço e	Se calhar porque... nem sempre temos razão, mas a polícia também não, e se calhar há adeptos revoltados por momentos que a polícia não resolve bem.	Uma pessoa quando tá em grupo tem sempre a... um bocado a mania, entre aspas. Se tiver sozinho se calhar tenho mais calma para umas coisas, não reajo tão impulsivamente como se tivesse em grupo, uns puxam os outros, acho que é isso. A

		conhecendo as pessoas como conheço, não difere muito com a sua forma de estar fora dali. Isso vem também do sítio de onde vêm.		adrenalina está ali mais no auge, parece que não, uma pessoa se for assim ver um jogo há um bocado mais de tensão e tudo, não é. Não só com os adeptos, mas também com a polícia, tou sempre mais nervoso e assim.
--	--	--	--	--

Entrevista número 4 - adepta Ultra do FC Porto
 Local: Vila Nova de Gaia; Data: 29 de abril de 2019
 Sexo do entrevistado: Feminino; Idade: 23 anos
 Habilitações Literárias: Licenciatura

Tema		Testemunho A
Ser Portista	Processos socialização	Nunca ninguém me puxou assim muito pro lado do futebol, ou ser dum clube propriamente. Eu, até, um dos meus maiores desgostos é não ter ido ao estádio das Antas e não ser sócia desde pequena porque vejo muita gente a ser sócia desde bebé e eu só me tornei agora sócia. Realizei o meu sonho este ano. Sempre fui muito ligada ao futebol porque os meus familiares viam, eles apoiavam sempre a seleção e o Porto também, sempre fui habituada desde pequenina. Mas nunca ninguém me puxou, acho que foi um gosto meu, já desde pequena isso.
	Territorialidade	Não, não seria. Se fosse doutra região com certeza que não seria, acho bem que as pessoas sejam do Porto né, é o meu clube, quero que as pessoas sejam portistas, mas eu discordo completamente por exemplo daquelas pessoas que são de Lisboa e dizem que são portistas porque acho que têm sempre uma costela de lá de baixo e vai sempre influenciar um bocadinho quanto ao clube. Eu acho que qualquer pessoa que seja do Porto devia ser portista. Há casos de apoiar a equipa da terra, mais pequenas, por exemplo eu sou de Leça da Palmeira e não apoio o Leça porque eu sempre fui habituada, sempre gostei do Porto, cidade e clube, sempre fui habituada ao azul e branco, às riscas verticais sempre ouvi falar do Porto, do Pinto da Costa, a jogadores também, não me lembro de ouvir falar sequer doutros clubes. Influencia imenso ser daqui. Se fosse doutro lado não seria do Porto com certeza. De Guimarães teria de ser do Vitória, de Braga não sei seria do Braga porque vejo lá tanta gente com dois clubes e não concordo nada com isso
Interações e relações sociais		A linguagem difere muito, não costumo dizer palavrões, não digo por respeito aos familiares. Mas na bola, eu abuso. Assim, na forma de agir, posso ser mais agressiva, mas tem a ver com o tipo de pessoas, quer dizer não é o tipo de pessoas, sei lá, é conforme as situações, se tiver que, por exemplo naquelas confusões nos cortejos, perco a paciência e mando-me mesmo a elas. Porque ali no meio, não sei, é diferente
Influência da Polícia e imprensa		Olha, em pra aí 90% das vezes houve abusos. Por exemplo, Alvalade, Guimarães, Luz, basta uma pessoa das nossas pisar um passeio e está logo a comer de bastão, é mesmo assim, eu já levei da polícia. Tava a andar na rua, eles achavam que estava metida com os outros que estavam lá com os outros em Guimarães e levei com o bastão na cabeça. Sim. E a minha mãe

	levou bastonada, por exemplo. Aí sofri muito preconceito porque o gajo virou-se e disse “que é que tas aqui a fazer? A culpa disto tudo é tua, vai, mas é lavar a louça sua puta” – o polícia disse isso e eu quis saber o nome dele para fazer queixa, mas todos aqueles polícias destacados para tarem ali, eles têm o nome ali em velcro, mas eles não tinham isso, tinham tirado. Ou seja, não conseguíamos fazer queixa daquilo, ou seja, bateram-nos e ainda nos disseram isso. Um amigo meu ainda veio em minha defesa, mas ele ainda lhe deu por cima, ate lhe chegou a abrir o joelho. Eu não acho correta a maior parte das ações da polícia. quando a gente é atacada temos de nos defender e só nos incitou o ódio. Claro que há pessoas que façam coisas, não tou a dizer que mereçam que lhes aconteçam coisas, mas provocam, com insultos ou isto ou aquilo, pronto até aí tudo bem. Agora quando uma pessoa vai num cortejo, basta ser empurrado por uma pessoa, calhas de cair no passeio, eles deram logo na pessoa, nem perceberam se a pessoa fez alguma coisa de mal, partem logo para a violência, porquê, metem todas as pessoas num todo e reagem... não são formados pra pensar naquilo que estão a fazer. nota-se que quando há algo de errado sobre o clube, tipo quando aparece aquelas frases pintadas na parede, remetem logo para uma claue, e logo pros super, e não pensam que pode ter sido o Colectivo ou que podem ser adeptos individuais a tomar partido fazendo essas cosias. Eles tomam logo as coisas más como feito das claques, não ligam as coisas boas. Nos também fazemos muito peditórios e assim, e as pessoas nem têm noção, tudo que é mau a imprensa passa e nem fala do bom apoio que prestamos nos jogos, nunca dão enfase a essas cosias e deviam. É só cosias negativas.
Ser Ultra	É uma boa questão- olha, é acompanhar os jogos todos, mesmo lá, é apoiar a equipa, cantar, bater palmas, é respeitar o símbolo do clube e do grupo em que estamos e fazer tudo que seja preciso por ele. Nomeadamente, se tiver que andar com um pano ando, se tiver que andar com um cachecol ando, se tiver que defender esses... se tiver que andar à porrada para defender o pano ou assim, ando. Olha, exemplos, há pessoas que pisam as bandeiras, pisam as faixas, para mim n faz sentido, isso ta fora. pra já porque não tas respeitar o símbolo. Tenho um caso, em que a bandeira dos Super ficou abandonada à beira do P1 e eu sozinha tive que a enrolar, pegar nela e leva-la pra sede, porque o pessoal tava a pisa-la, só queria ir atrás do autocarro do Porto a correr e cantar, e esqueceram-se que aquilo tava ali, e isso pra mim é um completo desrespeito. Há muita coisa, também acompanhar tudo que envolve o clube, não é só futebol. É fazer tudo em prol dos símbolos, acho que é por aí.

Super Dragões	Percurso Individual	Faço parte do grupo há 10 anos. Eu nunca tinha ido ver um jogo do Porto e na altura existia o hi5, e na altura conhecia uma rapariga que já tinha os seus 20 e tais, já tinha uma filha na altura. E ela via que eu era muito portista porque metia já muita coisa no hi5, com o cachecol, com as bandeiras e ela ofereceu-me um bilhete e o meu primeiro jogo, olha foi a 23 de dezembro de 2008 e pronto já foi no Dragão. E partir desse jogo fui sempre, decidi que eu quero ir, é isso que eu quero e a partir daí fui mesmo sempre. A rapariga pertencia aos Super e eu fui pra lá pros Super, pro sítio dela e do grupo dela e partir daí fui sempre em casa. Jogos fora só fui depois porque não sabia como as coisas funcionavam e era novita, a minha mãe acompanha-me, portanto, é por aí. De forma positiva, ganhei muitos amigos, amigos mesmo. Que se calhar preocupam-se mais comigo do que a minha própria família. Ou seja, criei uma família, tenho pessoas muito próximas. A nível pessoal, aprendi muito e cresci muito porque eu era, sei lá, frágil e assim, e lá cresci, deixei de ter medo de muita coisa, eu agora não tenho problemas em estar no meio de confusões, se tiver de bater em alguém bato, se tiver de defender defendo, antigamente tinha medo, sei lá.. fiquei mais corajosa e assim, aprendi mais coisas sobre o futebol, sobre outras modalidades, não sabia regras, aprendi muita coisa a ver os jogos... combati alguns preconceitos que eu tinha, porque sou muito preconceituosa em relação às pessoas. Sim, pertencentes aos Super porque o que eu via nas notícias “é só gente má, reles, arruaceira” – não, são pessoas incríveis, de todos formatos e feitios, de níveis de escolaridade diferentes, e super respeitadores, não encontro ninguém, ou praticamente ninguém que falte ao respeito. É por aí, conheci pessoas, combati preconceitos. , cresci, ganhei coragem... passei uma fase má da minha vida e vi nos Super e ver jogos do Porto um refúgio. Parece que quando entramos em qualquer estádio ou pavilhão os problemas desaparecem.
	A Claque	É uma pergunta complicada... olha, é só defender tipo o nosso nome, porque é muito denegrido pela comunicação social e eu não sou muito de expressar a minha revolta, antes fazia textos e assim sobre denegrirem a imagem dos Super. Agora sou mais, quer dizer, defendo na mesma, mas é duma forma mais pacata, sou capaz de ouvir pessoas falar na rua e sou capaz de me meter, é dizer que os Super não são nada disso que as pessoas pensam. Somos pessoas humildes, super humildes, não usamos, não somos maus como as pessoas pensam, não somos armas como outras claque que se vê por aí, não queremos necessariamente o mal dos outros, queremos defender o que é nosso e somos muitos mas eu gostava que fossemos menos porque lá está, é

		aquela cena de sermos uma cena mais restrita com mais mentalidade, algo com cabeça, tronco e membros que acho que se ta a perder um bocadinho, por isso é que não sei dar uma definição de Super dragão, é difícil explicar, só quem está lá é que percebe. O que me irrita, é quem vai pra lá por fama. Vão porque é bonito, não percebem, lá está, o que é ser ultra. Acham que por ir a um jogo já pertencem aos super, porque é bonito, ficam com aquela fama “ah sou Super Dragão”. Há alguma falsidade, e isso odeio, mas as pessoas passam-me ao lado. Como todos sabem, temos o líder, que é o macaco. A nível de estrutura, não é assim, temos a Sandra, a mulher dele, que basicamente ajuda em tudo, de resto não há propriamente ali, não há uma estrutura. Quer dizer há, há o líder, a mulher e os núcleos, cada um tem um chefe de núcleo, mas perde-se muito aí. Os chefes de núcleo não transmitem nenhuma organização, não conseguem sequer controlar os seus. Olha, é organizar o núcleo, fazer as inscrições, ver qual é o número de pessoas que tem, depois há de haver um número medio de pessoas que levam por jogo, pedem bilhetes, e arranjam bilhetes para essas pessoas. Há uns que são sempre certos, o número e pessoas que vão são fixas, outras querem simplesmente despachar bilhetes e ganhar à conta disso e vendem a qualquer pessoa. Basicamente utilizam o nome do núcleo para conseguir os bilhetes. Acho que o núcleo tem de ter 25 ou 35 para ser formado, para ser criado, e então eles utilizam esse número, mas depois não arranjam aquelas pessoas certas, é tipo quem vier e lhes pagar mais se calhar é o que eles arranjam, já vi isso acontecer. Assim os mais certos são os núcleos mais velhos, de resto. quando é preciso passar alguma mensagem usualmente usava-se o grupo dos SD no WhatsApp, mas pronto tem havido muita fuga de informação e então tem-se feito reuniões mesmo na sede que assim é mais difícil que haja fuga. Há na mesma, mas é mais controlada. Não há questões de prints As reuniões é para situações mais específicas, por exemplo, vai haver um jogo importante e é preciso terem em atenção certos aspetos e é pra isso que se tem reuniões, não há tipo reuniões mensais, é só mesmo em casos específicos Há rivalidades já passadas que às vezes, num ou outro jogo, se vier um membro que não vinha há muito tempo a aparece, pode criar conflito, às vezes tarem bêbedos despoleta assim alguma coisa. Ou são coisa esporádicas, pode ser por estar bêbedo e estar ali. Só por tarem bêbedos um deu um cachaço a outro e não gostou e pronto, pegaram-se, cenas mesmo básicas que nem sequer tem nada a ver com bola. Acho que não, nunca é por casa dum jogo. Ou melhor, pode ser em certos casos quando são mesmo com rivais nossos. Às vezes
--	--	--

		aparecem uns adeptos que não são de lá, aparece lá pessoas do Benfica e o que é que acontece, há pessoas que os conhece e às vezes leva a um benfiquista ou à pessoa que o levou lá. Mas acho que não há coincidência entre o jogo correr mal e haver confusão, tem a ver com lá dentro, não com a claque em si, só quando aparecem membros antigos que não gostaram de alguma coisa que tenha acontecido, e como não apanham na rua, apanham ali na bancada. Já aconteceu com mulheres, eu sei de casos que a rapariga não aparecia à bola, entretanto apareceu, a outra apanhou-a e pronto, acabou por acontecer ali, mas não é diretamente relacionado com problemas daqui alguns são, mas raros. há cânticos que nós já não cantamos quase nada, mas são incríveis. Mas eu não me lembro quais são, a sério. Há um que foi feito por um rapaz que era do meu grupo, mas não me lembro, mas é daqueles mais antigos. Olha, adoro aquele que diz, há duas versões, mas que diz "há céu azul e nuvens brancas, são as cores do mítico estádio das Antas" – eu nunca fui ao Estádio das Antas, mas adoro esse cântico porque transmite assim um sentimento. Gosto de cânticos que tenham mesmo letra, uma letra que transmita alguma coisa. Gosto daqueles cânticos mais nossos, tipo aquele “mais e mais amor, que amor louco, cada dia eu te quero mais, meu grande porto” por exemplo, mas há outros. Há um que é sobre os jogos fora, porque não é qualquer pessoa que faz jogos fora, não é qualquer pessoa que faz tantos quilómetros. Gosto mais de letras extensas, gosto muito do Colectivo por causa disso, têm músicas mesmo com muita letra e transmitem mesmo muita... tudo, que acontece lá no meio e o sentimento que nos levamos. E sem dúvida, dos cânticos, é o hino do porto. Não gosto destes cânticos assim mais recentes de lá lalá-la e allez allez, não faz sentido pra mim.
Movimento Ultra	Em Portugal	Se calhar deviam ser mais organizadas porque permitem, não sei, não quero ser preconceituosa, permitem qualquer pessoa porque é assim, ah... pode entrar, pode vir um grupo a um jogo e nunca ter passado por ali, chegar lá a fazer asneiras e depois quem vai ficar mal? É o nome da claque, porque eles tá lá, tá ali no meio e pronto, devia-se ter assim um controlo mais rigoroso nas cenas de sócio, não digo aquela cena do cartão, mas acho que dentro da própria claque devia haver mais organização para evitar conflitos e assim, até porque há conflitos dentro da própria claque.
	Violência	
Mulher numa claque de futebol		É assim, há sempre, eles olham muito de lado pras mulheres. Pra já, dão aquele coiso de são mulheres, acham muito atraente as mulheres tarem na bola, não olham como uma pessoa qualquer. Sim, tou farta de ouvir insultos, então na luz sempre

	a ouvir esse tipo de comentário “que tas aqui a fazer? Vai, mas é lavar a louça”, mas não é só da polícia. Sinto (discriminação dentro da claque). Pra já eles tornam-nos como objeto, mesmo a comunicação social o faz. Porquê, no estádio quando vês a gravar as mulheres, vês a gravar as mulheres, aquelas que parecem mais bonitas, vêm maquilhadas, é muito um objeto, ou mesmo os comentários que uma pessoa ouve, sempre a ouvir esses piropos típicos de homem, sem querer ser feminista, mas ouço muito assim uns comentários e eu tou sempre a dizer “vejam-me como um homem” não é por eu ser mulher que sou mais indefesa, eu e outras mulheres que conheço lá, fazemos tanto mais que um homem. Se tivermos que defender a claque defendemos, vamos pra linha da frente, não recuamos como certos homens. Por isso, sim, veem-nos como sexo fraco ali no meio, somos poucas, damos mais nas vistas, por sermos poucas, ta cada vez mais a crescer, sim, mas ouve-se muitos comentários. E pronto, é mau, porque nós tamos ali, pelo menos eu tou ali pra ver o futebol, não tou pra me exhibir. Eu consigo controlar quando me dizem coisas desagradáveis. A situação mais desagradável, lá está, é com <i>spotters</i> ou PSP. eu já sofri isso com o macaco, por exemplo. Por ser mulher, ele já me mandou calar por ser mulher e que não sabia o que estava a falar e que não podia ir la pro meio, as confusões, porque não ia conseguir fazer nada, mas sou útil noutras coisas e dou muito a claque de várias formas. Se tiver que guardar material, eu sei como tenho de o fazer e como tenho de o proteger. Mais, olha, participo nas coreografias, mesmo para as fazer. Colocar no lugar. Já houve confusões, e quando digo confusões é mesmo aqueles conflitos frente a frente e eu já estive lá e não andei à porrada com homens, porque obviamente os homens vão ter mais força que eu e tendo em conta os que são, mas já ajudei doutras maneiras. Por exemplo, vi quando iam ser atacados várias vezes por claques rivais e ajudei a dizer quando outros vinham e quando iam atacar ou seja, consegui prever as cenas e tava la a observar. Claro que não tenho força para isso, ou seja, tenho de ir pra outros caminhos com que eu possa ajudar. Mas eu faço qualquer coisa que seja precisa. Olha, não abandono a bandeira porque acho que os homens pensam que só os homens que abanam. Há (mulheres chefes de núcleos), só que tas a ver, nesse caso, essas mulheres pra mim não dão o exemplo porque ou não sabem agarrar o núcleo, às vezes são mais os membros que ajudam a levar o núcleo pra frente, não têm assim, ali numa claque não sabem bem como agir perante homens e há homens que faltam ao respeito que pensam por sermos mulheres acham que somos mais fracas, tanto que já vi comentários no grupo dos Super a dizer pra irmos lavar a louça, literalmente quando
--	--

	estávamos a falar de futebol, e conversas com argumentos e mesmo assim continuavam com esse discurso que não devíamos continuar ali. As mulheres fazem falta porque a maior parte é tratada como objeto e deixa-se tratar como objeto porque vão pra lá, super maquiadas, vestida como se fossem sair pra noite ou assim, não vão como se fossem ver um jogo de futebol, porque la esta deviam ir pra apoiar o clube, bater palmas, não é pra estar lá de braços cruzados a tirar fotos e dizer que estou aqui. Não, tem de fazer por isso, têm de ostentar um cachecol ou uma bandeira, têm de se deixar daquelas fotos todas sexualizadas e assim. Há situações tipo calha bem ser mulher, porque se nós temos de fazer alguma coisa às escondidas, a polícia não desconfia das mulheres, quer dizer, agora começa a desconfiar, mas até há bom pouco tempo e ate nalguns sítios ser mulher dá jeito. Podia, mas tinha de partir da atitude das mulheres, as mulheres teriam de ser mais... esta cena do movimento ultra, o que é representar um grupo, o que elas têm de defender porque nem sequer dão valor ao cachecol que têm posto ao peito ou uma camisola, só vestem porque é giro, tipo não têm a noção, mesmo aqueles cachecóis que têm a terra, apesar de terem a terra lá escrita, tem la o símbolo dos Super e não percebem isso, elas próprias tornam-se um objeto, é muito à base daquilo das fotos e quererem aparecer. Por exemplo, há mulheres, e isso discordo, que tão em cima do muro, na frente. mulheres e crianças. Eu discordo completamente. A linha da frente tem de se mostrar que a claue é forte. Ou seja, não é ser feminista ou machista, concordo que estejam lá homens que mostrem que somos fortes. Claro que podiam estar mulheres, mas mulheres que dessem o exemplo, que tivessem a abanar uma bandeira, 90 minutos a cantar e com garra e eu gostava de ser assim, pôr-me em cima dum muro em cima daquelas varandas com ferros e fazer isso, mas, eu sou tímida e se fizesse isso as pessoas iriam pensar “aquela está ali pra se armar ou pra se mostrar”, tal como eu penso de certas pessoas, mas nota-se porque algumas vão mesmo lá pra isso porque tão no telemóvel, ou tão a tirar a fotos, não tão ali pra apoiar o clube, chega a um ponto que eu nem sequer canto, nem é por falta de vontade, olho à minha volta e as pessoas não cantam ou tenho outras mulheres à minha beira sem fazer nenhum, então, não perco a vontade mas fico um bocado triste porque gostava que vissem as mulheres doutra maneira, porque nem sequer dão valor ao facto de estar lá uma mulher, só pensam em mulheres bonitas e assim e não pensam no que uma mulher pode dar a uma claue e o que pode fazer por ela, e pode ser mudado o papel, mas é muito difícil... há cada vez mais mulheres a ir à bola e eu acho engraçado, e falando agora da parte boa disso, cada vez mais mulheres com idade com os seus quarentas, cinquentas, sessentas tão a ir à
--	--

	bola, até sozinhas, eu no outro dia deparei-me com uma senhora com os seus cinquenta ou sessenta, e ela disse “menina, tou toda contente porque é a primeira vez que tou aqui a ver um jogo” e ela tava sozinha, não sei se ela não tinha marido ou o que foi, ela tava à minha beira e ate a abracei quando foi golo porque fiquei tão contente ao vê-la aí sozinha, e não se vê , não se vê mesmo, e acho que as coisas tão a mudar mas acho que vai demorar por causa do preconceito e assim. É assim, doutros clubes acho que valorizam mais. Por exemplo, na Juve Leo, na Juventude Leonina, e nos White Angels, já vi que eles dão mais valor às mulheres. Como é que vejo isso... há núcleos só de mulheres e vê-se que não se metem à frente delas, tipo não tentam tapa-las na bancada ou assim, ate dão ênfase, mas no sentido de objeto sexual, elas ostentam panos e cachecóis e assim, até em comunicados que fazem e textos e assim, têm orgulho. Sim, sobretudo nessas duas, principalmente nos White Angels, nota-se que dão importância às mulheres, ate porque elas tão todas juntas, acho que nunca vi mulheres fora do núcleo das mulheres, elas devem-se identificar mesmo com aquilo. E uma coisa, não sei qual é a estratégia deles, mas os <i>No Name</i> e os Diabos, quando há cortejos, colocam as mulheres na frente do cortejo, acho que as usam como escudo para não lhes acontecer nada, mas sempre, em todos os cortejos as mulheres vão à frente num grupo só e isso serve de escudo para muita coisa que acontece lá atrás, e elas vão à parte, nós não, nos vamos lá no meio, lá está, eu, pra mim é como se fossemos homens, somos todos iguais, temos todos capacidades para fazer tudo, basta querermos.
--	--

Entrevista número 5 – jornalista desportivo

Local: Vila Nova de Gaia; Data: 16 de abril de 2019

Sexo do entrevistado: Masculino

Tema	Testemunho
Background Individual	Tenho 57 anos, sou jornalista desde os 19. Portanto, comecei em 1981, vou com 37 anos ou caminho de 38 de profissão. Comecei na informação geral no antigo Comercio do Porto, depois passei pelo Capital, Norte Desportivo, Diário de Notícias, e depois vim pro Jogo em junho de 85, jornal tinha começado em fevereiro de 85, por isso estou cá há 33/34 anos. Fiz um percurso quase todo ligado ao futebol, raramente fiz outras coisas. Basicamente fiz futebol e desde 94 ligado à auditoria e desde 2002 que estou como chefe de redação. Pronto, e já é bastante (risos)
Forma como a imprensa retrata as claque	É evidente que os jornalistas podem ter fontes de informação nas claque, há pessoas que estão muito ligadas aos clubes onde pertencem, mas não há uma ligação... chegou a haver, houve uma altura em que até havia uma revista ou outra que pontuava as claque, a atuação das claque enquanto festa de futebol. Havia o prémio de melhor claque, claque mais interventiva... Eu não sei se davam prémios, mas sei que ligavam muito a isso. E havia essa parte boa, depois... o ambiente piorou e ultimamente as relações da imprensa com as claque infelizmente são para noticiar coisas más. Raramente hoje fica associada a festa. O problema é que a claque em si não devia ser notícia, devia ser organização que faz festa, que promove o bom futebol, mas tornou-se mais noticia pelas coisas más. Há pouco tempo no Estádio da Luz onde o Benfica não reconhece as claque mas tem duas e pegaram-se todos À porrada, os Diabos com os No Name, mas isso não tem a ver com futebol, isso são questões

	laterais, foi ali podia ser num bar ou discoteca, só confrontos entre pessoas, depois é evidente... se duas claques do mesmo clube andam à pancada nas instalações do clube se calhar é notícia e é notícia pelo pior que pode ser, ninguém vai querer saber se no dia seguinte ou 3 dias depois a coreografia depois foi fantástica, se ajudaram muito ou pouco, não, puxaram de facas, andaram à porrada, isso é que conta. É interesse publico, claro..., mas por exemplo, quando aparecem nos jogos grandes, que se tem mais atenção, coreografias bonitas no dia seguinte saem fotos nos jornais, sabe qual é a outra hipótese de aparecerem? É se tem faixas insultuosas. Há coreografias nos jogos grandes em Portugal que são coisas bonitas, há cartazes, há coisas fantásticas que cobrem as bancadas com desenhos, com cartoons, coisas criativas e bem feitas e tem arte ali. A seguir, passado um bocado estão-se a insultar e depois no dia seguinte dá-se destaque aos insultos. Mas isso aí, o jornalismo é necrófago (risos). É como o tipo da morgue, ele não quer que ninguém morra, mas se ninguém morrer ele vai à falência. O fenómeno que é a CMTV que é bastante mal escrito de maneira geral, agora tem coisas que as pessoas gostam, tem crimes e tem intrigas, heróis, tudo que é oco. Muitas coisas são ocas, pra que é que quero saber se a fulana que é atriz de novela vai pra praia, se deixa o filho em casa e vai de férias. Mas se as pessoas não quisessem saber, eu não quero, não estava lá. E até eu que não quero saber, sei, porque tenho obrigação de ler jornais. Tudo que é assim um bocadinho oco, mas chamativo, tem intriga. há programas que eles são três comentadores desportivos, são 3+1. Até aí pessoas com responsabilidades perdem compostura, quer dizer pessoas até aí em programas de debate. Três advogados, um levanta-se e vai embora.
--	--

	Debater o futebol por pessoas que nada sabem de futebol, nada têm a ver com futebol acho que não existe em mais lado nenhum. Tao prolífico. até esses comentadores têm influência na cristação, é o que eles fazem porque. Tirando uma outra componente... há quem leve aquilo muito a sério, muito preparado, com os recados, com tudo... é mau, é muito mau
--	---

Entrevista número 6 - *Spotter*

Local: Matosinhos; Data: 22 de maio de 2019

Sexo do entrevistado: Masculino; Idade: 44

Tema	Testemunho
<i>Background Individual</i>	Sobre o meu percurso profissional, tenho 22 anos de serviço de polícia. 10 anos foram passados na patrulha e desde 2008 até à presente data tou numa brigada de investigação criminal, na divisão de investigação criminal do Porto. Nós relacionamos com muitos indivíduos que estão também envolvidos no futebol na prática ilícita, podemos considerar que muitos indivíduos, ou a maioria dos elementos da claque são “clientes” nossos, chamamos clientes, clientes da investigação criminal. E depois, desde que foi criado o núcleo de spotter, ou seja, acompanhamento e monitorização da claque desportiva, eu faço parte. É um serviço mais operacional, embora tenha acesso a algumas situações que são estudadas durante a semana. Nós temos o núcleo de spotter, de segunda a sexta que recolhem informações sobre outros problemas noutros jogos, na área da GNR e PSP, e quando há jogos estrangeiros há comunicação com polícia estrangeira para

	termos conhecimento da orientação das claque, e depois já para o planeamento de jogos, há uma ordem de ação para nós profissionais, dividimos entre equipas e somos colocados em diversos jogos. E esses jogos, depois compete a nós fazermos a monitorização de tudo, movimentações, verificação de lançamento de engenhos pirotécnicos, vendas de bilhetes ilegais, falsificação de bilhetes, agressões que são cada vez mais constantes. Vai-se ver agora na taça das nações que, embora o policiamento seja maior e em maior número, “fica bonito” a nível internacional ver muito polícia presente. Mas em termos de problemas, conflitos não vai haver nenhum. Porque ali tamos todos vestidos, o cidadão tá vestido com a cor dum país, e não com a cor duma claque desportiva ou dum clube. Posso dar o exemplo do ultimo jogo, que deu o titulo ao Benfica, nós, qualidade de spotter, depois do jogo Porto vs Sporting que estávamos inseridos, fomos em serviço ordinário, ou seja sem receber, fizemos lá umas quantas horas só para precaver agressões dos adeptos do Porto, porque o Porto perdeu e há sempre meia dúzia de arruaceiros pra roubarem cachecóis, agredir pessoas, seja crianças, idosos, senhoras. Foram pra rotunda, ainda bem que não foram pra avenida dos aliados. Conseguimos colmatar todas as situações, mas claro que para isso acontecer temos de deixar acontecer algumas situações que são legais, deflagração de engenhos pirotécnicos, que cada vez é maior, e os tribunais não impedem que isso aconteça, se nós os detivéssemos e eles cumprissem o que diz a lei, automaticamente o individuo ia ficar interdito, só que isso não acontece, um crime qualquer... atualmente os tribunais não estão conhecedores da lei do desporto e deixa andar. Tamos a falar de indivíduos violentos que vão pra lá só com um intuito que é causar distúrbios e vão com esta premissa que podem fazer mais uma, mais
--	---

	duas, quando a lei do desporto diz que um individuo ser apanhado nesse tipo de práticas tem que logo ser proibido, ter uma sanção acessória, ser interdito de entrar no recinto. Quanto à influência de alguma forma na vida pessoal, o nosso serviço diário coincide, temos a nossa função, embora seja enquadrado num outro serviço, embora seja tido como hora extra, nós somos escalados consoante a nossa folga. Posso dizer que durante a época desportiva não tenho folgas. Tenho o meu serviço, que já pede muito, na investigação criminal não podemos dizer que cumprimos um horário, é consoante, vou chamar novamente “cliente”, mas são os nossos clientes, um cidadão que pratica o crime pro polícia é “cliente”, porque estamos sempre a apanhar os mesmos cromos. E nós podemos ter um horário de referência, mas nunca é cumprido, há sempre diligências, há sempre pressões por parte do tribunal porque há prazos pra investigação, a partir daí uma pessoa alarga. Diretamente com a claqué até ao momento... já fui ameaçado por vários indivíduos. Ameaças de morte, mas ficou por ali. Se tens uma postura que levas a polícia muito a sério e não admities seja o que for porque cumpres a lei, os indivíduos têm aquela coisa de ameaçar, mas também têm respeito, sabem as consequências. Relativamente à minha profissão como investigador criminal, porque trabalho na área onde vivo, numa área de residência, os meus filhos já foram vítimas de bullying quando eram mais novos pelos filhos das pessoas que prendia, isso ficou resolvido, mas tive de ser a resolver. Uma pessoa socorre-se das entidades competentes, da escola, mas não resolve anda, temos a falar de indivíduos ativos na atividade criminal, são indivíduos de etnias, que hoje em dia é difícil tipificar porque se não somos acusados de racismo, temos a falar de
--	--

	ciganos, tamos a falar de pretos, embora cá no Porto não existam tantos. É uma pergunta um bocado difícil de responder porque se uma pessoa realmente disser o que se passa cá dentro, vamos ser chamados de racistas, e isso não é racista. O único racismo que pode ser chamado contra o polícia é o racismo contra o criminoso – seja ele gay, cigano, preto, e infelizmente quando uma ação dum polícia basta haver um individuo duma etnia, duma cor, vão logo tipificar que somos racistas, não somos racistas, de todo. Há colegas nossos que lhes disseram pra ter cuidado de pessoas de bairros sociais, por causa do ressabiamento. Quem mexe no lixo, vai se sujar, é uma consequência da nossa profissão
Modos operandi dos <i>spotters</i>	Temos a situação dos <i>spotters</i>, temos a situação dos gratificados fardados, que também envolve as claques, mas quem faz o serviço fardado não tem tanto conhecimento como nós, nós é que gerimos as claques e o policiamento é feito de forma diferente, quem está no serviço de <i>spotter</i> é quase sempre ao fim de semana. E essa equipa acompanha-nos sempre, os “intelligent”, os que têm a informação toda. Nós podemos ter um relatório, eu se for chefe de equipa de policiamento, porque não há muitos chefes devido à situação de escassez da polícia, escassez de meios, humanos, informáticos, podemos dizer que neste momento a polícia esta depenada, trabalhamos mais, mas com menos. Infelizmente é assim a política, mas pronto. Cada polícia trabalha... há cada vez mais pessoal a não fazer nenhum porque não há motivação nenhuma. Queres um carro para fazer acompanhamento até ao Algarve pra levar a equipa do Porto e o nosso carro está numas condições que se fosse o teu carro próprio tu não saías. Portanto, embora tenha uma inspeção que não sabes como foi feita, mas corres o risco de ter um acidente com condições más, vidros que

	não baixam, espelhos partidos. E em termos de meios informáticos, nós temos computadores que noutras áreas temos de pedir a outras polícias, quando vamos pra área da GNR temos de pedir emprestado. É assim, nós temos, então, um grupo que é um núcleo dos spotters, núcleos de informações que é o UMI – Unidade Metropolitana de Informações, que toda a informação que deveria ser canalizada pelas claques desportivas legais, que nós acompanhamos a legais, embora nos também fiscalizamos as não legais. As ilegais não (dizem quando e onde vão), é através de informações de redes sociais, as fontes abertas, cada claque tem uma rede, uma página de internet, nós vamos seguindo e depois também temos os nossos informadores que vão dando informação por onde é que eles vão, que por práticas de crimes tao ligados a nós, e vão comunicando o que acontece nas claques. Esses indivíduos que nos dão algumas informações que o líder da claque não dá. Tudo depende como tiver o ambiente entre claque e polícia, as claques gostam de pegar, fazer tudo como bem lhes apetece, porque se nós fossemos a cumprir rigorosamente a lei, e tivéssemos condições tal, porque é impensável uma equipa de 4 elementos conseguir controlar 300. Porque normalmente quando fazemos um acompanhamento, o rácio num policiamento dum jogo de futebol é 1 polícia para 100 adeptos, só que atualmente se falarmos numa claque desportiva não funciona assim porque nós somos 4 polícias, por exemplo quando partimos do dragão são 5/6 camionetas carregadas que têm de ser supervisionadas, por falta de meios e porque são serviços pagos, embora quando vamos pra fora leva-los, pagamos uma diligência de 10 euros que quase nem chega pra nós comermos, claro que quando nós chegamos ao desportivo, por exemplo, vamos ao Jamor, começa a
--	---

	contar gratificado, que é umas horas que são pagas pela entidade Federação que é a organizadora do evento, se fosse chegar ao Estádio da Luz, é o clube Benfica que iria pagar. Só que sempre, uma força do governo ou uma solicitação do governo para incentivar a pratica desportiva, o policiamento é reduzido para prevenir a situação económica do clube, só que temos a falar dum Benfica, dum Porto, problema económico não têm, mas pronto, e o que nós ganhamos, não ganhamos o que ganha um jogador de futebol, ganhamos uma ridicularidade, mas pronto. Vamos em pouco número acompanhar e às vezes forçados, não pela intimidação, mas pela diminuição de elementos que nós temos, temos de ignorar algumas coisas, tipo o excesso de lotação, que é impensável partirem num autocarro daqueles. Quem é o responsável se forem com a polícia, é a polícia, alguns carros nem têm seguro nem inspeção e quando nós tomamos uma posição dessas os membros da claqué viram-se contra nós e quando fazemos uma operação de fiscalização, ou quando participamos em algum membro mais preponderante da claqué... eu prendi o Polaco, que é um dos membros mais preponderantes da claqué... num jogo de futebol empurrou-me e tentou impedir a ação da polícia, automaticamente é detido, ainda me ameaçou de morte. O que é certo é que no fim de semana seguinte cessou. Mas se fosse um individuo que arrebente um petardo ou uma tocha, que normalmente quem lhes fornece isso são os membros preponderantes, mas como eles sabem quais são as consequências entregam aos totós, aos jovens e os jovens é que são detidos. Porque hoje em dia não há um individuo que arrebente uma tocha e esteja ali a mostrar, arrebenta e atira pro chão pra não serem identificados, os totós pegam e ficam ali meia hora, fácil de serem identificados, vemos qual é a roupa, tiramos fotografia e vamos buscá-los no
--	--

	intervalo, quando há condições de segurança. Nós durante um jogo, fazemos isso quanto ta a decorrer toda a gente nos abarbata, mas aí... uma ação há uma reação. Portanto, o funcionamento... se há uma infração cometida pela claque há uma detenção, automaticamente ferimos o núcleo duro da claque a partir daí vamos estar um tempo sem ter informações, porque eles não nos dão informações, temos de ir à recolha de conhecidos, indivíduos que tão na claque e nos dão informação porque também não gostam de alguma cosia que funciona mal na claque, recolha de fontes abertas só assim é que conseguimos planejar policiamento. Nos já temos o policiamento planeado para este fim de semana, ainda não temos o número de profissionais, há de chegar entre hoje e amanhã o relatório de operações, o que vamos fazer, para que equipa é que vamos, quem vamos acompanhar, onde é que nos vamos concentrar, a que horas é que chegamos ao Jamor. Pronto, nos sabemos isso tudo ¾ dias antes do jogo, nós operacionais. Quem está no núcleo de informações vai tendo aquela atualização e já vai idealizando como vai ser, mas essa atualização só é transmitida nos últimos dias que é quando há informação total. Claro que quando nós chegamos, tudo mudou, houve uma altura que no Sporting, e aqui está o cumprirem e não cumprirem, há uma informação que todos os autocarros partem à 1 da tarde, nós concentramos duas horas antes onde eles concentram, e as movimentações, se eles chegam ou não chegam. Nos concentramos na bela vista, depende do sitio, se for o Boavista é nas imediações do bessa, há sempre pontos de encontro, e fazemos o briefing, se há alterações ou não, quando lá cheguei o comandante virou-se pra mim “pegue na sua equipa e vá já para a auto estrada fora apanhar o autocarro do Serginho”, que é dos indivíduos mais problemáticos da claque do porto, que são casual, que normalmente
--	---

	por onde possam tudo roubam, tudo agridem, para nós recolhermos essa informação e tentar interceta-los e só os intercetamos em Fátima, imagine, de Fiat Punto já com uns aninhos, né, a tremer todo lado e nos a irmos a 160, num carro daqueles, a exceder limites de velocidade e ainda por cima um carro que não tem segurança nenhuma. É o que é. Conseguimos localizá-los, marcá-los e não deixa-los sair. Nós podemos ter um relatório que diz “isto vai funcionar assim” – nunca funciona. Há mais colaboração porque todos os indivíduos do Benfica querem queimar o Macaco, dar-lhe no corpo, quando o Macaco vai pra Lisboa não passa a autoestrada sem a nossa presença, quer proteção. Mas quando vem por aí em cima, já... Quando se chega ali, vai pra área da GNR ca no norte, não sei se viu o mapa pro próximo ano é tudo norte, só temos Portimão, três em Lisboa e Tondela, o Macaco não nos diz nada, não quer proteção, está-se cagando pra polícia, agora, se for lá pra baixo, em Lisboa, como sabe que ta em minoria, porque por muitos mais Super Dragões que leve lá pra baixo... antigamente ia de carro lá pra baixo, agora não vai, é sempre acompanhado. Por exemplo, houve um jogo que queriam ir de viaturas pessoais, que foi um jogo de hóquei, nós também fazemos o hóquei, e eles chegaram todos na autoestrada mal passas a portagem, pararam, ficaram ali à espera que toda a gente chegasse e a polícia também, e só aí é que avançamos, ele sabe que depende de nós nesse sentido, fora isso é para esquecer. Tudo que ele possa não dar... e nós sentimos que tudo está na claques usa a polícia ara a sua proteção, mas quando é pra fazer o ilícito eles não querem a polícia de perto. Tipo a venda de bilhetes, por muito que digam que os clubes não apoiam as claques, porque as claques tão assim por causa dos clubes. A lei diz isto, todo o individuo que entre no recinto desportivo tem que estar
--	---

	devidamente identificado, com BI e bilhete, tem de estar mencionado no bilhete o nome do adepto e na claque dos Super Dragões, e a do Benfica também e as outras, tens bilhetes, por exemplo o Benfica diz sempre isto que não tem claque e todos os adeptos tao registados como sócios, tu abordas um individuo vais a ver o BI não é o mesmo que ta no bilhete. Nós já tivemos situações que era preciso o próprio Porto estimular os jogadores a jogar e a própria claque vai fazer barulho e nós tivemos uma situação em Belenenses em que o Porto perdeu, vieram todos a rasgar aqui pra baixo para apertar com os jogadores do Porto. O presidente Pinto da Costa ligou ao Macaco, que nós soubemos, não é pra fazer nada, nós a pensar que íamos estar ali a noite toda a mandar toda a gente embora, mas não, foi o Macaco “tudo pra casa” e foi tudo pra casa, resolveu-nos um problema. E isto, o que se passa no Porto, passa-se no Benfica, passa-se em Alcochete, é mais evidente que o que se passa no futebol em geral que são as claques incentivadas pelos próprios dirigentes a terem certas atitudes e claro que se nas claques há indivíduos que não tem nada a temer, não temem a justiça, sabem que as leis aplicadas não são severas, porque eu pra mim quando é aplicada há o mínimo e há o máximo, se aplicou a primeira vez é o mínimo, nunca é nim, nem uma coisa nem outra, e hoje em dia fazes a detenção dum individuo que arrebenta petardo é detido e é suspenso, interdito de entrar dentro do recinto, chegas ao tribunal e os juízes “ai é a primeira vez”, vai-se embora, processo fica suspenso durante um período, e não paga nada. E se tu pegares e cumprires a lei do desporto, que podes por petardo e a deflagração dá uma contraordenação, mas tu cupés sempre a lei geral. E se tu autuares um individuo por 750€ ou 1500€ por deflagração, ele vai ao IPDJ, o que é que é melhor... e tu tas a cumprir a lei, agora se tu contornares a lei... no tribunal
--	---

	o individuo não pode pagar menos que 750€, e o que acontece ao individuo, não paga nada Nos fizemos um policiamento ao Porto incluindo só policiamos de homens à volta do Estádio do dragão, 400 polícias. Sabes quantos foram preciso para Liverpool para fazer policiamento Liverpool vs. Porto? Cidade- estádio. 80 polícias. Tas a ver a disparidade...mais eu e o colega, o elo de ligação, quando nós vamos ao estrangeiro e sinalizarmos os mais problemáticos e também servirmos de tradutores. 40 minutos a pé, podes ver que aqui, para veres a diferença, se fazes infração na via publica tens uma contraordenação camarária que é risória, tamos a falar no máximo 100 euros, lá és detido. se diz na lei que é assim, tens de cumprir. E acabou. E as pessoas só têm de acatar e as pessoas muitas vezes não acatam, muitas vezes por aquele sentimento... e não saberem, mas a lei do desporto é publica, mas as pessoas estão-se borrifando e depois há um desleixo. Também da própria polícia. Por isso é que te disse que há um policiamento fardado no futebol e policiamento de spotter. Nós convivemos diariamente com a lei de desporto, e os nossos colegas fardados, um bocado culpa, aí sim devia haver mais formação deixam que se façam muitas coisas. É impensável fazer um Canelas, joga o Macaco, eles vêm jogar à minha área, ao Padroense, depois de ter havido uma agressão aos GNR e os dirigentes do Padroense quando vieram aqui requisitar agentes. Isto é lamentável, porque somos todos polícias, e dizer “queremos aqueles que não acontece nada” e não aconteceu. Mas depois eles vêm com “ai na área da GNR deixam entrar” – porque há um desconhecimento da própria polícia sobre a lei do desporto, mas tamos a falar de quem é fardado. Quem é spotter aplica, e é assim, as pessoas quando são alertadas de algo que não sabem pensam “este é filho da puta, este vem pra aqui inventar e
--	--

	vamo-nos virar contra ele”, e há alterações de ordem publica, e se isto fosse geral, se a lei fosse aplicada uniformemente conforme está escrito, os problemas que nós temos nos estádios, e mesmo quem vai à claque sabia quais eram os limites. Não se pode fumar ganza, toda a gente fuma ganza. Cada vez há mais jovens a fumar ganza, jovens de 8 ou 9 anos a enrolar charros dentro da sala de aula, jovens de 12 anos a fumar à porta da escola. Têm um sistema cognitivo menos desenvolvido, corpo mais fraco, depois vão pras aulas ver cavalinhos, e os professores chama-lhes burros, vem o insucesso escolar, ficam violentos, depois vem o furto, vem a violência e há o desvio de comportamento. Já ouviste falar do RACEP? Relatório Anual do Crime Existente em Portugal. O crime violento é o roubo, mas o roubo deia de ser conotado como violento se for praticado por jovens menores de idade, vai pro tribunal como menores. Posso dizer que atualmente há mais roubos praticados por jovens de 14 anos que por adultos, e a prática de roubo no mínimo são 8 anos de cadeia, e os jovens ainda por cima praticam com maior violência. Tu até és maior de idade, eles são novos, mas são pra aí 15, deixam-te inconsciente e roubam-te, é um roubo com gravidade, vais pro hospital. O que é que lhes acontece? Zero. E no relatório que aparece? Não há crime violento em Portugal. Crime violento aumentou, no desporto então. É assim, vamos medir bem as coisas. Quando há na bancada agressões, temos uma claque na bancada e ta a haver confusão, nós localizamos o foco da confusão e vamos lá. Só quando há ordem superior é que comesas a avançar. Quando houve um protesto de estudantes na ponte 25 de abril, e houve carga policial porque o Presidente da República ordenou, e nós respondemos hierarquicamente, foi uma ordem legal. Do caso no futebol estamos sob alçada do comandante de
--	--

	policiamento, quando dá ordem pra avançar é pra bater, e não é uma carga fortuita, é bates e ele tem de fugir, só fica lá quem quer. Por exemplo nós temos o extensível, basta esticar que as pessoas já sabem que têm de sair, se saírem morre, se ficarem levam. A maneira de avançar do corpo de intervenção é em fila, é a maneira de avançar da ordem publica, que é pra ninguém ficar isolado e ser espancado pelos outros, e vai sempre certinho. E as pessoas se nós temos a avançar as pessoas tão a recuar e caladas, se pararem ninguém vai bater, o problema é a ação vai ter uma reação policial. O intuito dentro duma claqué é tu parares as agressões entre eles. Eu tive no ano passado uma situação que se passou entre os membros da claqué do núcleo do Serginho, que são os casuais, com dois ou três adeptos, houve ali uma altercação, como é uma situação simples meti-me no meio e afastei-os e a coisa morreu ali. Se for uma situação maior, tem de ser uma reação mais musculada, e essa musculada pode acabar ou vai se ter de dar umas bastonadas. São situações que são planeadas e em segurança, não é durante o jogo, é no intervalo ou no final do jogo, nos abordamos “olha, tas detido por isto”. Já não tem aquela quantidade de pessoal cá fora né, nós sabemos quando devemos de agir. Antigamente tínhamos uma ação mais de reação no momento, “vais ser detido agora”. E a nossa comandante, houve uma altura que pegou... deu-nos a formação, “vocês têm de esperar, ficar, mesmo que sejam escarrados”, e acontece, tas a ser escarrado e tas ali, porque não tens ordem para avançar. Uma certa altura, ela sabe dizer o que é que se há de fazer, e fazer, sabe? Numa situação no estádio do Dragão em que ela foi injuriada de tudo e mais alguma coisa, tive que a agarrar pelo colarinho porque ela queria ir buscar o gajo - “calma que você ainda não tem a ordem do comandante, e você não vai sozinha, eu ia consigo mas é para andar à
--	---

	batatada, vamos buscá-lo calmamente” ela respirou e disse assim “tens razão” porque é muito fácil por parte dos oficiais dizerem, chegar ao final do dia, porque eles tiveram a dormir em casa das 9 as 5 porque eles não fazem noite, chegarem aí e virem um expediente e chamar o agente “epa, tu meteste as patas”. É fácil julgar alguém quando não tas metido no meio, quando tas metido no meio tu não sabes como hás de agir, e esse oficial foi um exemplo. Mesmo que ele tenha cuspidido, injuriado, se ele injuriou, tu pegas logo assim “se me injuriar outra vez vou detê-lo”, ele continua.
Forma como a polícia perspetiva os comportamentos dos Ultras	E se pegarem, apontarem as camaras para aquela que mais lidamos aqui no Porto, os SD, tudo que esta a volta do Macaco, Fernando Madureira, tudo já foi preso por nós, tudo tem referências de grandes traficantes, de grandes maroscas, aquilo é um negócio. Nos não consideramos a claqué toda má, porque é muito bonita a coreografia, quando tudo corre pela normalidade. No início da temporada é permitida a deflagração de engenhos pirotécnicos, dos chamados spots de fumos, é comunicada à polícia e nós sabemos que em certos pontos sabemos que vão ser deflagrados. Não sei se te lembras, no ano passado, o pano que era lançado, que era o dragão, no nariz era o spot de fumo. Foi permitido, agora tudo que não seja dá em contraordenação ou detenção, portanto... toda essa envolvência é muito bonita, agora o que está por trás é venda de bilhetes, as agressões que eles fazem aos adeptos, basta vir uma pessoa que é impensável, e aconteceu neste ultimo jogo com o Sporting, e o Sporting normalmente não arranja muitos conflitos pro Porto, uma adepta, já uma senhora de certa idade tava vestida de Sporting ajunto ao Colectivo, saltaram a bancada tivemos de correr para prevenir agressões. Isto é impensável, nós só por vestirmos a camisola doutro clube,

	nós temos de respeitar os nossos gostos. Agora o que acontece nessas claques... agora temos de ver quem pertence à claque, são indivíduos, podemos ter pessoas de bem, mas a maior parte são pessoas são subsídio-dependentes, são pessoas que não têm dinheiro para coçar o cu, falando português, pra irem pro estrangeiro já têm. Passam dificuldades, dão coças à família, não têm dinheiro pra comer, mas quando pedem comida, só sabem resolver problema à estalada e pontapé com a família, pegam e vão pra lá, dependentes de álcool, de drogas, isto é uma claque. Agora se a claque fosse só um grupo de simpatizantes que acompanhasse a bem, ordeiramente, era bonito, e vê-se que noutros países o caso da Inglaterra, tudo mudou e continua a ser bonito, mas as pessoas vão lá pra ver, não vão lá pra arranjar conflitos e sabem as consequências se arranjam conflitos. Enquanto nós tivermos uma lei permissiva, nada vai ficar resolvido, vai sempre ter de haver carga policial, porque só assim se resolve infelizmente, uma ação só consegue ser resolvida com uma reação e vamos ficar por aí. Na claque desportiva acontece porque se nós analisarmos uma claque como o Porto, uma claque como o Benfica que é ilegal, mas é uma claque, não me venham dizer que não é uma claque, quase todos os cabecilhas, todos têm uma atividade criminosa: trafico, armas, roubo, tudo. Nota-se no futebol um sentimento de impunidade por parte deles porque as coisas podiam ser melhores e pacíficas. Tou sempre a falar de Inglaterra porque sempre foi o modelo mais que eu vi, conseguem fazer com muitos menos polícias um policiamento que nós fazemos com 400 polícias. O que fizeram na discoteca do casino da Madeira, eles sempre fizeram, só que agora é tudo gravado, e não é preciso ir muito longe, há um livro do Fernando Madureira em que no início das claques
--	--

	roubava a torto e a direito, só que isso continua. Aquele livro que ele lançou tem muitos fãs, pros membros da claque o Macaco é um ídolo. Seguem à risca aquilo que ele fazia quando era mais novo. Agora não precisa porque ele gere o dinheiro, enriquece à conta do pobre. Todos os jogos, o Macaco, 10 mil, 15 mil só pra ele. Os bilhetes ele não tem que dar ao Porto, é pra ele. Há ali uma gerência, que eles gerem as claque e tudo mais, mas ali toda a gente enche os olhos Eu se for injuriado tenho logo permissão. Se for no contexto claque chego à beira do comandante e digo “aquele individuo quando houver condições vou detê-lo”. Cargas, só se avança quando houver ordem, não avanças logo pro individuo, porquê, ele pode ser daqueles membros mesmo... toda a gente o abarbar e depois tu és engolido lá pro meio, é preciso segurança para tal. Eu continuo a dizer, o melhor poder que o polícia tem é isto... a caneta. A força do polícia está na caneta, é escrever tim tim por tim tim o que se passou e fazer um enquadramento legal que é para o indivíduo quando for julgado levar uma pena ajustada ao que se passou. Agora vais agredir sem motivo aparente já tas em falha, porque ele vai aparecer no tribunal todo amassado com o registo clínico a dizer que levou no corpo. O maior poder que a polícia tem é a caneta, claro que às vezes tens de bater, porque não há outro método e quando é ordem publica acontece. E se acontece é uma consequência duma ação por parte dos adeptos. E continuo-te a dizer assim, se a lei funcionasse eles soubessem que a alteração da ordem publica e incitamento à violência, que existe, pra tu veres, autua-se pela lei do desporto que é 750€, mas vai-se pela lei geral, através dum auto de notícia, chega-se a tribunal e não paga nada. Saem de peito feito de lá. E não se vai à carteira das pessoas, e começam a aprender, há indivíduos que deixaram
--	--

	de ir ao futebol, mas aqueles que perceberam a merda que fizeram, e tens indivíduos que continuam, há membros mesmo da claque. Por exemplo, este ano já, fiz a detenção, em março, terminava a interdição e ele voltou a ir ao futebol antes de acabar a interdição, foi detido por desobediência, vai ficar mais um ano ou dois sem ir ao futebol, e não casou distúrbios, só incumpriu. Por isso é que nós esperamos, entramos de serviço, temos ordem e missão, temos fotografias dos indivíduos que estão a entrar e nós andamos... a nossa função é monitorizar... monitorizamos todos os adeptos, principalmente os mais problemáticos e nós só estamos destinados pra claque desportiva.
Violência policial	Pode haver excessos. Nunca se pode misturar uma coisa, e os portugueses vivem muito o futebol, mais do que a política. Quando há medidas que prejudica o cidadão, não o vejo na rua a reclamar, mas quando há algo que prejudica o clube vejo toda a gente na rua a reclamar e à porrada, e a seguir há um festejo, o Benfica é campeão e vem toda a gente cá pra fora, vive-se mais o futebol. E infelizmente também há polícia que são cidadãos normais, e vamos buscar algumas maçãs podres e nós vamos esbatendo e expulsando esse pessoal. Nós temos bons e maus polícias, como todas as profissões. E por isso alguns excessos ocorrem. Nalguns acompanhamentos, as câmaras, e temos a falar da CMTV, só anda atrás do erro e andam sempre atrás de nós e só gravam a parte final. Porque se vais numa caixa as pessoas não podem ultrapassar, podem gritar, mas nunca ultrapassar o cordão, os colegas que os rodeiam, que não somos nós, há um policiamento à volta do corpo de intervenção e à volta nós vamos à frente para supervisionarmos, fazemos um cordão mais alargado pra precavermos ataques de fora. Há sempre esta situação

	que temos de precaver, temos de agir ao máximo pra não haver excessos. Isto tudo sempre na proteção do adepto, agora se esses adeptos querem, por álcool, e não atendem à ordem legal de permanecerem no sítio. O corpo de intervenção é só ordem publica, não é pra falar contigo, é, vais pra ali, não vais,avas. Claro que já vi uma situação que pra mim foi humilhante. Foi num jogo no Benfica em que vejo um comandante de policiamento a dizer “tudo que for azul é bater” Nesse caso, quem o acompanha no policiamento não influencia (a afinidade clubística do polícia), mas quem ouve já... tu que és do adepto do Porto, ouves um comandante a dizer isso pros seus homens, vais levar a mal, vais-te a insurgir. A uma ação leva sempre a uma reação. Quem teve mal foi a polícia, é um comentário que não se deve dizer. Eu sou do Porto e prendo portistas, eu sou do Norte e prendo um ror de adeptos do Boavista, quando visto a farda não tenho clube. Isto era o que todos deviam fazer, não era “ai este é do Benfica é pra prender”. As vezes o porto perde e vou cabisbaixos, mas temos de cumprir o nosso serviço. Imagina, eu sou benfiquista e vou prender um portista e tou com mais ganas, isso não. É assim, poderá acontecer, nalguma situação um polícia ou outro exceder-se. Tudo depende da raiva, eu normalmente digo assim “quem é filho de boa gente vai sentir”, certo? E eu falo até numa pequena situação, isto engloba o que é que eu sinto em ser polícia. Um polícia pra mim tem que sentir a dor da pessoa que é roubada, tem de sentir a dor da pessoa que é agredida, se não sentir não é bom polícia, passa a ser mais um cidadão que pensa “não é meu” – isto pra mim é ser polícia. Não quer dizer que sejam todos assim, sei que não são. Também sou sindicalista da polícia e luto para erradicar coisas da polícia, há coisas que estão a mudar pra melhor e coisas pra pior. E os polícias que vêm pra cá, alguns até licenciados, ou seja,
--	--

	com alguma suposta cultura, mas não vêm abraçar a polícia como deviam abraçar, preferia trabalhar com matarruanos mas viviam a polícia, sabiam que entravam às sete da manhã e tinham de prender pessoas e tinham de precaver a segurança das pessoas, não é como polícias que vêm pra cá porque não conseguiram nada lá fora e então deixam andar, e quando veem uma situação de stress cometem os excessos, é como estão habituados. A polícia deve saber agir, um jovem que acaba de ser polícia, por mais formações que tenhas, não tens formações em pânico, tu pra teres uma certificação de uma arma tas ali perante os alvos, não é uma ameaça real, numa ameaça real tudo aumenta, e cada um interpreta essa ameaça como quiser, e o que lhe vai na cabeça na hora e por vezes cometem os excessos -Não é um problema de formação. Nós temos limitados em ter essas situações de pânico, porque vês o caso dos comandos, aqueles que morreram. É porque a população não está preparada pro exercito porque hoje em dia vivemos numa sociedade de florzinhas, se deres um curso intensivo de situações reais, a maior parte “isto não quero”, já me aconteceu a mim eu fui vitima de tentativa de atropelamento mesmo homicídio, a maior parte não ia querer ser polícia, já andei a voar pelo ar, e tou aqui, diz isso aos mais novos, quem quer ser polícia. Se se fizer um curso intensivo de situações reais a maioria reprovava ou ia se queixar ao ministério que era vitima de violência e o que aconteceu da GNR que andaram a levar uns socos e não sei que mais andaram-se a queixar. Por mais cuidados que eu tenha, posso ter de dar socos a um tipo para me defender. Os polícias tão bem preparados pela formação que têm, agora será que nos podemos aplicar uma situação real? Não, porque senão iam aparecer uma meia dúzia de meninos a dizer que foram maltratados, que são perseguidos e tudo mais. Coisa que não é real.
--	---

	posso-te falar da situação que aconteceu em Guimarães. A que deu mais furor na televisão, do agente que bateu no adepto do Benfica. Tamos a falar dum individuo que é problemático, arruaceiro, embora tenha uma profissão como os outros, mas de veras problemático. Um individuo que se insurge contra a polícia, que faz com que as pessoas vão atrás dele pra causar distúrbios e não sabe ver futebol. Naquele dia insurgiu-se contra o oficial, e é muito fácil... ali o oficial esteve muito mal por esta situação, estava devidamente enquadrado, rodeado por elementos policiais, e ele como comandante só dizia assim “prendam-no” e evitava problemas, ali foi um excesso. Ali tava o tal sentimento de... e ele tem mais formação que nós, mas falta uma coisa, experiência de reação perante o civil. Posso-te dar ... eu quando tive formação a spotters, antes de ser spotters era a DIC, Divisão de Investigação Criminal, que acompanhava as claques desportivas, depois houve uma transição e eu fiquei. O modelo de spotter é mais de monitorização, não de reação. Monitorizar, saber quem é, e em segurança ir buscar, quando era a DIC nos vimos qualquer coisa e íamos logo agir, e as vezes corria mal porque vinha toda a gente e tínhamos de fazer carga policial. Atualmente nos agimos...e depois há aquela coisa, não sei se tens idade... há as claques, tas nas claques, se vês muitas vezes, nós saímos ordeiramente com o individuo, porquê. Porque nós vamos em pontos fulcrais, no intervalo, nunca é no momento. Sinalizamos o individuo e nós vamos lá busca-lo. E esse oficial agiu mal, nada... ele disse que foi injuriado, cuspidor, e tudo mais, nada dá a uma pessoa sacar dos bastões. Se ele te agredisse ou tu tavas a tentar algemá-lo e ele estava-te a tentar agredir, os bastões extensíveis não é pra dar impacto daquela maneira é só pra bater aqui, aqui, que são as chamadas partes
--	--

	verdes, e nas coxas, porque se bater o osso parte... o osso, não é o bastão. E o bastão serve pra fazer torções e causa-te dor, pra quê, pra poderes dar o braço e algemar. O outro, o bastão de ordem publica, é pra bater. Ali tinha mais que condições pra ele pegar, respirar fundo e dizer “prendam este homem”. Não sei se viste as imagens, os polícias que apareceram eram mais que suficientes para o algemar e escusava de bater na pessoa de idade e tudo mais, tudo bem que tenha injuriado.
Retrato da imprensa sobre a relação entre polícia e claque de futebol	É assim, quando nós temos um poder político que tem complexos contra a autoridade, que reprime a autoridade, que retira poder à autoridade, e não tou falar só na polícia, tou a falar dos professores, da própria autoridade pai, faz com que molde completamente o jovem. Digo o jovem porque numa claque temos hoje em dia jovens a crescer em claque que faz com ele não tenham bom futuro. E não vejo isto com bons olhos porque podemos dar liberdade às pessoas, mas com regras e hoje vê-se que não há respeito pelo pai, pelo professor, pelo educador, pelo idoso e pela polícia também já não há respeito. E não digo respeitar é uma pessoa pegar dizer bom dia e boa tarde, mas ao menos um polícia quando ta a trabalhar é as pessoas que têm de saber que é pra chegar atrás, que somos nós que podemos tocar nas pessoas e não as pessoas em nós, mas as pessoas desconhecem isso, ou estão-se borrifando pra isso, pra eles é mais um individuo que anda de farda, e isto parte de exemplos que vieram de cima e de pessoas que têm problemas contra a polícia. E hoje em dia o politicamente correto é falar mal da polícia. A polícia atualmente não vale nada, isto enquanto não mudar e não saberem a verdadeira função da polícia nos não vamos a lado nenhum. Pra mim o modelo de polícia, embora que a mim faz-me jeito não vou entrar numa residência sem arma, mas em policiamento de rua não era necessárias pistolas, não era se nós soubéssemos que

	estávamos protegidos atrás, portanto só aí impede... a lei funcionando impede uma agressão, uma injúria. O problema é que a polícia hoje em dia, e nós lutamos pela body cam, porque a imagem fica gravada desde o início. E atualmente acredito que existe muito mau repórter, vemos tanta má notícia que é uma coisa que eu lamento, com sistemas informáticos, até o simples erro que eles dão tipo “os dois mortos fugiram” - isto é querermos ser sensacionalistas sem existir. E quando há cargas policiais, não dizem o motivo para tal. E se o indivíduo fez, olha, aconteceu. Por exemplo, os festejos do Benfica lá em baixo, houve carga policial, mas não diziam o que estava por trás. Quem vê aquilo e nós hoje em dia vemos muito esta política, os próprios pais incentivam os meninos a não gostarem da polícia, porque eu sou do tempo, já tenho 44 anos, quando não comia a sopa o meu pai dizia “come senão vem o papão”, hoje o papão é o polícia: “come senão vem a polícia”, “se te portares mal o polícia vai-te prender”. E nós temos de fazer reeducação ao pai e ao filho e dizemos “olhe, quando o seu filho se perder a quem se vai socorrer? Ao primeiro pedófilo ou ao primeiro polícia?” Pequenas coisas que nós dizemos que transforma uma sociedade completamente, um jovem não pode ter medo da polícia, a polícia não é pra ter medo, as pessoas têm de contar com a polícia, a polícia é pra ajudar, nós não vamos lá só pra prejudicar. Se vamos ver o indivíduo com uma tocha vamos precaver que alguém se magoe ou se queime, temos a beneficiar alguém, temos a prejudicar alguém que cometeu esse erro, mas a ajudar alguém. E a pretensão da polícia é que as coisas decorram em segurança. Quando consegues fazer um policiamento em que não houve danos nenhuns e as pessoas conseguiram ver normalmente o jogo sem andar à porrada as pessoas saem todas contentes, agora quando as pessoas vão pra lá e há carga
--	--

	policial, elas vão se lembrar do jogo ou da porrada? E ainda por cima levam as crianças, e as crianças vão aprender o que é violência? Acho que hoje estiga-se muito as pessoas contra a polícia. Tão simples quanto isso.
Super Dragões	É assim, o Fernando Madureira só vem falar comigo quando realmente precisa. Se não precisar não vem falar comigo. Sabes porquê? Sou daqueles spotters que não gostam de falar, não dou abébias, é o que esta na lei e não passa dali. E isso trava-os. Normalmente as pessoas gostam mais dum polícia que anda na rua e não autua, e ele é que não tá a cumprir o regulamento disciplinar e sujeita-se a ser suspenso. Mas se for eu a autuar é logo “aquele é o filho da puta”, este é o termo. E no caso do desporto é a mesma coisa, eles olham pra mim, “aquele é um filho da puta” porque eu cumpro a lei. Eu vejo uma infração não sou daquelas pessoas que diz assim “deixa andar”, São esses tais ditos jovens que arrebetam petardos, que incitam à violência, porque os velhos, a velha guarda das claque tá controlada, claro que são eles que fazem reuniões. Não sei se sabes, no ano passado fomos apedrejados no Porto vs. Benfica em hóquei. Os velhos todos tapados e os novos atiravam pedras. São de bairros sociais, todos com problemas de consumo de drogas e álcool e tudo mais e andam neste tipo de vida e são facilmente aliciados em praticar o ilícito que pra eles é normal, começam desde os 14/15 anos a praticar crimes e nada lhes acontece, depois a partir daí os exemplos, e esta juventude acha-se rei.

Entrevista número 7 - Investigador Social

Local: Vila Nova de Gaia; Data: 21 de maio de 2019

Sexo do entrevistado: Masculino; Idade:

Habilitações Literárias: Doutorado

Tema	Testemunho
Papel do investigador social dentro duma claque	Numa claque, o papel que uma pessoa representa condiciona a informação. Eu procurei sempre apresentar-me como estudante que estava a fazer um trabalho de investigação sobre a claque de futebol. Um dos piores papéis que se pode ter naquele grupo é o papel de jornalista. Tudo que possa ser entendido como um trabalho de jornalista será mal recebido, condiciona a informação porque, eu estou a falar nestes termos porquê, porque apesar de me ter apresentado perante a direção da claque do Boavista como estudante que estava a fazer um trabalho, um membro da claque que até tinha uma posição de relevância porque fazia parte daquele setor mais duro, mais violento, começou a chamar-me jornalista. Ora, a partir do momento que começa a chamar jornalista, eu fui percebido por muitos membros da claque como jornalista. E esse papel obviamente que eu teria mesmo de recusar e então eu procurei... o meu primeiro trabalho na claque do Boavista foi eu negar esse papel. Tive a ajuda dos elementos da direção, e porque é que tive a necessidade de recusar esse papel. Ponto 1: os jornalistas fazem muitas vezes observação dissimulada que é algo que a meu ver no ponto de vista ético em termos de investigação social não é muito correto, e para além de fazer uma observação dissimulada, o produto o seu trabalho é sobretudo orientado para questões associadas à violência, roubos e vandalismos que é precisamente aquilo que acontece menos vezes. E, portanto,

	um jornalista não é muito bem-vindo naquele meio. E por isso eu fui completamente honesto, apresentado como um estudante que estava a fazer um trabalho de investigação sobre as claques de futebol, e, ao contrário do que se poderia esperar, isso até foi melhor entendido do que eu pensava. Nunca fui recebido com problemas, toda a gente aceitou o meu trabalho. É preciso, antes de chegarmos às entrevistas, um longo trabalho de observação participante que contribui para a inserção e adaptação no grupo e isso foi muito importante. Quando começo nos Super Dragões, eu começo numa altura em que eu não tinha qualquer tipo de visibilidade pública, quando estava na claque do Salgueiros, aí já era diferente. Já era conhecido por ter intervenções públicas a propósito das claques, era visto como académico, ou seja, detentor dum saber superior, muitos membros da claque sentiam-se inferiores relativamente a mim precisamente porque era percecionado como tendo um capital escolar superior. Alguns membros consideravam-se “demasiado burros” para falar comigo, eles mesmo disseram-me isso. E eu tive sempre de me apresentar como papel de estudante, que também obviamente condiciona a informação, condiciona no sentido que procuram ser demasiado explicativos, quando eu prefiro em muitos casos a perceção pessoal dele, e não tanto com o caráter didático com que me explicavam as coisas, mas primeiro foi preciso um longo trabalho de participação e de inserção no grupo, estar presentes com eles nos estádios de futebol, acompanhar nas viagens, sem que revelasse nenhum objetivo de realizar uma entrevista ou inquérito, isso vem muito mais tarde. a única reação que não permitia avançar a investigação era não quererem falar muito comigo. Até no convívio no estádio não falavam muito. Os primeiros contactos eram sobretudo pelo presidente da Alma
--	---

	Salgueirista, quase que fazia a mediação e procurava explicar tudo. E eu era entendido como um estranho e a mediação com a claque era feita sobretudo pelo seu presidente. Uma vez num Espinho vs. Salgueiros, enquanto ele me explicava coisas, houve um elemento da claque que começou a desmenti-lo e gerou-se uma relação de confiança e então comecei a dar-me com eles, e depois fizemos uma viagem de Coimbra pro Porto em que fui de carro com eles, que permitiu estabelecer trabalho de campo e hoje até são eles que me pedem para os visitar. Com os Super Dragões, a primeira vez que lá fui eu senti-me um corpo estranho, completamente, o grupo tem capacidade plena para verificar que está ali um estranho. (agora) toda a gente me conhece lá. Todos não porque as claques entram muitos, saem muitos. Mas os mais regulares já me conhecem. , tou certo que não dizem tudo, nem podia esperar tal coisa. O meu trabalho só foi possível graças àqueles de quem chamam bandidos, alguns com razão, alguns dos meus entrevistados estão presos, alguns dos meus entrevistados fizeram assaltos a residências. Houve uma situação em que eu estava a chegar para entrevistar um indivíduo e ele tava a passar droga, não lhe vou dizer quem nem de que claque, sei quem é o indivíduo e sei que teve preso depois disso. Na altura já tinha sido julgado e condenado, mas tinha o recurso por isso é que ainda não estava preso. Medo deles, dos tipos da claque me pudessem atacar ou fazer mal nunca tive. Exceto uma vez que fui ameaçado, mas não tive medo, e hoje o indivíduo cumprimenta-me e é supersimpático. Naquele contexto fez-me uma ameaça e eu retorqui, não mostrei medo e era um tipo verdadeiramente perigoso. Hoje se me vir na rua faz-me uma festa, não há problema nenhum. Deles nunca tive medo, eu tive medo de situações de violência provocadas por
--	--

	externos, polícias, claques adversárias, e fugi, tive situações que tive de fugir. O que é preciso ter muito cuidado porque nalguns casos isso não é bem visto. Por exemplo, imagine que você vai num grupo de 20, e são atacados por uma claque adversária e há confrontos corpo a corpo. Se você fugir é mal visto ta sujeito a levar mais tarde, “não nos ajudaste, e levas”
Afinidade Clubística	Influencia, pelo seguinte: sendo eu adepto do FCP é muito mais fácil fazer observação participante, e como alguns deles me conheciam como investigador da claque dos SD e sabiam que eu era adepto do FCP não fazia sentido ir para um jogo do campeonato nacional aplaudir o Boavista. Esta observação participante quando o Boavista jogava com uma equipa estrangeira fazia sentido Influencia no sentido que a observação fica mais difícil porque eu não posso participar tanto, é fazer uma figura ridícula num Boavista vs. Porto estar a apoiar o Boavista, quando eles sabem que sou portista. Mas eu assisti a um Boavista vs. Porto no meio da claque das panteras.
Conclusões	O facto de gostar de futebol e assistir futebol desde os 14 anos ajudou muito a minha inserção na claque, no grupo. Facilitou muito a inserção no grupo. Agora eu não estava habituado em estar numa claque, que é muito difícil, porque há violência, às vezes é preciso fugir da polícia e eles notam que eu sou um corpo estranho. Agora, a inserção na claque do Porto não foi difícil porque uma pessoa participa, canta os cânticos. Na claque do Boavista e Salgueiros era mais difícil. Mais, nunca senti ameaçado, são muito mais recetivos que aquilo que as pessoas possam pensar. Não é com toda a gente. É como digo, quando comecei no Boavista e Salgueiros, já tinha tido intervenções publicas, portanto, a maior parte das pessoas sabiam o que estava lá a fazer. Não sabiam todos, mas não causa qualquer problema ético saber que nem todos sabiam, porque a direção sabia.

	. O trabalho em campo demora tempo, é preciso um lento trabalho de inserção nos grupos, ser do clube ajuda mais. Agora, eu tive bom senso de não fingir, porque ao contrário que as pessoas possam imaginar, há membros das claque que moram em bairros e nesses bairros têm membros das outras claque. Por exemplo, eles são amigos porque são vizinhos, mas um é do Boavista e outro é do Porto, já viu a palhaçada que era um conhecer-me como membro da claque do Porto dizer ao vizinho “esta ali o fulano tal” e ele dizer que é boavistense. Até porque os líderes das claque do Salgueiros e Boavista sabiam que era portista. Portanto não tinha sentido... No início que é que eu fazia com os cânticos, tentava memorizá-los, chegava a casa e anotava. Ser honesto é a regra básica, nunca mentir, nunca precisei de mentir, e sempre tive a colaboração, alguns negam entrevistas? Negam. Paciência, acontece a todos os investigadores, mas poucas foram as entrevistas que foram negadas. Noutras investigações tenho tido mais negas que da malta da claque. Sabe porquê? Porque a imagem sobre as claque é tão negativa, e aquilo que dizem deles é tão mau que sempre que eu tinha qualquer intervenção pública sobre as claque, e porque as conhecia a partir do seu interior através da observação participante, aquilo que eu dizia sempre estive muito longe do discurso que a generalidade da comunicação social e população tem acerca deles. Portanto tudo aquilo que eu dizia, que não era dito com o intuito de os defender, era percecionado por eles como se fosse uma defesa. “alto, há aqui um tipo que nos compreende” – o meu objetivo nunca foi e não é defender as claque, é apenas dizer publicamente aquilo que penso do fenómeno enquanto investigador. Só que por eles isso é percecionado como sendo uma defesa, e por isso eles ajudam-me. Eles chegam
--	---

	mesmo a dizer “tu és um dos nossos”, nunca admiti essa posição, mas eles consideram-me. Mas eu nunca os defendi, cheguei a atacá-los publicamente, dizendo que há violência, que há roubos Há é cuidado, digamos assim, a natureza do fenómeno esta lá toda, alguns factos concretos são escondidos para não comprometer pessoas. não tenho qualquer ilusão que há muita coisa que lá se passa e eu não sei, que são registos internos de cada grupo. Não tenho qualquer ilusão, uma pessoa não pode achar que vai descobrir tudo, porque não vai. Tire essa ilusão, nunca descobrirá tudo. Depois, relativamente ao que se passa e à natureza do fenómeno, eu digo no livro que me tentaram vender uma pistola. Portanto, relativamente ao que está subjacente a todo o fenómeno das claques, em nenhum momento eu escondi nada, escondi situações em concreto, algumas declarações que podem gerar problemas às pessoas. A quem diz e aos visados por essas declarações, há questões éticas que eu respeito. Muito importante a questão ética. Eles não se podem sentir enganados, sobretudo quando sabem também que num ou outro contexto eu tenho contactos. Eu orientei um spotter, um polícia, aqui na universidade, em criminologia. Eles sabem que eu tenho contactos com a polícia, mas nunca deixaram de confiar em mim. Porque estou sempre lá. Agora se me perguntas e me confiam totalmente? Não, não me dizem tudo.
--	---

Anexo 7 – Cronograma

		2018				2019								
		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Julho	Ago	Set
1ª fase: A pergunta de Partida	Escolha da temática													
	Definição dos objetivos													
	Elaboração da pergunta de partida													
2ª fase: Exploração	Leituras exploratórias													
3ª fase: A problemática	Definir e explicitar problemática													
	Construir o objeto teórico													
	Construir Indicadores													
5ª fase: A observação	Entrevistas													
	Análise dos cânticos													
	Análise das fontes abertas													
6ª fase: Análise dos dados	Tratamento dos dados recolhidos													
7ª fase: Conclusões	Conclusões da investigação													
	Dissertação													

Tabela 1- Cronograma